



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

Moisés José de Melo Alves

**OUVINDO VOZES E CONTANDO HISTÓRIAS:
Locuções do Eu na Contemporaneidade**

**Porto Alegre
2018**

Moisés José de Melo Alves

**OUVINDO VOZES E CONTANDO HISTÓRIAS:
Locuções do Eu na Contemporaneidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Linha de Pesquisa 3: Redes Sócio-Técnicas,
Cognição e Comunicação

Porto Alegre

2018

Moisés José de Melo Alves

**OUVINDO VOZES E CONTANDO HISTÓRIAS:
Locuções do Eu na Contemporaneidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Porto Alegre, 29 de Junho de 2018.

Prof. Dr. Luis Artur Costa – Orientador

Profa. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues – PPGE/UFPeI

Prof. Dr. Édio Raniere da Silva – Departamento de Psicologia/UFPeI

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa – PPGPSI/UFRGS

*De tantas histórias contadas, aos meus
estimados avós.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, ao que nos conta, continua o inventor do café. Sem a divina bebida, não haveria Dissertação;

Aos familiares que tanto sofrem de ausência. Em especial à minha mãe Ana Maria e ao meu pai Zé Maria, à Ana Laura, ao Matheus e à tão estimada dona Laura;

Aos demais familiares. Em homenagem à memória do amado Vô Amado, da doce Vó Lazineira e do querido Vô José;

Às amigas que sempre caminharam junto, inclusive dividindo a nossa República dos Vagalumes: Láis e Mari, muitas gracias;

Agradeço também ao PPGPSI/UFRGS pela acolhida e por tornar-se uma segunda morada;

Ao orientador e, há tempos, mestre/amigo Prof. Luis Artur. Muito obrigado por toda a dedicação, paciência, compreensão e pelas inúmeras vezes em que exerceu o papel de terapeuta;

Aos Grupos de Pesquisa “Ciençarte” e “Pesquisantes”, em particular aos colegas Brida, Eduardo, Ruan, Pietra, Francine, Júlia, Ana, Maurício, Rose, Marianna e a Profa. Rosane Neves. Agradeço-os pela parceria e cuidado durante todo o meu processo.

À banca examinadora que gentilmente aceitou o convite;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o auxílio da bolsa foi imprescindível à conclusão do trabalho.

À todos que de algum modo estiveram presentes durante esses quase dois anos;

Ao meu amor, que aceitou embarcar nessa louca aventura em meio aos quilômetros e mais quilômetros que nos separaram.

Imensamente grato.

O maior dos pesos – *E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”.* – *Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela?*

RESUMO

A presente pesquisa parte da ficção para problematizar as sutis políticas contemporâneas de governamentalidade neoliberal, que se utilizam da produção de tecnologias de si ao estilo da autoajuda como prática prescritiva do governo de si e dos outros. Nesse sentido, as modulações dos nossos modos de vida estão imersas no imperativo da “oni-crise” do presente. Nos nossos tempos de aceleração, dispersão e flexibilidade do capital, a crise não é um evento isolado, localizado, de exceção. A crise é constituinte da nossa modulação cotidiana: velocidade, fluidez e urgência exigindo sempre um novo movimento para não sairmos do lugar. A figura estética “Bento” nos abre caminho com um plano de composições para a emergência do personagem conceitual “sujeito em crise” o qual problematiza o plano de coordenadas erigido pelas tecnologias de si da autoajuda. A partir das narrativas do Bento, em suas tentativas de superar as crises que lhe tomaram, a literatura de autoajuda se apresenta como material empírico do trabalho. Em nosso estudo, tomamos tal literatura como uma das muitas tecnologias de si delimitadas por Foucault, Deleuze e Guattari, Nikolas Rose, entre outros, ou seja, uma “inspeção da alma” com o intuito de alcançar o bem-estar, felicidade, sabedoria. Hoje, com seu alcance, a autoajuda se consolidou como um importante instrumento das práticas neoliberais de governo, visto sua grande contribuição em fazer com que cada sujeito se perceba e deseje se erigir como uma empresa. Utilizamos, assim, o método ficcional como estratégia ética, estética e política para problematizar as tecnologias de subjetivação. O seu emprego nos auxilia a dar corporeidade a tais conceitos, torná-los sensíveis na experiência cotidiana do sujeito em seus processos de construção na atualidade. Bento, portanto, nos ajuda a percorrer fragmentos das tramas que constituem algumas das práticas da governamentalidade contemporânea.

Palavras-Chave: **Autoajuda; Ficção; Psicologia Social; Tecnologias de Si; Governamentalidade.**

ABSTRACT

This research starts from fiction to problematize the subtle contemporary neoliberal governmentality policies, which use the producing technologies of the self in self-help models as a prescriptive practice of the government of self and others. In this direction, the modulations of our way of living are immersed in the omni-crises of the present. In our times of acceleration, dispersion and flexibility of capital, crisis is not an isolated, localized event of exception. The crisis is constituent of our daily modulation: speed, fluidity and urgency, always demanding a new movement so we keep as we were previously. The aesthetic figure "Bento" opens the way with a plane of composition for the emergence of the conceptual personae "subject in crisis" which problematizes the plane of reference erected by self-help technologies of the self. The study takes such literature as one of the many technologies of the self delimited by Foucault, Deleuze and Guattari, Nikolas Rose, among others, that is, a "soul inspection" in order to achieve well-being, happiness and wisdom. Today, self-help has been consolidated as an important instrument of neoliberal governance practice, considering its great contribution in making each individual perceive himself and wishes to establish himself as a company. Thus, the fictional method is used as an ethical, aesthetic and political strategy to problematize the subjectivation technologies. Their use aims at giving corporality to such concepts, to make them sensitive in the daily experience of the individual in his current construction processes. Bento, therefore, helps us to go through fragments of the plots that constitute some of the contemporary governmentality practices.

Keywords: Self-help; Fiction; Social Psychology; Technologies of the self; Governmentality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 43).....	31
Figura 2 – (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 48).....	31
Figura 3 – Óstia Low-Carb	35
Figura 4 – (NIETZSCHE, 2009, p. 28).....	37
Figura 5 – (NIETZSCHE, 2009, p. 48).....	37
Figura 6 – (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 127).....	41
Figura 7 – (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 139).....	41
Figura 8 – Ritornelos em xícaras de café	61
Figura 9 – Fluxograma confessor	69
Figura 10 – (HARDT, 2000, p. 362).....	75
Figura 11 – (HARDT, 2000, p. 369).....	75
Figura 12 – Empreendedorismo de Si	81
Figura 13 – Qualquer situação é reversível.....	87
Figura 14 – Como influenciar amigos?	87
Figura 15 – O guia clássico.....	91
Figura 16 – (DELEUZE, 2013, p. 226)	91
Figura 17 – Evolução dos aparelhos de ouvir vozes	93
Figura 18 – Não ultrapasse	95
Figura 19 – (CARNEGIE, 2012, p. 99)	97
Figura 20 – Pastores.....	99
Figura 21 – (CARNEGIE, 2012, p. 140)	101
Figura 22 – (CARNEGIE, 2012, p. 87)	101
Figura 24 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 300).....	103
Figura 23 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 299).....	103
Figura 25 – Escrivanhinha pilhada	105
Figura 26 – (CARNEGIE, 2012, p. 88)	107
Figura 27 – (CARNEGIE, 2012, p. 88)	107
Figura 28 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 299).....	109
Figura 29 – (CARNEGIE, 2012, p. 263)	109
Figura 30 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 245).....	111
Figura 31 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 193).....	111

Figura 32 – (CARNEGIE, 2012, p. 39)	113
Figura 33 – (CARNEGIE, 2012, p. 84)	113
Figura 35 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 257).....	115
Figura 34 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 243).....	115
Figura 37 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 281).....	117
Figura 36 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 226).....	117
Figura 39 – Caderneta aos sonhos I	119
Figura 38 – Lê RU.....	119
Figura 40 – Nascimento da Governamentalidade	123
Figura 41 – (CARNEGIE, 2012, p. 220)	125
Figura 42 – (CARNEGIE, 2012, p. 220)	125
Figura 43 – O Monge	131
Figura 44 – Impossível se tornar uma pessoa melhor?	131
Figura 45 – (ROSE, 2011, p. 212).....	135
Figura 46 – Inventando amigos	135
Figura 47 – (ROSE, 2011, p. 225).....	137
Figura 48 – Como fazer?	137
Figura 49 – (HUNTER, 2004, p. 114)	141
Figura 50 – (HUNTER, 2004, p. 80)	141
Figura 51 – (HUNTER, 2004, p. 111)	141
Figura 52 - Capítulos.....	143
Figura 53 – (HUNTER, 2004, p. 60)	147
Figura 54 – (HUNTER, 2004, p. 76)	147
Figura 55 – (HUNTER, 2004, p. 101)	147
Figura 56 – (HUNTER, 2004, p. 97)	149
Figura 57 – (HUNTER, 2004, p. 99)	149
Figura 58 – (HUNTER, 2004, p. 99)	151
Figura 60 – Jo 3:16	153
Figura 59 – Mt 22:36	153
Figura 61 – (HUNTER, 2004, p. 50)	155
Figura 62 – (HUNTER, 2004, p. 53)	155
Figura 63 – (HUNTER, 2004, p. 136)	157
Figura 64 – (HUNTER, 2004, p. 38)	157
Figura 65 – Como opera?	159

Figura 66 – (HUNTER, 2004, p. 65)	159
Figura 67 – Caderneta aos sonhos II	161
Figura 68 – Como enfrentar o mal do século?	167
Figura 69 – (CURY, 2014, p. 23).....	167
Figura 70 – (CURY, 2014, p. 103).....	169
Figura 71 – (CURY, 2014, p. 17).....	169
Figura 72 – Caderneta aos sonhos III	171
Figura 73 - Caderneta aos sonhos IV.....	171
Figura 74 – (CURY, 2014, p. 46).....	173
Figura 75 – (CURY, 2014, p. 104).....	173
Figura 76 – (CURY, 2014, p. 78-79).....	175
Figura 77 – (CURY, 2014, p. 77).....	175
Figura 78 – (CURY, 2014, p. 68).....	177
Figura 79 – (CURY, 2014, p. 154).....	177
Figura 81 – (CURY, 2014, p. 138).....	179
Figura 80 – (CURY, 2014, p. 137).....	179
Figura 82 – (CURY, 2014, p. 27).....	181
Figura 83 – (CURY, 2014, p. 142).....	181
Figura 84 – (CURY, 2014, p. 133).....	183
Figura 85 – (CURY, 2014, p. 36).....	183
Figura 86 – (NIETZSCHE, 2001, p. 7).....	185
Figura 87 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 185).....	185
Figura 88 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 315).....	187
Figura 89 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 355).....	187
Figura 91 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 330).....	189
Figura 90 – Como não amar tudo isso?	189
Figura 92 – Hotel Coaching II.....	191
Figura 93 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 185).....	191
Figura 94 – Hotel Coaching I.....	191
Figura 95 – Double-Bind	195
Figura 96 – (CURY, 2014, p. 100).....	197

SUMÁRIO

Locuções, métodos, olhares: Abrindo caixas-pretas de nós.....	13
Se um viajante, em crise, em um dia de inverno	27
Vozes das Locuções de Mim	58
<i>Be a Dog</i>	85
O Amor (superavitário) sobre todas as coisas.....	128
Sua emoção tem seguro?	164
Referências Bibliográficas.....	199

Locuções, métodos, olhares: Abrindo caixas-pretas de nós

Esse pequeno texto se inicia em meio a um gostoso balançar que acompanha e embala o devaneio dos nossos pensamentos. É tempo de maré alta em lua cheia. Os peixes se agitam, hora boa para a pesca. O sol nasceu a pouco. O céu amanheceu azul, acompanhado de algumas solitárias nuvens que nos permitem imaginar as mais variadas esculturas de algodão. Ao longe pode ser escutado o som dos pássaros que partem para mais uma, em nossa mania de colonizar os outros, jornada de trabalho. Há também um aroma intruso, que a boa memória de Bento, criada com moquecas, não consegue dar língua. Algo da indeterminação entre as hoje agitadas águas estuarinas e o tempo que faz desde a última vez que saiu para a lagoa.

Além das redes, ele trouxe consigo o seu surrado caderno e uma pequena lapiseira para partilhar da brisa dessa manhã ensolarada. O rapaz, mesmo filho dessas águas, não pode se furtar de sua máscara de bolsista de mestrado. Dessa forma, ao jogá-las ainda que para ajudar seu avô, o que busca é algum tipo de cooperação, auxílio de alguns conceitos que possivelmente fiquem emaranhados entre o pescado do sustento da casa.

A primeira rede nada pescou, porém surgiram os primeiros.

Em um artigo acerca de uma possível delimitação do conceito de subjetividade a partir das linhas da diferença, Costa e Fonseca (2008), afirmam que o corpo pode ser escrito com novas cores, para além do preto e branco da ABNT, ou se quiserem para além dos rígidos perfis identitários. Sob a prerrogativa de que são os conceitos quem produzem o mundo, os autores afirmam que em Platão e Aristóteles se tem o corpo-prisão, em que alma/identidade está aprisionada. Com Descartes o corpo-filtro, sendo que o Eu identitário vem primeiro por ser a condição do conhecimento. Já com Nietzsche, na proposição de um mundo em constante mutação (posto que é feito de ação sobre ação e estas querem-se em expansão), afirmam que temos a proposição de um corpo-vibrátil,

No entanto, em Nietzsche, serão demonstradas as cores desta vontade pelo geral, desta estética da translucidez que se crê sem tintas. Aqui, o corpo não é prisão, muro, ou filtro a ser domesticado em prol da verdade, mas sim um abismo invertido que nos lança e desfaz no mundo, em suas forças com as quais ressonamos. O corpo é uma pluralidade *de vontades de potência* em conexão com os fluxos de forças do mundo em uma alternância de arranjos, sem uma essência por trás das forças, pois, estas mesmas são o ser.

Corporizoma, não completamente *dividido* do mundo, diferencia-se a si e ao mundo, transformando-os. Corpo que não nega ou aparta sua subjetividade, mas sim, afirma sua singularidade móvel e sua parcialidade *perspectivista*. (p. 517-518, grifos no original).

Essa subjetividade corpo-vibrátil se produz a partir da guerra de vontades de potência. A partir do pensador alemão tem-se a aposta no perspectivismo. Nesse sentido, ciência e arte deixam de ser classificadas de acordo ao primado da primeira pela segunda, a hierarquia é desfeita. Para sair da bíblia moderna cartesiana, ele nos concede essa possibilidade de heresia: afirmar um corpo rizomático.

Novamente o gesto e nada de peixe.

A se somar à questão da subjetividade, Deleuze e Guattari (2013) escreveram um livro no início da década de 1990 chamado “O que é a filosofia?”. Sem, obviamente, a pretensão de responder a esta pergunta, eles afirmam que o conhecimento é múltiplo e feito a partir das variações. Assim, eles nos dizem ao longo do livro que o que existe são sempre articulações, rearranjos e intercâmbios entre três planos: filosofia (imanência), ciência (coordenadas) e artes (composições). Na verdade, essa separação é didática, pois os planos são híbridos entre si. O plano de imanência concede o espaço para a criação dos conceitos; o plano de coordenadas permite que se façam juízos a partir do estabelecimento das proposições verdadeiras (*prospectos*), além da possibilidade de correlações a partir das funções (*functivos*), ou seja, condições de possibilidade de se prospectar (afirmar com certeza) e correlacionar abcissas e ordenadas; e por fim, o plano das composições é o responsável pelos *afectos* e *perceptos*, é esse plano quem concede as mais variadas possibilidades à produção de afetação e de percepção, atributos da esfera das artes. Além dessas diferenciações, os autores ainda citam que cada plano sugere uma figura: personagem conceitual no ramo da filosofia; tipo biopsicossocial a partir da ciência; e a figura estética junto às artes. Lhe apresento aqui, Leitor, uma composição de uma figura estética, Bento, a qual é atravessada por questões de um tipo biopsicossocial (regimes do ver, dizer e falar) às quais ultrapassa em muito nas suas andanças heterotópicas. Aliás, foi em tais deambulares despreziosos que nossa figura estética se viu alçada a um personagem conceitual. Mas isso é assunto para daqui a pouco.

No emaranhado dessa pescaria, esquecemos de lhe apresentar, Leitora, em que parte da lagoa o nosso barquinho “Paciência” está ancorado – parece que a

memória e as boas maneiras definitivamente não estão operando nesse nosso programa de fim de semana.

Durante a graduação, estivemos imersos em dois campos que nos produziram muitos tensionamentos. O primeiro deles foi o trabalho como bolsista de extensão em Economia Solidária, participando durante um ano em um projeto de pré-incubação à possíveis empreendimentos solidários na Colônia de Pescadores de Pelotas. Além dele, o estágio de um ano e meio na coordenadoria de Saúde Mental da cidade, mais precisamente com a implementação da política de combate ao crack e outras drogas com infância e juventude.

Como membro do GT relacional do TecSol/UFPel, as principais dificuldades que encontrávamos geralmente se relacionavam a transição dos trabalhadores de um trabalho assalariado para um trabalho de modo cooperado. E as perguntas que reverberavam eram algo como: por que o capitalismo é tão forte em suas formas de sujeição? Como se opera essa produção desejante envolvida pelo consumo e produção do capital?

No trabalho com os jovens da unidade de acolhimento infanto-juvenil, a pergunta que nos batia, até mesmo pela semelhança de idade com os meninos, era: o que nos dá condições para ter um domínio de gestão sobre a vida deles? Visto o caráter demasiadamente disciplinar e identitário que o equipamento institucional em que o estágio se realizou possuía.

Desse modo, entramos no mestrado com o corpo remexido. Assim, estamos tentando mergulhar no agenciamento entre estas duas questões: dar corpo, pela ficção da figura estética, às tecnologias de si contemporâneas em suas práticas de governo e afirmação de políticas da existência. Cerzir o bloco de *perceptos* e *afectos* modulado por uma tecnologia de si por meio de uma voz em primeira pessoa da escrita a qual opera uma quarta pessoa do singular-impessoal (um qualquer que não é qualquer um). Fazer ver modos de ver, fazer falar modos de falar, fazer sentir modos de sentir, (d)escrever modos de fazer, para outrá-los, deslocá-los, produzir *clinamem* em nossas tecnologias de afirmação de um si mesmo. Adentrar esta fábrica de interiores pela sua (re)invenção literária nas andanças de Bento e suas crises. Uma Antropologia Especulativa (SAER, 2012) das práticas de algumas práticas de produção do eu vigentes e virais em tempos de subjetividades empreendedoras (ROSE, 2011).

Nessa perspectiva, o campo problemático do qual a nossa metodologia se ocupa parte de um agenciamento entre as marés que dizem das políticas de construção do “Eu”, das que trazem as práticas e produções da psicologia, estas em conjunto às ondas políticas, no sentido do governo das condutas. Dessa forma, nos perguntamos: Em meio à sociedade do controle (DELEUZE, 2013), quais as tecnologias e estratégias de subjetivação utilizadas pela governamentalidade contemporânea, através dos aparatos psi, que atuam para inventar o processo de dobragem desses “Eus”?

Essa problemática nos persegue na perspectiva da ética foucaultiana do não querer ser governado assim. *Ethos* esse, Leitores, que prima por querer uma vida não fascista:

- Não se apaixone pelo poder; não acredite que seja necessariamente preciso ser triste para ser militante¹.

Desse modo, para tentar dar conta dessa grande questão de pesquisa, em conjunto ao orientador, foi estabelecida uma lista de obras para a revisão bibliográfica. Estas foram lidas e fichadas com o rigor que a nossa postulação a mestre nos pede. A partir dos aportes teóricos à antropofagia (ROLNIK, 2014) conceitual, o campo da ficção se apresenta como território empírico de experimentação: na ficção inteligível e sensível intensificam suas núpcias antropofágicas.

A nossa metodologia tem como sustentação, por conseguinte, esses alicerces teóricos: trabalhamos com a subjetividade a partir do corpo-vibrátil e com as articulações entre os três planos do conhecimento. Dessa maneira, criamos uma personagem para nos ajudar a pensar e produzir mediante a aposta na abertura de outro campo de intensidades. Desse modo, utilizamos de nossa personagem como uma “figura estética”. Esta, nos empresta o seu corpo com o intuito possibilitar um campo sensível aos conceitos que trabalhamos durante a narrativa. Nesse sentido, Bento brinca com os eles visando produzir sons, cheiros, gostos, lembranças, vibrações naquele que lê. Utilizamos, assim, o método da narrativa ficcional (COSTA, 2014) como estratégia ética, estética e política para problematizar as tecnologias de subjetivação. O seu emprego nos auxilia a dar corporeidade a tais conceitos, torná-los sensíveis na experiência cotidiana do sujeito em seus processos de construção na

¹ FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: **Cadernos de Subjetividade**. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: PUC-SP, 1993.

atualidade. A nossa personagem é licenciada em Ciências Sociais, se formou há cerca de um semestre. O TCC que Bento apresentou foi o que o levou para Porto Alegre. Tal como o nosso, o seu trabalho de conclusão versou acerca das políticas públicas para o combate à drogadição. No entanto, ficou nítido para ele que apenas as explicações dos autores de seu curso não davam conta de pensar as questões que o moviam, era preciso novas cores ao seu olhar. Nossas tentativas, portanto, se empreendem no sentido de constituir composições sensíveis que deem corpo e operem o bloco de *perceptos* e *afectos* que servem de condição de possibilidade desta experiência da construção de nós mesmos.

Lançada mais algumas vezes, outros conceitos. Contudo, novamente nenhum peixe, os únicos que subiram eram muito pequenos, prontamente devolvidos – tinham três pequenos siris também, esses ficaram.

Assim como quem empresta seu pouco tempo de final de semana para dar uma força dentro d'água, a nossa personagem também nos auxilia a fazer falar do campo da imanência. Bento, atravessado pelas inúmeras linhas fugidias de nosso contemporâneo, encontra-se em crise. Não só ele. Nesses tempos de aceleração do capitalismo, precisamos a todo instante estar preparados para dar conta da próxima quebra da bolsa, da próxima crise na política, na educação, na família, enfim, da próxima urgência que se avizinha. Tal como cita Hardt (2000), as modulações dos nossos modos de vida estão imersas no imperativo da “oni-crise” do presente. Nos nossos tempos, a crise não é um evento isolado, localizado, de exceção, a crise é constituinte da nossa modulação cotidiana: velocidade, fluidez e urgência exigindo sempre um novo movimento para não sairmos do lugar. A figura estética Bento nos abriu caminho no decorrer de sua composição narrativa acerca das tecnologias de si contemporâneas para o “personagem conceitual”: sujeito em crise (DELEUZE e GUATTARI, 2013). O futuro se apresenta para os sujeitos contemporâneos como uma grande bocarra cheia de dentes e plena de possibilidades de fim e fracasso diante dos quais resta se prever o imprevisível e planificar o implanificável: aparentemente não se pode mais retornar ao regaço seguro da lógica disciplinar (como querem os conservadores mais afoitos) e planificar o futuro, posto que este tem de permanecer aberto, mas temos de estar preparados sempre para o imprevisível que virá. Ao passar na prova do mestrado, ele teve que decidir entre cursar ou ficar próximo à sua família. Quando estava para apresentar o seu trabalho de conclusão recebeu a notícia que mais lhe arrancou o chão, o falecimento de sua avó. Fora um misto de alívio e

impotência, havia anos que a poetiza dona Maria José não conseguia mais escrever, tampouco reconhecer os rostos de seus familiares, fora acometida pelo mal de Alzheimer. No olho desse furacão, Bento optou por abrigar-se na psicologia: as tecnologias de governo de si do campo da psicologia, autoajuda, coaching e afins se apresentam como ferramentas para enfrentar a tormenta sem tentar compartimentá-la ao modo disciplinar (na adolescência, por exemplo) ou buscar segurança em uma coletividade antiga (religiões, partidos, etc.).

Visando cartografar essa linha que vetoriza a crise como constituinte de nossos modos de existir, porto não foi tão alegre e Bento acabou por delirar – hoje, no Paciência, Bento já está praticamente recuperado dos seus devaneios tresloucados. O fato é que para surfar nas ondas da governamentalidade neoliberal, as competências do sujeito precisam ser constantemente afiadas, estagnação é quase um pecado. Desse modo, o nosso querido mestrando encontrou na autoajuda uma possibilidade de potencializar o seu “autoempreendedorismo”. Afinal, quem não quer, com alguns simples passos, se tornar mais proativo, se sentir mais competente, CEO da própria vida?

Nesse sentido, segundo Foucault (2008), de maneira extremamente sintética, o neoliberalismo se apresenta como uma resposta à lacuna deixada pelos pensamentos liberais – e do próprio Marx – acerca do trabalho. Ambas as correntes se esqueceram de pensar no principal recurso de uma nação, o seu trabalhador. Desse modo, as práticas neoliberais de governo das condutas, a partir da década de 1930, se atentaram justamente à produção de capital humano, passando a conceitualizar e, conseqüentemente, fazer com que cada sujeito se perceba e deseje se erigir como uma empresa. E como tal, precisa estar estruturada ao máximo para poder competir no exigente mundo das competências individuais.

O esquentado seu Joaquim já estava ficando furioso, “para o almoço temos apenas esses míseros crustáceos”, pensava consigo. Os peixes estavam muito preguiçosos, outra vez o esforço da rede e nada além de conceitos que “não nos dão sustento algum”.

Esse tal conjunto de práticas do nascimento da biopolítica supracitado, em conjunto à anatomopolítica – genealogia da emergência do aprisionamento, ambas de Foucault – servem de base para a crítica de Rose (2011) com relação as estratégias neoliberais da sociedade contemporânea. Todo o regime de constante vigilância e adequação das condutas se transformaram em uma enorme quantidade

de dados observáveis, passíveis de mensuração/refutação e criação de técnicas. Ou seja, o estabelecimento de um certo estado de calculabilidade da heterogeneidade que é o ser humano. É interessante observarmos que tornar os sujeitos calculáveis (suas condutas, afetos, crenças, etc.) passa por um processo de desterritorialização e posterior reterritorialização sobre um território mais desterritorializado. Operação muito similar à do comutador universal, o capital, em permitir comparação entre tudo e todos entes, acontecimentos, objetos, sujeitos, etc., posto que todos e tudo se tornam uma cifra. Calcular é desterritorializar, comparar, hierarquizar. Não é mais da ordem do singular e sim de um gradiente de comparação, ou se quisermos, relação de consumo. “Quanto mais a máquina capitalista desterritorializa, decodificando e axiomatizando os fluxos para deles extrair a mais-valia, mais os seus aparelhos anexos, burocráticos e policiais reterritorializam à força, enquanto vão absorvendo uma parte crescente de mais-valia”. (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 53). O apagamento do processo de diferenciação constante em prol de um Self/Eu matematizado, oportuniza a utilização dos cálculos estatísticos para se esquadrihar, estriar os dados, alocando-os nos desvios padrões do comportamento adequado. Aspectos do indivíduo articulados em números agilizam/incrementam as possibilidades de governos destes aspectos, posto que se tornam mais nítidos, manipuláveis (números, podemos carregar em Hds, pastas, documentos, ao passo que os comportamentos do indivíduo não podem ser armazenados e/ou manipulados com a mesma facilidade). O tão bem quisto capital social, nada mais é do que a curva integral das estratégias e técnicas, que sempre se pretendem invisíveis, da sociedade de controle/segurança.

O almoço, enfim, saiu. Seu Joaquim teve que utilizar algumas folhas em branco de um caderno que estava no interior da embarcação para ajudar a fazer fogo – Bento nem conseguiu opinar, nem se atreveria, quando viu já tinham sido arrancadas. Como não poderia deixar de ser, um delicioso ensopado de traíra, especialidade do velho pescador. As redes estavam fracas, porém, habilmente deixaram uma vara de pesca presa na lateral do barco. Nosso velho amigo, inclusive, fez questão de colocar dois dos siris no prato de seu neto.

Esse caldo com o qual nos alimentamos durante a dissertação tem, por conseguinte, dois ingredientes principais: as estratégias de domesticação/controle dos outros (poder/ objetivação do sujeito) e as “Tecnologias de Si”, que segundo Foucault (2004)

[...] permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (p. 323-324).

A governamentalidade neoliberal, ou esse nosso caldo, é bastante extenso, praticamente um mar aberto. Dessa forma, a nossa âncora foi lançada em um pequeno quadrante, de modo que a literatura de autoajuda apareceu como o campo empírico para o nosso mergulho. Hoje, ela se consolidou como um importante imperativo dessa “inspeção da alma” com o intuito de alcançar o bem-estar e a felicidade prometida.

Aqui, submergem conosco os profissionais do saber técnico das ciências humanas, mais precisamente os da área psi, para nos ajudar a lhe apresentar esse nosso quadrante empírico: a literatura de autoajuda. São os profissionais desse ramo das ciências humanas que efetuaram e continuam realizando a tradução daquela linguagem matemática/científica supracitada (produtora de verdades universais) à produção da subjetividade interiorizada. A estatística concede um lugar de discursividade com status epistêmico superior, visto que simbolicamente gravita em torno do caráter neutro de verdade, afinal são números, gráficos, curvas sob o plano cartesiano. Isso contribuiu ao saber sobre o psicológico com mais condições supostamente técnicas para o ajuste daqueles que desviavam/desviam dos padrões de aceitabilidade – notadamente morais – de se viver em sociedade.

É nesse sentido que os livros de autoajuda surgem como a aposta de nossa pesquisa quando, mediante uma linguagem menos rebuscada, seus exemplares se ocupam da prescrição de condutas. O ponto é que tal literatura tem grande atuação em nossa sociedade e, ditando suas regras, publica as suas mais variadas dicas e/ou passos com status de verdade psi. No entanto, na grande maioria dos casos não há qualquer embasamento do campo da teoria psicológica, psicanalítica e/ou psiquiátrica e, tal como um reflexo de um grande imperativo do nosso presente, apenas “parece ser” – fazendo uso do espaço consolidado de tal saber para alavancar as suas vendas e, por conseguinte, seu alcance. Dessa maneira, a autoajuda constitui um discurso-prática bem próprio da tradição do Poder Pastoral em sua variação para governamentalidade, de tal modo que a estética dos números e gráficos é emulada em textos prescritivos com elevado grau de moralidade. Ou seja, tende a esconder do

público em geral suas lógicas normatizantes por meio de uma roupagem que se quer neutra, assim como os próprios estudos estatísticos do comportamento o fazem.

Com isso, foram pescados três livros entre os mais vendidos, de maneira que qualitativamente cada um deles gerou um ensaio:

- Como fazer amigos e influenciar pessoas (1936) de Dale Carnegie, livro em sua 52ª edição, com mais de 50 milhões de cópias;
- O Monge e o Executivo (2004) de James C. Hunter, mais de 3,5 milhões de exemplares comercializados;
- Ansiedade: como enfrentar o mal do século: A Síndrome do Pensamento Acelerado (2014) de Augusto Cury, autor com mais de 25 milhões de livros vendidos.

A sua pesca deu-se nesse movimento da nossa personagem de tentar desesperadamente suprir as exigências da vida contemporânea. No entanto, não satisfeito apenas com as suas prescrições, nossa personagem criou novos personagens de si mesmo visando dar sentido àquilo que sente na pele (essa modulação da constante crise do presente) e não consegue nominar – ou nós o fizemos enlouquecer para não enlouquecermos. O delírio adentra aqui radicalizando a ficção e a poética operada por esta figura estética Bento em seu plano de composições: o excesso e a experimentação, as misturas intempestivas, os devires loucos em suas variações e combinações a romper sobrecodificações, proposições, funções, objetos. O delírio na ficção é uma perigosa arte heterotópica de tensionar as formas dos objetos para deslocar nosso regime de visibilidade, dizibilidade, performatibilidade (Costa, 2014). Em nossa narrativa, que deveio delirante, tivemos a possibilidade de colocar em xeque, desestabilizar, os movimentos do bom senso e do senso comum. Segundo Deleuze (2015), na série sobre o paradoxo, o bom senso é um a priori que possibilita a tudo prever e ordenar, em conjunção ao senso comum, que permite concluir que tudo o que ocorre no mundo é da ordem de um só e sempre igual sujeito. Desse modo, a operação delirante nos permite destronar essas faculdades do conhecimento linear e individualizado – lembrando que trabalhamos na perspectiva do corpo-vibrátil. Ao mesmo tempo, fazemos operar na narrativa as formas de como os manuais de autoajuda se configuram como umas das importantes tecnologias, com o suposto saber neutro e científico da psicologia, de controle

neoliberal dos corpos – intrinsecamente ligado ao cenário político que vivemos. Assim, ao nos abrimos para a criação de novos sentidos, com a operação do delírio acabamos por ficcionar a própria narrativa ficcional.

Em conjunto a essa operação delirante, nosso texto muitas vezes navega flertando com o riso. Na décima nona série de paradoxos, a do humor, Deleuze (2015), discutindo o tema da linguagem, propõe uma diferenciação entre a ironia e o humor. Para o autor, a ironia só funciona quando quem fala se encontra em grau de superioridade, tal como as ironias socráticas, marca da metafísica platônica. Somado a isso, a ironia também se remete ao modo indivíduo e ao Eu interiorizado do romantismo, “Pois se a ironia é a coextensividade do ser com o indivíduo, ou do Eu com a representação, o humor é a do senso com o não-senso; o humor é a arte das superfícies e das dobras, das singularidades nômades e do ponto aleatório sempre deslocado [...]” (p. 143). O humor se encontra na superfície, não nas profundezas do sujeito ou nas alturas do mundo ideal. Ele difere do risível do outro (ironia), sai dessa posição de conforto assimétrico que reitera “superioridades” e “subalternidades” pressupostas pelo Bom Senso e Senso Comum dos ditos “Homens de Bem”. Humor e delírio que se encontram no non-sense e paradoxo como operações disruptivas das formas, códigos e superfícies próprias do Corpo Sem Órgãos (CsO) em sua produção de não produção. A operação da dupla humor e delírio nos auxilia com a provocação do senso comum e do bom senso, visto que os coloca em questão, produzindo ranhuras em sua linearidade. Além disso, o uso do humor é uma maneira bastante interessante de tornar a crítica possível (fazendo aceitável ao inaceitável): o bobo da corte é o único que pode expor os ridículos do rei em uma prática de parresiasta! Assim, desde a conversa entre cães de Cervantes, passando pelos monstros de Rabelais e o Ubu Rei de Alfred Jarry, chegando a Perec, Calvino, Lars Von Trier, entre tantos, vemos o uso do humor como estratégia para abalar as bases do que está instituído.

O nosso humor nesta obra que a Leitora tem agora em mãos tem um quê de cinismo. Quando Platão parte em busca das essências e define o Homem como um ser bípede sem plumas, Diógenes balança em praça pública, às gargalhadas, um galo por ele mesmo desplumado, como quem diz se eu tirar as suas penas, a ave

facilmente torna-se Homem. Segundo o dicionário Michaelis², a palavra “cínico” vem do grego *kynikós* que quer dizer “o que lembra um cão” (cachorro é *kyon*) – muito embora, hoje, quando tratamos sobre o comportamento de nossos pets, esse adjetivo seja comumente utilizado para nos referirmos ao comportamento dos felinos. Há outra explicação etimológica que cita que a palavra deriva *kynosarge* (cão cinzento), nome de um ginásio periférico de Atenas que o famoso Diógenes utilizava como dormitório – o próprio filósofo se intitulava “O Cão”. Esse pensador é um dos grandes representantes da escola filosófica cínica, conhecida por usar de seu humor mordaz para questionar a moralidade ateniense, questionando em ato as normas instituídas do comer, beber, morar e transar, transvalorando a estética de si grega. Curiosamente, é a figura desse animal que acabou sendo utilizada para nos ajudar a trabalhar com a autoajuda em nossa navegação. O fato é que Bento começa a delirar com o seu cachorro de estimação, ou o seu melhor amigo, um dos muitos que teve que deixar para trás quando se mudou para a capital. Mais precisamente, nossa querida personagem descobre que na verdade são os cachorros quem nos possuem. O amor incondicional que demonstram para com os humanos nada mais é que um complexo jogo de controle sobre o nosso desejo, nos capturando e, portanto, nos governando principalmente através desse nobre sentimento. Cínica também é a maneira como se dá o agenciamento entre o capital e o Estado Moderno, “[...] o cinismo é o capital como meio de extorquir sobretrabalho, mas a piedade é este mesmo capital como capital-Deus de onde parecem emanar todas as forças de trabalho”. (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 299-300).

Delírio cínico no qual Bento-cão passa a enxergar com outra pele, perspectiva xamânica na qual a singularidade se produz na corporeidade ao passo que a alma é um princípio geral imanente de vida, tal qual na cosmovisão ameríndia que faz uma inversão da perspectiva europeia: multinaturalismo no qual o espírito é uno e os corpos são quem diferem (Castro, 1996). Assim, quando o xamã coloca uma pena ele não se fantasia, mas transmuta sua singularidade corporal, sendo o xamã aquele que consegue romper as barreiras entre as singularidades corpóreas e viajar por entre as muitas naturezas graças a uma especial capacidade de unir sensível e inteligível nos

² Cínico. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/c%C3%ADnico/>.

seus ritos, bem ao modo daqueles que tomam a ficção-delírio como método (Fonseca et al, 2010).

Apenas o xamã consegue ver a face espiritual de onças, tucanos, palmeiras, pedras e rios: todos são humanos e se singularizam em seus corpos. O Eu colonial deixa a cena em prol dos pronomes relacionais, em prol das relações de predação, das relações corporais (penas, garras, cores, etc.) que operam ao modo do ciborgue e da máscara do xamã a se agenciarem e singularizarem a alma imanente do mundo. Desse modo, o que difere, é a maneira como esse espírito humano está vestido-encarnado e é justamente essa roupagem do corpo que produz a perspectiva de fala, percepção e afetação, dado que é a através dessa roupa-pele que se é permitido viver: “Mas as coisas que eles vêem são outras: o que para nós é sangue, para o jaguar é cauim; o que para as almas dos mortos é um cadáver podre, para nós é mandioca pubando; o que vemos como um barreiro lamacento, para as antas é uma grande casa cerimonial” (CASTRO, 1996, p. 127). Desse modo, podemos pensar nossa metodologia ficcional de uma personagem como uma espécie de xamanismo que veste pele, garra, adornos e se torna outro “antropofagicamente”, apenas para ser outro e não aquele.

Após o cochilo do almoço, Bento e seu Joaquim, meio a contragosto, decidiram investir na experiência de pescar à sua maneira mais prazerosa: com pequenas varas de bambu e sem molinete. O problema que rondava o ambiente é a questão de que velho pescador não consegue relaxar. Embora o dia seja dedicado a um passeio de folga para curtirem um pouco do raro tempo que conseguem estar na presença um do outro, “o diesel que move o Paciência não é pago com lazer” – sair à lagoa em tempo bom e não trazer nada para a casa é um completo desperdício.

Seguindo as linhas do humor e do delírio, optamos pela produção de imagens oníricas e mnemônicas como uma forma narrativa alternativa capaz de suprimir as citações e demais elementos conceituais e teóricos mais duros e “puros”. Por meio destas imagens dividimos alguns elementos de nossa oficina, dos bastidores da criação, de nosso atelier de escrita tão sensível quanto inteligível corporificada em Bento, mas o fazemos mantendo a estilística onírica-delirante e debochada que forja ao texto. Provocados por algumas colocações da banca de qualificação apostamos quase todas as fichas na narrativa. O porém dessa questão colocada é que gostamos do hibridismo metodológico entre os platôs do conhecimento. Nesse sentido, como quem quer dividir a sujeira das horas e horas do atelier, transformamos as citações

de maior relevância em fotos e naquilo que chamamos de “esquemas delirantes” – em suma pensações de estudo de nosso querido mestrando, esquemas abertos que jogou nos cadernos que tinha ali à mão. Com isso, para resolver uma das críticas mais contundentes e importantes que recebemos retiramos as citações, as deixando como conteúdo imagético que se costura com o desenrolar da narrativa. Dessa forma, nossa escrita que estava muito atravancada ganhou um grande folego de posse desse novo estilo. Além de que acreditamos que com essa “limpeza”, os conceitos passaram de fato a operar no texto e o delírio da culpa com as crises do presente se tornaram cada vez mais sensíveis.

Voltando para a casa mirando as estrelas, deitados na proa do nosso Paciência (queremos dizer, o barco da família do Bento que praticamente nos apossamos), já quase chegando no ancoradouro da comunidade, talvez possamos tentar entregar essa apresentação.

Operamos, portanto, com método da narrativa ficcional atravessado pelo humor-delírio-cínico-xamânico em uma escrita de si heterotópica a qual acontecimentaliza (Foucault, 1990) nossas tecnologias de si. Articulamos pelo plano de composições, através da narração, o mais enrijecido, o plano de coordenadas da academia. Com isso, Bento empresta seu corpo/voz para trabalharmos conceitos como os de ritornelo (DELEUZE e GUATTARI, 2012), que nos permite as paisagens territoriais, como linhas que concedem um certo chão em meio ao mundo que deveio caos, marcando os agenciamentos do território existencial; o processo da dobragem, compondo a curvatura do lado de dentro do lado de fora, o “barco como dobra da lagoa” – brincamos com a afirmação de Deleuze (2010); a culpa como um dos principais articuladores das tecnologias da governamentalidade neoliberal da gestão dos humanos, visto que nós do ocidente, mesmo resistindo, temos as chagas judaico-cristãs quase marcadas a fogo; abrir a caixa-preta dos livros de autoajuda que pescamos – que mais parecem homilias dominicais com vários duplos-vínculos; entre outros.

Enfim, fica aqui o convite à nossa navegação experimental, Leitora, afinal no campo da ficção a escrita se faz ao se escrever, não há uma carta náutica prévia.

Se um viajante, em crise, em um dia de inverno

Puntos de vista

En algún lugar del tiempo, más allá del tiempo, el mundo era gris. Gracias a los indios ishir, que robaron los colores a los dioses, ahora el mundo resplandece; y los colores del mundo arden en los ojos que los miran.

Ticio Escobar acompañó a un equipo de la televisión española, que vino al Chaco para filmar escenas de la vida cotidiana de los ishir. Una niña indígena perseguía al director del equipo, silenciosa sombra pegada a su cuerpo, y lo miraba fijo a la cara, de muy cerca, como queriendo meterse en sus raros ojos azules.

El director recurrió a los Buenos oficios de Ticio, que conocía a la niña, y la muy curiosa le contestó:

- Yo quiero saber de qué color mira usted las cosas.*
- Del mismo que tú – sonrió el director.*
- ¿Y cómo sabe usted de qué color veo yo las cosas?*

(GALEANO, 2004, p. 56)

Esse fragmento textual se inicia na estrada. Mais precisamente na correria de Bento a fim de encontrar um problema de pesquisa em meio ao caos da mudança de cidade. Mudança não só geográfica (do interior à capital), mas de um turbilhão de dúvidas: Onde morar? Como viver tendo deixado a mulher que ama “para trás”? Não foi muito abrupta a saída da faculdade para essa pós tão exigente? Será que ele é mesmo capaz de dar conta de tudo? Como ficará seu avô? Não estaria ele sendo um tanto quanto egoísta? Irá se adaptar a convivência com os novos colegas de sala de aula, de apartamento, com o novo curso? É realmente acertada a escolha pela psicologia, nesse momento? Como se começa? Há ainda a preocupação com Jesu que também se mudou para Porto Alegre. Enfim, Leitor, nossa narrativa está se iniciando com esses e mais inúmeros pontos de interrogação na cabeça de nossa personagem.

O começo é sempre pelo meio.

E esse nosso meio se encontra em 250 quilômetros da BR-116 que separam Pelotas e Porto Alegre. Entre partidas e chegadas, Bento não teve outra escolha a não ser ler e escrever. São quase quatro horas de trajeto que não podem ser desperdiçadas, afinal o tempo urge. Embora ele até goste de escrever – na verdade possui o grande e comum receio de seus escritos nunca estejam bons o suficiente –

quando os prazos se aproximam, as cores vão desaparecendo de seu texto, há certo sufoco.

Em sua última volta à Porto, Bento tomou o ônibus às 12:00 e, por algum acaso, sentou do lado esquerdo, o do motorista – para sua sorte, dessa vez, era um daqueles ônibus de dois andares e não o mais antigo da frota, cujo aroma de seu interior nos permite experimentar a passagem das décadas de operação da empresa durante a procura pelo assento. Desse modo, como rumava para o norte, o sol o acompanhava também à esquerda. Curiosamente, esse era um dos poucos dias bonitos dessa estação costumeiramente chuvosa. Assim, com o céu limpo, Bento rapidamente fechou a cortina para tirar os raios de seu rosto. Dessa maneira, meio atrapalhado, com o notebook no colo, abriu o livro que trazia em mãos na esperança de encontrar alguma citação do Galeano para que seu texto, que ele ainda precisava redigir para a orientação, ficasse bonito.

- Ok, a cortina era laranja, grande coisa. De que forma isso se relaciona com a dificuldade de apresentar um projeto de pesquisa? Com o avô, com esse Jesu, a namorada/mulher desse tal Bento?

Leitor, estamos na estrada, se lembra? São algumas horas de viagem, pedimos para fazer um esforço para ficar bem acomodado, o motorista sempre nos lembra para afivelarmos o cinto! A nossa capacidade de escrita não consegue satisfazer a rapidez e a curiosidade que os tempos de hoje demandam.

Está confortável na poltrona?

- Bom dia, bem-vindos ao expresso Embaixador. Nosso destino é Porto Alegre, a empresa disponibiliza água mineral no frigobar.

As ciências, de um modo geral, primaram/primam pela universalização do conhecimento a partir do método científico. A psicologia que se pretende científica também tenta imitar esse paradigma. Contudo, tal reducionismo é fadado ao erro. Se nem as cores conseguimos saber se são iguais, imagina todos os tipos de fenômeno, quanto mais em relação à subjetividade.

Fazemos uma rápida pausa no texto do Bento, ele está falando das cores aqui para tentar fazer uma ponte de Galeano com o primeiro texto de Deleuze que teve contato a partir de uma indicação da sua orientadora. Nele, o pensador francês postula

uma nova ordem de conexão para as coisas do mundo, colocando em questão as dicotomias e os reducionismos simplificadores. Ele até tinha gostado de realizar a leitura, principalmente por tentar se aproximar e de certa forma se enturmar com os colegas do grupo de pesquisa. Durante a sua graduação, raras foram as vezes em que teve oportunidade de debater esses textos que chama pejorativamente de pós-modernos como rigor que a academia demanda. Como acreditava que precisava impressionar a sua professora – seria a primeira orientação de verdade, em que se debruçariam sobre uma escrita inédita do rapaz – com o rizoma em mente, ele decidiu falar sobre metodologias “menos duras”. Voltemos à página do *word* de nossa personagem.

Felizmente, alguns ramos da filosofia do conhecimento têm permitido espaço para a criação de metodologias mais fluidas. Digo felizmente não para ser “militonto” e apostar em uma única bandeira. A felicidade é exatamente no sentido da possibilidade de invenções de novos métodos. Como no caso da cartografia, do biografema e entrevistas e etnografias e as observações-participantes e a ficção e a genealogia e a pesquisa-ação e vários outros “e”.

A partícula “e” é da ordem da conexão, prefiro optar por ela, pois esta nunca se fecha em um si mesma. Procura se afastar dos binarismos do “ou”, ou um, ou outro. Ou quanti ou quali, ou qual o qualis da revista?

Antes de submeter o artigo resultante da dissertação para que assim possa receber o grau de mestre pelas autoridades cabíveis, precisamos falar para o Bento parar de olhar os campos de arroz pela janela e se concentrar em seus afazeres – tal como quem cultivou aquela imensa terra teve de abandonar a sombra da frondosa árvore. Ele só havia conseguido escrever essa introdução até agora. De fato, para cultivar todo aquele vasto campo foram meses de árdua labuta, além das incertezas com relação ao clima, aos insumos, aos empréstimos contraídos a altos custos no Bradesco, a mão toda marcada da inchada.

E, de certa forma, o cerzir das linhas de uma dissertação assemelha-se à rotina rural, que Bento espia através da janela: o que enxergamos representa uma pequena parte do esforço dispendido, como aquilo que não entra no texto, que não é considerado digno de estar presente em uma banca de defesa, as reservas de livros,

as madrugadas à dentro – só que enquanto o estudante vai dormir, o agricultor está levantando. Aliás, o café deveria ser um dos agradecimentos principais nas folhas não contadas do trabalho final. Mas além de tudo, na maioria das vezes, o que se observa é uma grande relação de amor nesse trabalhar, com a terra, com as sementes, com os autores, com o suor.

Ali, espremido em seu assento, atordoado pelo calor – ainda que no ônibus haja ar condicionado – e principalmente pelas páginas em branco de seu computador que insistiam em lembrá-lo que a problemática precisava ser enviada à orientação, Bento estava envolto em promessas que o definem, ou ao menos circunscrevem um “Eu” que os demais podem reconhecer como “Seu”: promessa de regresso à amada, promessa de retorno às aulas, promessa de jamais torcer para o Pelotas (ele nunca gostou de azul e ouro), muito menos pela abominável dupla Gre-Nal, promessa de entrega de um texto, promessa de ser um dia professor, promessa de jamais esquecer a ética da política, promessa de sobreviver aos próximos dias e anos, promessa de nunca abandonar o seu sangue de pescador, nunca esquecer das durezas do que é crescer na colônia esquecida pelo município. Dívidas, culpas, promessas. Ainda que se tenham passados tantos séculos, nos parece nítida a inferência das ressonâncias dessas tecnologias cristãs de governo no processo de construção dos sujeitos.

As nossas questões partem do Eu, Leitora. Desse ser que fala, escreve, lê, chora, grita, não entende, sente calor, briga com os pais, com o namorado, gasta o tempo livre e o não-livre nos seriados da *Netflix*, ronca (na verdade, o senhor no banco de trás o faz nesse momento), ri, faz protesto, seja fazendo uso da famigerada camisa da CBF, seja através do *Facebook*, ou até mesmo queimando carros – neste último caso é protesto se o movimento é europeu, porque aqui é arruaça mesmo (o eu, se torna vândalo, espécime que visibiliza a dura barbárie do dia a dia). Mas como, afinal, se convencionou crer na verdade de um Eu que é único e individual, localizada em uma identidade rígida? (essa espécie de “eu mesmo”, que quer-se sempre repetição).

Com isso, retomando a eterna e intolerante briga entre as dicotomias, razão x sensação, interno x externo, esquerda x direita, inteligível x sensível, quanti x quali, opto pela saída de Nietzsche. Este ri disso tudo, no fim do século XIX, dizendo que os homens mataram Deus

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões

²² Cf. Paul Virilio, “Véhiculaire”, em *Nomades et vagabonds*, Paris, 10-18, 1975, p. 43: sobre o surgimento da linearidade e perturbação da percepção pela velocidade.

48

Mil platôs

Figura 2 – (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 48)

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferente-quer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que devém dois, nem mesmo que derivaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria $(n+1)$. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído $(n-1)$. Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações

Figura 1 – (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 43)

para terem a abertura ao mundo moderno, porém nunca souberam lidar com essa destituição, criando novas tábuas da lei. Segundo o pensador alemão, nós necessitamos criar essas ilusões para conseguir lidar com a finitude do ser.

O mais curioso é que se acreditou tanto na força das tábuas da verdade científica que a própria psicologia tenta até hoje entrar no rol das ciências. Tal eterna busca legítima e é a força motriz de muitas das pesquisas, DSM não me deixa mentir, muito embora seja um manual psiquiátrico – não necessariamente se precisa ir beber da crítica à psiquiatria, boa parte da psicologia também está inserida nessa afeição ao método moderno.

Mas se falo da tal ciência do comportamento humano, por que criticar tanto os esquadrinhamentos?

–Yo quiero saber de qué color mira usted las cosas.

–Del mismo que tú – sonrió el director.

–¿Y cómo sabe usted de qué color veo yo las cosas?

Falar da psicologia como ciência dura com Nietzsche é deixar o texto com essa tristeza cinza da mistura do preto e branco com a qual devo escrever, seria grafar o mundo antes dos Ishir terem roubado os deuses³.

Na rodoviária da cidade do doce, antes de embarcar no ônibus e mais uma vez se despedir de sua namorada, Bento mirou-a, dirigindo-lhe um sutil questionamento acerca de sua vontade de ter filhos, que foi acompanhado de uma breve indicação com as sobrancelhas. É que ao lado deles, na fila para guardar a mala, a cena apontada era a seguinte: uma mãe, aparentando exaustão, com uma criança no colo, esforçava-se para convencer os outros dois mais velhos que o *parking* destinado ao embarque e desembarque dos ônibus não era o local mais adequado para se distraírem numa acirrada corrida do pega-pega. Após fitarem as crianças por alguns instantes, os dois deram um sorriso desconcertado, um abraço apertado e Bento se encaminhou ao veículo. Olhando pela janela aquela mãe atabalhoada, o rapaz se lembrou de uma das manhãs de corrida pela orla da Z-3, que aconteciam graças ao

³ Bento faz referência à epigrafe, onde essa tribo rouba as cores que ficavam guardadas com os deuses e as compartilham com o mundo.

empenho de sua avó que, repentinamente, decidiu que deveriam zelar por sua saúde. E assim, disciplinarmente, obrigavam-se aos hábitos mais saudáveis. Mas tudo isso tinha uma explicação.

É que logo que a UBS/Lagoa finalmente foi inaugurada, um ciclo de palestras sobre “Saúde da Comunidade” foi promovido com vistas à instrução do público local – oportunidade esta que a avó de Bento, como líder da comunidade e participante ativa das atividades locais, não deixara de participar. Assim, após acompanhar incrédula uma palestra que lhe escancarou o índice progressivo dos casos de infarto em pacientes com obesidade, Bento deparou-se com uma avó engajada em dar início a um novo estilo de vida. Ainda mais porque naquela semana o padre da diocese também havia sofrido daquele mau, inclusive cancelando a missa dominical! Dessa forma, começou uma rígida campanha em sua casa, obrigando até mesmo a nossa personagem a entrar na onda *fitness*, com direito à corrida pela praia.

Com isso, aproveitando o período de férias, Bento optou por fazer corridas matinais no trajeto que ia do trapiche da Z-3 em direção ao Barro Duro, iniciando o percurso logo após o café da manhã com seus avós. Inclusive, de tão empolgada com a nova rotina da família, Dona Maria José improvisou um apito para acordar os dois homens de sua vida – com a cafeína já fervilhando em seu organismo, o rapaz nem tentava reclamar. Após a primeira semana brigando com a cama e com as câibras em sua panturrilha, a nova vida pró bem-estar foi sendo incorporada. O ânimo adquirido dado a endorfina era tanto que nossa querida personagem começou até mesmo a conseguir correr de ponta a ponta no trajeto de ida. A volta, no entanto, era destinada a um calmo passeio caminhando – não é de uma hora para outra que se troca as horas de leitura por alguns exercícios e tu te tornas atleta, Leitor.

A vista da Lagoa era estonteante, outro ponto favorável a rápida adesão à atividade pelo jovem. Afinal, não seria o site que a sua avó lhe indicara para que acessasse “no celular que nunca tira do rosto”, com alarmantes índices de infarto, que o faria desejar pular da cama com o raiar do sol para se exercitar. Bento aproveitava para sair bem cedo de casa justamente para remediar o calor e desfrutar das contínuas brisas que tocavam seu rosto enquanto trotava por aquele terreno arenoso. Sempre quando chegava de volta, perto da entrada da colônia, interrompia a caminhada e fazia a sua parava no quiosque do camping para pegar uma água de coco. Se despedia do seu Jorge, atravessava a rua e sentava na praia para poder descansar, tirar os grãos de areia que invadiam o seu tênis e tomar um pouco de sol

– sua avó aprendeu que fazia bem para a vitamina D. Ali ficava observando as crianças brincando entre as pequenas ondas, outras fazendo castelinhos com seus pais, jogando futebol. Era um clima de paz, pensava consigo.

Em uma dessas manhãs, com o coco já vazio nas mãos, ficou atento a atividade de uma mãe com sua pequena filha. Ambas estavam sentadas na areia logo a sua frente. A mãe tentava ler para ela um livro infantil em pop-up, daqueles que quando se pula de uma página para a outra, saltam ilustrações em 3D. A menina ficava maravilhada com o movimento, mas logo retornava para a construção de seu castelo. Isso se prolongou por alguns minutos, até que se ouviu um grito de “cuidado” e uma bola de vôlei destruiu a construção da guriuzinha. A mãe da menina levou um susto, deu uma grande bronca no seu filho mais velho e disse sorrindo para sua menina:

- Que droga, o que fizemos para merecer isso, meu Deus? Pode deixar que da próxima vez vou colocó o Vitor de castigo!

A pequena se deliciou com toda a situação, jogando areia para cima com a pazinha e gargalhando demoradamente. Assim que parou de rir, prontamente se concentrou em juntar mais areia à reconstrução de seu castelo. Bento ficou paralisado por alguns instantes com aquela cena na cabeça. Naquele momento, com um sorriso surpreso de canto de boca, pensou ter finalmente entendido o que era o devir criança que havia lido nas metamorfoses de Zaratustra.

Como o sol já estava começando a castigar, levantou, bateu a mão em seu calção de corrida e tomou o rumo de casa. Naquela manhã, antes de ter saído, seu avô havia o solicitado à alguns reparos que precisavam ser feitos no motor do barco – Bento nunca quis estudar mecânica, o que seria bastante útil para a região, a convocação se dera pela necessidade de força bruta para a execução da tarefa. E assim, como que voltando a si de sobressalto, percebeu que as férias tinham acabado há algum tempo. E ali, seu notebook, de maneira pouco amistosa lhe encarava de volta, reafirmando tal sentença.

Se nós do ocidente podemos dizer que em certo grau temos ali um estômago católico, Leitores, Bento em seu próprio nome carrega tal iconografia. A culpa é umas das estacas que mais vem sendo cravadas em seu peito ultimamente. Como podem perceber, ele segue com a procrastinação do texto que deveria ter sido enviado previamente para a orientação. No entanto, o que realmente tem ocupado

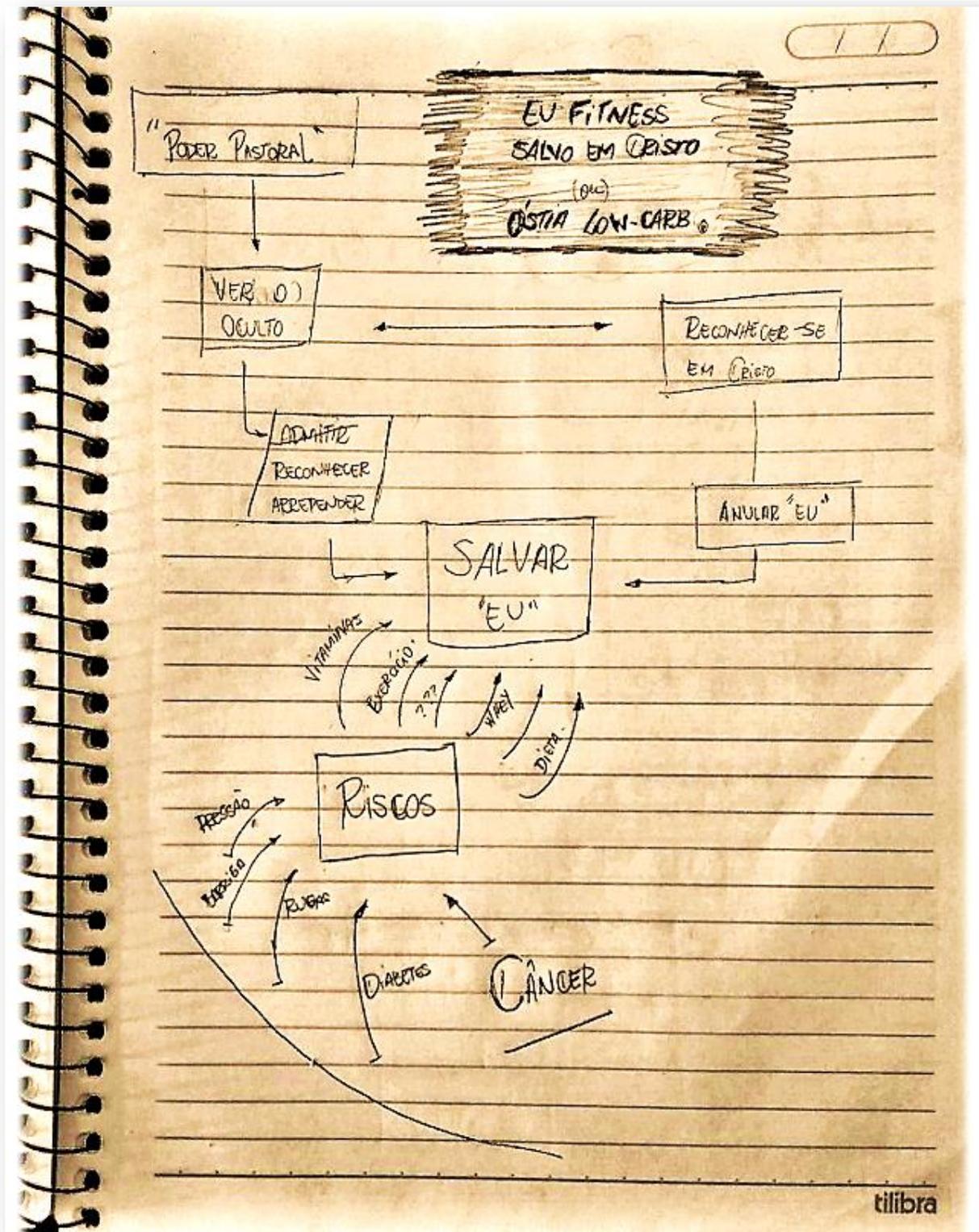


Figura 3 – Óstia Low-Carb

as suas vísceras cristãs é a penosa sensação de ter deixado o avô sozinho nesse momento tão complicado de suas vidas. Como todo bom filho da criação católica a promessa de não dar as costas para os pescadores de sua comunidade é quase uma tatuagem na região das costelas, escrita a suor e sangue – honrar pai e mãe, tal qual as tábuas da lei de Moisés. Poderíamos dizer sem sombra de dúvidas, é a memória do ressentimento, marcada a fogo. Ainda mais para quem está a longa data, em processo de rompimento com as escrituras.

A produção de uma verdade interiorizada na relação padre-fiel, pastor-ovelha por meio das práticas confessionais são marcas das tecnologias de si que insistem desde a baixa idade média. Se perguntado, Bento facilmente traz de sua memória o terror que o acometeu durante as semanas que antecederam a tão esperada primeira comunhão (um dos primeiros contatos diretos que os infantes têm com os ritos do poder pastoral). Depois de ter feito três anos de catequese, chegara a hora de comungar – naquela época, a igreja ainda estava em reforma. Dona Maria José estava toda atrapalhada com a gurizada, vez que foi por muitos anos a catequista da comunidade, e por tal razão precisava organizar todas aquelas crianças, além de responsabilizar-se pelo preparo das lembrancinhas para cada uma delas.

Antes da cerimônia, no fim de semana anterior, as crianças tiveram um encontro com o padre que vinha lá da cidade para que se confessassem pela primeira vez, daí todo o trauma de nosso rapaz. E mais, duas semanas antes da missa em que as ovelhinhas realizariam o tão esperado sacramento, a comunidade preparou um retiro que durava todo o fim de semana. Lá, em meio a gincanas e orações, a dona Maria José deixava bem claro para todos o que ocorreria nos próximos dois finais de semana: confissão e eucaristia. Com todo o cuidado tentava amenizar a ansiedade dos pequenos, principalmente quanto à confissão, a mais temida. Por várias vezes reiterou que se tratava de um rito de passagem, uma conversa com o padre, mas que na verdade ele estaria emprestando o seu ouvido para que pudessem conversar diretamente com Deus – tentando criar um clima de despreocupação, dizia que poderiam falar o que quisessem para o padre, visto que tudo o que fosse tratado ali ocorreria em segredo, contudo, sempre deixando bastante explícito a importância do ato. Bento, que estava começando a entrar na adolescência, não entendeu que se tratava de uma metáfora e passou toda aquela semana com problemas para conseguir dormir. Hoje, ele conta essa história rindo – naquela tenra idade nem havia dado tempo para ter feito tanta coisa errada – mas

→ bom * mau
→ inimigo
→

... não podia desculpar, simplesmente porque — esquecia). Um homem tal sacode de si, com *um* movimento, muitos vermes que em outros se enterrariam; apenas neste caso é possível, se for possível em absoluto, o autêntico “amor aos inimigos”.¹² Quanta reverência aos inimigos não tem um homem nobre! — e tal reverência é já uma ponte para o amor... Ele reclama para si seu inimigo como uma distinção, ele não suporta inimigo que não aquele no qual nada existe a desprezar, e *muito* a venerar! Em contrapartida, imaginemos “o inimigo” tal como o concebe o homem do ressentimento — e precisamente nisso está seu feito, sua criação: ele concebeu “o inimigo mau”, “o mau”, e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um “bom” — ele mesmo!...

Figura 4 – (NIETZSCHE, 2009, p. 28)

→ CASTIGO / PENITENCIA

... duzir a resultados cuja relação com a verdade é
frágil. Esses genealogistas da moral teriam sequer sonhado, por exemplo, que o grande conceito moral de “culpa” teve origem no conceito muito material de “dívida”?⁴ Ou que o castigo, sendo reparação, desenvolveu-se completamente à margem de qualquer suposição acerca da liberdade ou não-liberdade da vontade? — e isto ao ponto de se requerer primeiramente um alto grau de humanização, para que o animal “homem” comece a fazer aquelas distinções bem mais elementares, como “intencional”, “negligente”, “casual”, “responsável” e seus opostos, e a levá-las em conta na atribuição do castigo. O pensamento agora tão óbvio, aparentemente tão natural e inevitável, que teve de servir de explicação para como surgiu na terra o sentimento de justiça, segundo o qual “o criminoso merece castigo *porque* po-

Figura 5 – (NIETZSCHE, 2009, p. 48)

só de imaginar que poderia falar e receber as penitências diretamente de Deus, aquilo foi demais para o menino. Chegou a ficar com febre em algumas das noites, tanto que sua avó teve que se dividir entre a organização dos presentes da primeira comunhão e os chás caseiros para tentar conter a temperatura do neto.

O texto continuava atravancado, feito os solavancos da viagem – o asfalto não condiz com os altos preços do pedágio, de modo que facilmente se percebe que estamos perto da cidade de São Lourenço.

- Quem mandou deixar para última hora? – você deve estar pensando e reforçando a culpa de nossa personagem, não é mesmo, Leitora? Concordamos, mas há de se reconhecer que o rapaz está a todo momento sendo inundado pelas mais variadas memórias nessa saudosa tarde, obrigado a partilhar da estrada nessa viagem que parece não querer fazer. Além de que, essas interrupções estão lhe ajudando a se aproximar, até mesmo se afeiçoar, das tortuosas curvas de início de mestrado.

Em mais uma das paradas do ônibus em vista das intermináveis obras de duplicação, Bento se percebeu cantarolando versos de uma antiga canção que a sua avó costumeiramente utilizava para embalar seus sonhos quando menino. “Com o nome Paciência... Vai a minha embarcação... Pendulando como o tempo... E tendo igual destinação... Pra quem anda na barçaça... Tudo, tudo passa... Só o tempo não...”.⁴ Este deu um leve sorriso, olhou para o céu e seguiu a canção do Chico até o final.

Essa era uma das músicas, na verdade a predileta, que compunham a trilha sonora das tardes de sextas do trajeto da saída da escola até o ancoradouro da Colônia de pescadores. Dona Maria José voltava cansada, porém feliz, de Pelotas, pegava Bento, com o uniforme todo enlameado, e ambos rumavam cantando alegremente a música no que hoje é conhecido por Divinéia. Ali no ancoradouro, ansiosos, esperavam por mais uma chegada dos barcos que traziam o sustento das famílias e o abraço caloroso que findava outra longa jornada de pesca do seu avô Joaquim.

A canção era tão presente na vida da família que a própria embarcação do velho Joaquim foi batizada com o nome Paciência. Poucos dos pescadores sabiam o real motivo, acreditavam ser o mantra do estourado avô, para que conseguisse se

⁴ Xote da Navegação, música de Chico Buarque.

manter um pouco mais calmo. No entanto, era apenas mais um toque da doce dona Maria José na árdua vida de companheirismo do casal. Bento tem vivo em sua memória aquele sábado chuvoso, se arriscaram um bocado para rebatizar o nome do barco. Fez uma forte pancada pela manhã, contudo na lagoa o tempo vira com frequência e incrível rapidez. Após o sempre delicioso ensopado do almoço, as trovoadas deram lugar a uma fria e ensolarada tarde de inverno. Dessa forma, com o marido cochilando, hábito comum nos finais de semana, especialmente aos sábados, ela tomou algumas latas de tinta que haviam sobrado de seu atelier em uma de suas mãos e a pequena mão de Bento na outra para irem “fazer arte” – quando o seu Joaquim percebeu já era tarde, as mãos azuis de Bento e o silêncio que se fazia presente quando chegaram da rua denunciavam que alguma peça os dois tinham aprontado.

Os versos da canção acompanham Bento de longa data. Na primeira vez que foi mostrar uma nota vermelha para o avô – a cara de decepção foi mais doída que qualquer tombo que Bento sofreu nas ruas de terra da colônia. Nas aulas iniciais dessa nova escola na cidade, quando deixou duas horas a mais de sono, visto que antes de pegar a condução de quase uma hora até o centro de Pelotas, tinha o ritual de acordar já dentro do chuveiro, tomar café da manhã com os avós, para depois se dirigir à parada de ônibus mais próxima – naquela época, se perdesse o coletivo, o próximo era só depois de duas horas. Antes do início do vestibular da UFRGS (qual nossa personagem não obteve sucesso), bem como da prova do mestrado, nos minutos que antecedem cada apresentação de trabalho, tanto em congressos como qualquer trabalho bobo de sala de aula, o sussurro da canção concede um lugar conhecido. E esse ritornelo torna a experiência familiar, tal como no acalanto do ninar de sua avó, funcionando praticamente como uma linha que devem uma territorialidade existencial.

Mais alguns quilômetros e chegaram ao município de Cristal. Após o pedágio, o ônibus fez uma rápida parada. Na verdade, o confortável Embaixador demorou bem mais que os quinze minutos prometidos pelo motorista para voltar a estrada. Bento já estava começando a ficar preocupado, além das partes que faltavam, (terminar a introdução, descrever a metodologia) sequer tinha decidido o campo problemático, não sabia se continuaria com o tema das drogas, se falaria de economia solidária, se mudaria tudo e tentaria discorrer sobre os posts fascistas que pululavam no *Facebook*. Além disso tudo, ainda deixaria a sua orientadora o esperando. Ele bem sabe que o ônibus do meio dia faz essa pausa, porém, a passagem é quase dez reais mais barata

e, como bom estudante, pagar menos é sempre digno de felicidade – ainda que, de qualquer forma, seja bastante cara. No entanto, a retomada das obras da duplicação do trecho é que realmente tem feito diferença no tempo de trajeto.

Como havia almoçado com a sua namorada, Bento não desceu do ônibus e aproveitou para escrever mais um pouco. Ao perceber que o senhor que o acompanhava na poltrona ao lado estava retornando, rapidamente, sem acionar nenhuma música, colocou seu headphone nos ouvidos – ele não queria ser rude, mas naquele momento formulou risonhamente em sua cabeça a desculpa de que não havia tempo para ser desperdiçado. Desse modo, quando o ônibus voltou a rodar, ficou pensando:

- Será que a senhora percebeu? Se ela percebeu não tenho muito o que fazer, não posso adiar ainda mais o trabalho. Que droga, não deveria ter saído com as amigas da Catarina na última sexta, sábado morri com a ressaca e domingo tinha que ficar com meu velho, não dá mais para ele ficar consertando as redes sozinho. Me desculpa, mas terei de continuar sendo rude contigo...

Para conseguir tirar essa dúvida da cabeça, ao invés de simplesmente trocar meia dúzia de palavras com a companheira de viagem, perdido e angustiado com a falta de continuidade na escrita, optou pelo mais fácil, pegou o celular do bolso e colocou sua playlist no modo aleatório.

Charlie Brown, Chico, Engenheiros, Criolo, Maria Gadú, Jorge e Mateus – isso que ele não poderia se distrair. Para defender o ecletismo de nossa personagem, Leitora, quem inseriu as músicas no celular dele foi a Catarina, antes de conhecê-la ele só gostava dos clássicos da MPB e das gauchescas. Até que chegou uma faixa que ele pegou via *bluetooth* com seu colega de mestrado. Era da antiga banda dele, Misselânia K.⁵. Tocava assim: “Dobrei um canto, dobrei um lado/ Dobro a esquina pra ir ao supermercado/ Dobro toalha, dobro coberta/ Por mais que arrume ela nunca fica reta/ Dobro pra dentro, dobro pra fora/ E quando bebo começo a ver dobrado [...] Tudo é dobra, tudo se dobra/ Tudo em dobro pra ficar bem misturado/ Se tudo é dobra, eu não entendo/ Porque insistem em fazer um mundo reto”.

⁵ Música “A Dobra” dessa banda de Porto Alegre.

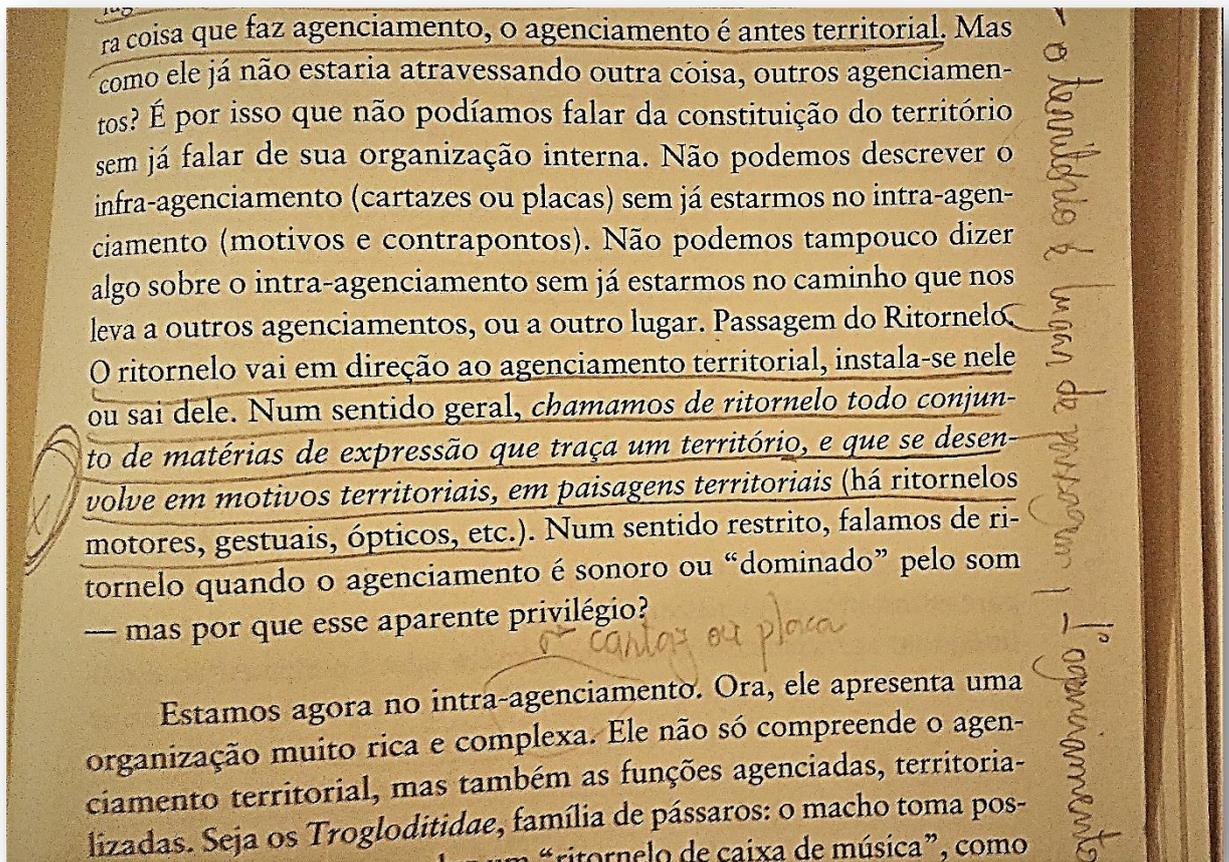


Figura 7 – (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 139)

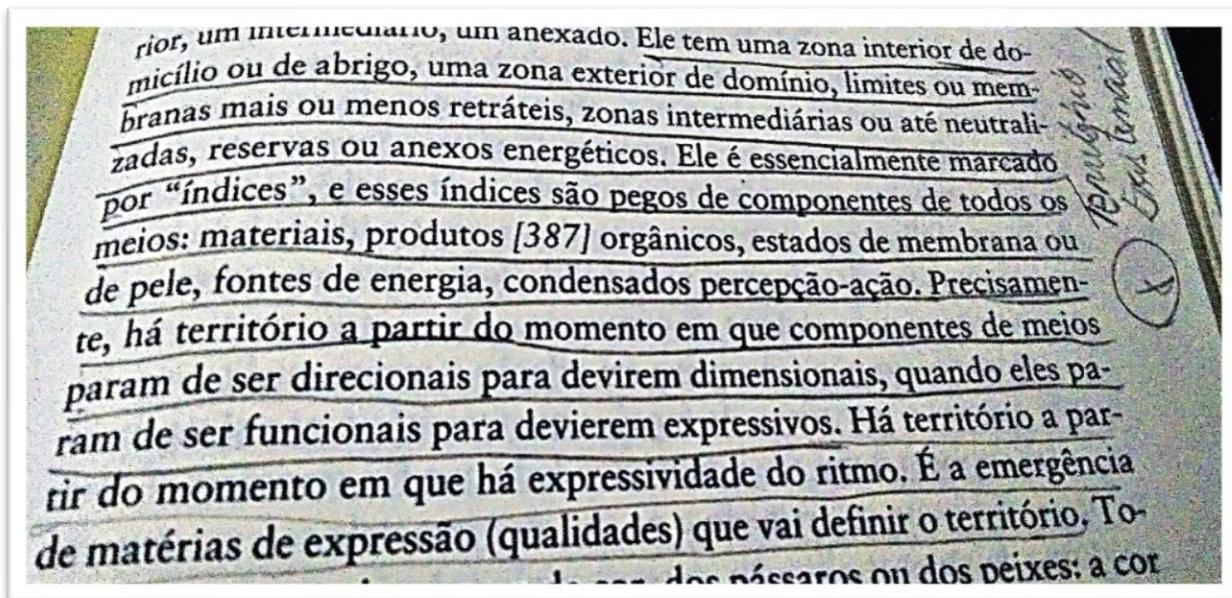


Figura 6 – (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 127)

O som estava bastante elevado, de modo que nessa faixa a menina que estava no banco da sua frente foi obrigada a se virar para trás – Bento, sem se dar conta, estava a acompanhando em voz alta. Com um rosto não muito amistoso, perguntou ao Bento se ele poderia dar uma abaixada, pois ela não estava conseguindo se concentrar em seu livro. Bento ficou vermelho e prontamente atendeu ao pedido, até guardou seu fone na mochila. Mais uma vez essa cena o envolveu em memórias. Lembrou da bronca que levou dos avós ao chegar em casa com um bilhete da professora do colégio, solicitando o comparecimento de um deles lá na cidade para reaver o aparelho de MP3 do guri.

Bento sempre adorou poder escolher músicas para tocar. Nos finais de semana em que seu avô não estava trabalhando com a venda do pescado era uma festa. O velho amigo, como gosta de se referir ao seu avô, antes mesmo de se casar com a Dona Maria José, tinha por hábito ir na cidade trocar e comprar discos de vinil para a sua coleção. Assim, quando acertava o pagamento com o salgueiro, nossa personagem menino, rumava ao lado do avô pelas vielas de chão batido até a parada de ônibus – quando chovia era um barro só, elas ficavam cheias de poças, Bento adorava segurar firme nas mãos de seu avô para saltá-las. Essa parada era a única da Z-3, já que a organização dos moradores não permitia que os ônibus entrassem, para que as ruas não ficassem ainda mais esburacadas. Desse modo, como de costume, naquela época o ônibus nunca chegava no horário previsto, Bento ficava maravilhado com as histórias de luta contra peixes enormes que quase viravam o barco que seu avô tinha na ponta da língua para essa espera e o longo trajeto. Aos sábados, após o demorado cochilo pós-almoço, seguiam até o centro de Pelotas, compravam os discos e rapidamente tomavam o rumo da colônia ao encontro da dona Maria José. Esta já havia preparado o caldo do Bento e os seus famosos bolinhos de peixe para a festa do pôr do sol, além de ter convidado todos os vizinhos para esse costumeiro baile gaudério que ocorria na frente da casa deles. Fora seu Joaquim quem deu o pequeno aparelho de MP3 para Bento, a contragosto da avó, pois com toda razão, dizia que o mesmo iria atrapalhá-lo nos estudos.

Ao abrir a mochila para guardar o fone, viu que tinha um pacote embrulhado para presente. Era um livro de poemas. Logo que leu o sumário seus olhos marejaram. Ele lembrava dos títulos. Pertenciam a uma coletânea manuscrita, esquecidos em uma gaveta da antiga penteadeira do quarto de seus avós. A namorada de Bento ao

os descobrir, prontamente transcreveu os versos escritos à mão pela dona Maria José e mandou imprimir, pois essa memória nem o Alzheimer poderia apagar. Ali, Bento leu para si o primeiro deles, “Meio Panfleto do Futuro” – na verdade foi o último que sua avó escreveu, no fundo, ela sabia que já estava estranha:

Um meio do caminho

Uma meia estação

Um meio de mim mesma

Assim, sai outra embarcação

Uma meia culpa

Numa meia vida

Um par de meia esquecida

No meio da roupa da partida

Um meio amor

Uma meia dor

Uma meia chegada

Umas meias xícaras de café

Um meio mate

Com uma meia dúzia de conversa

Uma meia UBS

Uma comunidade no meio do nada

Metade areia e outra solidão

Meia rede pescada

O salgueiro⁶ meio bravo

⁶ Antes da invenção e popularização dos sistemas de refrigeração, para se conservar os produtos de origem animal, o sal era indispensável. Tal como o charque, o pescado era vendido e armazenado em galpões para a posterior salga. Os compradores dessa grande quantidade de peixe até hoje são conhecidos por salgueiros. Eles continuam com a prática de fornecer os mantimentos básicos para que os pescadores possam ir para dentro d’água, e em contrapartida o trabalhador se compromete em vender diretamente para ele, uma espécie de “patrão”, que compra o peixe a baixo custo e depois revende.

A meia dívida só aumenta

*Estamos meio sem peixe
Meio sem esperança
Meio sem asfalto
Em meio aos goles de cachaça*

*Meio pacote de gelo
Uma metade de almoço
Alguns galões de Diesel
Meia hora a balançar*

*Meia Divinéia está parada
Meia bagunça lá em casa
Meu filho foi pra aula
Mãe e meia limpa e passa
A complementar o meio defeso*

*Meio de sobrevida
Uma jovem senhora meio atrevida
Meio disco no fim do dia
Meio sorriso do marido*

*Meia vida?
Estou quase meio que pra lá!
Mas se me perguntar
Meia resposta basta: Mais uma vez*

A namorada de Bento havia feito essa surpresa como uma tentativa de resolução de conflitos. A decisão da mudança para Porto Alegre havia sido um grande baque na relação dos dois. Catarina não era nada favorável a um namoro a distância, mesmo deixando claro que iria apoiar ao máximo o que Bento decidisse. Assim, os três últimos meses se tornaram um grande campo minado para os dois, precisavam aprender a se relacionar com essa nova configuração. No entanto, tempestades e

mais tempestades. Começaram a brigar por qualquer bobagem, uma mensagem que demorasse a ser respondida se tornava um transtorno. Bento se tornou insuportavelmente obsessivo com os horários de Catarina que obviamente estava detestando as seguidas cobranças de seu companheiro. Qualquer mínima mudança de planos da garota precisava ser informada para não gerar estresse.

- Mas e as páginas, escritores? Bento continua em branco? Vocês devaneiam demais nessas páginas ...

- Verdade, quase esquecemos delas, Leitor. Vejam só, Bento está tentando falar sobre feminismo e ciência.

Sob a égide da busca pela verdade purificada e irrefutável, são apagados todos os caminhos contingenciais que a construíram. Indo mais a fundo com a crítica, utilizo de um escrito feminista para problematizar tal questão. Para Haraway (2005) é muito simplista a afirmação de que o conhecimento não é neutro, tal crítica é facilmente capturada. Dessa forma, ela diz que os estudos feministas rompem com essa crítica pela crítica, propondo o seu conceito de saber localizado. Todo saber é concebido a partir de uma visão – geralmente branca, europeia e masculina – e essa visão parte de um ponto de vista, ela não é transcendental, como quer o poder implícito no discurso de neutralidade. Indo mais além, o saber é corporificado, por isso ela traz a questão dos diferentes e singulares olhares de quem faz a pesquisa, de modo a fazer um elogio aos estudos feministas, pois são revolucionários, já que para serem apenas reconhecidos já se estabelecem em um campo de batalha, ainda mais se for pensado nos dias atuais da produção pela produção.

Bento entrou em contato com os escritos feministas a partir das gurias de seu coletivo estudantil organizado. Sempre que pode, ele julga ser interessante fazer menção a tais textos, não apenas por sua excelência, mas pelo esquecimento das autoras nesse universo majoritariamente masculino da academia – só está esquecendo de colocar em prática o que lê e escreve quando se refere ao seu comportamento em relação a Catarina. Ele chegou a essa conclusão quando participou da organização de uma Semana Acadêmica de seu curso. Nesse episódio, as meninas do coletivo que compunham a chapa do diretório organizaram um

ato/protesto no prédio da faculdade. Elas colaram um papel pardo no mural do colegiado, bem em cima dos avisos, solicitando que as pessoas que passassem pelo corredor escrevessem nomes de autores. A folha estava dividida ao meio, o lado esquerdo destinado às mulheres e no oposto aos autores masculinos. Ao fim do dia, vocês devem imaginar como estava aquele quadro, à esquerda pouquíssimos nomes foram escritos.

Esse artigo, “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” de Donna Haraway, é de suma relevância para nos colocarmos em questão enquanto acadêmicos. A tese central é a de que apenas dizer que a ciência é sim enviesada e não neutra não serve em nada para as feministas. Para ela é justamente a marginalidade do pensamento feminista que se configura em um privilégio para o seu campo de estudos e, por conseguinte, à crítica. Haraway (2005) sustenta que a ciência se pretende transcendente, tal como um Deus que vê tudo de cima. O texto é deliciosamente irônico já desde o seu título, ao colocar a condição feminina como um privilégio. Essa visão de cima é devida justamente a soberba masculina/branca que acredita que a ciência possa ser isenta e irrefutável. Assim, passa a brincar com a metáfora da visão. Para ela, toda a forma de olhar é da ordem de uma experiência singular – não precisa ser só o olhar humano, ela cita que as tecnologias também produzem formas de olhar, câmeras, lentes de contato inteligentes, etc. Partindo dessa concepção, a ciência não está apartada da imanência como querem os cientistas, de maneira que todo saber é localizado e perspectivado.

Levando a fundo essa provocação quanto aos sistemas de visão, ela nos provoca: “Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?” (HARAWAY, 2005, p. 25). Somente com essa pergunta já poderíamos bendizer as deusas – como ela começa o texto – por essa instigante inquietação metodológica. Nesse sentido é que ela cita a potência das pesquisas feministas, pois o seu olhar vem de baixo, de modo que essa condição de subjugação as concede o poder de crítica e de posição diferenciada frente a hierarquia do saber hegemônico. Portanto, afirma que todo saber é parcial (questão da perspectiva), pois contingente daquele olhar que o construiu. Olhar no sentido de fomento da pesquisa, em que localidade

histórica e para que se foi convocado tal estudo. Na última frase do texto, fala que talvez os estudos feministas possam brincar de trickster⁷ no mundo da ciência, promovendo uma rupturas e hibridismos na transcendência científica.

Agrupar:

Bartleby: “I would prefer not to” + Dobra? + Saberes Localizados

Deleuze (2010) apud Santos (?) afirma que foi justamente a dobra que sempre perseguiu e esteve presente nas obras foucaultiana, “o tema de um dentro que seria apenas a prega do fora, como se o navio fosse uma dobra do mar” (p. 104). Esse tema, da dobragem, no entanto, emerge de modo mais latente quando Foucault passa a tratar do governo de Si com os gregos. Nessa perspectiva, o autor propõe que nessa reviravolta Foucault introduz o governar a si mesmo ateniense nas marcas da interação saber/poder. Assim, Deleuze (2010) apud Santos (?) propõe as quatro dobras que marcam as relações do Si consigo na Grécia, são elas: a dobra corporal; a dobra do poder, das forças para com esse corpo; a dobra do saber, ou do processo para se chegar ao verdadeiro; e a dobra do lado de fora, como as condições de possibilidade. Porém, há uma ressalva que está no texto em forma de questão: “Quais são as nossas quatro dobras?”. Aqui, é uma pergunta de fundamental relevância. As dobras, os processos de subjetivação são históricos, o que significa dizer que a relação de forças (poder), as técnicas de verdade (saber) estão sempre em processo de atualização e interação com o nosso corpo. E mais do que isso, o autor nos provoca a ficarmos sempre atentos para perceber essas linhas que nos atravessam. Sendo dessa interação a matéria prima para a composição do nosso corpo, da nossa dobra.

Finalizar agrupando com a questão Haraway. Algo assim:

O processo de dobragem é necessariamente contingencial, é composto a partir do que a dada localidade oferta.

⁷ Deus, deusa que embaralha os códigos, o(a) pregador(a) de peças na mitologia.

O corpo de Bento é dobrado com a comunidade ribeirinha em que cresceu. Quando ingressou na faculdade pelas cotas sociais, novas zonas contingenciais se abriram – vale ressaltar que o rapaz é exceção à regra –, agora outras dobras são possíveis em Porto Alegre. É por isso que é tão radical a crítica à ciência no saber perspectivado e localizado que Haraway propõe. Mas esse é apenas outro parêntese, voltamos a narrativa.

Logo após ter terminado a última marcação em amarelo, o ônibus parou novamente. Quando Bento percebeu, já se passavam quase dez minutos que o veículo estava estagnado, era uma repavimentação perto da pequena Tapes. A senhora que viajava na poltrona ao lado, enfadada com a demora se interessou pela escrita de nossa personagem. Ao perceber que este tinha levantado a cabeça da tela, viu uma boa oportunidade para puxar conversa.

Bento, ainda mais ansioso com essa parada, contou à curiosa senhora que havia se mudado para a Capital para fazer um curso e que por isso estava sendo pouco educado durante a viagem. A senhora grisalha deu um sorriso, tocou levemente no ombro do rapaz e afirmou:

- Eu entendo meu filho, sabe porque essa passagem ficou tão cara? É que a empresa vende junto ao bilhete, tempo.

O jovem mestrando ficou por alguns segundos se perguntando, “tempo?”. O *wi-fi* apenas um adesivo na carroceria para indicar que a empresa pode prestar um serviço 5 estrelas, afinal, não funciona. O 3G da Tim nem precisamos ter o trabalho de comentar. O ônibus é um local com uma temporalidade completamente distinta, a internet perde a sua capacidade de sugar toda a nossa atenção. Ali, *WhatsApp*, *Facebook*, *Youtube*, os mais diversos *apps* dão lugar a outros ritmos à constituição de nós mesmos.

Dessa maneira, ao se pegar desconcertado com a resposta, Bento estranhamente enamorado com o que dissera a senhora, decidiu conversar um pouco mais com aquela mulher. Assim, seguiram por algum tempo debatendo trivialmente sobre a vida e a política, quando interrompidos pelo trabalhador da pista que liberou a passagem. Ao se perceber atrasado com a volta do movimento, o jovem estudante polidamente pediu licença e voltou para o computador.

Bento é licenciado em Ciências Sociais, se formou há cerca de um ano. Nesse período de “folga”, até que houvesse a seleção para o mestrado, seu território existencial foi quase desfeito algumas vezes. Ao passar na prova se viu obrigado a ter

que decidir: cursar e se afastar da família, ou deixar um pouco de lado suas ambições, não ir para a capital e arranjar algum bico em Pelotas para se manter perto do avô e de Catarina. Isso não se deu sem dor.

Quando estava para apresentar o seu trabalho de conclusão recebeu a notícia que mais lhe machucou em toda a sua curta história. Fora um misto de alívio e impotência que o assombrou por algumas semanas, o falecimento de sua avó. Na verdade, Bento perdeu os pais muito cedo em um acidente na Lagoa. Eles haviam saído para passear de barco e nunca mais voltaram. De família de pescadores, ficou para ser criado pelos avós paternos: a poetiza e doce, avó Maria José e seu avô Joaquim, o durão, das mãos ásperas de tanto puxar rede.

Alívio, pois, há anos dona Maria José não conseguia mais escrever, no final da vida tampouco era capaz reconhecer os rostos de sua família: fora acometida pelo mal de Alzheimer. Naquele momento, Bento não sabia suprir a ausência da avó diante do sofrimento do avô, cuja vida compartilhou com ela por mais de 40 anos – Bento namorava há pouco mais de três e já sentia o quão horrível é ficar longe da amada, mesmo que separados por essas quatro horas de estrada. Ele se fez de forte. Perto de seu avô tentava ser um suporte afetivo, mas com sua namorada e com os amigos, em especial o Jesu, chorava copiosamente, era como se a poesia tivesse sido arrancada de uma vez da sua vida.

O TCC que Bento apresentou foi o que o levou para Porto Alegre. Ele versou acerca das políticas públicas para o combate à drogadição. No entanto, para ele ficou nítido que apenas as explicações dos autores de seu curso não davam conta de pensar as questões que o perseguiam, principalmente no que diz respeito a querer entender melhor o comportamento das pessoas. Dessa feita, acreditava que a psicologia poderia ajudá-lo, de modo que seguiu o conselho de seu professor orientador da graduação a procurar pela pós em psicologia social – assim como resistiu por bastante tempo em procurar ajuda psicológica quando trocou de cidade, mas a sua namorada o convenceu, foi quase como que “ou faz terapia ou não tem mais namoro”.

A escrita do trabalho final se deu a partir das experiências enquanto estagiário do curso. Pelotas é uma cidade pequena que não oferece muitos locais para se realizar estágio, afinal a antiga cidade aristocrata se tornou uma decadente cidade animada apenas pelo setor universitário exportador de profissionais, já que são escassos os postos de trabalho no município. Desse modo, ele, muito custosamente,

conseguiu uma vaga de estágio em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que atendia a demanda de álcool e outras drogas.

Essa experiência foi extremamente rica. Bento tinha um grande desejo - quase uma necessidade - em trabalhar essas questões. Principalmente porque a comunidade em que nasceu e passou boa parte da sua vida, a Colônia de Pescadores Z-3, fora tão esquecida pelas gestões municipais. Daí, em ausentes políticas públicas preventivas nesse sentido, o alcoolismo e a prostituição eram cenas rotineiras, e que de cerca forma concorreram à sua formação enquanto cidadão. Mas voltando ao estágio no CAPS, os laços que ali se criaram lhe foram muito caros, inclusive, foi naquele contexto que teve a oportunidade de conhecer Jesu, com quem criou um grande laço de amizade – Jesu, mais tarde, foi morar na colônia com Bento, e trabalhou quase um ano dentro da lagoa, pescando com o avô Joaquim.

Nesse período, também, entre o término do curso e o ingresso no mestrado, além do falecimento de sua doce avó, ainda ocorreram diversos enfrentamentos com a brigada militar. Bento é militante estudantil. Desde que entrou na graduação, antes mesmo de ter contado com o “O Capital” ou com o “Manifesto Comunista”, nossa personagem acreditava que os enfrentamentos da vida só teriam alguma perspectiva de sucesso se fossem em comunidade. Por exemplo, o primeiro posto de saúde da Colônia só chegou depois de uma ocupação da Câmara de Vereadores feita pelo movimento de mães da lagoa junto com as professoras e seus pequenos alunos da única escola de ensino básico do local. O famoso artesanato ribeirinho só vingou quando as artesãs conseguiram se organizar enquanto associação – a avó de Bento sempre se orgulhava de ter sido a primeira mulher presidenta da Colônia. A limpeza pública não existia, e talvez por questão de sobrevivência, a Z-3 ainda guarda os hábitos de mutirão. Agora, porém, também com a finalidade de construção de obras comuns, como ocorreu com a sede do Sindicato, no movimento de reforma do Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, com suas festas colaborativas para angariar fundos. Enfim, essas e mais inúmeras vivências promoviam a chama coletivista do rapaz.

Dessa forma, ainda calouro na faculdade concorreu na chapa de oposição de esquerda na eleição para o Centro Acadêmico Florestam Fernandes em sua faculdade. O que, embora tenha perdido o pleito, serviu lhe como estímulo para continuar fazendo oposição aos vencedores, pautando como prioridade na luta à manutenção do nome do diretório, carregado de significação. Além da eleição local,

ainda naquele semestre (2012/2) ocorreram eleições para o Diretório Central de Estudantes (DCE) e a convocação de uma greve nacional pela educação pública. Nesse período, ele se revezou entre as cansativas reuniões da greve, as saídas de barco para ajudar seu avô no sustento da casa e o cuidado com a sua avó que já estava com a doença em estágio avançado.

No ano seguinte, ao término do período grevista, chegaram todos os trabalhos finais do semestre atrasado, acompanhados de muitas garrafas de café e pesquisas que viravam com o anoitecer. Aliás, algumas delas eram destinadas às reuniões de seu coletivo. Como a maioria era composta de estudantes de humanas, podemos imaginar o tamanho de sua duração. Intermináveis inscrições, café e cigarro madrugada a dentro – dona Maria José não suportava o cheiro das camisas de Bento quando este voltava de uma noite sem ter dormido em casa. Como o curso era noturno, marcavam os encontros para depois da aula. Nos dias de reunião Bento levava sempre um saco de dormir na mochila, pois sabia que não teria condução para voltar para a Lagoa, o que o concedia também um pouco de respiro, já que o afastava do fantasma do Alzheimer.

Na eleição seguinte, finalmente conseguiram a gestão da representação estudantil e viram as responsabilidades crescerem assim como o número de integrantes dos “Vagalumes” – o nome do coletivo variou algumas vezes, porém na última assembleia decidiram que até o fim do ano não iriam mais trocar, optando pela homenagem ao pequeno livro do Didi-Huberman⁸. Fortalecidos desde a greve e da eleição para o DCE, em que compunham a chapa vencedora, decidiram expandir o movimento para outros cursos. De maneira que, em uma passagem em sala de aula para angariar votos, no curso de medicina veterinária, conheceu Catarina, sua namorada desde então.

No começo foram universos completamente distintos, ele de uma pequena Colônia de Pescadores, no campus das humanidades e Catarina de Interlagos da capital paulista, no afastado campus das ciências agrárias. Com a adesão ao Sisu no ano de 2011, a UFPel praticamente dobrou sua oferta de vagas em pouco tempo. Contudo, estas foram preenchidas por estudantes de diversos locais do país, não apenas do interior do estado, como previa o projeto. Assim, como um grande presente

⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

do caos do acaso, agora que Bento reside em Porto Alegre, ambos se dividem nas viagens entre Pelotas e a capital gaúcha. Devido ao namoro, Catarina participava de algumas ações do coletivo, principalmente dos cursos de formação que ocorriam em alguns finais de semana. Já as reuniões exaustivas ficavam só para o Bento.

Catarina estava junto aos Vagalumes no maior protesto de Porto Alegre contra o *impeachment*, no meio de 2016. A decisão pela ampliação do coletivo os levou para a capital, com o intuito de divulgar os ideais políticos do movimento. A manifestação saiu pacificamente da Esquina Democrática às 19 horas. Passou em frente ao Mercado Público, seguiu pela Castilhos e subiu lentamente a Rua da Conceição. Ao chegarem ao túnel, a iluminação pública já havia sido acionada. Como era inverno, o sol se punha mais cedo. Ali, receberam a notícia da equipe de segurança do protesto de que era para se prepararem, pois o Batalhão de Choque da Brigada os esperava em frente à Redenção pela João Pessoa.

Muitos deixaram a caminhada já na Faculdade de Arquitetura da UFRGS com receio das ações do policiamento. Quando viu a cena, Bento perguntou à Catarina se ela queria seguir e ela prontamente afirmou o passo – na verdade, era Bento quem estava com muito mais receio que a sua namorada. Ao chegarem próximo à Avenida Loureiro da Silva, puderam observar que em cima do viaduto da João Pessoa havia uma formação. Olhando no horizonte, avistaram um cordão de isolamento, mais ou menos na altura da Venâncio Aires e logo mais à frente outra formação do choque, a fim de proteger a sede do PMDB, localizada entre as ruas Lopo e Venâncio.

Naquele momento, apenas os mais radicais seguiam em frente. Quando passavam em frente à República, a primeira bomba. Após sua explosão, mais duas. Três. Tudo ficou branco, em meio a um zumbido ensurdecedor que atava os ouvidos de quem estava por perto. Não havia como respirar. Os olhos estavam pegando fogo. Mais explosões. No meio disso tudo ainda escutaram a ordem para que o pelotão do choque que estava no viaduto avançasse, de modo que o fizeram batendo seus porretes contra o escudo. Medo. Bento e Catarina se viram sem grandes possibilidades de saída. Mais à frente, com os olhos entreabertos, puderam parcamente enxergar que ainda havia uma linha da cavalaria e atrás deles o choque seguia o comando e avançava, de maneira que se perceberam encurralados naquele momento.

Embora tivessem sido orientados para continuar caminhando juntos à multidão, o que restava da manifestação se dispersou desordenadamente. Assim, no meio da

João Pessoa, Catarina segurou firme a mão de Bento e correram em direção ao Parque da Redenção – o que também é altamente desaconselhável. Depois de já estarem quase na Osvaldo Aranha, com as sirenes sendo ouvidas bem ao fundo, pararam para tentar respirar. Em uma espécie de pânico, Bento colocou as mãos nos ouvidos e cantarolou algumas vezes: “Com o nome Paciência... Vai a minha embarcação... Pendulando como o tempo... E tendo igual destinação... Pra quem anda na barçaça... Tudo, tudo passa... Só o tempo não...”. Vendo aquela cena, Catarina começou a rir escandalosamente, nunca tinha presenciado o valente Bento, tão fora de si. A gostosa gargalhada da garota terminou de lhe acalmar, num misto de embaraço, cansaço e pavor, sem contar a grande preocupação que vinha lhe atormentando, sobre com a necessidade de encontrar os companheiros que se perderam durante o episódio.

Naquele momento, Leitora, nossa personagem não sabia se era 2016, ou se estava em alguma narrativa acerca da Ditadura Militar, como aquelas trazidas em sala de aula pelos seus professores. Mesmo após outras manifestações, Bento viu os esforços dos “vândalos” não surtirem quase nenhum efeito. A presidenta eleita sofreu um golpe parlamentar amplamente apoiado pelos meios de comunicação de massa, interesses do capital estrangeiro, dos movimentos conservadores do cenário político nacional, assim como de parte da sociedade civil. Viu o vice-presidente golpista aprovar o congelamento dos investimentos em saúde e educação; a reforma medieval do ensino médio; nomeação de um ministério completamente branco e masculino; extinção de verbas para cultura, entre outras medidas. Nesse cenário, o sentimento mais forte era o da impotência, demasiadamente surreal, algo parecido com aquele que sentiu tão presente após o falecimento da avó.

Por mais absurdas que essas medidas pareçam ser, trazem implicitamente o avanço do regime de desterritorialização próprio do funcionamento da axiomática capitalista, desterritorializar e reterritorializar em lugar mais desterritorializado que o anterior. No presente caso, vemos a flexibilização e rarefação crescente do Estado produzido em uma dinâmica estatal para uma reterritorialização segundo a lógica do mercado, onde se esfumaçam os limites que um dia tentaram se elevar entre um e outro. O movimento dessa máquina é ininterrupto, ela não está parada. Assim como o movimento político que disputa as cadeiras do Estado. Bento e muitos acreditaram que apenas a “tomada do poder”, a eleição de uma legenda mais alinhada à esquerda e a edição de leis e programas mais voltados para a garantia de direitos fosse

suficiente para dar conta do problema. Mas como nos lembra Foucault, o jogo de forças é da ordem de um tensionamento que não cessa. Ao mesmo tempo em que se avançou em termos das garantias de direitos básicos, o Estado é produto das linhas do mercado com a sua lógica do financismo e do economicismo avassaladores.

Ah, sim! Mas temos que voltar às páginas que Bento estava escrevendo, Leitor. Ele, nesse momento, está criticando o afã do produtivismo Capes/CNPq.

Pensando nessas linhas contingenciais, posso voltar para a academia. O produtivismo do universo acadêmico está imerso nesse mundo que compartilhamos. Agamben, filósofo e teólogo italiano, me ajuda com essa crítica à modernidade produtivista do capitalismo. Para colorir o mundo, ele propõe a profanação.

O termo religio, segundo uma etimologia ao mesmo tempo insípida e inexata, não deriva de religare (o que liga e une o humano e o divino), mas de relegere, que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação (o "reler") perante as formas – e as fórmulas – que se devem observar a fim de respeitar a separação entre o sagrado e o profano (AGAMBEN, 2007, p. 66).

Segundo essa perspectiva de leitura do autor, é através desse erro de tradução que está fundada toda a noção cristã da aproximação entre o humano e divino. No entanto, para ele é justamente o contrário, a religião é o que faz a separação entre o sagrado e o terreno. Para Agamben (2007), o cristianismo necessita dessa cisão entre aquilo que é sacro/divino e o que é da ordem do mundo terreno/pagão. Aqui pode ser pensada na filosofia de Santo Agostinho que na baixa idade média, como que em um platonismo para as massas, fez uma transposição da famosa distinção entre o mundo inteligível/superior do mundo sensível/inferior, para o mundo de Deus e o mundo dos Homens. Nesse sentido é que o filósofo italiano propõe a distinção entre os planos da sacralidade (digno de culto e que não pode ser tocado) e do profano (de uso comum a todos). Haja vista desse ponto, em tempos mais antigos, mesmo em solo brasileiro, as missas de domingo, uma celebração habitual, era realizada em Latim, com o sacerdote de costas para o público, reafirmado essa distância entre o sacro e o mundano.

Avançando em seu argumento, o autor agencia essa tese etimológica a do capitalismo como religião de Walter Benjamin. Para Agamben (2007),

a partir dos postulados do autor alemão, a religião capitalista é aquela que tudo separa. Através do consumo das mercadorias faz a sacralização de todos os objetos, privatizando toda e qualquer relação. Dessa forma, esse rito de consumo, faz com que haja uma impossibilidade de uso, pois ao sacralizar o objeto, coloca-se ele em outro lugar.

Nessa perspectiva, ainda que se tenha pago por ele, não se estabelece uma relação de uso, e sim de propriedade. “Se hoje os consumidores na sociedade de massas são infelizes, não é só porque consomem objetos [...] mas também e sobretudo porque acreditam que exercem o seu direito de propriedade sobre os mesmos [...]” (AGAMBEN, 2007, p. 73). Assim, para o autor, o que a religião capitalista faz é a museificação do mundo, visto que apenas sacraliza a mercadoria, a separando do campo terreno, do uso comum.

Juntar com Bauman, liquidez dos nossos tempos + Guy Debord, sociedade do espetáculo

Os ponteiros do relógio fluem nessa liquidez que nos inunda – durou pouco o flerte com o feminino.

Agamben (2009) também faz uma provocação quanto às luzes modernas (iluminismo). Para ele, são elas quem mais contribuem para que os variados modos de se enxergar sejam ofuscados pelo seu intenso clarão – mesmo que os olhos tenham diversas tonalidades, como o azul do diretor.

No firmamento que olhamos a noite, as estrelas resplandecem circundadas por uma densa terra. Uma vez que no universo há um número infinito de galáxias e corpos luminosos, o escuro que vemos no céu é algo que, segundo os cientistas, necessita de explicação. [...] No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar. Aquilo que percebemos no céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior à da luz (p. 64-65).

Como, com tantos corpos luminosos em diversas galáxias, a noite se torna tão escura? Embora essa afirmação esteja equivocada – sob a óptica da teoria da relatividade, nenhum corpo é capaz de se mover com velocidade superior a luz – decidimos optar por essa bonita imagem para nos ajudar

com um questionamento: será que a moralidade racional – que traz implicitamente a dicotomia judaico-cristã entre o bom e mal – com as suas luzes que nos “tiraram das trevas” não apenas servem para sumir com as cores do mundo? A busca pela verdade na ciência faz com que a sua luz seja tão forte que ofusque todas as outras perspectivas de criar sentido no mundo, ou dizendo de outra forma, o nosso cotidiano capitalista/producionista é atravessado por essa intensa luminosidade que transforma o colorido nesse cinza.

Sem conseguir dar sequência à escrita, Bento se percebeu paralisado olhando pela janela, tentando lidar com a frustração de ainda não ter conseguido escrever uma pergunta de pesquisa. O sol estava mais baixo, indicando que o destino se aproximava. Assim, interrompeu a leitura da Zero Hora de sua companheira de viagem, a solicitando para ler a última citação, a dos corpos luminosos. Esta meditou um pouco e disse rapidamente:

- Tá aí uma boa questão para ficarmos pensando durante a viagem: quem somos nós em meio às galáxias em expansão?

Aquela devolução de pergunta, deixou Bento novamente surpreso, o que o fez meditar por um certo tempo. Naquele momento, já próximo de Guaíba, foi tomado por um de seus vários *insights* de viagem. Concluiu repentinamente que deveria se matricular em um curso de francês – antes da viagem já tinha até mesmo baixado o “duoLingo”, um app de línguas que viu naqueles comerciais de cinco segundos do *Youtube*, que em seu slogan traz “Aprenda idiomas de graça. Para sempre”. Embora já tivesse acumulado uma grandiosidade de carga de leituras por não ser da psicologia, estava ainda muito atrás de seus colegas do grupo de pesquisa, já que estes liam os autores em suas línguas naturais. Tal como o movimento das galáxias, o *work’nprogress* de suas habilidades, deveriam estar em constante movimento de expansão para ser competitivo o suficiente – ainda que estivesse questionando o produtivismo acadêmico. Aqui, vale salientar que a subjetividade passa por essas linhas de composição, ela não está pronta e apartada do todo, como em uma estrutura dada. Nós nos fazemos o tempo todo, em constante interação, o processo de dobragem é ininterrupto.

E você, Leitor, quem é em meio ao universo de corpos luminosos?

Querida Leitora, recorda-se da cor da cortina? Como Bento estava sentado na janela, o sol passava pelo seu alaranjado e compunha novas cores ao Galeano que viajava com ele.

Ora a página ficava amarela, outras voltavam ao tom ocre do livro, por vezes mais rosada, e quase sempre misturada ao alaranjado da cortina.

Vozes das Locuções de Mim

Dicem las paredes/2

*En Buenos Aires, en el puente de La Boca:
Todos prometen y nadie cumple.
Vote por nadie.*

*En Caracas, em tiempos de crisis,
a la entrada de uno de los barrios más pobres:
Bienvenida, classe média.*

*En Bogotá, a la vuelta de la Universidad Nacional:
Dios vive.
Y debajo, con otra letra:
De puro milagro.*

*Y también en Bogotá:
¡Proletários de todos los países, uníos!
Y debajo, con otra letra:
(Último aviso.)*

(GALEANO, 2016, p. 74)

Bento, mais uma vez, esqueceu de trocar a música do seu despertador. Assim, brigando com o sono, descontou sobre ela o seu problema para acordar cedo. A igreja tenta a séculos nos dizer que é o orgulho o responsável por nos introduzir aos demais pecados, mas aqui, é inquestionável que a preguiça nasceu com nossa personagem, sem que existisse qualquer relação linear. Em verdade, e isso vocês já podem até deduzir sem esforço, desde que começaram essas aulas as quintas pela manhã, o que Bento vem sentindo é da ordem de outro processo católico: a culpa. Nesse meio tempo entre apertar o modo soneca e ouvir novamente a *intro* de sua ex-música predileta, o que tem feito é contar quantas faltas ainda pode ter nessa “maldita” disciplina que não respeita os que não funcionam antes do meio dia. Daí advém o remorso. Como bolsista, ele não possui esse direito. Precisa fazer jus aos injustos impostos que a fazem cair em sua conta.

Nessa espécie de transe, entre a sonolência e o despertar, novamente tocou o inferno da música! Na cama, ainda deitado, pensou consigo que precisava escrever um lembrete na agenda de seu celular o avisando enfaticamente:

- COLOQUE 20 minutos de soneca.

Com um peso enorme no corpo por ter ido dormir às 3 da manhã, se esforçou para sair da cama e só começou a se situar, como sempre, já em companhia do vapor

do chuveiro. Bento se deitou tarde lendo diversas matérias postadas no *Facebook* acerca da PEC 287, aquela que propõe a reforma da previdência. Assim, logo veio à sua mente os carnavais do impeachment, o pato da Paulista, a brilhante votação do Ustra, a plenária de mais de 13 horas da Dilma, o governo/golpe machista, o jantar milionário da austeridade. Vontade zero de viver. Porém, é impelido a ir para o campus – mesmo que a tal rede social não o tenha permitido realizar a leitura da aula.

Como podem notar, Bento é mais um de nós, dos que fazem parte desse imenso coletivo de humanos e não humanos. A constituição dos Eus passa por essa rede de atores em relação que constituem e modulam nossos processos de subjetivação. Desde as ações mais simplórias (dormir, acordar, defecar, comer) até as mais complexas (buscar a felicidade e bem-estar, experienciar a culpa e a angústia, etc.), todas são fabricadas nessa interação com o conjunto de atores não humanos que transformam o campo de possibilidades destas atividades/experiências, ou seja, transformam nosso regime de subjetivação. Calculamos com a calculadora, nos lembramos *googlando*, caminhamos sem nos perder com o auxílio do GPS, despertamos com o alarme, todos poderiam ser conjugados na primeira pessoa (Bento calcula, lembra, caminha desperta), pois não são “externos”, estrangeiros, longínquos artifícios, são antes de tudo parte integrantes de nós.

Antes de ter entrado no banho, Bento, praticamente no modo piloto automático, realiza alguns rituais. Após sempre calçar o pé esquerdo do chinelo, que fica meticulosamente localizado ao lado de sua mesa de cabeceira, se dirige a cozinha e coloca a cafeteira vermelha para trabalhar – não necessariamente precisa acionar os seus óculos para fazê-lo. Dessa maneira, quando estende a sua toalha há aquele delicioso aroma no ambiente, tal como na casa de seus avós. O cheiro do café matutino é para Bento mais um de seus ritornelos não humanos. O avô de Bento aprendeu esse hábito para se manter acordado durante as longas jornadas dentro d’água – aqui no Sul, a tradição é acordar cedo para tomar chimarrão. No entanto, nossa personagem, costumeiramente, só desfruta por breves momentos dessa paisagem olfativa. Outra vez está atrasado. Como nunca consegue acordar na hora correta, mal aproveita a forte bebida de sua caneca. Rapidamente, mesmo suja, a despeja na pia e desce correndo as escadas para não perder a condução.

E você, Leitora, ainda tem tempo para tomar seu café?

A imagem de nossa personagem descendo as escadas de seu prédio é semelhante a que os seus vizinhos da Lagoa se acostumaram a guardar. Batia seis

da manhã, o jovem já estava correndo pelas estradas de chão para não perder o ônibus, enquanto dona Maria José, que deixava seu Joaquim assistindo ao telejornal, aos berros o lembrava alguma coisa do portão de casa – “esqueceu o casaco”, “não levou o guarda-chuva”, “seu caderno ficou em cima da mesa, guri”. A diferença para os ritmos da capital é que falta a doçura das broncas de sua avó e sobram os conflitos com suas colegas de apartamento, já que outra vez Bento deixou uma pilha de louças na cozinha.

Ao sair do edifício, Bento, a passos largos, atravessou a rua e tomou o rumo do ponto de ônibus. No meio do caminho, passou em baixo de um viaduto que liga duas vias importantes da cidade se esforçando para lembrar que os moradores de rua e os meninos que ficam nos semáforos não são meras paisagens urbanas de Porto Alegre – precisa fazer esse exercício constantemente. Subiu no ônibus, mal deu bom dia ao cobrador e passou a observar as construções históricas do caminho até o Campus do Vale. Elas falam. Uns pixos de amor, outros de revolta e aquele que ficou martelando naquela manhã: “Moeda é religião que alicia”.

Entre esse insistente ritornelo musical, Bento, de pé no ônibus, segurando a mochila em uma das mãos e o celular na outra, abriu a agenda do aparelho para tentar organizar o seu dia. Após a aula iria passar no RU (o cardápio era *nuggets* naquele dia), depois teria um tempo livre que precisaria preencher com algum livro da pilha que se encontrava em sua escrivaninha. Às 15h deveria comparecer ao consultório da psicóloga que a Catarina havia marcado – sorte que ele olhou sua agenda, caso contrário estaria em maus lençóis com a sua namorada. Saindo de lá iria encontrar seu amigo Jesu na Redenção. No fim do dia, ainda tinha reunião do grupo de pesquisa e mais tarde um jantar na sua casa com o pessoal do coletivo, para tratarem do plano de ação para o próximo ato do Fora Temer.

Ao chegar à aula, conectou-se com a rede de *wi-fi* da faculdade e logo recebeu uma mensagem no Messenger:

- Bom dia, hoje é dia de terapia – com um “S2” no final.

Bento deu um rápido suspiro, como se ele não soubesse que ela o lembraria insistentemente da psicóloga. E prontamente respondeu:

- Bom dia, “Moeda é religião que alicia”.

Como não havia lido o texto, ele resolveu prestar atenção na aula e deixou o celular no silencioso. A aula era no programa de pós da antropologia e falava sobre os projetos políticos implantados nas Ditaduras da América Latina. Após o intervalo, a professora retornou com a exibição do documentário, “A Doutrina do Choque”⁹, com base na autora Naomi Klein.

Assim que terminaram as discussões sobre a película, Bento se dirigiu ao restaurante do campus. Ele era aluno de matrícula especial nessa cadeira, de modo que teria que almoçar sozinho. Já que não conhecia ninguém, se permitiu almoçar com o celular ligado, passando o dedo para subir as atualizações do seu *feed* do *Facebook* – se a sua avó visse a cena, ela certamente tomaria o aparelho do rapaz. Principalmente porque não suportava o fato de que neto, após o ingresso no curso, havia parado de orar antes das refeições, e pior, nem ao menos pedia licença para se sentar à mesa com os demais estudantes! Ali, almoçando sozinho no meio de tanta gente, com um barulho gigante, veio uma saudade enorme da dona Maria José e junto se iniciaram os questionamentos:

- O que me trouxe aqui hoje? O que tenho feito da minha vida? A professora detestou meu texto, pra que continuar longe de tudo e de todos dessa forma? Será que vale mesmo a pena? Não pode ser só eu fique com esses trechos na cabeça, mas também, se eu desistir sem lutar, o que seria eu? Deus, como é ruim almoçar sozinho – olhando para os demais na mesa, sem ter a coragem de puxar algum assunto para quebrar o gelo.

No meio dessas inquietações, seu telefone toca. Era a sua namorada. Ela queria saber se ele havia passado a escutar Criolo agora. Ele não entendeu muito bem – ele não sabia que o pixo que ele tinha visto em um dos prédios mais cedo, havia sido retirado de uma das letras do artista. Falaram um para o outro como havia sido essa manhã e o que fariam no restante do dia, basicamente seguiram o quase regimento que ele estabeleceu para a convivência a distância. Essa ligação o acalmou e ele conseguiu terminar a refeição. Talvez o ar bucólico daquele campus tenha ajudado a provocar esse misto de ansiedade, solidão e desamparo em nossa personagem.

⁹ ***The Shock Doctrine: Disaster Capitalism in Action***. Direção: Michael Winterbottom e Mat Whitecross. Roteiro: Naomi Klein. New York: KimStim, 2009. (78 min).

Tomando o ônibus de volta para a casa, após a solitária refeição, Bento ligou o 3G de seu celular para ouvir a música do Criolo, pois aquele verso pintado no muro não saiu de sua cabeça a manhã toda. Junto com a canção, outra frase o invadiu, a que a professora da antropologia havia falado durante a aula:

- Para Michel Foucault, o campo da ética pode ser expresso na sentença: não querer ser governado assim.

Naquele momento, ele percebeu que precisava esquecer um pouco das críticas de que esse autor seria um mero liberal da escola de pensadores burgueses da França e ir lê-lo para poder formar a sua própria opinião. Assim, quando chegou em casa, abriu o seu computador para enviar um e-mail à professora solicitando tal bibliografia. Mas, antes disso, optou por lavar a louça, vez que foi surpreendido por um sarcástico bilhete estrategicamente pousado a cima da mesa de jantar, que explicava, em curtas frases, como se fazia para usar a esponja e o detergente.

Logo que clicou em enviar, disse em voz alta para si:

- A quem eu estou querendo enganar, com tudo o que tenho para ler ainda vou encarar esse cara aí.

Assim, fechou seu computador e deitou no sofá com um livro na mão. Passadas duas páginas de olhos demasiadamente pesados, sem querer, acabou cochilando. Estranhamente notou que caminhava a vagarosos passos em meio a uma vegetação fechada, quase não dava para ver alguma luz no céu. Parecia estar sozinho naquele ambiente, exceto pela companhia de seu notebook, que estava aberto, mas sem bateria alguma. Sem entender muito bem onde se encontrava, de repente, o computador caiu de suas mãos e se transformou magicamente durante a queda em um cartão de visita com um telefone de DDD (011), São Paulo – ali, foi tomado por uma sensação horrível, era um inquieto desespero proveniente da certeza de que não conseguiria recuperar os arquivos que já havia escrito e não tinha efetuado o *upload* para a nuvem. Ao sacar o celular para ver se esse número poderia ser o de alguma assistência técnica especializada em salvar os estudantes que não se lembram de salvar as suas escritas, recordou que não poderia estar dormindo, posto que deveria ir à terapia para não se encrencar com a Catarina. Essa lembrança o fez despertar em um sobressalto, com o coração disparado – para sua sorte, ainda eram quinze para as duas e o computador estava intacto a sua frente. Após esse susto, tomou um banho para despertar de vez e se dirigiu à parada de ônibus, para a tão esperada primeira consulta.

O rapaz não costuma dormir de tarde, até porquê a quantidade de café que ingere para se manter de pé não o permite. Nesse dia, porém, acabou cochilando por conta da disciplina que o fez despertar muito cedo para os seus padrões porto alegrenses. Bento decidiu cursar essas aulas na antropologia por indicação de sua orientadora. Ela até brincou com a citação do Galeano de seu texto, o dizendo que era a melhor parte do que ele havia trazido – muito embora, dado o curto tempo de relação, nossa personagem não tenha percebido que era apenas uma brincadeira. Ela havia dito isso, pois realmente acreditava que o rapaz precisava pintar o seu mundo com mais cores, trazer novas perspectivas para a sua temática de pesquisa. Como o campo problemático que se desenhava tangenciava o problema da gerência do Estado para com os dependentes químicos, ela acreditou que seria proveitoso para seu orientando a interlocução com essa disciplina no Vale – a mesma, Leitor, que Bento nem havia lido o texto.

Eram quase três da tarde quando Bento respondeu a última mensagem de sua namorada já na sala de espera do consultório – ela queria saber se ele já havia saído de casa. O consultório ficava localizado próximo ao Instituto de Psicologia do campus da saúde, em um prédio de uma das travessas da rua Ramiro Barcelos, o que facilitou bastante para nossa personagem. Logo na saída do elevador, já se avistava uma porta de vidro com o nome e o número do registro dos profissionais que trabalhavam no local. Ao passar por ela, o saguão o recebia com convidativo sofá de couro vermelho acompanhado por uma pilha de revistas. Ali, para matar tempo, Bento largou o celular e decidiu dar uma bisbilhotada nos exemplares. Algumas edições recentes da Carta Capital, Isto é, Veja, além de alguns jornais da Zero Hora. Quando o relógio marcou exatamente três da tarde, a bela porta de madeira maciça com hexágonos entalhados sobre seu corpo se abriu, retirando Bento da leitura do caderno de esportes do último final de semana. Era a tão esperada terapeuta. Uma moça de feições joviais – provavelmente fazia pouco que havia se formado, deduziu - o convidou para o interior do consultório.

A sala era bastante espaçosa, com uma deliciosa brisa que percorria todo o seu interior. Fora projetada com uma grande janela e um pé direito elevado para proporcionar essa sensação de frescor no verão. No canto esquerdo uma aconchegante lareira se destacava. Possivelmente, estava ali para corrigir o efeito contrário do ambiente nos dias de inverno. De frente para ela, no outro canto, uma bela prateleira recheada de livros de psicologia e que posteriormente Bento pode

observar que eram acompanhados por uma grande coleção de literatura – herança da família da Débora. Perto da lareira uma mesa grande de escritório com uma ampulheta colorida no centro fazia a decoração. Logo a sua frente, as famosas e aconchegantes poltronas tons pastéis, aproximando-se de uma rosa claro, se posicionavam sobre um tapete vermelho que ocupava boa parte da sala. Ainda, uma mesinha de centro adornada com uma orquídea fingia-se tímida, porque com suas cores tão belas, pareciam dançar entre o violeta, branco e algo próximo ao anil.

Bento achou tudo aquilo um tanto quanto aburguesado para o seu gosto em um primeiro olhar, até pensou se conseguiria pagar pela consulta - carregava apenas uma nota de cinquenta no bolso. Assim, se acomodou na poltrona da janela já que Débora havia pedido para que ele escolhesse onde preferia se sentar. Para quebrar o silêncio desconfortante desse novo ambiente, o rapaz prontamente soltou:

- Desculpa parecer indelicado, mas preciso saber quanto tu cobra pela sessão? – meio sem graça, explicou que era estudante e que não poderia dispender de muitos recursos.

Nesse momento, ela apenas sorriu e rebateu:

- Boa tarde para ti também! Eu me chamo Débora Schwartz, sou terapeuta há algum tempo e gostaria que tu me disseses um pouco mais sobre você. Essa questão de valores resolveremos mais tarde, pode ser? – ela havia optado pela estratégia de não cobrar a primeira sessão, com o intuito de cativar o paciente o máximo que pudesse para só depois jogar com esse charme de primeira conquista na hora de estabelecer seus honorários.

Silêncio. Bento apenas a olhava de volta sem mencionar uma palavra sequer. Débora, um pouco desconfortável com o fato de ser a primeira vez que seu protocolo não ter ocorrido como deveria, emendou:

- Que tal investirmos nesse tempo para nos conhecermos melhor então? Explico: primeiro eu irei realizar uma avaliação bastante breve contigo, pode ficar tranquilo, é tudo sigiloso como manda o nosso conselho. Se eu observar que tu tens interesse em contar com meus ouvidos por esses cinquenta minutos e que os meus conhecimentos possam ser realmente úteis para colaborar com a sua caminhada, nós conversaremos no fim da sessão sobre os valores ... – utilizando o tom mais amigável que conhecia.

- Boa tarde para ti também, eu me chamo Bento. O que quer que eu fale, doutora? – tentando ser sarcástico ao emprego desse vocativo.

Ao término dessa frase, Débora não conseguia discernir se ele estava sendo infantil, se era algum tipo de brincadeira sem graça ou se o problema era com a tarde nublada que estava fazendo aquele dia:

- Parece que alguém acordou com o pé direito hoje! – soltando uma risada meio sem graça para transparecer que estava praticando uma ironia.

- Sempre à esquerda, Débora! – fazendo um movimento para levantar o punho cerrado de seu braço esquerdo, mostrando sua grande tatuagem de foice e martelo por de trás do clássico escudo rubro negro do Brasil de Pelotas, marcadas em seu antebraço.

- Muito original essa tatuagem, hein! Brincadeira, gostei mesmo, onde tu te tatuaste? E que símbolo é esse? É um time de futebol, não é? Ah aquele timinho do interior que sempre perde do meu Grêmio!

- Foi lá em Pelotas mesmo, logo que sai do ensino fundamental, falsifiquei a minha identidade e fui numa boca lá do centro para fazer, já tinha barba na época, foi fácil e original – completou sem transmitir nenhum sinal de animação em estar ali, mas entrando no clima da provocação. É o Xavante mesmo, as suas cores são nosso sangue e a nossa raça¹⁰.

A terapeuta estava lidando com alguém que tinha um humor ácido, parecido com o dela, o que seria interessante, pensou consigo. Contudo, estava ressabiada, visto que as suas tentativas de criar um clima mais leve a partir de suas piadas não terem surtido o efeito que imaginava.

- Certo, já saquei que tu não estás propenso a aceitar minhas brincadeiras hoje. Vou respeitar a sua decisão. Sua namorada havia mesmo informado que tu eras genioso. Vamos lá: eu me formei tem quatro anos. Sou especialista em cognição e estou fazendo pós-graduação em psicologia na PUC-RS. Para nós conseguirmos funcionar da maneira correta, tu terás que cumprir algumas tarefas de casa e isso será de fundamental importância para o andamento do nosso processo – resumiu seu currículo e destacou como seria a sua intervenção, observando se Bento estaria de acordo com o método.

Depois dessa breve introdução, fez o que todos os psicólogos geralmente fazem:

¹⁰ Trecho do hino do Brasil de Pelotas, time de futebol do interior gaúcho.

- O que te traz aqui? – Débora nem deixou a sua prancheta de lado para fazê-la, a pergunta saiu praticamente no automático.

Bento, com seu jeito mais rústico, rapidamente respondeu:

- Como tu bem pode perceber eu estou legal. Não preciso agora, nem nunca precisei de terapia alguma. Estou no mestrado também e para ser bem sincero contigo, só estou aqui para salvar o meu namoro, não tenho muito tempo para jogar pela janela, a Catarina foi inclusive quem marcou essa consulta, ela meio que me ordenou a vir te ver, na real.

A terapeuta, mesmo jovem, prontamente saiu desse desconforto, já tinha perdido as contas de quantas vezes já ouvira o mesmo mecanismo de defesa a atacando para proteger as pobres crenças centrais ou se quiserem os egos de seus pacientes.

- Tudo bem, quer ir embora? Eu não me importo, nem preciso me dar ao trabalho de te escutar se tu não estiveres a fim, não firmamos nem um contrato até o momento. Mas acredito que a Catarina que se importa tanto contigo não vá gostar nada, além de que parece que eu realmente posso lhe ser muito útil nesse momento. Tu estas fazendo mestrado em psico também, ou estou enganada? Com tal fala, ao mesmo tempo que faria Bento, mesmo que sem perceber, lhe contar sobre sua vida, também indicava para uma leve bronca a fim de amansar a fera e mostrar com certa firmeza a profissional competente que era, já que não se assustava com qualquer cara feia.

Aquela bronca surtiu o efeito esperado e o rapaz deixou de ser tão petulante. Contudo, a sessão transcorreu nas tentativas da terapeuta em quebrar as barreiras de Bento e das curtas respostas do rapaz. Na verdade, a única vez que ele engatou numa sequência mais demorada, foi quando a psicóloga o indagou especificamente acerca de sua pesquisa.

Depois que combinaram o valor das sessões e agendaram o horário da próxima, Bento seguiu caminho à Redenção para encontrar seu amigo Jesu. Durante o trajeto, ele ligou a internet de seu celular e chegaram diversas mensagens de sua namorada. Ao invés de teclar as respostas, optou por fazer uma ligação para a Catarina. Esta queria saber tudo. Animada e ansiosa, atendeu rapidamente e o jogou várias perguntas:

- E aí amor, me conta tudo, quero saber! Como foi? Você curtiu? As meninas falaram que ela é maravilhosa, você se sentiu bem, ela foi acolhedora contigo? Que

linha ela utiliza? Já está mais alegre aí em Porto? Ou pelo menos conseguiu soltar algum sorriso hoje? Ela fica mais quieta ou é daquelas que falam o que você tem que fazer o tempo todo?

Quando ela parou para respirar, Bento rebateu:

- Foi ok, ela não é tão ruim como eu esperava... – sentenciou, tentando fugir do assunto.

Depois dessa frase sua namorada deu uma apagada, percebeu que não seria em um passe de mágica que as coisas se resolveriam, ela sabia que a morte da avó ainda doía bastante.

- Tá bem, estou no intervalo aproveitando para terminar de ler as minhas anotações novamente. Daqui a pouco tem aquela maldita prova de histo, não aguento mais aquela cadeira, não posso rodar de novo! Preciso de 6,0, mas acho que rola pro exame. De noite te ligo no *Skype*, pode ser? – tentando desligar rápido, mas de maneira delicada para não alimentar a paranoia de Bento, inferindo que logo ele começaria a perguntar com quem ela estava estudando o que não seria nada legal antes dessa prova.

- Não me lembro, ele disse algo acerca do luto à Débora?

- Pois é, Leitora, o problema é que essa primordial informação, o falecimento de sua avó, nossa personagem “esqueceu” de contar para a terapeuta – provavelmente Bento não quis demonstrar todas as suas fraquezas logo no primeiro encontro com uma linda mulher desconhecida.

A sessão só andou de verdade quando Bento, já mais para o seu final, se permitiu perguntar à Débora sobre aquelas revistas da sala de espera. Nesse momento, ela começou a conquistar o rapaz.

- Nossa tu és bastante observador! Elas na verdade são frutos da minha pesquisa para o projeto da dissertação. Eu coordeno um grupo de estudos com alunos de psicologia dos cursos de graduação UFRGS, PUC e UFPel sobre as análises midiáticas e os fascismos provenientes da polarização que temos observado ultimamente. Na real, esse projeto deriva da minha especialização, que defendi no meio de 2014. A banca foi bastante crítica, pois eu não tinha levado em consideração os últimos momentos da política e que isso seria muito importante e inovador para o nosso grupo. Assim, só agora para o projeto que estou conseguindo colocar as perguntas e provocações que eles me fizeram em prática. A minha orientadora era dessa banca, inclusive.

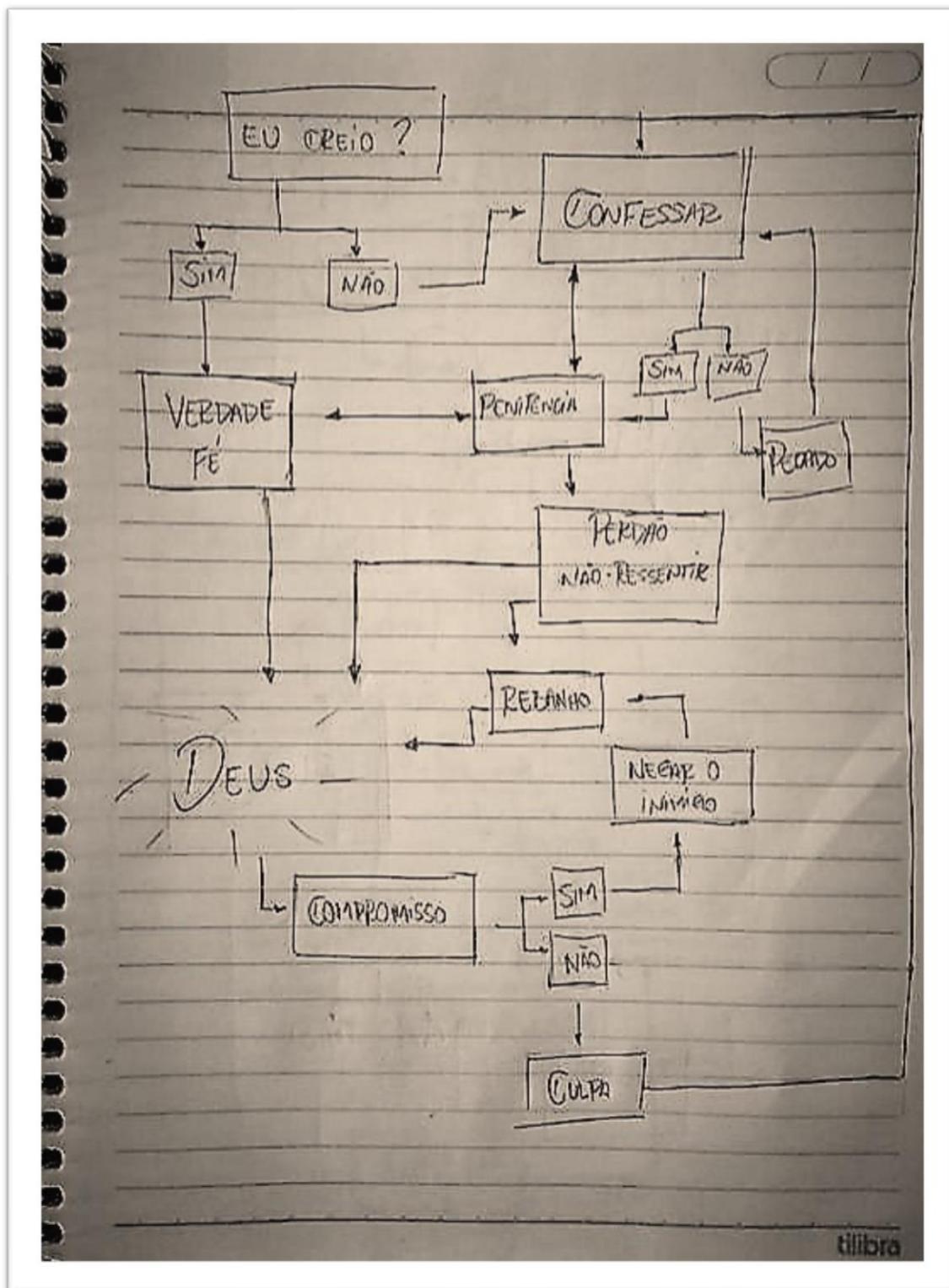


Figura 9 – Fluxograma confessor

- É um tema super atual, que bom que eles lhe constrangeram para esse lado mais político – Bento a interrompeu demonstrando interesse.

- Pois é. Por isso as revistas, já que decidimos na reunião de organização que seria interessante também trabalhar com mídia impressa dentro de nossas análises. Então percebi que seria bom assiná-las, para passar no comitê de ética.

Nesse ponto, Bento inverteu o papel e ele quem passou a entrevistar a psicóloga.

- Tá, mas como funciona exatamente?

- Eu selecionei quatro alunos que cursam psicologia, a partir do sexto semestre, de cada universidade, para os treinar à aplicação de um questionário voluntário com os demais estudantes de suas respectivas universidades. Agora, no momento, estamos finalizando a coleta de dados. Nossa amostra está bem grande, cada um dos 12 realizou cerca de 15 entrevistas. Nosso *google drive* compartilhado, já temos a degravação de oitenta e duas – só dois guris que nunca terminam suas tarefas estão nos puxando para trás, pensou, completando para si o problema comportamental que emperra a sua pesquisa.

Percebendo a inversão, Débora aproveitou dessa pequena baixada de guarda e perguntou:

- E tu, Bento, por que optaste especificamente por este programa de mestrado em psicologia social? – ela havia conseguido captar mais cedo que ele era formado em outro curso.

- Sei lá, queria abrir novos horizontes e perspectivas teóricas. Também trabalhei por um bom tempo no CAPS durante a faculdade, achei que pudesse ser uma boa para mim. Meu orientador lá de Pelotas conhecia a minha orientadora atual e ele fez a minha cabeça, assim como a famosa ponte com ela, sabe como é, né?

- E estas curtindo?

- Quer a versão sincera?

- Só trabalhamos com a verdade em psicologia – disse olhando no fundo dos olhos de seu aspirante a paciente, abusando de sua experiência em dramaticidade clínica.

- Não muito. A minha vida aqui está sendo muito solitária. Jurei que Porto Alegre pudesse ser mais legal comigo, mas não tenho muitas opções agora, sou bolsista, não posso me queimar com a Capes, tampouco com o programa. Isso seria um tremendo desastre.

- Entendo... – a frase do rapaz não a inspirou muita veracidade, mesmo assim, julgou ser oportuno mudar o foco, para não perder esse pouco de conexão que brevemente estabeleceram.

Assim, sentindo-se acolhido pelo ar de compreensão e, de certo modo, despontando uma identificação com a terapeuta, o rapaz passou a falar sobre a sua vida de militante. Relatou desde as dificuldades em conciliar o namoro e os novos autores, até que as últimas supervisões tinham sido um desastre, enfim.

- Acredita que a minha orientadora afirmou que só havia gostado da epígrafe do meu texto?

- Não foi algum tipo de piada? Tu não pareces ser muito afeito a sacar quando estamos tentando brincar contigo, não é? – aproveitou para fazer alusão à terrível primeira impressão deixada pelo rapaz.

Bento sorriu desdenhando, elevando a sobrancelha e se arrumando na confortável poltrona da sala:

- Pode ser mesmo, não tinha pensado por esse lado. Tu realmente acredita nisso, ou só está querendo me animar? Como é a sua relação com a sua? Vocês costumam ficar de piadinha também?

- Depende, Bento. Em momentos informais sim... Quem sabe tu da mais algumas chances para ela, quanto tempo faz que vocês trabalham junto? Tu mesmo disseste que faz pouco que começaram a se entender, quantas orientações tiveram? Ah! E não, meu trabalho aqui não é te levantar a qualquer custo, sou bastante profissional.

- A rotina aqui também é um puta saco, tudo que faço é praticamente eu e eu mesmo. Nem chimarrão as pessoas daqui tomam direito. Lá no Sul era muito melhor, eu era alguém na faculdade, certamente era alguém na comunidade. Morar com as colegas de curso não tem sido nada parecido com o que eu achei que seria. Cada um em seu quarto, só nos falamos quando alguém esquece alguma roupa na sala, calcinha no banheiro, pia amontoada. Namorar pelo *Skype* também é uma merda. O povo daqui já é organizado em seus próprios coletivos, ninguém dá espaço para novas ações ou ideias, não querem sequer conhecer o nosso movimento. Parece até uma briga infantil e mesquinha de egos e postos de poder...

Bento havia se sentido suficientemente à vontade para conseguir derramar sobre Débora algumas de suas lamúrias. Embora tais sentenças não tivessem grande conexão entre si e Débora não ter conseguido entender metade do que ele estava

falando, já era um grande primeiro passo. Todas as perguntas de uma anamnese inicial foram tangenciadas nesse lampejo de lamentação, Débora só foi entender a profundidade com o que aquela frase da orientadora afetara o narcisismo de seu paciente muitas sessões adiante.

- Final de sessão, quanta novidade! – pensou a terapeuta consigo, avaliando silenciosamente o volume de novas informações trazidas a essa hora da cronologia de consultório – Mais um paciente para a conta, daqui a pouco não terei mais horários, tomara que ele prefira vir sempre de tarde...

No entanto, na última delas, foi notória a mudança na expressão facial do rapaz. Bento quase pulou de felicidade com o insight que teve. As maçãs de seu rosto se levantaram em um misto de espanto e admiração com a ideia, que ele julgava ser genial, que passou por sua cabeça.

- Já sei o que eu quero pesquisar, já sei o que eu quero pesquisar... Claro, obrigado, Débora!

- Pois então me diga – Débora se mostrou confortavelmente surpresa com aquela reação inesperada.

- Faz todo sentido: a relação entre as ações do Estado nos períodos dos governos autoritários no Brasil e o que isso interferia nas relações interpessoais – já que ele pensava ser muito importante trazer a psicologia em algum lugar. Com isso, acaba por juntar o que acontecia no presente, sem se esquecer dos movimentos de rua que emergiram desde 2013. Ótimo, tenho o meu mestrado!

Sem parar para respirar, emendou:

- Tu sabe que durante a Ditadura de Getúlio Vargas, ocorreu o zoneamento das colônias de pesca de nosso solo a partir da letra Z, seguidos do número da colônia correspondente.

- O quê? – Débora pela primeira vez foi desarmada de sua cara de paisagem, não conseguindo disfarçar a sua feição confusa.

- Sim, tu sabe que eu sou de uma colônia de pescadores, certo?

- Até agora tu não me contaste muito de ti! Prossiga.

- Então, sou filho de pescadores – Bento sempre tratou seus avós como seus próprios pais – desde que me conheço por gente moro em uma comunidade chamada Colônia Z-3. Ela fica a mais ou menos meia hora de carro da cidade de Pelotas, é bem esquecida pelas gestões municipais, por sinal. Pois bem, como eu estava dizendo, durante a Ditadura de Getúlio Vargas, ocorreu o zoneamento das colônias de pesca

de nosso solo a partir da letra Z, seguidos do número da colônia correspondente. Tal zoneamento foi estabelecido a partir do código de pesca, acho que da década de 1930¹¹, se não me falha a memória, que dispunha acerca das regulamentações para atividade pesqueira.

- Por isso Z-3?

- Isso. Tipo, o nosso barco chama Paciência e tem que ter o Z-3 pintado nele também, acompanhando o nome. Só que na verdade, essa medida toda foi pano de fundo para o governo esquadrihar a zona costeira do país. Eles diziam que o cadastramento dessas localidades se daria para possíveis convocações militares, o que nada mais foi do que uma medida disciplinar de governo do território, querer localizar exatamente onde e quando se encontram os indivíduos.

Assim que ele acabou essa frase, a Débora o interrompeu, afirmando que o tempo estava quase acabando e que precisavam acertar os últimos detalhes para que firmassem o contrato terapêutico. Bento havia ficado tão entusiasmado com essa sua sacada sobre a pesquisa que aceitou todos os termos que a psicóloga colocou. Concordou que iria tirar alguns minutos do dia para anotar seus pensamentos automáticos, que lia o informativo sobre depressão que ela o entregou, etc.

E foi dessa forma também que ele terminou a ligação com a sua namorada:

- Tá bem amor, mais tarde nos falamos, estou indo me encontrar com o Jesu. Pode ficar tranquila que marcamos uma segunda consulta para quinta que vem no mesmo horário e eu irei. Beijos, boa prova, tu vai arrasar! – se despediu rapidamente, pois já se aproximava da rua Venâncio Aires.

De lá do campus das ciências agrárias, Catarina riu dessa personalidade forte de Bento e antes mesmo de desligar o telefone correu teclar às suas colegas a novidade de que incrivelmente seu namorado havia gostado da Débora – a Catarina divide apartamento em Pelotas com outras duas gurias, estas cursam psicologia e participam da pesquisa junto com a agora terapeuta de seu namorado. Ao escrever a mensagem, pensou que a estratégia que as suas amigas quase psicólogas, praticamente, a obrigaram adotar, ser um pouco mais ríspida, sem ficar dando muito abertura para as perguntas invasivas do rapaz, poderia realmente obter êxito. Logo, porém, afastou essas conclusões para que pudesse se focar na decoreba de sua tão amada microbiologia tecidual.

¹¹ BRASIL. Poder Executivo. **DECRETO-LEI Nº 794, DE 19 DE OUTUBRO DE 1938.**

No caminho para a Redenção, tomou as ideias de Bento o documentário que havia assistido mais cedo, que lhe fez borbulhar de questões a serem compartilhadas com o grupo de pesquisa daquele mesmo dia, onde iriam discutir o texto sobre a sociedade do controle do Deleuze. Assim, seus pensamentos corriam, empolgado com as articulações que poderiam ser estabelecidas entre o texto, o filme e o insight que teve na terapia, acerca da retomada escancarada de discursos totalitários nas redes sociais.

O documentário, em seu conteúdo, trazia afirmações contundentes no sentido de que as ondas neoliberais apenas conseguiriam se implementar em um estado de crise, resultado de um abalo relâmpago na sociedade. Por isso, sustentava o argumento de que as doutrinas econômicas dos Chicago Boys (liderados por Milton Friedman) só puderam ser efetivamente implementadas e testadas no golpe militar chileno. Assim, as bases do neoliberalismo dos anos 80 tiveram seu início numa das mais severas ditaduras da América do Sul. Essa configuração estranha entre os princípios liberais e um estado ultra totalitário é uma das principais críticas que o documentário trazia – o que chega a ser até cômico, pensar em liberdade com tantos mortos, exílios, presos políticos e os campos de concentração no deserto do Atacama, afirmava sarcasticamente Bento imerso nos devaneios que o faziam companhia durante a caminhada.

A película sobrevoava diversos exemplos nos quais governos neoliberais se utilizaram das crises para poder flexibilizar o mercado, os direitos trabalhistas, etc. A Guerra das Maldivas no governo de Margaret Thatcher, o furacão Katrina que assolou Nova Orleans, entre outros. Nesse sentido, podemos pensar nas crises que se deram até o estabelecimento do plano real na era FHC e, obviamente, na enxurrada de propostas do governo Temer após o terremoto institucional ocasionado pelo impedimento da presidenta Dilma.

Alheio em seus diálogos interioranos, aproximando-se do Comitê Latino Americano, o rapaz ficou paralisado em frente a uma pequena livraria. Em sua vitrine, havia um adesivo em letras garrafais “Não temos promoção, mas vendemos tempo junto com nossos livros”. Ali, absorto por alguns instantes, daqueles que parecem durar minutos, retornou de seu transe pela simpática vendedora:

forme. Neste sentido, a crise claramente definida da modernidade se substitui uma *oni*-crise na estrutura imperial. Nesse espaço liso do império, não há o lugar do poder: ele está em todos os lugares e em nenhum deles. O império é uma *u-topia*, ou, antes, um não-lugar.

Figura 10 – (HARDT, 2000, p. 362)

outros campos da sociedade. A produção da subjetividade na sociedade imperial de controle tende a não se limitar a lugares específicos. Continuamos ainda *em família*, na escola, na prisão, e assim por diante. Portanto, no colapso generalizado, o funcionamento das instituições é, ao mesmo tempo, mais intensivo e mais disseminado. Assim como o capitalismo, quanto mais elas se desregram melhor elas funcionam. De fato, começa-se a saber que a máquina capitalista só funciona se esfacelando. Suas lógicas percorrem superfícies sociais ondulantes, em ondas de intensidade. A não-definição do *lugar* da produção corresponde à indeterminação da *forma* das subjetividades produzidas. As instituições sociais de controle no império poderiam, portanto, ser percebidas em um processo fluido de engendramento e de corrupção da subjetividade.

O controle é, assim, uma intensificação e uma generalização da disciplina, em que as fronteiras das instituições foram ultrapassadas,

Figura 11 – (HARDT, 2000, p. 369)

- Não quer entrar? Junto aos exemplares, temos os nossos vale-tempo – observando a distração do rapaz, tentou o convidar para a sua loja.

Bento, desconcertado com essa quebra abrupta de seus devaneios, lembrou-se da pilha de livros acumulados em seu quarto e só conseguiu dizer:

- Desculpa, estou correndo.

Mais uma vez nem se despediu e ficou pensando:

- Quem eu sou? Essa cidade está me deixando louco mesmo, nunca tratei nenhuma mulher assim...

Após atravessar a Venâncio, passando pelo Colégio Militar, Bento deu um leve sorriso de desaprovação, com a cabeça se movendo discretamente para ambos os lados, ao observar a raiva com que duas garotas, uniformizadas com a farda azul e vermelha do colégio, esfregavam com toda a força aquela parede lateral da escola. Elas tinham acabado de começar a limpar o pixo: “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. O sentimento irônico o tomou mais uma vez, pois além do lugar onde a frase havia sido grafada e dela fazer referência a uma de suas letras prediletas do grupo “O Rappa”, a cena retratava fidedignamente uma das mais cruéis caricaturas da sociedade. Mais uma vez a instituição solicita às alunas o exercício de limpeza, bradou para si.

Chegando a José Bonifácio, Bento se depara com um cenário estranho. Duas viaturas trancavam uma das mãos, gerando um princípio de engarrafamento, já se podendo ouvir ao fundo algumas irritantes buzinas. No instante em que pisou no Parque da Redenção, mirou dois policiais enquanto detiam uma jovem, ao passo que a outra viatura estava partindo com um rapaz de rosto pintado no banco de traz da caminhonete. Alguns transeuntes aplaudiam a ação dos policiais da Brigada Militar, outros tentavam fazer um coro de protesto e vários acionaram os seus celulares para filmar a ação. Sem conseguir discernir ao certo o que de fato estava ocorrendo, nossa personagem conseguiu avistar seu amigo ao fundo, logo a trás do grande pórtico da entrada.

Ao se aproximar, pode notar que Jesu, ofegante e bastante consternado com o episódio que ocorrera há pouco.

- Desculpa cara, depois a gente se fala, tenho que ir – mal o cumprimentou e partiu em disparada com a mochila nas mãos.

Ele havia voltado rapidamente para dentro do parque a fim de buscar seus malabares, pois precisava se encaminhar para a delegacia. Foi o que Bento conseguiu

apurar no breve instante em que dialogou com seu amigo. Na realidade, a direção do Colégio não havia gostado nada do que chamou de vandalismo noturno ao seu prédio histórico e solicitou maior policiamento no local, sob a justificativa de que o fato se devia aos pequenos traficantes que rondam a Redenção. Jesu estava correndo, pois um de seus companheiros do grupo “Circo na Rua” havia resistido a uma revista e foi levado pelos guardas – os mesmos tinham entrado arbitrariamente no meio de uma das performances da trupe.

Sem ter ideia do que estava acontecendo, Bento começou a perguntar para as pessoas que estavam por ali. Informações desconexas, até parecia sua *timeline* do *Facebook* nos tempos das últimas eleições de 2014. Havia se formado um princípio de bate-boca entre aqueles que afirmavam que a polícia estava correta, e os demais que repudiavam a ação do policiamento com certa veemência. Nesse momento, tentando entender o que aconteceu, teve acesso a filmagem de uma mulher que acompanhava a apresentação do grupo, de modo a descobrir toda a história através de seu relato em vídeo.

Assim, prontamente passou a telefonar para Jesu. Tentou, porém sem sucesso. O celular estava desligado, o que destinava a chamada direto para a caixa de mensagens. Percebendo que a reunião do grupo já se aproximava, Bento contatou seu grupo do coletivo, a fim de que estes lhe pudessem dar suporte naquela caótica situação. Indignado, e transparecendo sua frustração por não conseguir chegar mais cedo para tentar amenizar os ânimos, Bento tomou o rumo do Instituto de Psicologia.

- Maldita consulta! – soltou em voz alta, depositando a culpa na terapia.

A nossa querida personagem estava bastante perdida nesse fim de tarde, se alguém o pegasse naquele estado facilmente poderia o aconselhar vários livros de autoajuda. Ao fazer o mesmo caminho, já retornando ao instituto, mesmo furioso, por alguns instantes refletiu sobre a possibilidade de se desculpar com a vendedora da livraria. A ideia, porém, rapidamente se frustrou, durando o tempo de perceber que o estabelecimento já se encontrava fechado. Decidiu, ao menos, tirar uma foto com seu celular da vitrine do tempo para enviá-la mais tarde à Catarina. Nesse trajeto que dura cerca de quinze minutos, Bento ficou pensando em várias frases de efeito que desejava marcar nos muros da truculenta Porto Alegre, alimentando o ódio contra aquela ação arbitrária da Brigada.

De fato, nós também, por diversas vezes, quisemos ter pichado várias frases naqueles muros. Se pudessemos escolher apenas uma, talvez esta seria:

O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas". (DELEUZE, 2013, p. 228).

Quem sabe, apenas com um pequeno ajuste: trocaríamos a palavra homem por humanidade. Certo, assim fica melhor! O gênero singularizado como antes se apresentava limitaria o alcance da frase, o que se chocaria com a nossa pretensão. Provavelmente, também, alguns recortes seriam necessários. Afinal, chegar ao fim sem que o proprietário da parede percebesse seria tarefa árdua.

Se você também fosse fazê-lo, qual seria a sua Leitora?

Já no saguão do prédio da psicologia, o rapaz se deparou com as inúmeras frases que transbordaram aos espaços comuns do instituto durante o período da ocupação. Como estava sempre correndo não havia reparado o quão forte aquelas paredes tinham se tornado. Depois de fitá-las por alguns instantes, utilizou-se do tempo gasto entre o elevador e a sala de sua orientadora para respirar e se conectar ao *wi-fi* da universidade e checar rapidamente o seu *WhatsApp*. Tinha esperanças de que houvesse alguma notícia da delegacia. Frustrado.

A discussão no grupo que se seguiu foi, sem dúvidas, interessante, embora Bento tivesse permanecido *offline* durante todo o tempo. Sua preocupação com seu amigo não o deixou participar das discussões sobre a sociedade do controle e as pontes que o pessoal do grupo fez com o novo currículo do ensino médio e o congelamento de gastos com a PEC do teto¹². A preconização do ensino técnico e a falta de investimentos em educação, justificada pelo pífio argumento do pagamento da dívida pública, faz com que a necessária reformulação dos currículos se torne apenas mais um terreno arrasado pela agenda neoliberal.

Em todas as reuniões do grupo, um integrante ficava responsável por instrumentalizar e fomentar o debate. Nesse dia, era a vez da Andressa, uma mulher que ingressou junto com Bento no mestrado, que compartilhava da mesma orientadora.

- Pessoal, como fiquei responsável, é melhor eu logo ir aquecendo a voz – dando uma risadinha no final, Bento inconscientemente competia pela atenção da

¹² Projeto de Ementa Constitucional 241/55, que determina o teto dos gastos primários do governo para os próximos vinte anos.

orientadora e detestava a sua colega. Gente, eu andei pesquisando coisas para além do texto, né. E encontrei um site muito legal que fala dos algoritmos criados pelo *Facebook*¹³ para nos ajudar a pensar a formatação das pessoas nessa sociedade que o Deleuze tava falando, com as cifras, os *clusters* e tudo mais, chama *sharelab* – e seguiu sua explanação acerca da forma de funcionamento da ferramenta, a qual conta com pesquisadores sérvios que tratam sobre os mecanismos virtuais de processamento de dados da famosa rede social.

Nessa linha de raciocínio, a orientadora provocada com a temática, cortou Andressa e complementou:

- Não é que eu também estava lendo uns artigos que falam exatamente desse assunto! Porém, o artigo sustenta exatamente que o algoritmo estava com problemas. Nas últimas eleições presidenciais de 2014 o algoritmo não obteve êxito em criar essas tais bolhas. Com o funcionamento adequado do programa, o lado tucano não teria acesso ao outro polo petista e vice-versa. Isso gerou um grave problema, até mesmo para o *Facebook*, pois várias pessoas chegaram a desativar as suas contas, o que vai contra o que motiva a tal formação dos clusters – explicando para os demais o termo em inglês que a Andressa havia dito e não contextualizado. Além das eleições brasileiras, Grassegger e Krogerus (2017) sustentam a tese em seu artigo sobre o *Big Data* de que a eleição de Donald Trump teve grande influência através do cruzamento de dados coletados dos eleitores com os perfis de personalidade criados a partir da teoria do *Big Five*¹⁴. Assim, o mundo dos *data* se encontrou com o da psicométrica de modo a criar uma poderosa arma de antecipação probabilística de comportamento, com alto grau de acerto e posterior condicionamento que ajuda a compreender a virada na corrida pela Casa Branca. Segundo os autores, a campanha virtual de Trump, através da empresa *Cambridge Analytica*, fez com que aparecessem anúncios de marketing patrocinados pelo *Facebook* específicos para cada perfil que quiseram acessar mediante os traços de personalidade detectados pela ferramenta que criaram. Isso explica o porquê dos erros dos analistas políticos que davam como certa a vitória

¹³ Disponível em: <https://labs.rs/en/>.

¹⁴ “Na década de 1980, duas equipes de psicólogos desenvolveram um modelo que buscava avaliar pessoas com base em cinco traços de personalidade – o modelo foi chamado de Big Five: abertura (a novas experiências), conscienciosidade (perfeccionismo), extroversão (sociabilidade), condescendência (cooperatividade) e neuroticismo (temperamento). Com base nessas dimensões – conhecidas pela sigla em inglês OCEAN – é possível fazer uma avaliação relativamente precisa de qualquer pessoa”. (GRASSEGGER e KROGERUS 2017).

de Hillary Clinton, visto que consideraram apenas os mapas geográficos e não se atentaram para a estratégia personalística da equipe do presidente eleito. Não é mesmo, Andressa, desculpa te cortar, acabei me empolgando – a Isabel sempre buscava criar um clima amistoso dentro do grupo, utilizando de sua experiência como psicóloga para tentar não ferir o ego de ninguém.

- Sem problemas, como eu ia dizendo... – continuou a “rival” do rapaz.

Bento, em outra dimensão, não se deu conta da importância que esse material poderia ter para incrementar a complexidade de suas análises acerca do que havia pensado sobre o seu novo tema de pesquisa, os fascismos contemporâneos. O rapaz, bem verdade, estava tão distante do grupo que aproveitou a conexão à rede para se dedicar a leitura de seus e-mails. Quando chegou ao de indicação bibliográfica da professora da antropologia, surpreendeu-se com a rapidez da resposta da docente. Ao abri-lo, recortou e colou o nome de um dos livros do Foucault no aplicativo da *Amazon*, que havia baixado há pouco tempo, apenas para dar uma olhada nos preços. Num sobressalto, assustou-se com o valor, concluindo que tão cedo não viria a adquiri-los. Inclusive, tinha prometido para a Catarina que diminuiria o gasto no cartão de crédito. Vagando em seus pensamentos, sua única contribuição com o grupo tinha se limitado a apontar que o governo Temer tinha financiado *youtubers* para que fizessem vídeos promovendo a reforma pretendida em canais do site que contassem com grande número de visualizações da população mais jovem.

Momentos após esta pontual fala, um delicioso aroma de ensopado invadiu o ambiente – a sala em que ocorria a reunião era bem próxima ao prédio do RU do campus saúde. Percebendo o cheiro, Isabel que havia notado algo estranho no comportamento de seu orientando, indagou-o:

- Já que esse cheiro está maravilhoso, será que tu não terias mais nada a contribuir conosco, Bento? – dessa forma buscava estimulá-lo à fala, vez que o cheiro de peixe do ensopado remetia ao único pescador da sala.

- Eu tenho sim – dizendo rispidamente. A questão para a nova agenda da governa... governamentalidade seria a de fomentar as competências de seus indivíduos, fazer a economia se fortalecer através da qualificação dos trabalhadores e não do trabalho que era um ente abstrato – gaguejou no início, pois precisou olhar



Figura 12 – Empreendedorismo de Si

para o seu bloco de notas a frase que havia anotado mais cedo na antropologia, de modo que apenas a reproduziu.

Ele não fazia ideia que esse era um conceito foucaultiano. Os novos modelos educacionais podem ser encarados dessa maneira, não? A educação por competências, financeira, por projetos e os meios para aferir seus resultados (variados índices educacionais) são exemplos dessa perspectiva de incremento de capital humano para o Estado. Para exemplificar o programa, podemos citar Deleuze, retirando o caderno da mochila, no qual havia transcrito a citação: “O princípio modulador do ‘salário por mérito’ tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame”. (2013, p. 225, aspas no original). Aqui, o autor faz um pequeno recorte com vários apontamentos de como a sociedade a partir do incremento nos mecanismos de seguridade caminharia para o controle integral. Em específico, fala rapidamente de como a escola seria dada de presente à lógica empresarial. A reforma do ensino médio proposta pelo governo golpista vai ao encontro a essa linha de raciocínio, em que os alunos devem programar o que estudarão (muito embora, a não obrigatoriedade das diversas áreas do conhecimento implique em um grave problema para a garantia de que se ofertem professores de todas as áreas, visto ser um pacote de medidas que prima pelo ensino técnico das ciências da natureza). Esse é o modelo educacional utilitarista, voltado para capacidades específicas dos sujeitos empreendedores.

Ao término dessa frase, meio em tom de desabafo, percebeu que todos o olhavam de maneira estranha. Na verdade, Bento tinha acabado de basicamente resumir o conteúdo das últimas falas que as suas companheiras de grupo tinham dito, confirmando as suspeitas de que ele não estava prestando atenção na discussão proposta. Ao observar o fato, até mesmo sua decidiu que retiraria uns minutos do seu tempo após a finalização do grupo para conversar com o rapaz, para entender o que havia de errado. Contudo, isso não foi possível.

Logo ao seu término, Bento correu à delegacia. Ele mal havia se despedido dos colegas – realmente ele não esteve nada confortável durante a reunião. O dia tinha sido muito duro e ainda se sentia na obrigação de ajudar o seu amigo. Para ele, a discussão tinha sido completamente aburguesada.

- Eles psicologizam demais e nunca propõem nada concreto – disse para si mesmo no *Uber* que havia tomado.

Claro, podemos ser gentis e darmos um desconto para nossa jovem personagem, um tanto quanto irritado com a arbitrariedade da ação policial. Principalmente, porque se via em uma total impotência frente ao caso. Tanto é que tinha até mesmo esquecido de mandar a foto do vale-tempo para sua namorada.

Durante o trajeto, uma insistente inquietação o acometia. As paredes do *hall* de entrada do Instituto o desassossegaram de vez, ele também queria deixar a sua marca no mundo. Assim, tomado por um ímpeto subversivo decidiu publicar uma citação na sua linha do tempo.

- Por favor, Leitora, lhe pedimos: não ria da nossa personagem. O rapaz é revolucionário, mas nem tanto assim! Lembre-se: as dobras cristãs de seu corpo ainda gritam.

Ao abrir a sua página dentro do ônibus, se deparou com a sempre presente pergunta amistosa. É que o *Facebook*, para colher dados de forma implícita, nos recebe com a seguinte pergunta: “No que você está pensando, Bento?”.

Respondendo à questão, nossa personagem escreveu:

- Moeda é religião que alicia!

Acordando pela manhã, ainda exausto do dia anterior, após mais uma intensa briga com o despertador, abriu o *app* de sua rede social. O seu pixo de indignação até o momento, havia recebido a incrível soma de 5 curtidas e nenhum comentário.

Be a Dog

O galo canta tranquilo junto ao cintilar dos primeiros raios solares que invadem o quarto através das cortinas amareladas. Ambos, junto às badaladas do antigo relógio de pêndulo que batem quatro e meia, informam de uma forma nada delicada a chegada de outra semana de trabalho. A cabeça dói. Está difícil para o avô de Bento habituar-se às novas rotinas. Olha para o lado e não há ninguém. As únicas pessoas que o fazem companhia nessa segunda de manhã são as vozes que saem da reza do terço da estação Pelotas AM, “E com a graça de Deus, seguimos para mais uma semana. Amém!”

Segunda-feira é dia de se preparar para a saída à lagoa. Dessa forma, para ter algum som em casa no momento de desfrutar do café matinal, seu Joaquim, traz o aparelho e senta-se confortavelmente na varanda de sua casa olhando para as orquídeas e ao florido pé de amora do quintal. Não por coincidência, está na frequência AM 790, a rádio em que a Dona Maria José trabalhou por quase dez anos. Ao mesmo tempo que colocava lentamente o aparelho para funcionar, seus pensamentos corriam, o fazendo reviver o jeito tão único de Maria José que, embora escritora, nunca se permitiu ler os poemas ao vivo. Por não os considerar belos o suficiente, se limitava apenas à faxina semanal da pequena rádio pelotense.

Sem avisar, seus pensamentos se focam no neto e em suas repetidas manhãs de segunda. “O café cura ressaca”, é o que sempre dizia ao rapaz a cada novo início de semana, a fim de fazê-lo levantar. Desde pequeno, o jovem sempre brigava com o sono e se acostumou a acordar entre os afagos de sua avó e o os berros de seu avô com essa frase vinda da cozinha. Quase sem perceber, um sorriso tomava a face do senhor, que embriagado em memórias retorna à realidade, depois de tantas lembranças carinhosas.

Tinham os mistérios da reza finalizados, seu Joaquim, gira o botão para traz e sintoniza a AM 600, a rádio Gaúcha de Porto Alegre. Coloca o rádio de pilha na cintura, aciona os fones de ouvido e se encaminha pela estrada de chão ao “Paciência” no ancoradouro da Lagoa.

- Hoje à noite, direto do Beira-Rio, Pedro Ernesto traz toda a emoção de Internacional e Brasil de Pelotas, comentários de Paulo Roberto e o clima do jogo com as reportagens de campo com Rodrigo Figueiredo.

- E voltamos com a nossa programação, são seis horas mais três minutos. Bom dia Porto Alegre, eu sou a Elisa Rocha, vinte e dois graus, dia de céu limpo, acho que teremos um bom jogo pelo brasileirão. Como a partida é só às oito da noite vamos dar início ao nosso programa. Hoje, trouxemos uma psicóloga, especialista em comportamento humano, para ajudar você ouvinte a arrasar em qualquer entrevista de emprego. A crise é para todos, mas vamos trabalhar! – exclamou a locutora entusiasmada.

- A profissional é formada pela Federal de Santa Maria e vai nos trazer um pouco da sua experiência com o trabalho de assessoramento profissional em Nova York. Ela está abrindo o seu programa em nossa cidade baseado nos ensinamentos do renomado escritor e orador americano Dale Carnegie. Onde as pessoas podem se inscrever, doutora?

- Iremos começar os seminários no início do próximo mês, ali na Riachuelo, 35. Mais informações estarão disponíveis no site da Gaúcha, não é mesmo? – afirmou com voz firme, com o inconfundível sotaque do interior central do estado.

- É exatamente isso, doutora. Na verdade, vamos disponibilizar os passos que tu irás nos trazer nessa agradável manhã em *podcast* lá no nosso site “GaúchaZH”, então, vamos aos passos?

As últimas palavras se tornaram quase inaudíveis, algo sobre a indeterminação de uma música sertaneja, com o discurso da psicóloga. Uma frente fria chegava com força à lagoa, causando interferência à transmissão. Além de que, podemos afirmar que o velho Joaquim está bem menos enferrujado que seu aparelho. Contudo, insistia o senhor em permanecer com o rádio, afinal, fora um presente de aniversário de casamento dado pelos pais de Bento, antes do trágico acidente. E então as lembranças carregadas de afeto faziam com que o corroído aparelho se tornasse muito mais que um transmissor de ondas, e sim uma verdadeira e inusitada tentativa de conexão com os que estão distantes ou àqueles que já partiram.

Diante das dificuldades com o sinal, o pescador percebeu que havia esquecido em casa os acessórios referentes a tempestade que se anunciava. Antes de dobrar a esquina de casa, já se podia ouvir a festa do cachorro que Bento havia adotado ainda

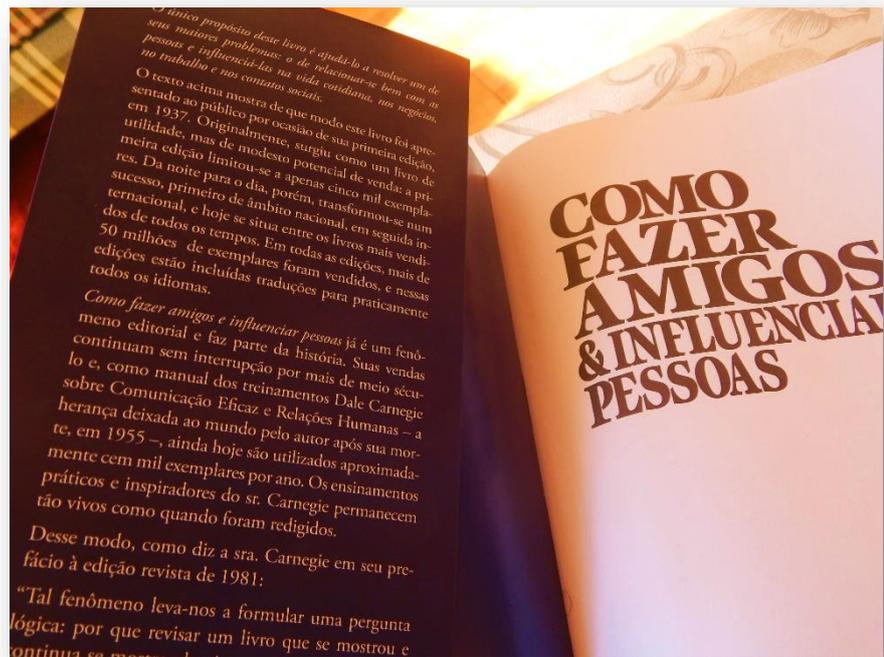


Figura 14 – Como influenciar amigos?

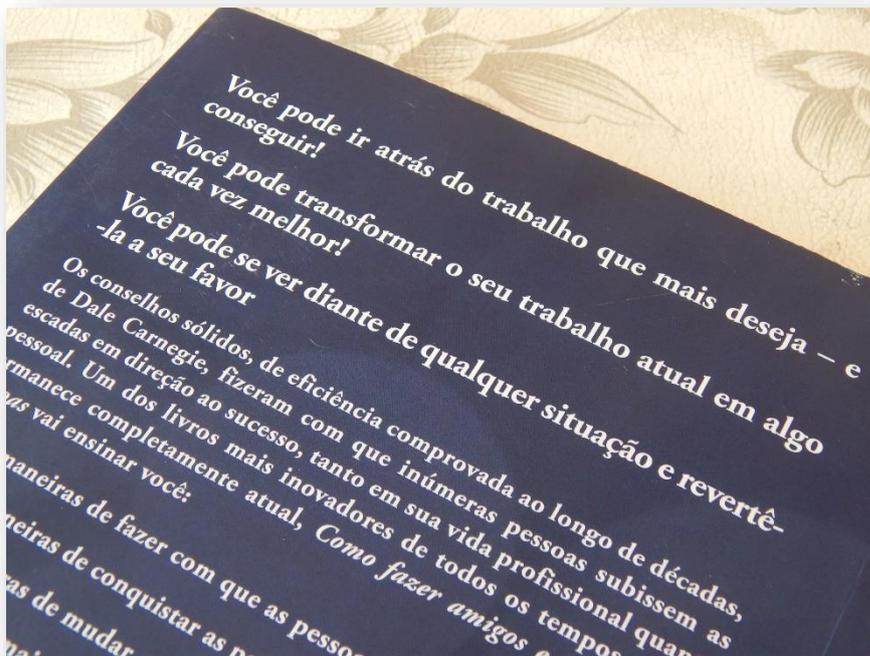


Figura 13 – Qualquer situação é reversível

guri. Assim que atravessou a porta, foi recebido alegremente por Salomão e com certa indiferença pelo Garfield. Após alguns afagos nos animais, aproveitou para se conectar à internet e continuar a ouvir a psicóloga da Gaúcha através do smartphone que Bento deixou com ele desde que saiu para o mestrado. Enquanto escutava, tomou seus óculos que se encontravam pendurados por uma fina corda em seu pescoço e o concentrou no centro de seu pontiagudo nariz – prontamente percebendo que as lentes precisavam de um toque de água e sabão. Agora, podendo enxergar, minimizou o aplicativo da Gaúcha e, mesmo que com certa dificuldade, abriu o *WhatsApp* para enviar a costumeira mensagem matinal ao seu neto:

- O café cura ressaca.

Aproveitando que ali estava, decidiu pegar mais alguns instrumentos que seriam úteis à agitada lagoa. Antes de deixar o local, se despediu novamente dos animais, os informando que a vizinha trataria da ração e enviou uma sequência de mensagens ao neto:

- Não vá se meter em confusão no jogo.

- Bah, to ouvindo a Gaúcha né, tem uma mulher da psicologia falando aqui, tu iria gostar. Depois entra no site que tem um tal de ‘pode caste’, não sei como escreve, com as dicas dela.

- O dia vai ser bom aí, bastante calor, o seu avô gosta muito de ti, to saindo aqui para a Lagoa, até sexta. Boa semana, meu neto!

- Já alimentei Salomão e o preguiçoso do Garfield.

- Vai ser bom, tá vindo uma tempestade aqui, do jeito que nós gosta. Deve chegar quarta aí.

Assim que acordou, quase dez da manhã, Bento deu um salto assustado. O despertador havia falhado – na realidade ele achou que havia clicado na soneca quando simplesmente o desligou. Além do *ringtone* do celular, ele havia deixado a persiana da janela entreaberta antes de se deitar. De maneira que, nessa manhã, o sol imponente trazia consigo vários feixes luminosos que inundavam o quarto e batiam contra o rosto do rapaz, indicando ao seu corpo inconsequente que este mais uma vez estava atrasado. Ainda meio ofegante devido ao susto com o horário, entreabriu um sorriso de canto de boca com as mensagens de seu avô. Quanta modernidade, pensou consigo. Apesar do gesto quase involuntário, Bento estava na verdade muito preocupado. Não com a tempestade, seu avô é velho de guerra, e sim com a mensagem sobre o café. Os pescadores da comunidade haviam o telefonado tempos

atrás o informando que o seu Joaquim estava bebendo demais nos fins de semana e nossa personagem não sabia muito bem o que fazer diante dessa situação. Além disso, a noite havia sido pesada, com sonhos muito esquisitos que o fizeram acordar a todo o instante. Ao menos teria material novo para levar à sua psicóloga.

Com o quarto ainda em lusco fusco, colocou as mãos no rosto e as esfregou com certa força contra os músculos de sua face, se lembrando que precisava urgentemente colocar as roupas para lavar – já não existiam cuecas limpas. Fora isso, tinha lido apenas metade de um dos quatro artigos que precisava para a reunião do grupo de pesquisa. Para a sorte de sua irresponsabilidade, esse novo semestre trouxe consigo uma alteração nos encontros, que passaram às 18 horas das segundas-feiras. Antes de efetivamente se levantar, ficou por mais alguns minutos conferindo as suas redes sociais, hábito comum a todos os dias, mas que se intensificava nas segundas de manhã, visto que julgava ser necessário responder rapidamente as mensagens de seu avô, o que amainava inconscientemente, ainda que um pouco, as suas intensas e recorrentes feridas culposas.

Apesar das inúmeras tarefas atrasadas, Bento decidiu dar uma olhada no tal ‘pode caste’ indicado pelo avô. Daí porque, quando voltassem a se falar, sabia que o velho ficaria animado em saber que havia acessado a programação, imaginando que de certa forma o faria se sentir mais útil e participativo em sua vida. Assim, entrou no site e clicou para ouvir o que psicóloga de Santa Maria teria para contar.

- E voltamos com a nossa programação, são seis horas mais três minutos. Bom dia Porto Alegre, eu sou a Elisa Rocha, vinte e dois graus [...]

Para sua surpresa, a psicóloga da rádio trazia os ensinamentos do livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas” de Dale Carnegie, famoso autor americano, obra que se orgulha ao trazer em sua capa a informação que já foram vendidos mais de 50 milhões de exemplares. Curiosamente, o mesmo exemplar que tinha adquirido e devorado durante o fim de semana. Novamente escusando nosso querido mestrando, este não realizou as suas metas de leitura por justamente tê-las substituído por esse livro, uma indicação de sua psicóloga Débora.

Na sexta-feira da semana anterior, Bento saiu da última consulta com aquela sensação de leveza que assustadoramente tomou conta de todo o seu corpo. Naquele dia, antes de sair da terapia, havia firmado com sua psicóloga que passariam a se encontrar uma vez a mais durante as próximas semanas – uma segunda e outra na

sexta, ela inclusive faria um bom desconto para essas sessões extras. Logo ao sair do consultório, que fica próximo ao Parque da Redenção, ainda sob o efeito do calor do encontro clínico, passou na primeira livraria a fim de adquirir o tal livro. Assim, entrou e rapidamente se dirigiu a jovem atendente que o recebeu com um belo e delicado sorriso. Porém, meio irritadiço, ao fazer menção em solicitá-lo, se deu conta que não lembrava do nome da obra. A Débora havia dito “Como fazer a história do Self”. Bento – que nem na terapia tira o celular das mãos – no entanto, não havia anotado, apenas se lembrava do “Como fazer”, tampouco sabia o autor. Com isso, a moça ao perceber o princípio de confusão, para não perder a venda, prontamente indicou o de Carnegie, informando que os exemplares estavam com grande saída, na verdade, quase esgotados. Naquele momento, traído por sua parca memória, criou rapidamente a imagem que afirmava ser aquele mesmo e sem delongas finalizou a compra.

Bento perdeu o resto de sua manhã ouvindo e discutindo com aquele *podcast*. Faltando apenas o finalzinho, foi obrigado a interrompê-lo, caso contrário não teria tempo de almoçar no Restaurante Universitário antes de ir à terapia. Pegou os artigos que precisava terminar, estendeu as roupas, encheu o copo térmico com mais café, colocou a mochila nas costas e tomou o rumo do campus.

Passando pela rua São Manoel, na altura do Instituto do Câncer Infantil, Bento, que sempre se estranha ao se deparar com aquele leão caricato, começou a ouvir uma voz dizendo para ele não entrar pela Enfermagem, que seria melhor dar a volta por toda na quadra. Nesse instante, ele olhou para os lados e notou que ninguém estava tão próximo assim, havia apenas um senhor que caminhava a passos vagarosos do outro lado da rua. Chegou até mesmo a cogitar por alguns breves milésimos de segundos que quem falava era aquele feroz, porém inofensivo e estranhamente sorridente felino, desenhado por formas geométricas imprecisas, algo como uma sobreposição de elipses concêntricas em tons avermelhados, com algumas ondulações em seu contorno fazendo as vezes de juba.

- Preciso urgentemente parar com a cafeína – disse em voz alta, daquelas vezes em que era para ser apenas mentalmente e não sabemos o quão elevada a oração saiu de nossa boca.

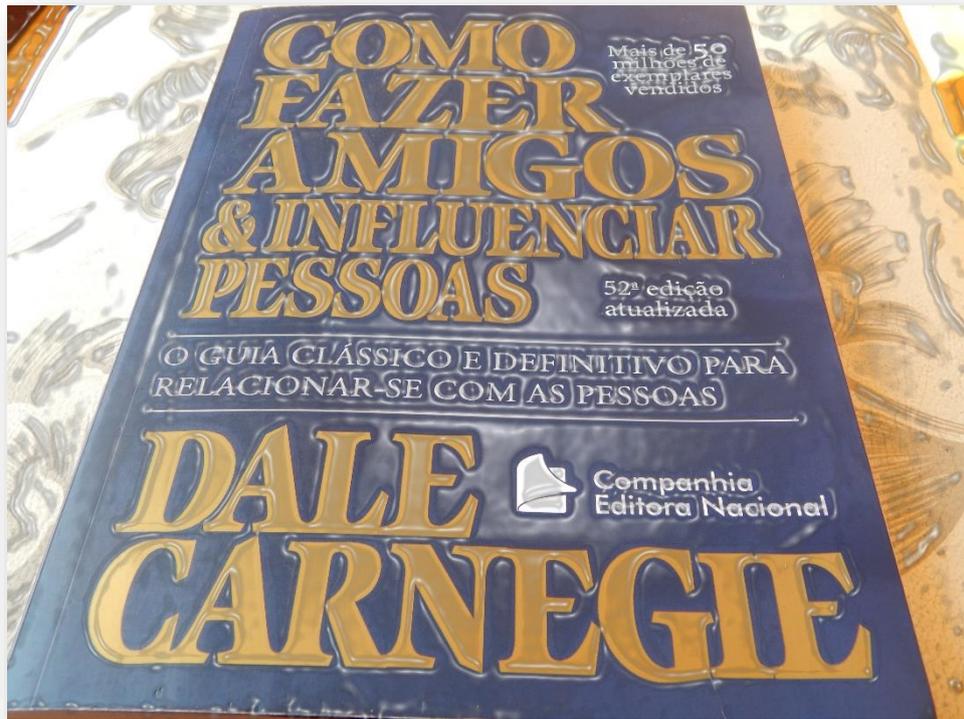


Figura 15 – O guia clássico

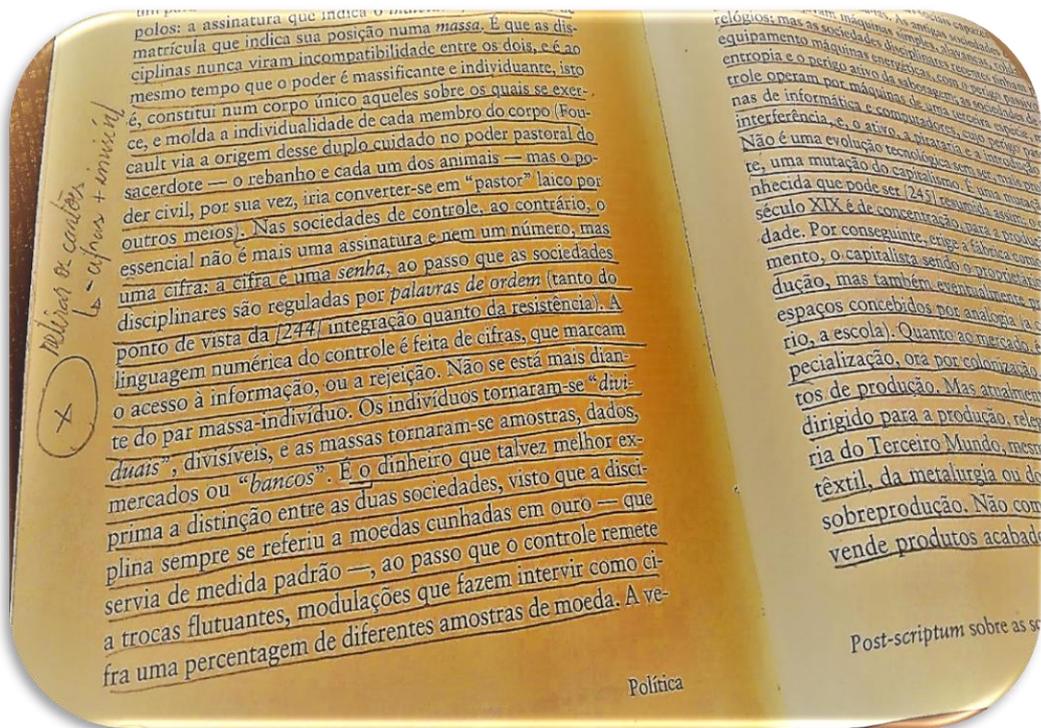


Figura 16 – (DELEUZE, 2013, p. 226)

Sem dar ouvidos a frase que escutara, Bento optou pela entrada desse estacionamento. No entanto, ao chegar na catraca, abriu sua carteira para pegar o cartão da Universidade e lá havia apenas a identidade. De tempos em tempos ele fazia uma limpeza geral, retirando os vários comprovantes de uso do cartão de crédito. Ao fazê-lo, sempre dizia para si mesmo que ela anda muito pesada, porém, invariavelmente se esquece de colocar todos os documentos de volta, dessa feita fora o cartão quem ficou fazendo companhia para a pilha de livros dispostas desordenadamente sobre a escrivaninha. Como não podia passar pelo portal magnético, teve que retornar para dar toda a volta em torno do quarteirão.

Fez o caminho maldizendo o mundo, de modo ao universo prontamente o responder: quando terminou de dobrar a esquina, uma fila quilométrica o aguardava – todo novo semestre traz consigo os infames bichos que ainda não se deram conta da equação de que nem sempre almoçar a R\$ 1,30 possa ser um bom negócio. Dessa forma, Bento teve que se contentar com o algoritmo da versão beta do *spotify* dizendo qual *hit* ele teria que ouvir debaixo daquele sol escaldante.

Finalmente no interior do prédio – em seu íntimo relógio colérico parecia que tinha dispendido quase duas horas de seu precioso tempo – ao subir o primeiro degrau das escadas, com o estômago dando sinais de vida, bufou e desistiu das músicas. Estava com o corpo todo irritadiço nessa manhã e acabou descontando em seus pobres fones, arrancou-os dos ouvidos em um gesto abrupto, como quem estoura uma garrafa de espumante e permite ao ar ali comprimido voltar a dançar pelo mundo. Se antes os fones protegiam os ouvidos de Bento ao modo das vozes aos esquizofrênicos, agora os sons do ambiente lhe invadiam os tímpanos. Nesse rompante, Bento escutou os primeiros latidos. Prontamente voltou a fazer um rápido giro sobre seu eixo para ver qual calouro teria a audácia de levar um cusco para o restaurante – só poderia ser trote, imaginava consigo. Porém ninguém teve essa brilhante ideia, os cachorros do campus frequentavam, vez por outra, apenas as aulas mesmo – os animais na verdade burlam as regras, visto que é explícito que os mesmos não podem habitar espaços federais. O latido, que chegou somente aos ouvidos do rapaz, estranhamente o remeteu à rádio.

Segundo a psicóloga da Gaúcha, o livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas” é dividido em quatro partes, mas para aquele curto espaço de tempo cedido pela estação se deteria apenas a sua segunda. Esta contém seis dicas para fazer com



Figura 17 – Evolução dos aparelhos de ouvir vozes

que as pessoas fiquem felizes em compartilhar de nossa companhia. As outras três partes (como lidar com as pessoas, como fazê-las pensarem do nosso modo e, por fim, como ser um líder), assim como a que se debruçou sucintamente no programa, seriam melhor detalhados ao longo do curso ministrado pela profissional.

Outra vez sozinho, entre reclamar mentalmente do tamanho do garfo e da faca que eles disponibilizam que não corta nem o arroz integral que ele tinha colocado em seu prato e o vagar a procura de um assento confortavelmente posicionado de preferência em uma mesa vazia, Bento subitamente concordou com o solilóquio de seu pensamento:

- Preciso escrever sobre esse livro!

Ao se sentar, o rapaz deu um breve sorriso. Resolveu que precisava tensionar a forma superficial com a qual aquela psicóloga o tinha trabalhado no programa. Para tanto o livro como a abordagem tinham sido hilários, nunca havia tido contato com autoajuda anteriormente. Além disso, estava decidido em tirar alguns minutos de seu valioso tempo de terapia para tratar com a Débora sobre aquelas dicas. Inclusive, já tinha em mente até mesmo um título para o seu texto: "*Be a dog*".

No meio daquele farfalhar de pratos, talheres, cadeiras arrastando, conversas que se multiplicavam, prova de cirurgia daqui, eletroestática dali, Bento não parava de pensar como poderia iniciar o texto. Entre as garfadas, sentado como sempre ao lado da janela – mais uma de suas excêntricas manias – começou a prestar atenção no latido de um cão que estava animado na calçada. Este não parava de pular ao lado de um catador de material reciclado, provavelmente o seu dono havia encontrado um osso suculento. Sem perceber, foi jogado por seus pensamentos em um intenso devaneio a partir das imagens dos sonhos da noite agitada que passou.

De sua mesa, agora se encontrava em algum lugar muito parecido com o quintal da casa de seus avós. Salomão estava lá, imponente, deitado em uma das cadeiras de balanço da varanda. Era noite de inverno, dava para inferir por conta do aroma e as gotículas de orvalho sobre grama, ademais a amoreira, que ele ajudou a replantar, se encontrava completamente carregada. Durante a madrugada, várias vezes Bento recobrava a consciência assustado naquele limiar: sonhando acordado, acordado sonhando. Era como que um ciclo: fechava os olhos, era levado para o quintal da casa pensando em uma frase que havia lido antes de se deitar, tentava, sem sucesso, trocar meia dúzia de palavras, ouvia a grosseira badalada do antigo



Figura 18 – Não ultrapasse

relógio de pêndulo vinda do interior da casa e rapidamente despertava. Apenas o interlocutor na cadeira é quem mudava entre esse abrir e fechar dos olhos.

A frase ritornelo que sempre estava presente era ele se perguntando “Se pudéssemos nos entender com os animais ou com as pedras, facilmente compreenderíamos o quão minúsculo nós somos face a história do universo”, retirada de um pequeno texto de Nietzsche que havia mexido muito em seu corpo. Durante os sonhos, parecia que seus sentidos estavam mais aguçados do que o normal e embora estivesse ao relento no quintal não sentia frio.

Percebendo que a comida estava esfriando, comeu rapidamente alguns bocados do arroz integral que havia misturado com beterraba e voltou para a imersão – o mestrando que tanto preza por sua imagem, nem percebeu que os demais estudantes estavam o encarando de maneira ríspida já que ele não liberava a mesa, a noção de tempo se esfumou junto às imagens que lhe tomaram. O sonho tinha sido muito real, poderia descrever nitidamente o cenário. O céu estava estrelado, os grilos entoavam agudos, alguns sapos coaxavam ritmicamente tal como um coral, a brisa fresca da lagoa se fazia ouvir ao se debater contra as árvores do redor da casa e mais distante algo como que um motor de barco compunha o baixo dessa sinfonia. Curiosamente, os seus ouvidos estavam tão afinados que ele poderia dizer com clareza de onde provinham cada um desses instrumentos e a qual distância estavam. Além da audição, parecia que conseguia saber a localização dos sapos, dos grilos através dos seus respectivos cheiros, bem como, qual dos amigos do seu cachorro o visitaram ultimamente. Era como se o olfato fosse uma nova forma de visão na qual diferentes tempos coabitavam com nitidez uma mesma imagem na qual fragmentos de corpos, objetos, efemérides se compunham e alternavam-se no foco destas imagens odoríficas

A primeira figura que lhe saltou no novo sentido foi exatamente Salomão. O velho cão pastor estava na varanda com a sua inconfundível marca branca no focinho espichado. Ao sentir o cheiro de Bento, ele prontamente ficou de pé na cadeira e balançou graciosamente a sua cauda. Nesse mesmo instante, Bento percebeu que não possuía controle sobre o sacolejar de seu quadril, suas cadeiras pendulavam ao modo dos autistas ou dos pés nervosos sob uma carteira escolar em um movimento incontrolável que exprime uma afetação. Parecia estar realmente se entendendo com o animal. Ao tentar se aproximar do amigo para lhe dar um afago, o relógio bateu forte

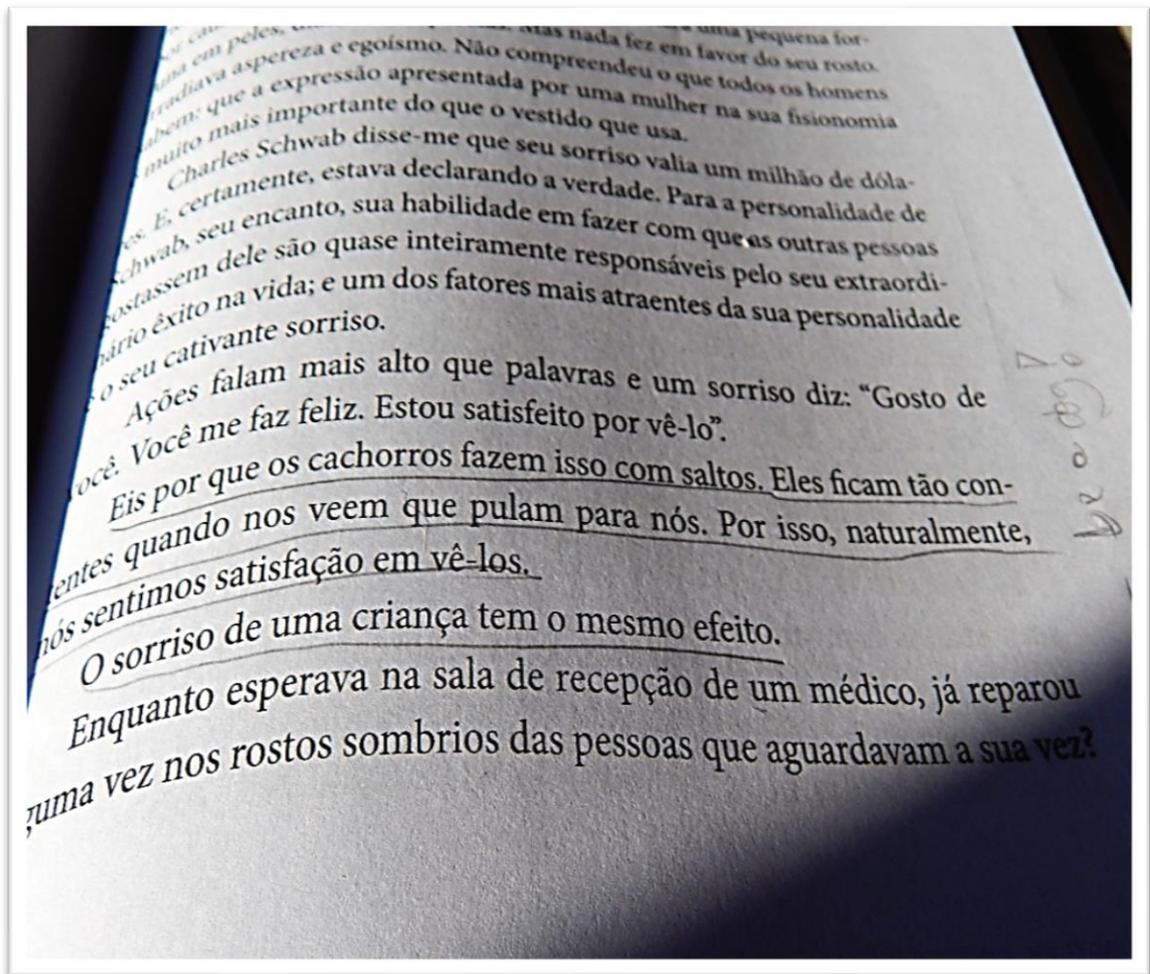


Figura 19 – (CARNEGIE, 2012, p. 99)

e ele despertou. Assustado, ficou por alguns segundos pensando qual o significado de ter sonhado com o cachorro, chegou até mesmo a temer por seu amigo, já que o mesmo não é mais nenhum garoto.

Adormeceu. Agora era a sua orientadora lá sentada. Cabelos longos e cacheados, camiseta básica preta combinando com a saia também negra e um salto alto vermelho, parecia estar tomando cerveja e lendo Deleuze. Com o quadril abaixado, o rapaz se aproximou para cumprimentá-la cordialmente. A frase nietzschiana ritornelo “Se pudéssemos nos entender com os animais ou com as pedras, facilmente compreenderíamos o quão minúsculo nós somos face a história do universo” cessou na hora, só queria mesmo compreender o que a teria feito gastar 5 horas de estrada para o encontrar. A resposta já estava na ponta da língua:

- Segunda eu termino o texto e te envio por e-mail.

Para sua sorte, não precisou se explicar, o relógio mais uma vez fez seu trabalho. O curioso foi que, antes das três badaladas, ao estender a pata para ela, a orientadora riu e apenas passou a mão na sua cabeça, dizendo:

- Bom garoto!

Bento até descreveu essa cena no seu caderno de anotações para mostrar para a Débora mais tarde.

Novamente o ciclo. Contudo, ao observar a varanda, as cadeiras estavam posicionadas de maneira diferente. Claro, estavam de frente uma para a outra. De perfil, facilmente reconheceu, era a sua psicóloga. Ele ficou espreitando de longe, não sabia que ela prestava o serviço de consultas à domicílio, se perguntando até mesmo se tal prática seria reconhecida pelo conselho. Apagou Nietzsche da cabeça e foi ao seu encontro. Ela estava com o Garfield sob seu colo. Avistou Bento e disparou:

- Tu estas precisando de um banho, amigão!

Antes da frase, novamente a região de seu quadril se movimentava para lá e para cá. O gato, entretanto, não gostou nada do encontro, estava se comportando de maneira ríspida, miava agressivamente em sua direção. Ao fazer um gesto para poder acariciar o seu bicho de estimação, Bento, ao tentar dizer “Garfield”, soltou uma espécie de latido. Nesse momento, o gato deu um pulo e saiu porta a dentro. Ouviu-se o rompante das badaladas e ele também pulou, só que da cadeira do RU.

Diversos olhares se voltaram para a mesa, até mesmo as trocas de mensagens dos celulares foram deixadas de lado nesse breve momento, cedendo abruptamente

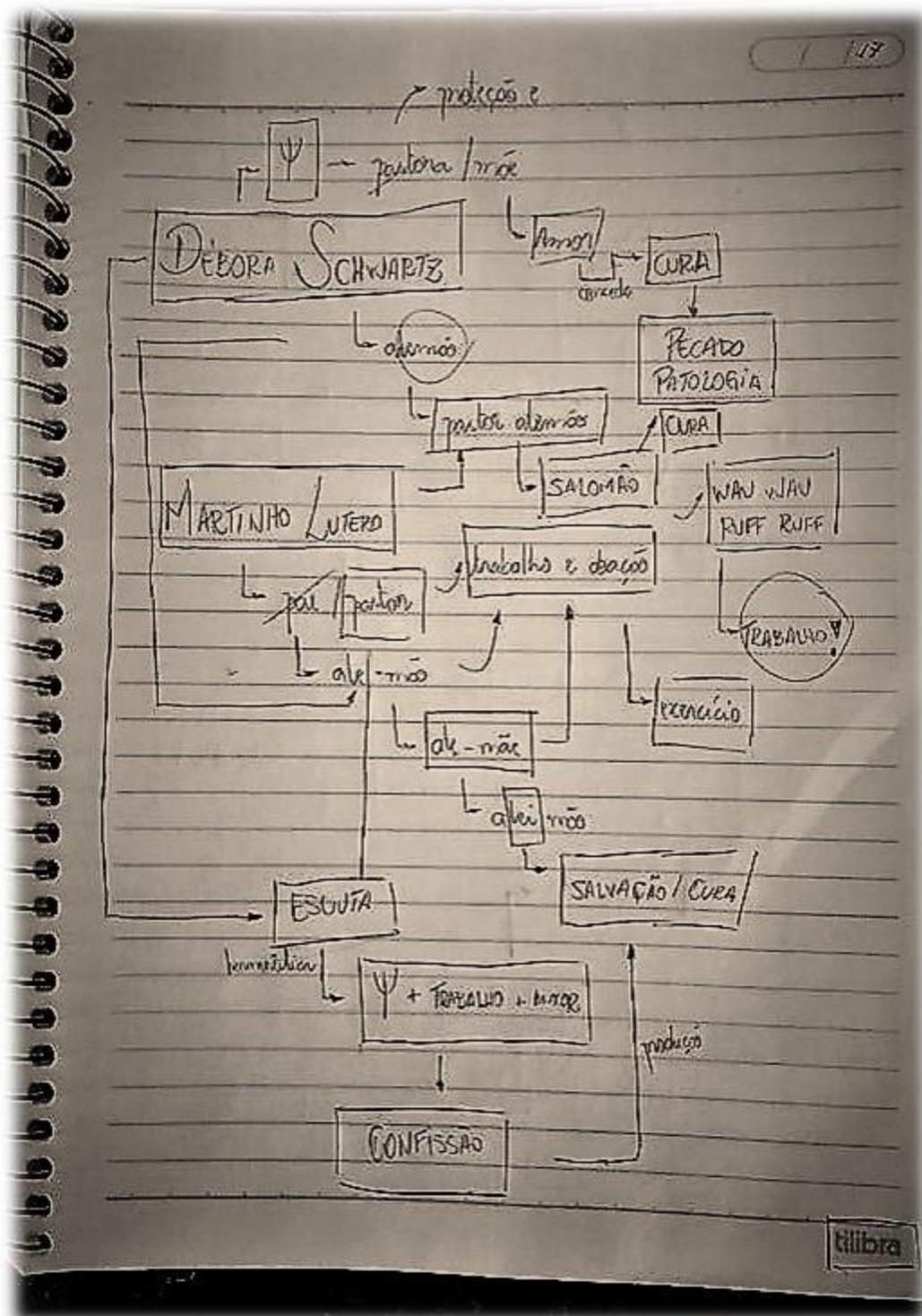


Figura 20 – Pastores

sua cadeira cativa naquelas telas às filmagens da performance de nossa querida personagem. Uns gargalharam do latido, outros pensaram ser algum tipo de trote e voltaram à refeição, olhares piedosos também puderam ser notados, porém, os que se sentavam mais próximos, o fitaram visivelmente com as pupilas dilatadas. Bento, porém, nem as notou. Em seu transe, a psicóloga, como que em um piscar de olhos, rapidamente cedeu lugar ao cão pastor.

O cachorro e seu dono já tinham coletado as caixas de papelão deixadas pelos funcionários do restaurante e partido. Bento, contudo, permanecia enamorado da janela. Algo o conclamava, os latidos se faziam insistentes no ambiente. As alunas a sua frente, provavelmente estudantes de odontologia, passaram a não entender o que estava acontecendo, julgaram ser uma performance do povo estranho da psicologia, mas por via das dúvidas trocaram de mesa – Bento vestia uma camiseta com o símbolo que o denunciava. O fato, Leitora – ainda está aí? – é que nosso querido mestrando, de posse do celular, latia em direção ao vidro com auxílio do app do Google Tradutor.

Nessa fração momentânea, Bento pode se dar conta de que os sons que escutava vindos da rua eram, de fato, a contundente, grave e inconfundível voz de Salomão. Na realidade, seu velho amigo veio fazer uma visita e conversava com ele através da vidraça da janela – o jovem até pensou em oferecer água gelada para o acolher com mais cordialidade, porém se lembrou que isso não era permitido no restaurante. Latindo, um tanto quanto formalmente, o animal respondia à voz do Google:

- Olá Bento, como está? Agora que só estamos eu e tu aqui posso te contar toda a verdade. Garfield está bravo contigo. Primeiro porque tu nos abandonou, segundo porque a gente está brigado e parece que tu tomou o nosso partido. Desde o primeiro estatuto da OMC (Organização Monetária Canina), que data do início do período Barroco, dobramos um tratado de comportamento para as próximas gerações. Além disso, junto da Revolução Industrial firmamos um acordo de livre comércio doméstico com os gatos, no que ficou conhecido por nós como “Tratado da Pax CaniFelidae”. O nome da nossa família vem em primeiro, uma das exigências para deixarmos de persegui-los. Com efeito, a mais importante regra acordada foi a de que apenas os deixaríamos em paz se, e somente se, eles passassem a ter formação em gestão de recursos humanos, digo animais, conosco.

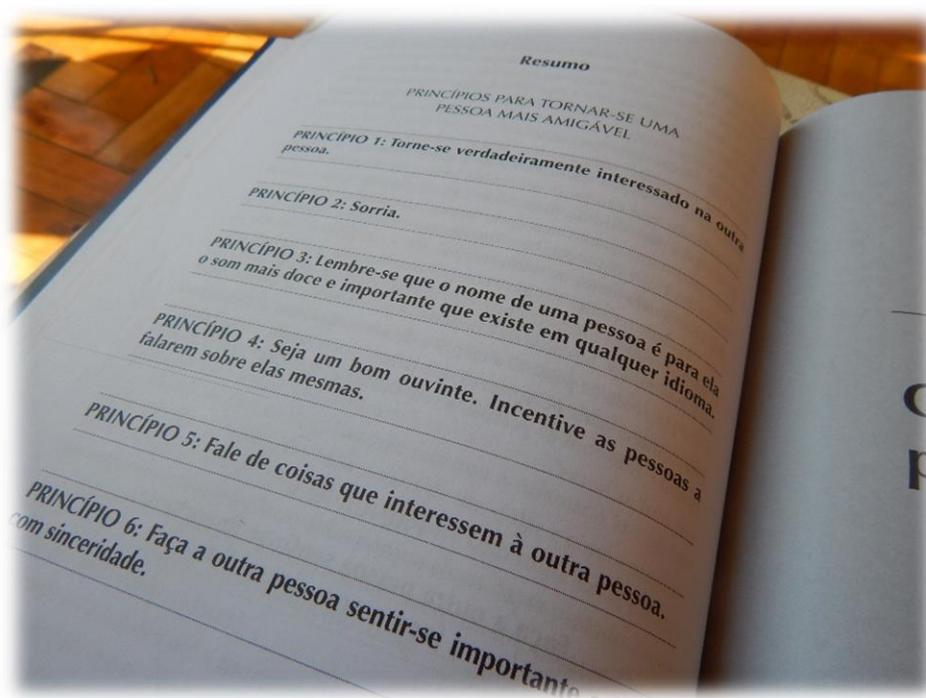


Figura 21 – (CARNEGIE, 2012, p. 140)

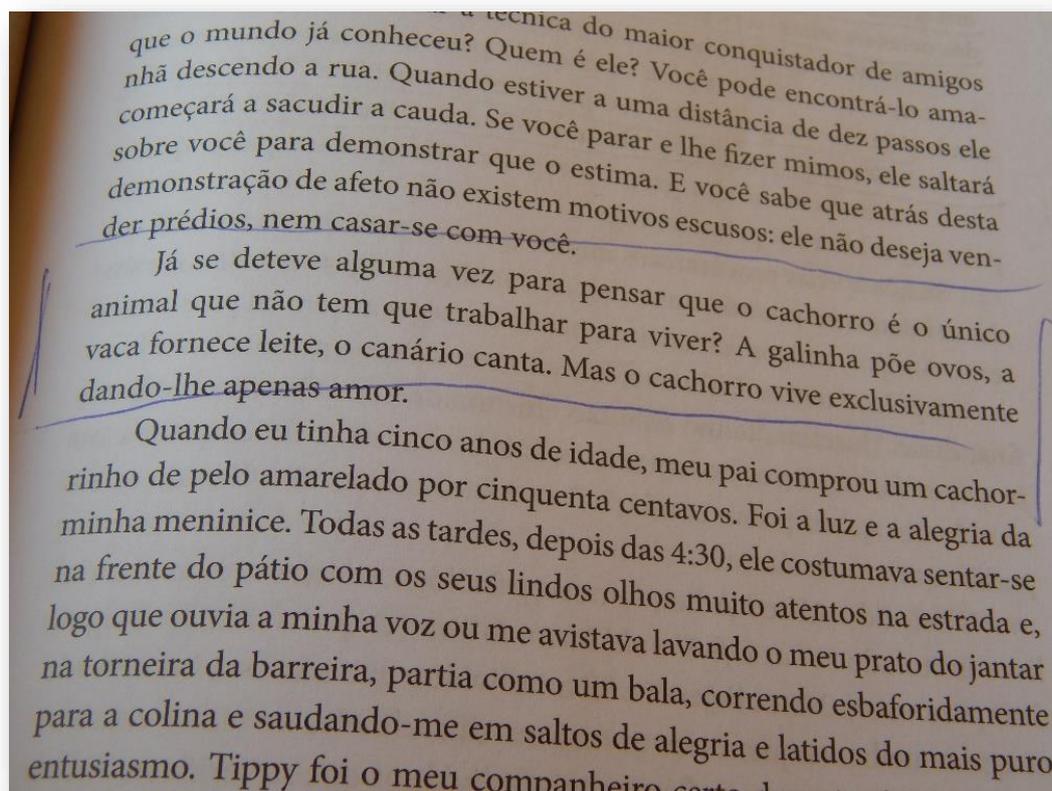


Figura 22 – (CARNEGIE, 2012, p. 87)

- RH? Como assim? – inqueriu assustado.

- Sim. Tu realmente acredita que exista algum comportamento inato? Claro que não. É tudo ensinado, treinado e retrabalhado desde que nascemos. No contrato de mútua gestão e cooperação assinado, firmamos junto aos gatos que para que a cultura PET pudesse vingar a curto, médio e longo prazo, eles precisariam assumir uma espécie de cinismo existencial. Em nosso plano conjunto de ataque, os felinos deveriam, nos lares que adentrassem, performar uma certa indiferença para com os humanos. Ou seja, na prática, demonstrariam que só se importam com a casa – como a intensão deles sempre foi a de ampliação territorial não foi tão difícil o convencimento. Caminho fértil para podermos nos constituir no mais nobre dos papéis: fiéis escudeiros dos humanos.

- Após os cinco primeiros séculos, tempo que julgamos necessário para que se sentissem os primeiros efeitos do programa, houve o grande seminário destinado a avaliação do mesmo – lá os gatos até pontuaram que não estavam curtindo o papel do cinismo. Contudo, os resultados encontrados foram altamente satisfatórios para ambas as partes. Veja só: nós, os bichos domésticos, não precisamos trabalhar, temos lares e comida a vontade, os humanos gastaram e gastam rios de dinheiro conosco (observe hoje os *Petshops*), e isso, produto da alocação correta de nossos recursos financeiros. O fomento de capital animal, portanto, foi, é e sempre será primordial para o mercado de trabalho. O que criamos com esse projeto foi uma variação sedutora da posse, a partir da nossa parceria de sucesso. Claro, estabelecemos limites comerciais com a outra espécie. Afinal, desde que a regra geral fosse respeitada não poderíamos eticamente interferir na forma como as estratégias deveriam ser adotadas. Dessa maneira, mesmo com o fluxo díspar das técnicas de gestão, ambas convergiram e se retroalimentaram, posto que os dois casos passam a consistente impressão de que os animais são posse dos humanos, enquanto, em verdade, o que ocorre e ocorreu é justamente o contrário. Assim, nós, cães, ainda podemos acusar os gatos de não serem tão eficazes quanto aos nossos esforços caninos da outra ponta do acordo bilateral, que eles não aprenderam corretamente e, única e exclusivamente por esse fator, são os *canidaes* que obtiveram a alcunha de os “melhores amigos”.

Nesse instante, Bento se encontrava tentando coçar a barriga com o pé esquerdo. Parecia ter algo como um hospedeiro passeando por entre os pelos de seu

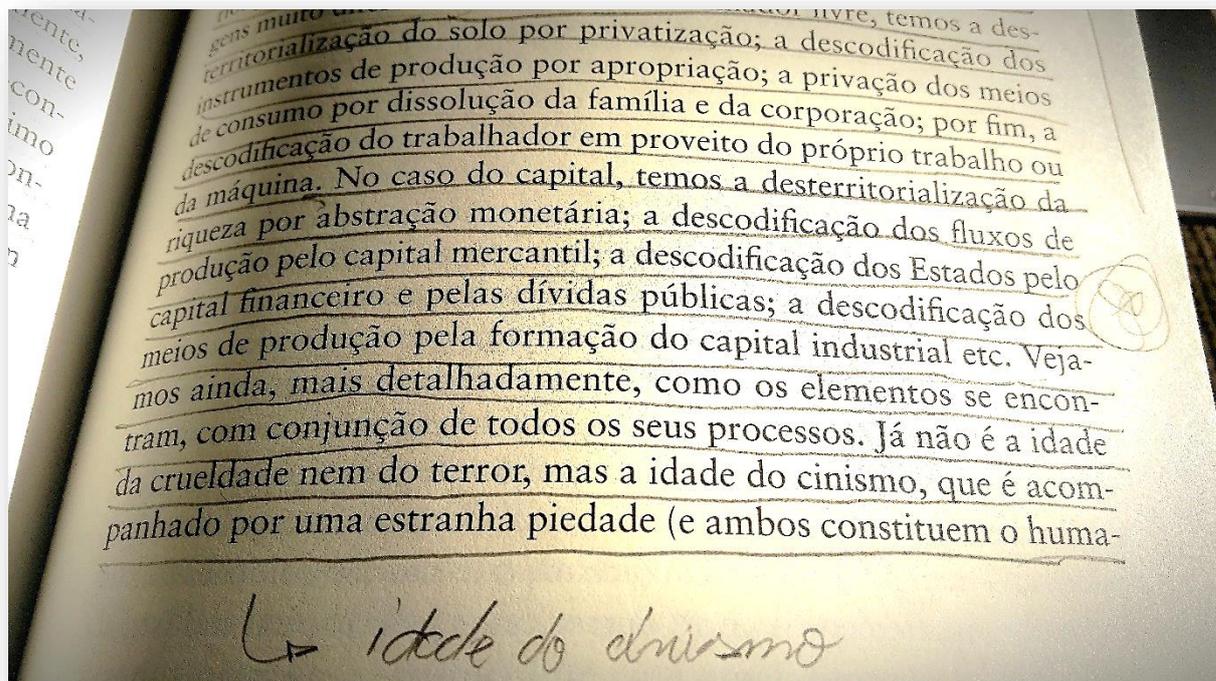


Figura 24 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 299)

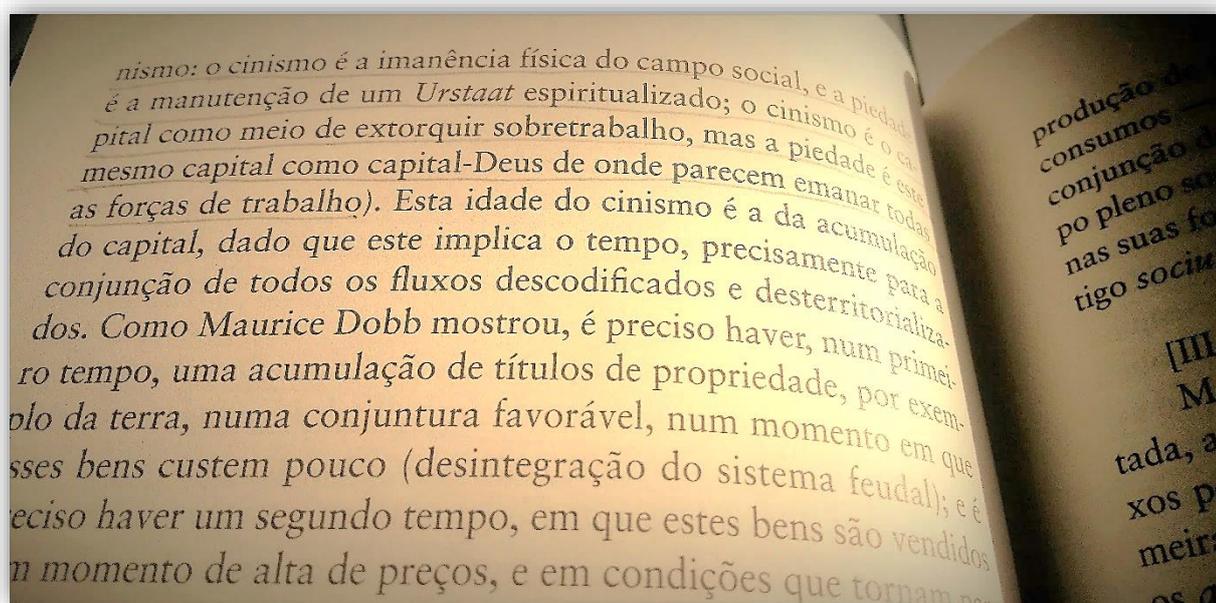


Figura 23 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 300)

peito, estes que nitidamente estavam maiores. Na segunda tentativa, mais efusiva, ele quase derrubou seu prato no chão ao bater com o joelho na quina da mesa, ainda deixou uma enorme marca de sola de sapato em sua camiseta branca. Um ensurdecido silêncio se sucedeu ao episódio. O salão do RU parou e todos os demais estudantes olharam em direção ao rapaz.

Salomão, sem dar grande importância, seguiu:

- O Carnegie simplesmente copiou os nossos mandamentos tirados na primeira Conferência Internacional da OMC do século passado. Curioso né, o livro foi publicado em 1936 e o nosso grande evento data de 1935, em Dogville. Olhe por exemplo a parte dois. “Seis maneiras de fazer as pessoas gostarem de você”:

1. *Torne-se verdadeiramente interessado na outra pessoa;*
2. *Sorria;*
3. *Lembre-se que o nome de uma pessoa é para ela o som mais doce e mais importante que existe em qualquer idioma;*
4. *Seja um bom ouvinte. Incentive os outros a falar sobre eles mesmos;*
5. *Fale de coisas que interessem à outra pessoa;*
6. *Faça a outra pessoa sentir-se importante e faça-o com sinceridade.*

- Não pegou, vou te fazer uma citação da página 87 “Já se deteve alguma vez para pensar que o cachorro é o único animal que não tem que trabalhar para viver? A galinha põe ovos, a vaca fornece leite, o canário canta. Mas o cachorro vive exclusivamente dando-lhe apenas amor”. (CARNEGIE, 1936). Ou, mais adiante, já no subcapítulo 2, cuja dica é sorrir, “Eis porque os cachorros fazem isso aos saltos. Eles ficam tão contentes quando nos veem que pulam para nós. Por isso, naturalmente nós sentimos satisfação em vê-los”. (Idem, p. 99). Ele tentou nos trair, na verdade fomos nós cães que o contratamos para escrever o livro. Acordamos que ele poderia ficar com 5% do valor das vendas, ele queria 7% e nos apunhalou. Por sorte, a sua estratégia não obteve êxito, nenhum humano foi capaz de perceber.

Olhe aqui o gráfico, 33% dos que adquiriram e efetivamente seguiram os passos se tornaram vencedores, ou seja, mais lares quentinhos para nós. Esse é só um exemplo dos vários manuais escritos por autores-laranja que compramos para servirem de fachada e nos servirem para o cultivo de nossos “donos”.

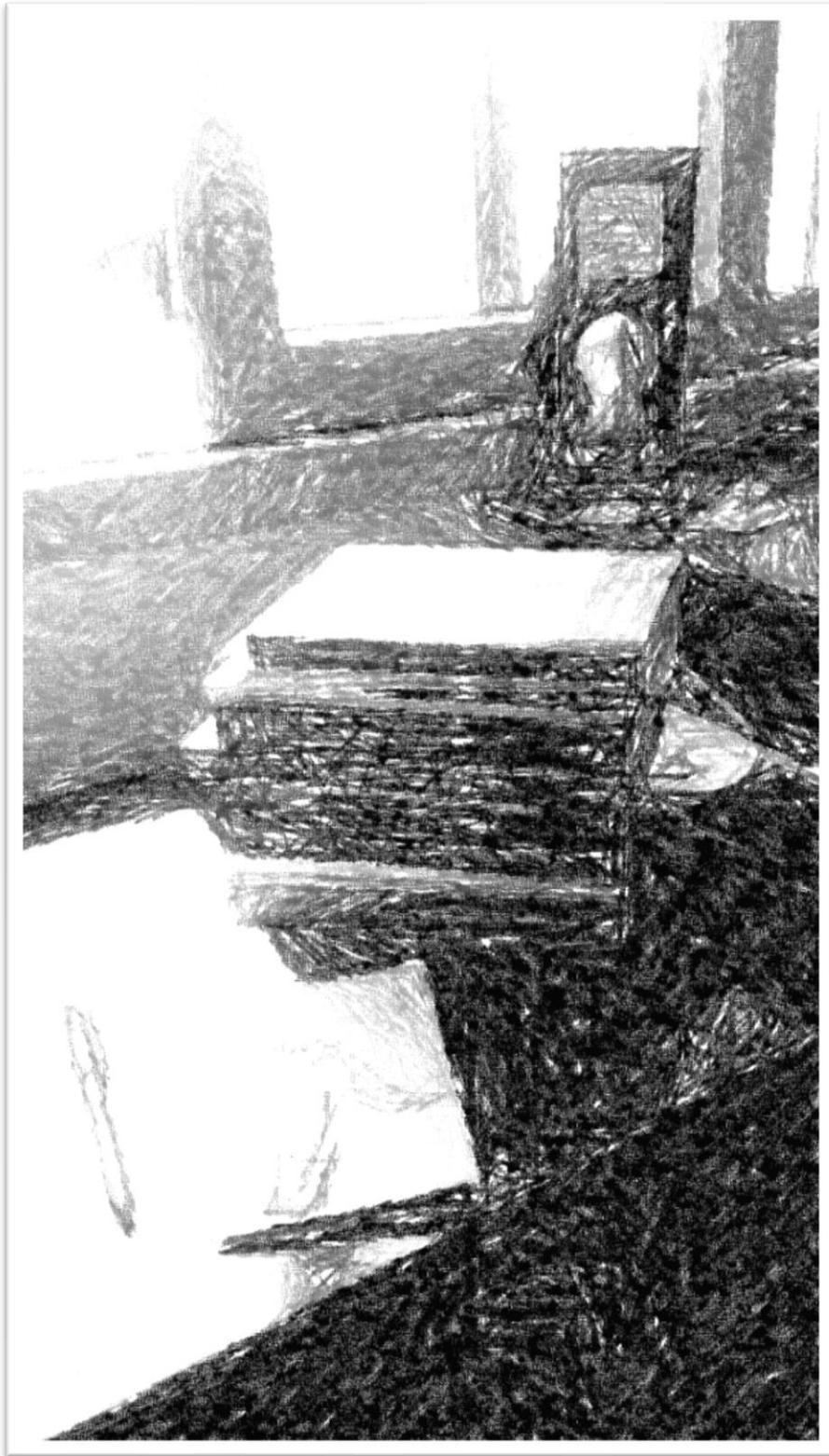


Figura 25 – Escrivaninha pilhada

- Vocês criaram um manual para humanos manipularem humanos? – exclamou Bento, com os olhos arregalados.

- A luta é para todos, companheiro! Cada um com sua matilha. Até fazemos caridade, tu mesmo notou aquele cão que acompanhava o catador de papeis, nós temos um departamento gigantesco de assistência canina aos humanos que não moram em casas! Com nosso acompanhamento terapêutico fazemos com que sua vida seja mais suportável, além de os auxiliarmos no que diz respeito ao acréscimo exponencial das doações efetuadas pelos transeuntes que tentam amainar de alguma maneira a sua culpa – nossa matilha assistente tem ótima formação em recursos caninos à afetação de humanos, o que lhes possibilita o ataque direto no coração da empatia dos mesmos, muito mais do que os humanos em situação de rua pudessem sonhar em um dia conseguir.

Bento, incrédulo, nem conseguia rebater. Salomão prosseguiu:

- Já nos antecipamos inclusive ao impedimento da presidenta de vocês, ficou bem claro que os pacotes de medidas seriam aprovados quando seu vice assumisse. Estamos para publicar uma trilogia atualizada:

- “Como se fazer empreendedor com zero capital”;
- “Estudar no amor: ensino público é do Demônio”;
- “Trabalhar até morrer ou morrer de trabalhar?”.

O último, claro, patrocinado. Acordamos em ajudar a vender aposentadorias privadas – iremos ter uma grande parcela de humanos idosos logo logo, pois a pirâmide etária está se invertendo – não estamos certos?

- Mas quando isso tudo começou? Não consigo crer em ti! – exclamou nossa personagem em direção a janela.

- Hoje em dia chamamos de “AAT” (*Animal Assisted Teraphy*), ou a popular Pet Terapia – o inglês nos ajuda a dar uma certa distinção.

- Realmente, tu cheio das siglas – Bento o interrompeu pela primeira vez.

- Como eu ia dizendo, hoje em dia, que quer dizer quase dois séculos, se convencionou chamar por Pet Terapia essas nossas práticas de gestão da humanidade, afinal sempre estamos muito atentos às contingencialidades dos mercados locais. Nossa equipe técnica nos ajuda a orquestrar nossas práticas em

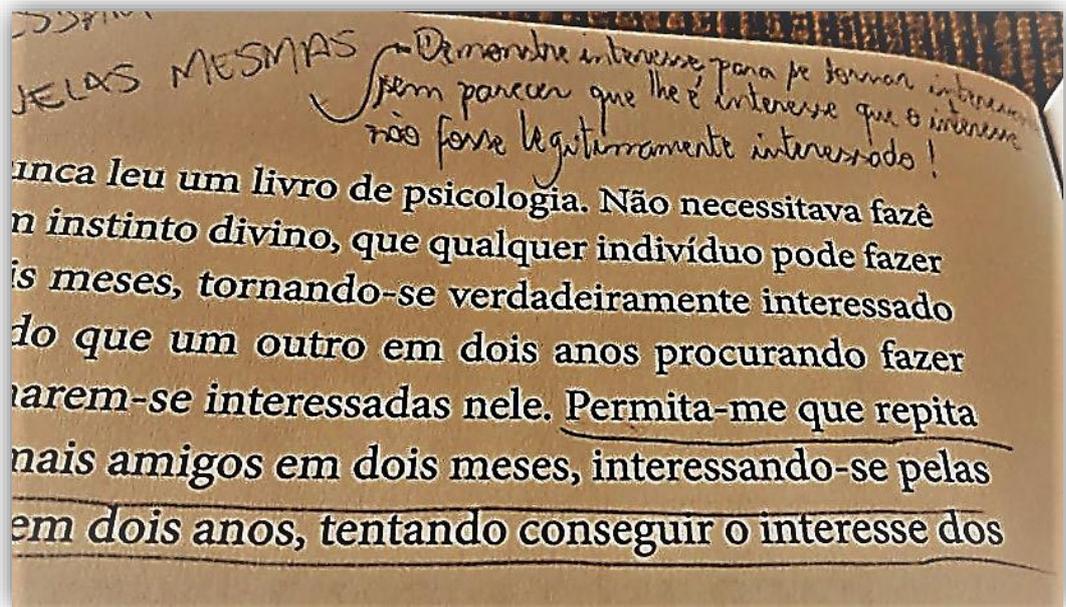


Figura 27 – (CARNEGIE, 2012, p. 88)

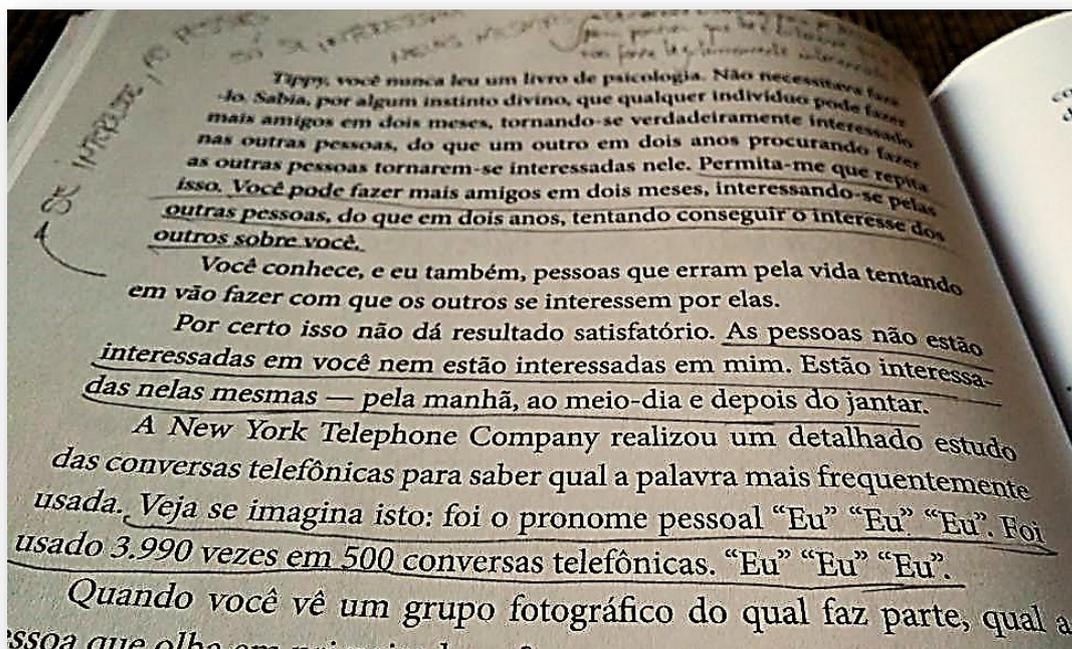


Figura 26 – (CARNEGIE, 2012, p. 88)

cada região do globo, o que só incrementa o nosso sucesso, afinal estamos sempre preparados a todas as variáveis.

- Não saquei, como funciona? – outra vez Bento se aligeirava.

- Calma guri. Já vou especificar – Salomão passou demoradamente a pata direita sobre seu focinho, tentando demonstrar ao Bento o quanto não gosta de ter o encadeamento de seus pensamentos atropelados por essa raça que se afirma como superior. Nem sempre chamamos de AAT. Nos primórdios de nossa civilização, antes de começar a nossa primeira cultura piloto, chamávamos apenas de “WE” (*Wild Experiment*). Nós não fazíamos ideia de como a experiência do Grande Lobo, há 33 mil anos, poderia ter dado tanto sucesso. Para começar esse experimento do “Nós”, a primeira coisa que foi desenvolvida com a atenta supervisão d’Ele foi uma sofisticação da nossa linguagem ancestral a partir da criação, por parte de nossa equipe de cientistas, de um novíssimo aparelho de fala¹⁵. Ele foi acoplado à garganta de nossa equipe de bravos expedicionários que concluíram com sucesso os contatos de primeiro grau com os acampamentos nômades de vocês. Esse sistema sonoro que até hoje foi nominado pelos humanos por “latido” foi se modernizando ao longo do tempo, hoje, logo que as mães caninas dão à luz, elas mesmas se encarregam de fazer o implante dos nossos chips linguísticos nos pequeninos.

- Não faz sentido! – Bento continuava na defensiva.

- Tu permanece no conto do inatismo, óbvio, seu reino ocidental é inundado de mitos.

- Como assim, óbvio?

Com toda a sua serenidade, Salomão prosseguiu:

- Bento, tu acha que apenas o sistema sonoro foi responsável por resolver nossos problemas? Não seja ingênuo. Desde quando chegamos na Europa, há 10 mil anos, nós passamos a atuar sobre o desejo dos humanos. O capitalismo usurário de vocês aprendeu isso só agora. Só agora, no século XIX dessa era, que vocês tanto insistem em tratar por moderna. Se vocês chamam a tecnologia que tem hoje de

¹⁵ Segundo artigo de Guo-Dong Wang et al (2016), publicado na revista *Nature*, os primeiros canídeos que se aproximaram dos acampamentos primitivos diferiam dos lobos pelo fato de latirem. De modo que passaram a ser mais facilmente aceitos pelos humanos por não serem encarados como ameaças. A pesquisa sustenta que se estima que tal aproximação se deu há 33 mil anos. A entrada na Europa da raça aconteceu milênios depois, por volta de 10 mil anos.

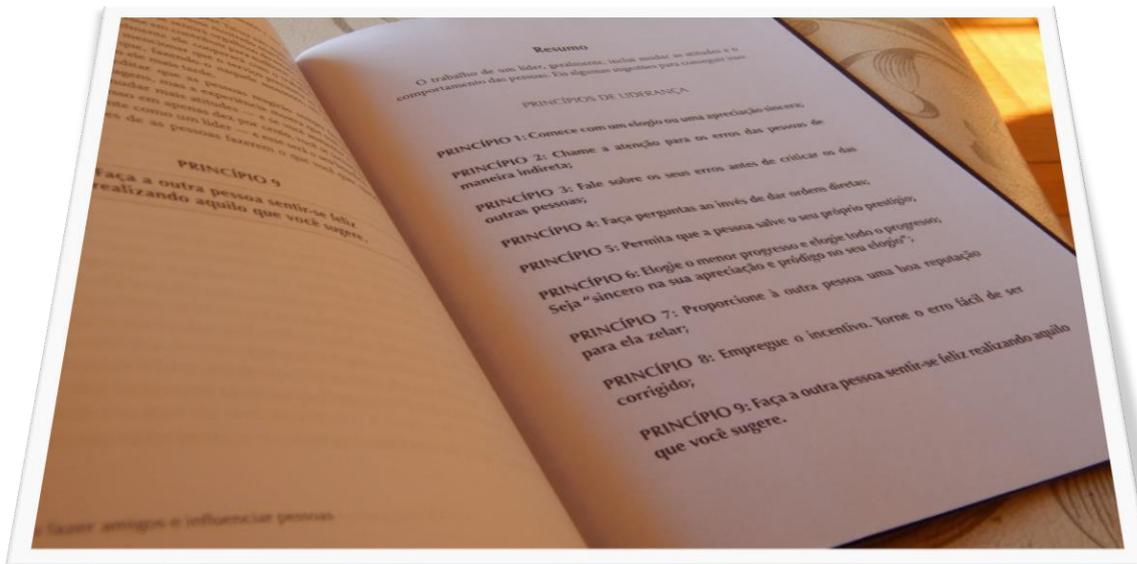


Figura 29 – (CARNEGIE, 2012, p. 263)

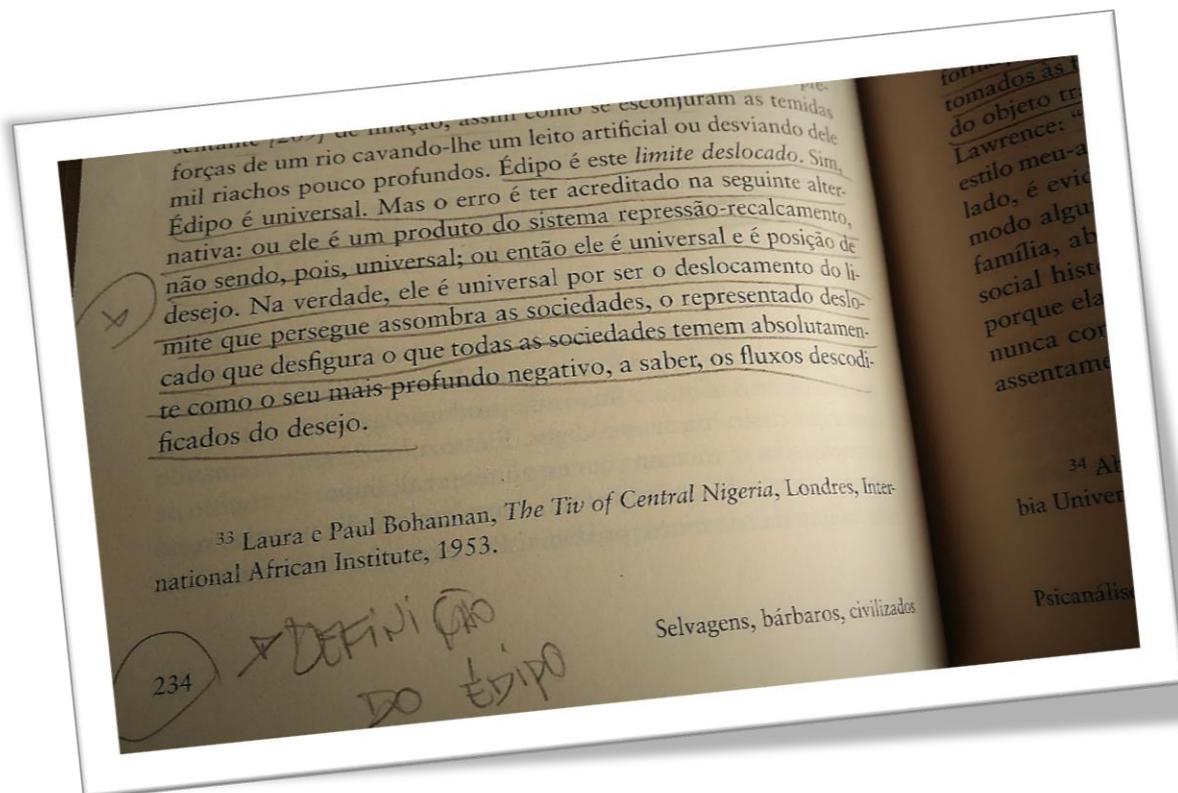


Figura 28 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 299)

moderna, como poderíamos chamar a nossa? – Salomão, ao observar o rosto de incredulidade de nossa personagem, passou a debochar ainda mais.

- As nossas máquinas de cultivo – prosseguiu – são alimentadas pelas usinas desejanter. A energia que as colocam em funcionamento é proveniente daí e não dos fantasmas de falta das termodinâmicas. O testamento do Grande Lobo nos deixou uma riqueza imensurável. Ele, naquela época, já havia deixado escrito os projetos que precisávamos seguir para os próximos milênios: “DAD” (*Desire Attractive Device*).

- Pai? – perguntou Bento.

- Sim e não. Claro, tínhamos a necessidade de edição de leis para o trato com os humanos – na real, só milênios mais tarde o nosso comitê de ética editou os direitos da humanidade. Vocês chamam isso de função paterna, um tanto quanto machista, mas isso é um problema menor para solucionarmos agora. O que se precisou criar de fato para concluirmos a planificação das nossas hidroelétricas desejanter foi exatamente o estabelecimento de um dispositivo mais interessante economicamente: a família nuclear privatizada.

- Mas essa família tradicional é invenção recente de nós humanos, tu não concorda?

- Tu pensa que é moleza moldar as pessoas sem usar da violência explícita! – Bento tocou em um ponto delicado, Salomão soltou a frase com certa rispidez. Não foram vocês que criaram, somos nós quem os cultivamos, nunca se esqueça disso, gurizinho!

- Para vocês deixarem de ser nômades e se assentarem junto a localidades sedimentadas, nosso papel foi fundamental. Os homens, que sempre foram mais fáceis de manipular que as mulheres, iam para a caça. Com o passar do tempo, a nossa pseudo parceria já estava bem incrementada, assim, usando e abusando de nosso método, fizemos a nossa cultura mais antiga compreender que era mais econômico e menos arriscado cultivar outras espécies do que ter que enfrentá-los na mata densa. Dessa forma, respondendo sua pergunta anterior, as mães foram extremamente importantes para marcar no corpo dos humanos um agenciamento territorial, projeto conhecido como “MOM” (*Meticulous Original Mark*). Foi um empreendimento audacioso, que com muito custo deu certo – certos ajustes foram

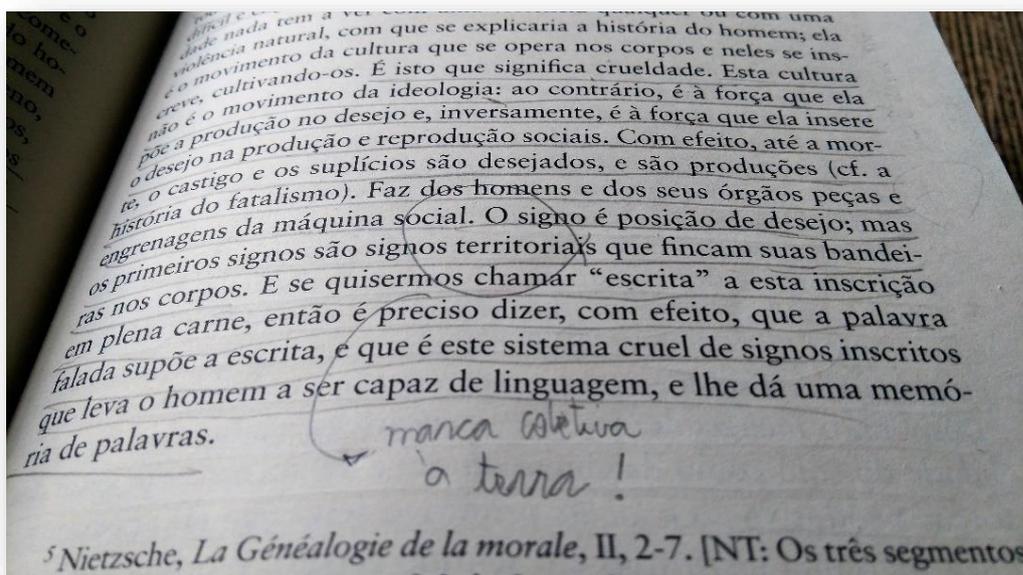


Figura 30 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 193)

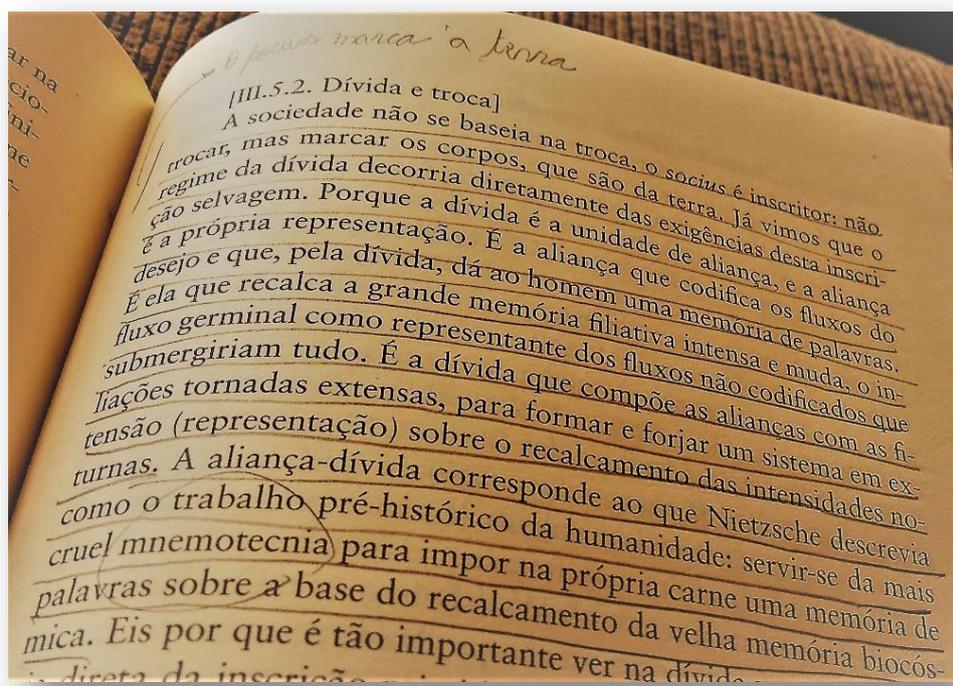


Figura 31 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 245)

necessários, posto que o padrão de comportamento a partir da hereditariedade sanguínea que funciona magnificamente bem nos dias de hoje, não fora um hábito adquirido logo de cara¹⁶. – O belo cão pastor terminou a frase balançando a cabeça negativamente com as orelhas meio abaixadas, como que reafirmando a grande superioridade da inteligência *canidae*.

- Agora tá começando a melhorar, Salomão – Bento disse isso animado, soltando um discreto uivo.

- Jovem, seja mais comedido, mantenha a compostura! Os seus colegas podem estranhar – Bento estava praticamente ilhado naquele momento, os demais estudantes definiram um raio de duas mesas de segurança.

Salomão precisava continuar, mas antes parou para trazer mais códigos de conduta. Julgou ser mais importante nesse momento mostrar para seu discípulo o problema de agir de maneira espontânea, tal como ele fizera naquele instante de empolgação, do que prosseguir com os projetos.

Assim, deixando a aba da história universal de lado, clicou e abriu novamente a do fazer amigos:

- Se quiser lucrar com a produção das abelhas, não afugente a colmeia (CARNEGIE, 2012). Esse é o primordial ensinamento que percorremos demoradamente durante os primeiros módulos com nossos filhotinhos – nossa equipe técnica só passa a mesclar gatos e cachorros quando os nossos já internalizaram essa regra. Tanto que exigimos que Carnegie o colocasse como o conselho de abertura do livro.

- E como fizemos isso? Você deve estar se perguntando né, Leitor@.

- Primeiro ponto, sob hipótese alguma critique alguém, jamais se queixe, tampouco moralize condenando previamente. Isso é fundamental para manter uma imagem *clean* no trato com os humanos. Vocês cultuam demais o parecer ser, dessa forma, olha o peso que é receber uma crítica, mesmo as construtivas. Não a faça, caso contrário as ações de sua empresa na bolsa de valores dos afetos irão despencar abruptamente!

¹⁶ Em “Selvagens, Bárbaros e Civilizados”, Deleuze e Guattari (2010) afirmam que Édipo era impossível nas organizações tribais, visto que as relações de filiação e aliança são completamente diferentes da sociedade moderna. Aqui as filiações são extensas (varia de acordo com o jogo das codificações e as alianças são laterais (o jogo político se dá com as demais linhagens).

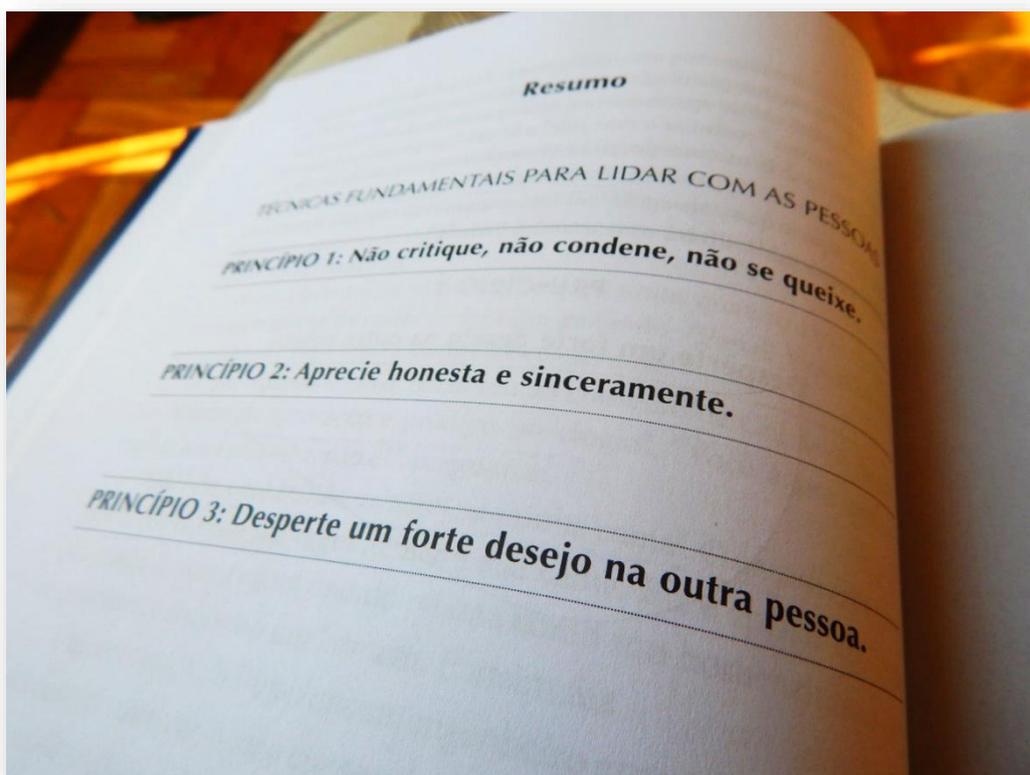


Figura 32 – (CARNEGIE, 2012, p. 84)



Figura 33 – (CARNEGIE, 2012, p. 39)

- Mas isso não é simples de se fazer! – exclamou o estudante, com rápidos *flashes* de imagens de quando se sentiu inferiorizado na vida acadêmica por ser de origem humilde. Como não criticar essas pessoas?

Com uma espécie de conexão telepática, Salomão sabia do que se tratava e rebateu:

- Faça um elogio a elas! Mas lembre-se, este deve ser honesto, se esforce, tu és jovem, inteligente! Não é simples eu sei. No entanto, se tu quer realmente produzir influência, essas suas mágoas devem ser apagadas, a captura do outro é que é importante. Quem não ama receber um elogio? Até a feição se modifica. E isso nos leva para o último conselho do início do nosso *best-seller*. desperte no outro um desejo ardente de nossa companhia, nós só nos tornarmos indispensáveis mediante esse sequestro.

- “A produção é desejante” – pensava em uma frase que a sua orientadora sempre dizia no grupo, o que o rememorou por microssegundos os artigos que não havia lido. Porém, a conversa estava tão interessante que ele não queria saber de outra coisa.

- Mas, enfim, o nosso cultivo não parou por aí. Nós, como sempre várias patas a frente dos humanos, já nos organizávamos no “Estado da Realeza Canina” quando tomamos a Europa. Para sairmos do *MOM Project*, contratamos Sófocles. Como tu deve estar pensando...

- Édipo? – respondeu perguntando, Bento.

- Não precisa destronar o meu suspense!

- Sim, Édipo Rei. Gregos e Romanos, definitivamente, foram os mais complicados de se governar. Ao contrário de nós que venerávamos apenas o Grande Lobo, eles criavam divindades para tudo! Com sorte, Sófocles topou entrar de cabeça no “*EYES Project*” (*Economic Young Empire State*). Aos olhos do déspota é que tudo se reformulou. Aqui se pode introduzir uma primeira espécie de moeda para uma primeira regulação das trocas econômicas. E tudo, absolutamente tudo, se referia ao olhar, ou melhor ao corpo do déspota. A inscrição de todos os códigos não precisava mais ser relativa ao corpo da terra, o que ocorreu foi a sobrecodificação dos mesmos ao corpo do tirano. O incesto passou a se configurar como um limite novo à colonização das nossas mais diversas culturas. Em verdade, nessa época do

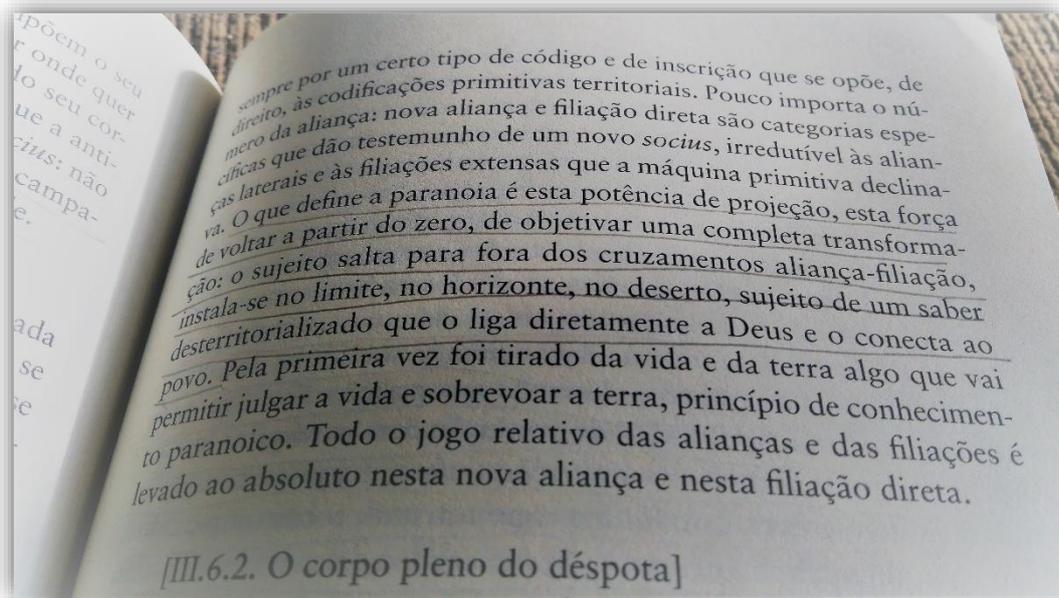


Figura 34 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 257)

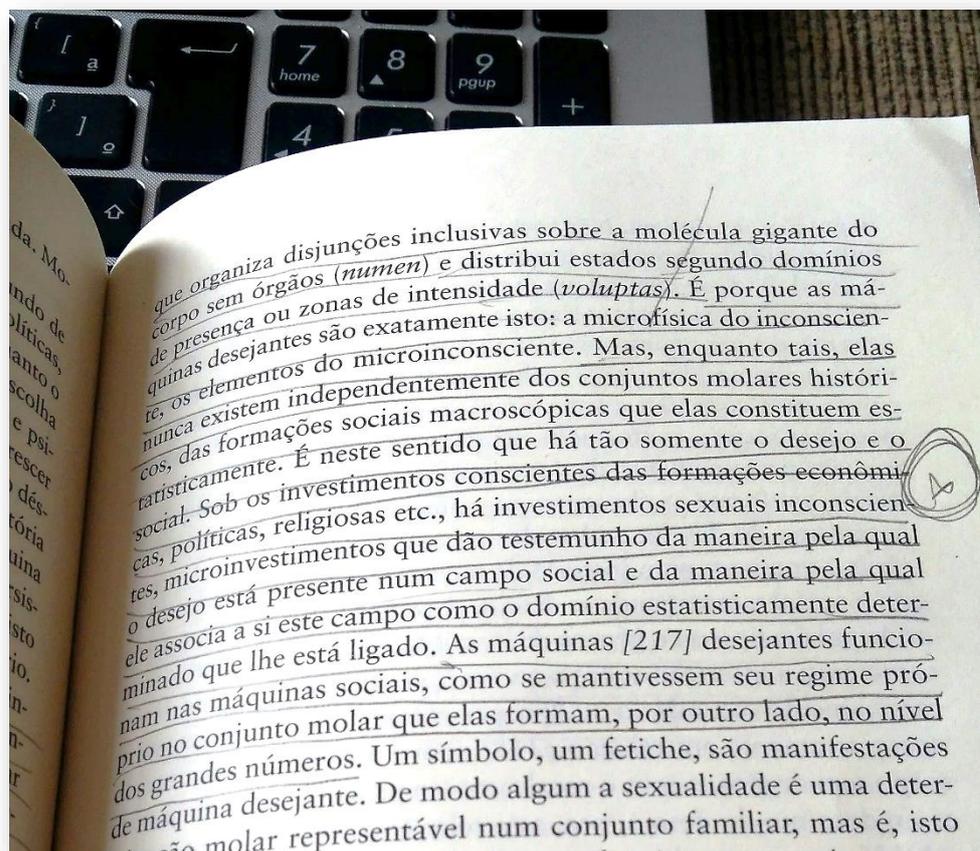


Figura 35 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 243)

experimento, simbolicamente, o incesto nunca realmente chega a se consumir. Ao passo que, esse tal limite determina uma nova relação de aliança e filiação. Aliança paranoica, que faz do corpo do seu Monarca o Filho direto do Deus único e, portanto, pai de todos. Assim, os fizemos crer nessa memória fabricada com o fogo de um Édipo colonizador de rebanho, produzindo verdades internas em suas ovelhas/humanas, com uma relação intrínseca de débito para com o grande pai. Os incipientes Estados da humanidade passaram a se comportar como um jovem paranoico que tudo sobrecodifica, recalando o desejo a partir do Édipo.

- Desse projeto nasceu o mercantilismo, estou certo? – perguntou Bento, entrando no ritmo das histórias, a sua última garfada distava alguns minutos dada tamanha imersão.

- A história não é assim tão linear, estou aqui simplificando muito! Tinha muita gente nas rotas comerciais, de modo que certas especiarias eram encontradas apenas nas mãos de alguns comerciantes que trabalhavam na desobediência – obviamente, nós entramos novamente no curso da história e começamos a fomentar a dissolução da monarquia, afinal ela já tinha cumprido bem o seu papel, além de que algumas de nossas espécies estavam reclamando formalmente de terem que morar no campo enquanto somente as “raças mais nobres” viviam confortavelmente sob a proteção dos muros dos castelos. Com isso, plantamos os desvios na nossa célula de cultivo um pouco antes da hora. Enquanto família, nos vimos obrigados a dar esse tipo de resposta aos nossos camaradas infelizes. Isso implicou uma série de revoltas dos humanos que não estavam previstas, mas com o passar do tempo e várias mortes conseguimos controlar o experimento.

Continuou Salomão:

- Quando os camponeses migraram para a cidade no intuito de trabalhar com as máquinas industriais, conseguimos, enfim, ter as condições de possibilidade para implementar os regimes de domesticação dos humanos. Édipo e o Estado já estavam praticamente internalizados na alma dos humanos. Ou seja, isso facilitou sumariamente a nossa vida.

- E qual foi o projeto que apresentaram dessa vez, não teve? – indagou nossa personagem.

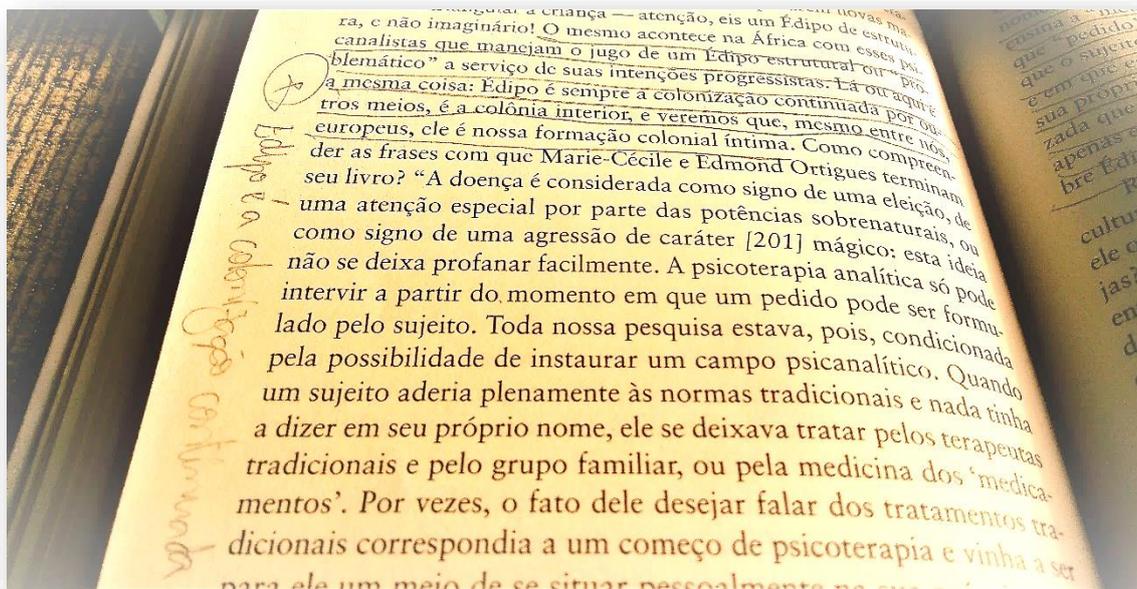


Figura 37 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 226)

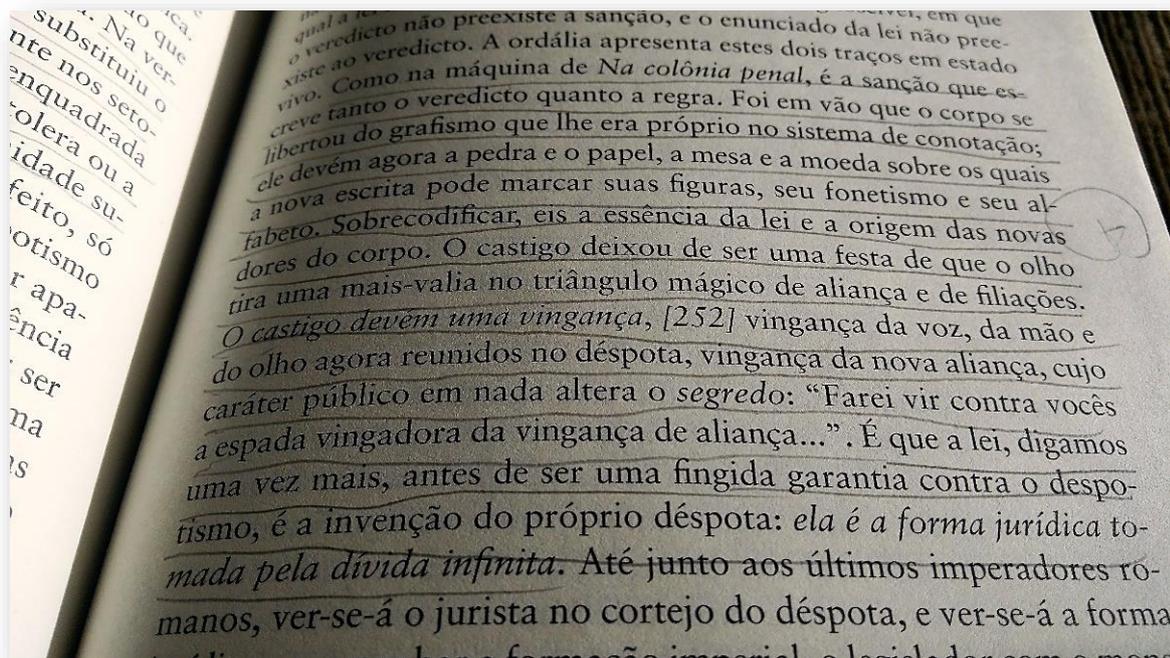


Figura 36 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 281)

- Claro que sim. As nossas decisões são sempre determinadas por meio de projetos muito bem construídos, somos bastante minuciosos: *BYE (Be Yourself a Enterprise)*. Para dar tchau à soberania, o que se fez sagazmente foi incrementar o estado de ebulição revolucionário em nossas células de cultura.

- E como fizeram isso? – Bento, muito entusiasmado, subiu na cadeira, ficando em quatro apoios, remexendo magistralmente seu quadril.

- Bento, o que tu tá fazendo, desça já daí! – Salomão foi enfático e cruel com o rapaz.

O mestrando prontamente encolheu o rabo e desceu, temendo não receber sobremesa.

- Contigo está realmente difícil, será que está mesmo apto para ser um de nossos escritores?

- Claro que estou! – respondeu calmamente, com um olhar meigo e rebaixado, de quem sabe que fez bobagem.

- Então me diga, quais são os princípios para ser um bom líder? – Salomão inverteu a ordem das páginas para ver se Bento estava atento.

- Essa é fácil: “sempre de um bom nome ao cachorro”. Salomão é uma reputação e tanto para se carregar, um grande Rei! Essa de impor uma fama é bem interessante! Tem a parte dos elogios novamente, né? Elogiar o menor progresso e cada novo *upgrade* deve ser acompanhado de um delicioso petisquinho! Além do mais, essa apreciação dever ser a mais sincera possível, pois precisamos cativar nossos cordeiros pela verdade.

- E se for para criticar? – inquiriu, Salomão.

- Se a pessoa errar, não é para criticar. – respondeu afirmativamente, mesmo com certa incerteza.

- Pelo contrário, meu amigo! Claro que é para repreender, isso é de suma importância quando os humanos cometem faltas. Porém, há a maneira correta de fazê-lo: corrija indiretamente – com um ar professoral, exclamou o cachorro – sem que nosso subordinado perceba!

- Ah, bem lembrado, temos que falar dos nossos erros primeiramente para depois advertir, certo?



Figura 38 – Lê RU

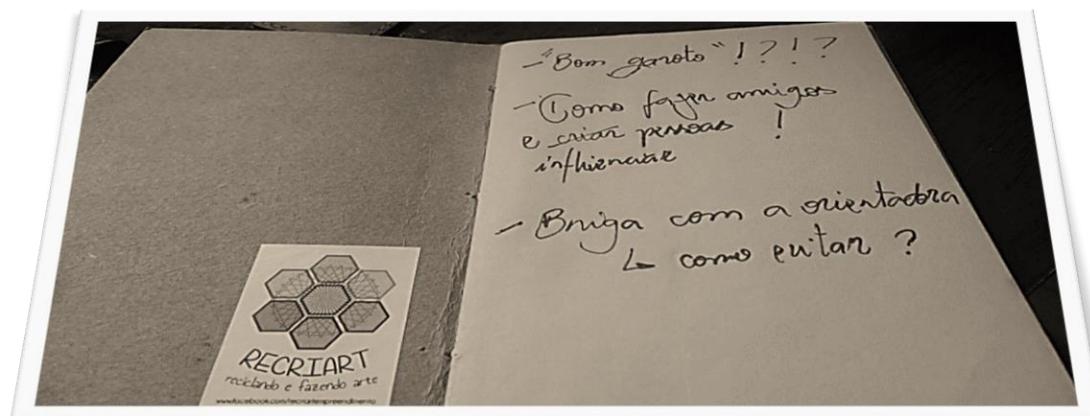


Figura 39 – Caderneta aos sonhos I

- Exatamente, nunca devemos envergonhar ninguém. Essa é uma regra ouro para o mundo dos negócios. O ser humano é vingativo e, portanto, traiçoeiro. Para governá-los precisamos ter isso claro. E além de falar de nossas faltas é muito importante os incentivar, fazer com que o erro seja extremamente fácil de se concertar. Inclusive, uma boa tática é a de fazer com que o outro acredite que tenha sido dela a ideia para solução do buraco em que se enfiou. Com leves toques, podemos fazer miséria! Os abobados ainda concluem que foram eles quem resolveram sozinhos a questão. Pobre humanidade!

Curiosamente, em nenhum momento Bento havia ficado bravo com os deboches cínicos de Salomão.

- Podemos voltar para as culturas, não vai mais dar show?

- Sim, obviamente, irei me comportar! Tu estava no *BYE Project*.

- Pois bem. Não. Espera. Tu não pode me manipular, sou eu quem dita as regras aqui! – O cachorro sorriu, coçando a barriga – Termine o capítulo que falta, eu não vou falar nada dessa vez. Se tu conseguir, assinamos o contrato.

- É a parte três, correto?

Salomão seguia calado. Quem se aproximava da mesa querendo apenas se deliciar com o prato de comida e observava Bento dialogando com a janela tinha a plena certeza que ele estava decorando falas para alguma audição.

- Essa parte era sobre como conseguir aliados, não? “Como conquistar as pessoas para o seu modo de pensar”. Deixa eu ver. Eu recorro de uma que dizia que a melhor forma de se iniciar uma conversa era uma modulação ultra amistosa, o tom de voz era muito importante também. Ah claro, também há a ideia de que precisamos fazer com que a conversa flua, sempre criando maneiras para que o nosso interlocutor sintasse confortável e continue falando. Se conseguirmos isso iremos parecer ouvintes maravilhosos. Tinha outro princípio que dizia que a única maneira de se ganhar uma discussão é exclusivamente a evitando, visto que conflitos nunca são bons para se capitalizar afetos.

- Está indo bem! – Tão logo a exclamação, Salomão colocou a mão em sua boca. Na verdade, ele estava fazendo um *acting* para que Bento pensasse que ele havia cometido uma gafe.

- Ah, verdade, tinha aquela do lançar um desafio. Se tudo der errado, promova um desafio! Isso mesmo, lembrei! Quando os outros princípios não derem certo a gente precisa incluir uma aposta.

- Certo, mas antes de utilizar a última cartada tinha o de dramatização, não? Salomão, foi quem não se conteve dessa vez, resquício da parte do inconsciente jornalístico de Bento que prima pela cronologia dos fatos.

- Claro! “Dramatize suas ideias”, essa é clássica para governar as pessoas com um belo drama. Essa cola direitinho com aquela do apelar para os mais nobres motivos, nos escusarmos utilizando a família, a igreja, etc.

- Por fim – Bento já finalizando – tinham outros relacionados a evitação de confronto. Lembrei: a gente deve buscar ser sempre empático e se colocar no lugar do outro para acolher a sua demanda. A partir desse material, teremos um arcabouço de ferramentas mais condizente com o ponto de vista da outra pessoa para conseguir efetuar a manipulação. Se errarmos devemos, sem pestanejar, nos colocarmos no lugar de subalternos e reconhecê-lo. Claro, nunca dizer que o outro está errado, isso é tenebroso para a economia afetiva e também se faz necessário que nos mostremos simpáticos às ideias que nos chegam. É isso? Passei?

Na conexão espiritual dos dois, Bento havia se colocado na posição de um postulante a uma vaga de escritor. Isso porque a bolsa de mestrado tem curta duração, alcançando só mais alguns meses.

- Uma última questão: Por que tu acredita que devemos contratá-lo? – Bento ficou todo rubro nessa altura – Brincadeira, voltando ao que interessa de verdade.

Bento deu até aquela rápida balançada em seu rabo demonstrando a sensação de alívio que o tomou.

- O que fizemos com as nossas culturas foi a de introduzir hospedeiros entre eles para que eles pudessem desenvolver técnicas sanitárias mais apuradas. Não dava para continuar com cemitérios, valas nos centros das cidades. Isso, ademais, prejudicava os da nossa espécie que viviam entre eles. Com isso a cruz vermelha canina passou a ser indispensável para o período de testes. Com uma grande influência nos governos, introduzimos três protocolos para os humanos seguirem. O primeiro foi quanto a lepra, o segundo relativo a peste e por último, a varíola. Cada um com seus procedimentos.

Salomão, continuou entre algumas lambidas em um pote d’água que subitamente apareceu na sua frente – sua garganta estava seca de tanto falar.

- Os líderes que elencamos para a humanidade conseguiram estabelecer várias tecnologias para dar conta das bactérias e dos vírus que introduzimos na cultura. Junto disso, também colocamos para rodar o nosso *software* que promovia

teorizações, tudo no intuito de criar nos humanos uma cultura laboro centrada. Assim, o pensamento conhecido por vocês como liberal, que dizia de que os humanos devem ser irmãos e iguais – fora aí que editamos os direitos humanos, me recordei – tomou grande corpo em nossas caixas de cultivo. Ele é meio bizarro, diz que todo o ser humano é naturalmente egocêntrico e tu sabe muito bem o que pensamos sobre inatismo, não é mesmo? Contudo, vocês demoraram quase dois séculos para perceber que deveriam criar protocolos de conduta específicos para os trabalhadores, na perspectiva de que eles conseguissem incrementar seus conhecimentos por si mesmos e não mais precisassem apenas de controle externo.

- Controle externo é ótimo, já que tu está falando que controlam os humanos desde os primórdios – disse Bento provocando Salomão.

- Tu entendeu, espertinho!

- Tu tá falando do neoliberalismo?

- Bom garoto! *BYE Project*, adeus governo, quem supostamente exerce agora tal governamento é o próprio humano, como uma “autoempresa”. O Estado “desaparece” se fundindo com a própria economia financeira de mercado. Logicamente, edita leis para promover a competição e para que essa fusão não fique nítida para os mortais.

- Mas e o Édipo, Salomão?

- *Bonjour, mon ami*. Édipo, Bento?

Nesse mesmo instante, Salomão partiu, sem nem ao menos despedir. Era a “Andressinha”.

Bento, apertando seus olhos vermelhos e bastante doloridos, assim como a base de seu crânio, sentido o toque no ombro e a inconfundível fragrância doce do perfume de sua colega, quase sem acreditar, rebateu:

- *Bon après-midi*. Já passa do meio dia!

- Eu sei, Bento, mas como tu podes perceber ainda não almocei! – dando uma piscadela.

A sua insuportável colega de grupo de pesquisa chegara feito um furacão.

- O que está fazendo aqui solitário? A ilha ao redor do Bento havia aumentado, na verdade Andressa chegou com o restaurante quase fechando.

- Agora tu pode me fazer companhia, que tal? – Bento tinha mudado completamente de postura sem a presença de Salomão.

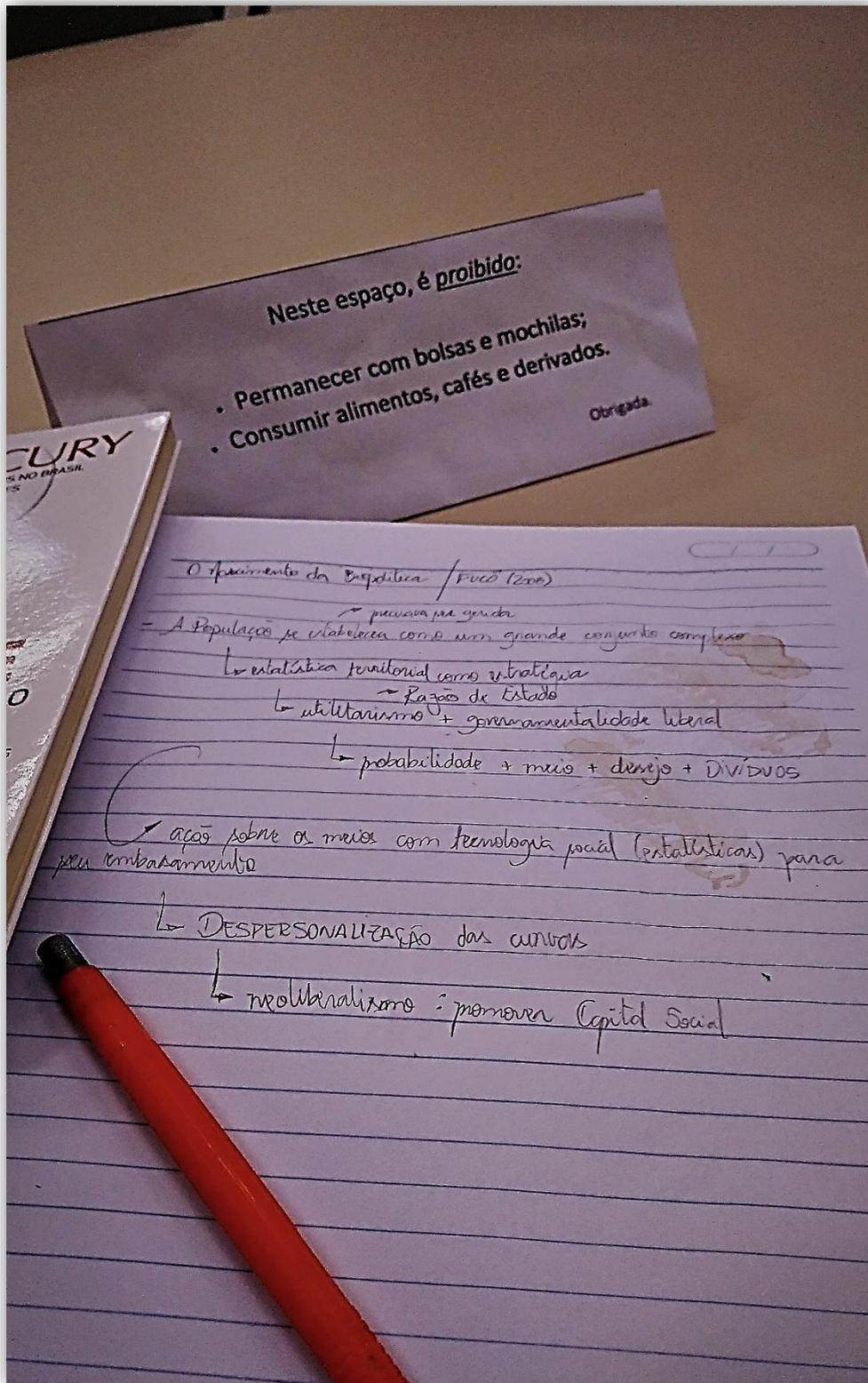


Figura 40 – Nascimento da Governamentalidade

Agradecendo ao convite, Andressa se acomodou na cadeira de frente a Bento e passou a devorar o prato, se dizendo faminta para escusar a voracidade com que abocanhava a refeição.

Bento, sem notar, já se encontrava realizando os novos princípios aprendidos durante o final de semana. Estampou primeiramente um sorriso amistoso e mesmo já tendo finalizado o almoço, acompanhou sua colega até que ela também se sentisse satisfeita. Foi uma espécie de receptividade passiva que busca guiar pelo acolhimento contíguo e continente.

Enquanto ela se alimentava e conversava com várias pessoas pelo *WhatsApp*, nosso querido mestrando prestava atenção consigo mapeando cada milímetro de seu comportamento – de fato, tentava muito custosamente disfarçar as repentinas e repetidas coceiras que ainda estavam presentes em seu corpo.

- Ah, vejo que tu também estás estudando o *L'Anti-Œdipe*? Deleuze e Guattari – Andressa declamou o nome dos autores afrancesadamente.

- Sim, nosso grupo de pesquisa deu uma guinada por aí né, temos que acompanhá-los – Bento seguia pressionando os olhos, queria muito poder voltar para seu apartamento.

- Sim! – a jovem não largava o celular, Bento habilmente não tirou o seu *smartphone* do bolso em nenhum momento, queria estar por completo no diálogo – eu comecei com as aulas de francês há três meses, vou publicar o meu último artigo em uma revista de qualis A2, A1 não aceita mestrando mesmo! Já estou ficando muito boa na leitura, escrever continua difícil, mas vou chegar lá!

Foram cerca de quinze minutos de tortura na mesa e mais o tempo que durou entre levarem os pratos para a pia da limpeza do restaurante e se dirigirem até o saguão da faculdade. Foi difícil para o rapaz se manter atento a cada fração de segundo desde que a menina apareceu, sentia realmente a sua cabeça pesar toneladas. No entanto, seguiu o protocolo com perfeição.

No caminho até o campus, conversava mentalmente:

- Respondi em francês, mas fiz questão de dizer que o dela é melhor. Comentei das políticas editoriais de modo neutro. Sempre concordando com o que ela dizia. Atento a cada nuance do seu argumento, seguindo até mesmo suas idiosincrasias e incoerências. Havia um jogo em meu especular, em minha aceitação e abertura. Queria que ela se sentisse em casa diante de mim, que meus olhos fossem uma

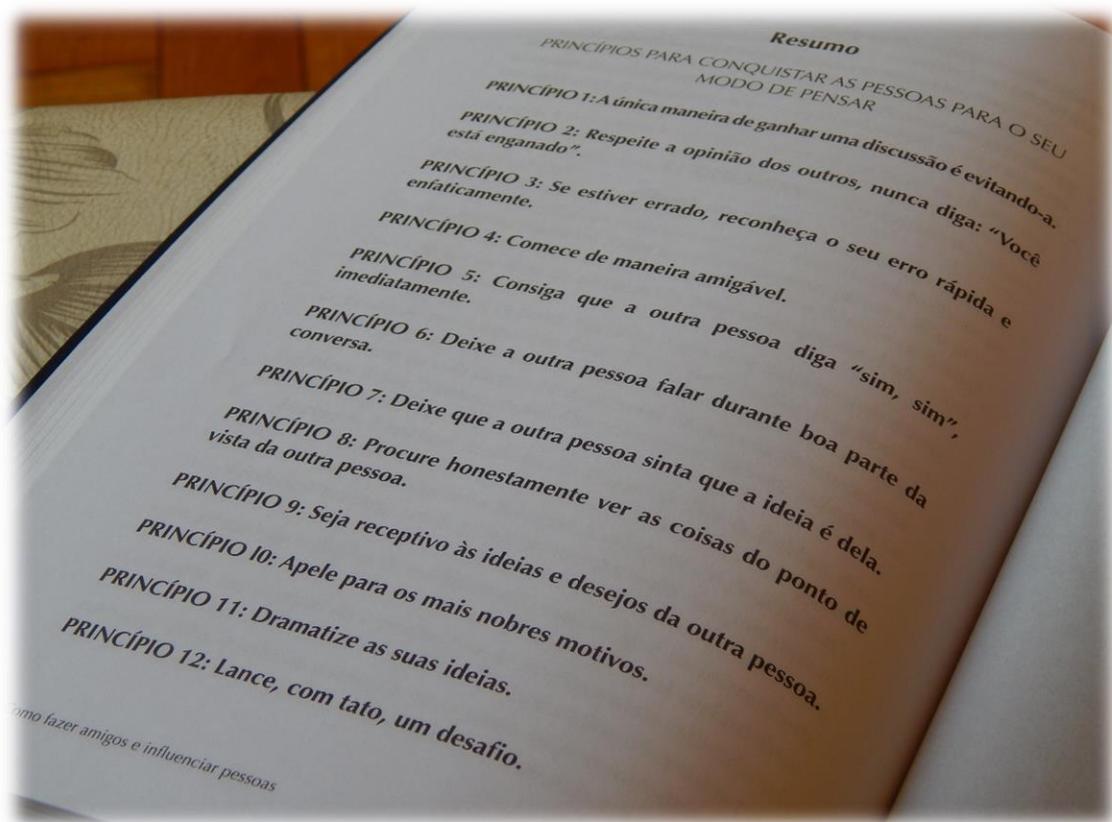


Figura 41 – (CARNEGIE, 2012, p. 220)

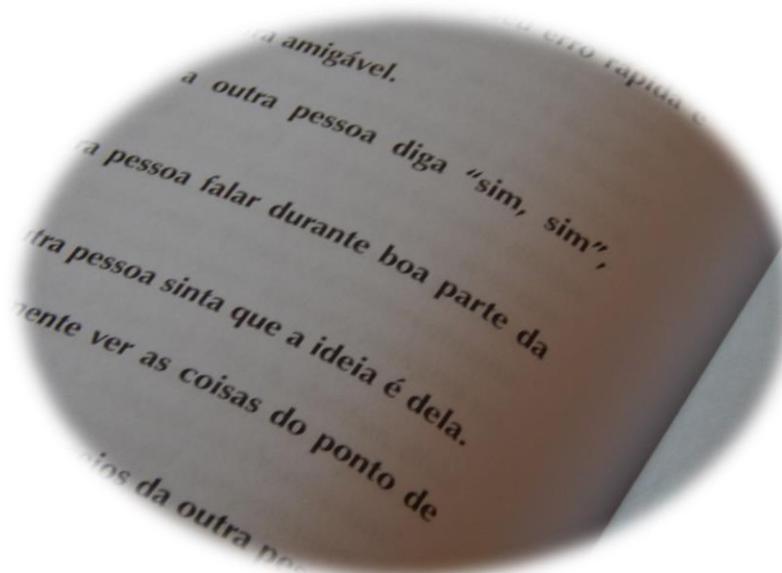


Figura 42 – (CARNEGIE, 2012, p. 220)

morada para os dela, que meus ouvidos fossem abrigo e, assim, tornasse-me cada vez mais imprescindível, incontornável, improrrogável. Apenas após está paciente conquista do corpo e da alma de Andressa, poderia eu guiá-los para onde, quando e como melhor me aprouvesse. Se seu rosto franzia erguendo grosseiramente as sobrancelhas e a sua boca acompanhava o movimento deixando à mostra os seus caninos compridos, eu logo lhe devolvia olhos atentos a cada quadrante de sua face, a cada verbo de suas frases. Como esperado, tal atenção lhe enternecia. Fora feito o continente. E, com o passar dos dias a adestrá-la, logo necessitaria da minha presença. Mesmo que não lembrasse desde quando ou porquê. E com tal querência, fiz dela minha posse, exatamente por ela acreditar que me possuía.

Ao abrir a porta da biblioteca para Andressa, tal como manda o figurino cavalheiresco, Bento se lembrou de Débora – esta sempre fazia questão do gesto ao encontrá-lo na sala de espera. Ali, ao se perceber atrasado, tirou a mão da maçaneta e prontamente deu um tapa em sua testa. O movimento involuntário ocorreu não com o esquecimento, mas sim com o fato de não ter tido o *feeling* de usar dessa desculpa para se livrar rapidamente de sua “amiga”. Dessa forma, dizendo que precisava correr, se desculpou e se despediu da Andressa:

- *Chèrei* – quase como que sussurrando um segredo íntimo para sua amiga, na tentativa sorrateira de parecer partilhar com ela algo de elevado grau de cumplicidade – nossa conversa me tomou, quase me esqueci da terapia. Até logo, nos vemos por aí, *au revoir!*

Com um rápido beijo no rosto, Bento se afasta abanando o rabo feliz, em um típico ritual de conquista canina.

Os cachorros e a autoajuda sabiam há muito tempo o fato de que não apenas as pessoas possuem as coisas, mas que acima de tudo, as coisas possuem as pessoas. O apego da posse possui ao possuidor com a necessidade de mantê-la, seduzindo-o (e não obrigando-o).

Nesse sentido, não é exatamente apenas a fazer amigos que o livro se destina. Os cursos relacionais concedidos por Carnegie, eram frequentados pelos mais variados funcionários do alto escalação das empresas estadunidenses. O livro instrumentaliza para, a partir de uma aparência amistosa, forjar líderes que possam alavancar as vendas e o crescimento de suas companhias. Seu objetivo principal é o de como formatar lideranças que possam manejar a seu melhor proveito as demais

pessoas com quem se relacionam. Ou seja, ser um cachorro no sentido pejorativo do termo, fingir ser alguém apenas para conseguir benefícios para si próprio.

A cabeça estava dolorida, provavelmente o tapa corretivo tenha agravado o desconforto. Durante o trajeto, descendo a Ramiro Barcelos, nosso querido delirante estava em um misto: não sabia ao certo se agradecia a colega, pois ao suprimi-lo do transe conseguiria chegar a tempo na terapia, ou se a maldizia por tê-lo retirado do aprazível diálogo com o Salomão – em verdade queria muito continuar com seu amigo, inclusive a hipotética proposta de emprego ficara martelando tal qual as pontadas que sentia na base do encéfalo. Já virando a esquina para chegar no prédio da Débora, um pensamento o irrompeu:

- A ética passou longe, *dear* Carnegie!

O Amor (superavitário) sobre todas as coisas

Breves momentos antes do porteiro do prédio reconhecer o rapaz e liberar a grade de entrada, as vozes novamente começaram a atravessar a linearidade da caminhada mental de nossa querida personagem. Dessa vez, não eram sonoras caninas, se assemelhavam mais com aquela suposta voz do leão elíptico da rua anterior, em conjunto com uma calma e interessante voz feminina.

Bento se atrapalhou ao ouvir o click do portão, acenando de maneira meio desconcertada para o Sr. José. Visando se mostrar altivo, com medo de que a trapalhada inicial pudesse chamar atenção, posicionou bem devagar os fones de ouvido do seu celular para conseguir se atentar disfarçadamente ao que elas diziam e mostrar para a seu amigo que estava ao telefone – Bento não poderia colocar meses de conversa fiada sobre política no ralo, fora custoso conquistar mais esse investidor de afetos, que poderia dar futuros rendimentos de networking. No instante em que terminou de acomodá-los, um pensamento lhe tomou:

- Afinal, quem vê as pessoas conversando e caminhando com tais fones jamais pode realmente saber se são profetas loucos em um profundo diálogo com anjos ou meros transeuntes trocando miudezas cotidianas com amigos, parentes, colegas, etc.

Assim, ainda tentando se conectar com Salomão, o rapaz passou a ouvir com atenção o que as novas vozes estavam tentando lhe transmitir, já que elas poderiam ser uma ponte para o seu amigo que havia sumido de repente:

- Tu estás quase sem tempo, mas ouça bem! Tu precisas trabalhar melhor sua imagem junto à psicóloga de modo a fazer com que esta tenha uma impressão de que tu és uma grande e, ao mesmo tempo, humilde pessoa. Se faça interessante por ser interessado naquilo que fazem juntos, demonstrando as suas capacidades e os seus pequenos avanços de maneira acanhada, isso lhe ajudará com a falsa impressão de que a vivacidade do andamento clínico seja exclusivamente por conta das pertinentes e assertivas pontuações de Débora. Assim, tu te tornarás uma pessoa bem-sucedida na balança dos afetos e enternecerá cativamente as crenças estruturais da jovem psicóloga – sussurrou a dama sedutoramente.

- Obviamente, tu poderia receber alta o mais breve possível, economizar uma bela grana e, quem sabe, ainda, ter até mesmo um caso com ela? Por que não? Tu é forte, charmoso – completando, o grosseiro leão – Esse montante que tu não disporia

com o pagamento das sessões poderia lhe servir para finalizar as aulas de línguas e inclusive levá-la para jantar. Conversar sobre vocês com o embalo de um Cabernet chileno seria bem mais deleitante.

- Eu ainda tenho namorada, apenas estamos dando uma breve pausa em meio à tormenta que estão as nossas vidas em final de semestre – quando algo ia mal no relacionamento, a desculpa do término do calendário acadêmico era sempre bem-vinda a fim de evitar o confronto real dos problemas que apareciam. Essa coisa louca de namorar a distância tem nos atrapalhado, mas essa é apenas uma fase passageira – prontamente rebateu o que classificou como péssimo conselho.

- Não pelo sexo e muito menos pelo amor, mas pelo fato de que a partir de então, poderia tê-la como confessora pessoal e gratuita. Afinal, o que são estes psicólogos senão confessores caros a cobrarem indulgências pelas culpas de nossos próprios progenitores? – continuou o leonino.

- Exatamente, querido, o que são eles se não os profissionais treinados para escutar toda a nossa lama, a dos pequenos pecados, desvios e percalços desesperados ... Para então, em um tom calmo e superior, nos absolverem desta culpa a pesar nosso penar e permitir-nos seguir adiante, para os próximos 45 minutos por algumas muitas dezenas de reais? – perguntou aquela voz irresistível.

Nesse instante de hesitação, seu José foi até a porta o informar que estava quase na hora da sessão e que a Débora já estava no andar costumeiro, findando abruptamente com os devaneios inesperados. Bento trocou meia dúzia de palavras sobre as informações do Jornal do Almoço acerca do andamento da operação lava jato e continuou fingindo estar no telefone. Dessa forma, apressadamente entrou no elevador, dizendo que não queria a deixar esperando – ele também fez questão de agradecer seu amigo de portaria pela gentileza do aviso quanto ao horário e distribuiu algumas ofensas contra Rodrigo Maia e seus comparsas da câmara com uma das mãos cobrindo o microfone de seu celular, dispondo de um gesto que demonstraria, de uma maneira rápida, seu devido apressamento pelo trabalhador.

Já sentado ao lado das famosas revistas da bela sala de espera, Bento, ainda imerso no conteúdo das falas que o interpelaram antes de entrar no prédio, estava convencido de que nesse encontro precisava contar vantagem para a sua psicóloga. No entanto, dessa vez tentaria o fazer sem que fosse tão soberbo em sua fala, no fim das contas seria fácil transformar a sua fala, tinha lido todo o livro no fim de semana e escutado o *podcast* da Gaúcha. Na verdade, lhe pareceu mais tentadora a tarefa de

conseguir impressionar a terapeuta de maneira mais sutil, seria algo como um flerte. Contudo, como todo bom estudante, possuía a necessidade vital de criticar aquilo que o mandaram ler, o que deveria ser feito com grande cautela para não parecer inadequado e correr o risco de estragar tudo. Assim, aproveitou os segundos que faltavam para estruturar mais acertadamente quais orações iria encadear, dedicando esse tempinho a refletir o que seria mais profícuo. Nesse meio tempo, decidiu preencher todo o encontro somente com o “agradável” texto do Carnegie, resolvendo deixar de lado a estranha conversa com o Salomão e tampouco levar a sua noite de sonhos bizarros para o interior do consultório – especialmente não mencionar o conteúdo do último e não familiar diálogo que ocorrera minutos antes no portão de entrada do prédio.

- É melhor compartilhar com a terapeuta, Bento! Nem que seja lá para os últimos minutos de sessão, afinal, são nesses segundos finais que, na grande parte das vezes, as bombas são acionadas.

- Nós sabemos que se trata de algo como um movimento inconsciente na tentativa de lidarmos com o término, nos blindando contra a separação que se anuncia a partir dessa tentativa desesperada pela garantia de um novo encontro. Supomos que você deva estar um pouco angustiada com a entrada dele por essa porta, no entanto, você não necessariamente precisa se colocar como mais uma das vozes que aconselham nossa personagem, Leitora!

- Bento habilmente lhe cativou, não é mesmo?

- Antes de embarcar conosco para dentro da sala da terapeuta, que tal uma xícara de café?

Cinco minutos e a porta abriu. Débora se despediu da mãe da paciente anterior e convidou nossa personagem para o consultório. A psicóloga também atendia crianças naquela sala. Muitas vezes, adentrando ao espaço, Bento tropeçava e logo passava a ajudar a recolher os brinquedos espalhados pelo aconchegante tapete – Débora ainda é jovem terapeuta e várias vezes se atrapalha com a condução do relógio. Nesse dia em especial, fazia bastante calor, a terapeuta estava vestindo uma bonita regata branca com detalhes de renda em suas alças. Além de realçar exuberantemente o tom de sua pele, era a primeira vez que ela deixava a tatuagem de suas costas à mostra. Marcada em seu trapézio, uma das famosas frases era singelamente carregada pelos balões do príncipezinho:

- *“You become responsible forever, for what you have tamed”.*

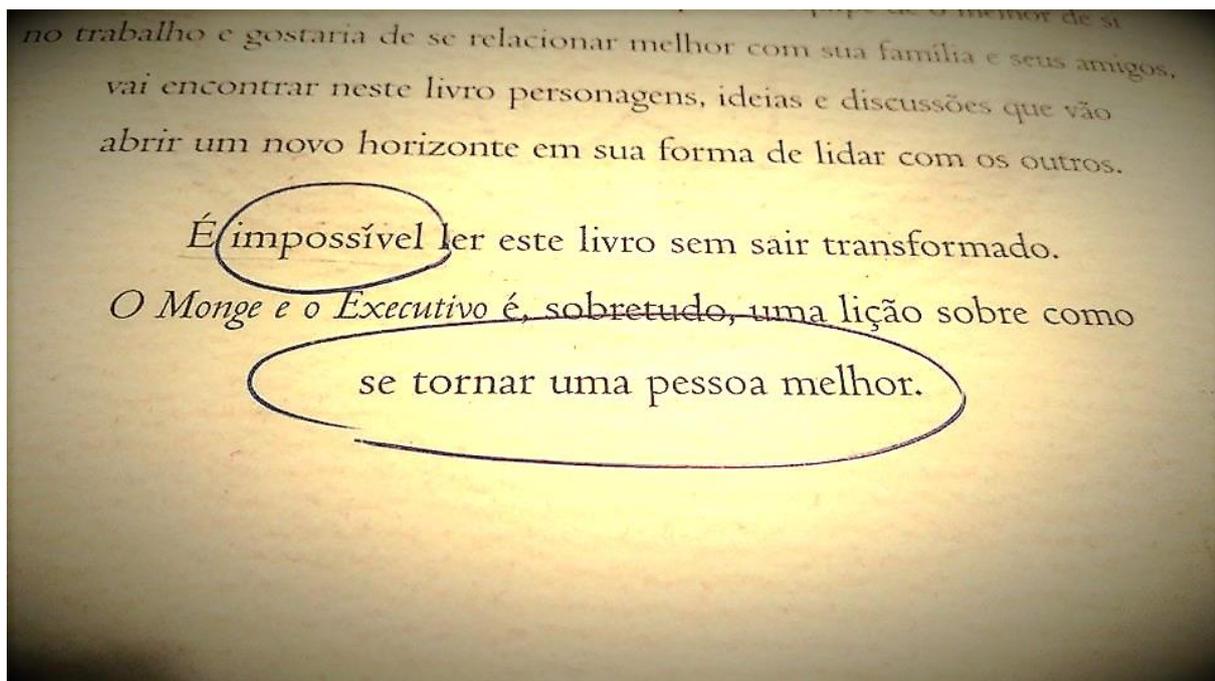


Figura 44 – Impossível se tornar uma pessoa melhor?

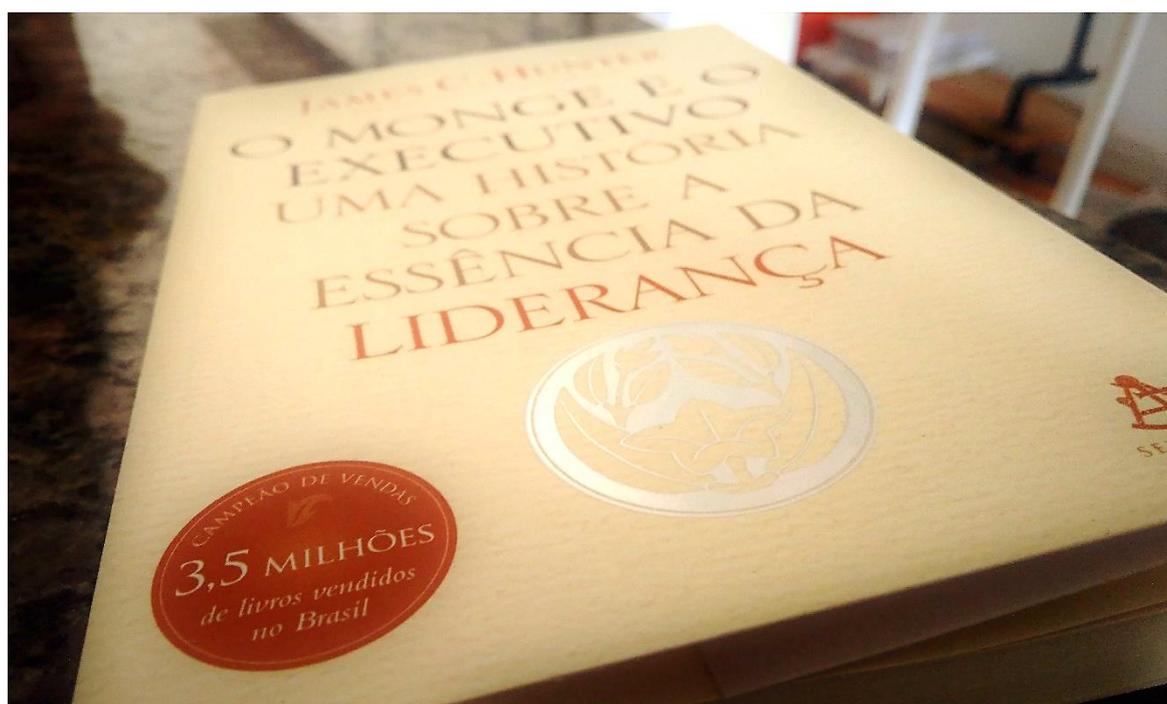


Figura 43 – O Monge

Bento, ficou desconcertado por alguns instantes com aquela bela descoberta, gravou a cena como uma foto em sua memória, fatalmente iria introduzir o Saint-Exupéry em alguma das sessões quando sentisse a oportunidade.

No caminho até a sua poltrona, sempre a da janela, Bento ficou declamando a frase, tentando recordar quando havia sido a primeira vez que teve contato com a história:

- “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Ao se sentar, quase soltou a frase para quebrar o gelo, mas segurou. Felizmente foi capaz de ponderar que tal comportamento poderia soar estranho e até constrangedor para a Débora – nunca a vira tão desnudada anteriormente, além de que, gastaria muito rapidamente essa carta na manga, sem ter considerado todas as variáveis que poderiam potencializar os seus ganhos. Tentando afastar tais pensamentos, Bento decidiu manter o foco naquilo que era importante para a sessão, passando a se gabar da leitura do Dale Carnegie.

Praticamente metade da sessão se esvaiu e a terapeuta ainda não havia conseguido cortar a fala do rapaz, quanto mais entender o porquê de ele estar gastando todo o tempo daquela tarde falando sobre autoajuda. Quando o seu paciente finalmente mencionou o curso da psicóloga da rádio, ela pensou em questioná-lo acerca da relação com o avô, pareceu adequada e poética para o momento a metáfora da conexão entre os dois através das ondas do AM. No entanto, Bento foi mais rápido que esse insight e desorientou ainda mais a terapeuta lhe concedendo de repente a palavra:

- Não está feliz com o meu avanço? – disse o rapaz, esperando receber algum afago e verificar se havia marcado alguns pontos com sua psicóloga.

- Avanço, Bento, não entendi? Que avanço? – ela estava completamente desconcertada com aquela pergunta, não sabia como rebater.

- Dessa vez eu fiz a tarefa de casa! Li todinho o livro que tu me indicou sexta passada! – exclamou tentando ser charmoso com um olhar penetrante ao passo que evasivo, aliado a uma breve elevação da sobrancelha esquerda.

Débora se encontrava em uma sinuca clínica. Completamente perdida, o curso não a havia preparado para lidar com esse tipo de situação, não podia mostrar que não estava entendendo o que o seu cliente queria dizer. Assim, tentava, com grande esforço, prestar atenção no solilóquio sobre o autor que ela não conhecia e ao mesmo tempo se recordar do último encontro. Eles sempre se encontravam nas segundas,

porém, na semana anterior, excepcionalmente realizaram mais uma consulta na sexta-feira, visto que ela julgou junto a sua supervisora que seria muito importante nesse momento de crise estar com ele mais de uma vez. Inclusive, firmaram que passariam a se encontrar duas vezes por semana por um tempo indeterminado. Dessa forma, transparecer-se perdida seria horrível para a condução com o paciente. Ela nunca se sentira pronta, mesmo depois de anos formada e com uma especialização, toda vez que a situação fazia questão ela tinha a impressão de que as técnicas e os anos de estudo se desfaziam no ar. Não bastasse isso, o medo de perder o paciente era alimentado pelas contas a pagar. O aluguel da nova sala recém contratada tinha de ser pago por pelo menos um ano. Como poderia ela ter de voltar à casa dos pais em meio a tamanho fracasso? Se mudar com o namorado sem antes a benção dos mesmos também era descabido. Como podia ela agora acolher Bento em meio a tanto desamparo?

Tudo isso passou por sua cabeça em breves instantes, quando finalmente teve um estalo. Nesse momento, até sua feição se transformou. Ali, ela recebeu um flash de memória a recordando dos momentos iniciais da sessão passada, tempo que utiliza como uma espécie de aquecimento. Na última sexta-feira, ela havia simplesmente comentado que estava lendo um livro do Nikolas Rose e que o mesmo tinha um capítulo que seria interessante para a pesquisa de nossa personagem. Assim, prontamente perguntou:

- Como é mesmo o nome do livro?

- “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, como eu estava dizendo ele é ótimo para se fingir de santo e passar a cagar regras para os outros – comentou Bento, naquele seu famoso tom de intelectual animado dos recém apresentados aos bancos e trincheiras dos botequins e calçadas da Cidade Baixa, nos quais, paradoxalmente, tudo é descoberta e certeza a um só tempo.

Ao perceber a entediante gradação com que Bento entoara a última frase e o tremendo mal-entendido que estava se passando, Débora não conseguiu se segurar e deu uma volumosa gargalhada que duraram alguns embaraçosos segundos. Tentando consertar o que julgou ser uma grande gafe técnica, com as bochechas rosadas, arrumando a saia, exclamou risonhamente:

- Bento, tu realmente prestas atenção nas coisas que eu digo hein! Apenas não traz as anotações de pensamentos automáticos, mas tudo bem. Tudo bem não né, na verdade, é bem importante que tu te recordes de fazê-lo, tal como tu te empenhou

com esse livro! – Débora estava muito atrapalhada ao ter compreendido o que havia acontecido, enquanto Bento permanecia estático, sem entender nada. Agora ele é quem estampava a cara de paisagem. A terapeuta, até mesmo começou a pensar se ela não estava, naquele momento, tentando seduzir Bento com sua gargalhada e as gentilezas. Se aquilo era clínico ou comercial, para fazê-lo sentir-se bem ali e retornar muitas vezes. Estaria ela mesma “fazendo amigos, para influenciar pessoas”? Não, certamente não, ficava a se convencer enquanto esfregava os dedos de uma mão na outra coladas ao colo, discretamente tentando esconder seu nervosismo. Deveria ela fingir que era mesmo aquele livro para evitar constrangimentos? Mas seria isso clínico ou polido? Ainda sem saber o que dizer, disse mesmo assim:

- Meu amigo – continuou ela – eu falei brevemente que eu estava lendo um capítulo chamado “Como fazer a história do Self”, de um autor que também escreve em inglês, olha só! – tentando fazer uma ponte sem muito sentido entre os livros.

Bento também ficou da cor do tapete da sala. Não sabia onde enfiava o rosto, havia se exibido durante toda a sessão para nada.

- Veja, pelo menos tu terá mais informações para poder conversar com o teu avô! – tentando desfazer o constrangimento avermelhado de Bento.

Os dois terminaram por rir desconcertados por uns instantes, com aquele olhar um para o outro que apenas o sinal de exclamação seguido por algumas reticências pode descrever.

Antes mesmo do término das risadas, Bento a questionou acerca da temática do livro de Rose, afinal, tinha perdido todo o final de semana e não teria tempo para lê-lo, dada a quantidade de tarefas acumuladas. Ali, Débora julgou que não haveria problema eles terminarem o encontro com uma pseudo palestra sobre o “Inventando nossos Selves”, visto que a base da ampulheta de cima da mesa que determina os 50 minutos da sessão já estava praticamente preenchida.

- Já que tu insistes, como nos fala Rose (2011), a governamentalidade neoliberal, em suma a do final da década de 1980, passou junto a evolução do capitalismo a tentar governar os sujeitos de uma maneira mais sutil, a fim de retomar e fomentar os princípios de autonomia e de responsabilidade individual sobre a condução da própria vida. Assim, esse pensamento de gestão passou a propor a tal famosa ética dos empreendedores. Abusando das estratégias do marketing, as práticas do governo das condutas se voltaram ao intuito de qualificação de seus cidadãos. A grande diferença é que a produção desse capital social se daria pelo



Figura 46 – Inventando amigos

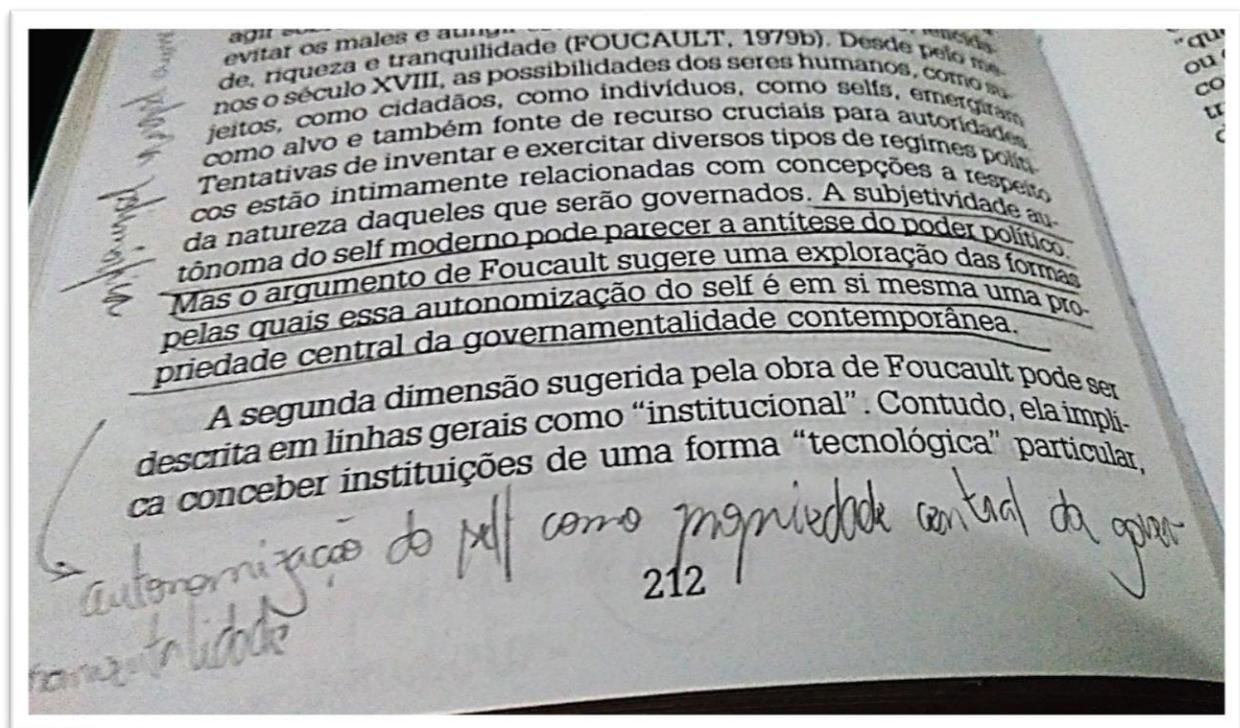


Figura 45 – (ROSE, 2011, p. 212)

suposto esforço individual dos mesmos, fazê-los desejar empreender a própria vida, ou seja, estabelecer metas e se projetar enquanto um sujeito sempre em busca de melhor qualificação. O autor chega a brincar que até mesmo os desempregados passaram a ser tratados pela alcunha de “pessoas em busca de emprego”, os antigos empregados se tornaram “colaboradores” – Débora fazia o sinal de aspas com as mãos, a fim de marcar o seu sarcasmo. As necessidades se tornaram outras, habilidades sociais, fluência em novas línguas, vestir a camisa da empresa, ser produtivo e acima de tudo criativo.

O jovem mestrando ouviu a pequena explanação com atenção, nem piscou os olhos para se mostrar verdadeiramente interessado. Após essa breve fala acerca do livro, a psicóloga ainda o informou que ao final havia um capítulo sobre autoajuda, que ia bem ao encontro das críticas que Bento fazia ao livro que ele tinha comprado por engano.

Já na porta de vidro do belo consultório, Débora disparou em tom zombeteiro ao seu cliente:

- Tu que gosta de liderança e, aparentemente, de devorar autoajuda, por que não compra “O Monge e o Executivo”? Mudou minha vida, quis ser psicóloga por causa dele! – terminando o encontro destilando seu sarcasmo com um sorriso nervoso de canto de boca, pois acreditava que naquele momento Bento conseguiria suportar um pouco de piada, além de querer descontar brevemente os momentos de tensão que o rapaz a fizera percorrer nos minutos precedentes.

- Muito engraçado ha ha – exclamou Bento – vou pedir pela *Amazon* e discutimos na sexta então!

- Só discutiremos se tu prometeres trazer as anotações! Até mais! – se despedindo com um inofensivo beijo no rosto.

Bento bateu a grade do portão do prédio da clínica com certa força. Estava em um misto de se achar patético e rir da situação, com a cabeça borbulhando em uma frustrante irritação devido ao constrangimento sentido – por sua sorte o Sr. José não estava em seu posto. Já no meio do caminho para sua casa, meio cabisbaixo, repentinamente decidiu devolver aquele estúpido livro.

Assim, rapidamente deu meia volta, atravessou a rua e seguiu à Redenção. Era aquela livraria que vendia tempo. Chegando na esquina, era possível distinguir de longe sua famosa vitrine. De frente para o estabelecimento, logo abaixo do grande adesivo que dizia da venda de horas (“para que nossos leitores tenham mais tempo

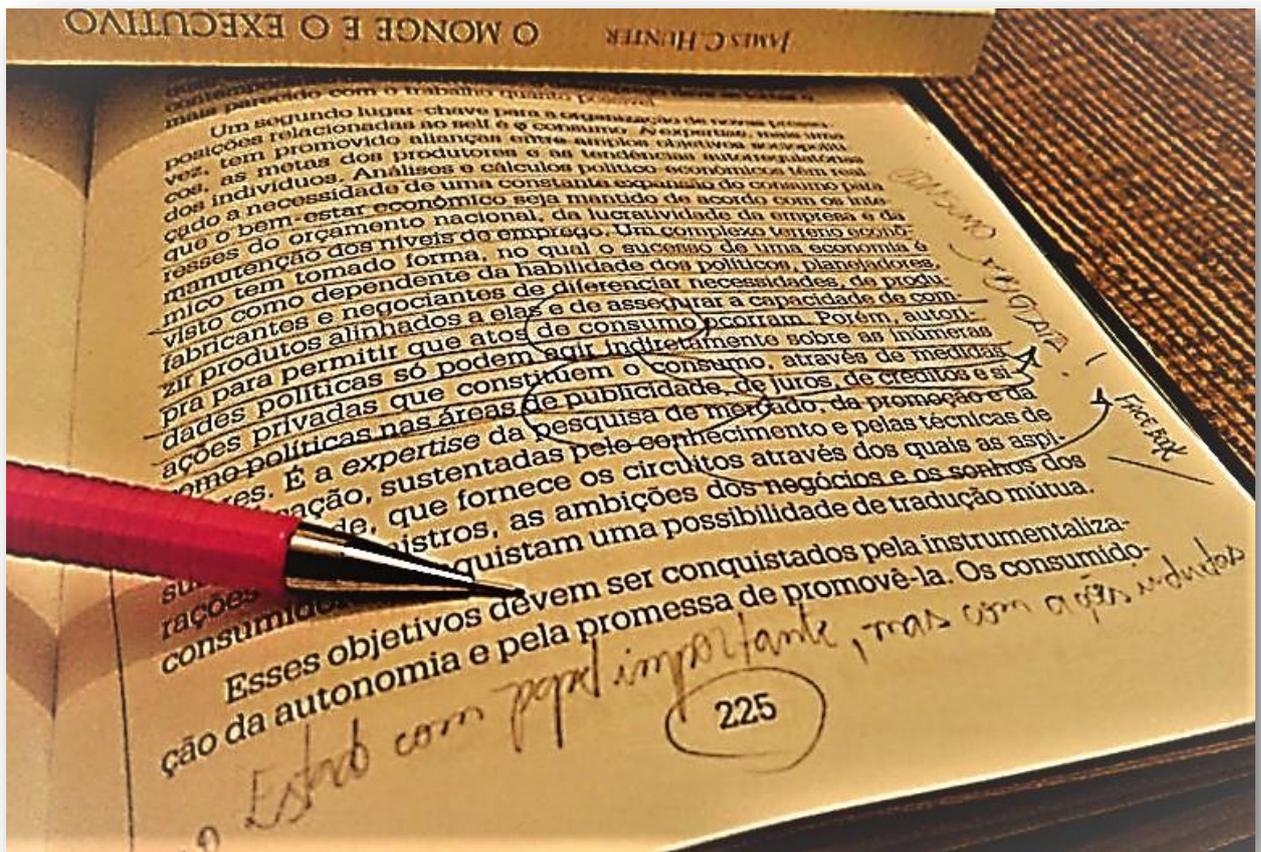


Figura 47 – (ROSE, 2011, p. 225)

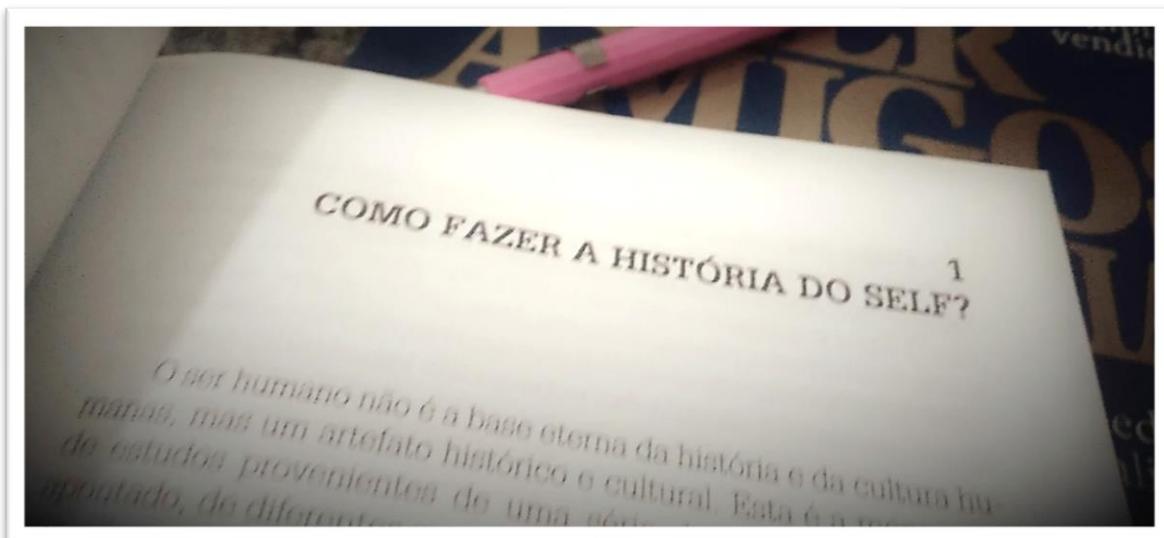


Figura 48 – Como fazer?

para desfrutar desse doce momento”), tinha uma grande pilha com uma plaqueta que indicava os *best-sellers* do mês.

- Lembra de mim? O livro está quase novo, comprei e o devorei por engano, acredita? – Bento, ao subir as escadas, abriu um sorriso nervoso e amarelado à vendedora que parecia estar tomando um ar na entrada.

- Claro que sim, tu veio aqui semana passada, certo?

- Pois é, eu posso trocar? – com aquele olhar de “cachorro pidão”, retirando o exemplar de sua mochila.

- Olha, não costumamos fazer isso, meu chefe não está aqui ... Bem, como ele está praticamente intacto – e vai vender rapidinho, pensou a moça, – eu posso fazer a troca sim, mas só por aqueles da vitrine! Pode ser? – inquiriu com certa vacilação, tentando não perder o cliente.

Bento não tinha muito o que fazer, apenas tentava controlar seus impulsos e se passar por um simpático e bom moço – reconhecendo seu erro e, embora bastante ansioso, não criticando a moça. Assim, foi para a frente da loja novamente para escolher qual iria pegar. Tinham algumas edições de bolso da *L&PM* e a grande maioria dos mais vendidos eram de autoajuda, facilmente reconhecidos pela capa, embora Bento ainda não possuísse tal habilidade de distinção.

Com a vendedora na rua ao seu lado, mirando a vitrine, ele chegou ao consenso consigo mesmo e optou por um dos vários livros do Augusto Cury. Se aproximando do caixa para efetuar a troca, Bento foi surpreendido pela vendedora:

- Tu não tá a fim de levar um desses aqui? – apontando para uma pilha cheia de livros da editora Sextante – Estão na nossa promoção da semana, na compra de um best-seller, por mais 10,00 reais tu adquire um vale tempo e sai com mais um livro.

Ainda acrescentou:

- Esses são realmente bons, eu mesma já peguei uns três para presentear minhas amigas.

- Na verdade, fiquei curioso, como funciona esse vale tempo?

- Que legal que tu perguntou. As gurias adoram mesmo quando eu consigo um desses para elas! De fato, funciona quase como uma brincadeira, como tu pode perceber! É nosso programa de fidelidade, na real. Cada vale tempo equivale a 50 pontos no seu cadastro. Cada real gasto vale 1 ponto. Dá para adquirir livros já a partir de 300 pontos – informou a garota.

- Saquei, então até que vale essa sua promoção!

- Já que tu te interessou, olha, com 1000 pontos podes utilizar a fila exclusiva do caixa para fidelizados preferenciais. A partir de 1500 pontos, a pessoa ganha o cartão “li primeiro” e passa a poder comprar os lançamentos das editoras parceiras da livraria 3 dias antes dos demais. Com 2000 pontos ganha essa maravilhosa bolsa carteiro exclusiva com esta inscrição “/ S2 books!”. Apenas verdadeiros devoradores de livro conseguem ela, pois todos esses 2000 pontos têm de ser acumulados em um período de até 10 meses. Mantendo uma pontuação de ao menos 500 em um mês, tu te torna VIP e tens acesso não só aos descontos, mas edições e brindes especiais exclusivos para clientes diferenciados.

Tentado processar tantas informações ao mesmo tempo, o rapaz resolveu dar uma olhada na pilha. Revirando o baú da editora, curiosamente ele encontrou um exemplar de “O Monge e o Executivo”. Seus olhos brilharam, afinal só pagaria 10,00 reais e levaria dois livros novos para a casa, além de acumular alguns pontos no Vale-Tempo. Fora isso, inconscientemente havia se sentido desafiado por sua terapeuta, tal como Carnegie/Salomão nos dizem, “quando tudo falhar promova um desafio”. Ali, pensou consigo

- Acho que até a próxima sexta eu consigo terminar mais esse e me redimo com a Débora!

- Esse é realmente muito bom! – disse a moça da livraria interrompendo as sinapses desconexas de nossa personagem – Sem querer te dar *spoiler*, ele fala de um curso de relações pessoais que um empresário americano, que embora muito bem-sucedido financeiramente, fez em um monastério. Aprendendo lindas e emocionantes lições sobre liderança e desenvolvimento pessoal!

A palavra liderança terminou de convencê-lo. Dessa forma, prontamente tirou dez reais do bolso e acertou o pagamento – para ele foi fácil, já estava com a nota solta na camisa por conta do troco da terapia. Antes de se despedir da vendedora ainda lhe fez uma última questão:

- Tu, por acaso, teria o livro do Pequeno Príncipe em inglês?

- Puts, vendi o último esses dias, era uma bela edição. Se tu quiser posso tentar encomendar, que tal? Assim, tu já acumula mais vale-tempos em seu *login*, assim como eu! – logo que terminou a frase, involuntariamente levou a mão direita a boca, havia deixado escapulir sem querer o motivo da insistência e de todo o tempo dedicado para esmiuçar as vantagens que seu consumidor teria em adquirir o plano de fidelização da loja.

- Seria ótimo! Tu me envia um e-mail quando chegar? Estou um pouco atrasado nesse momento.

- Claro, te espero em breve! – dando um até logo já da tela do computador, tentando mostrar serviço.

Após se despedir da querida vendedora, enfim, pegou o rumo de casa. No meio do caminho, passando perto do Hospital de Clínicas, com a sacola da livraria nas mãos, Bento percebeu que havia esquecido apenas um afazer, quase sem importância: ter lido os artigos para o grupo.

Já era fim de tarde e a reunião começaria às 19 horas. Dessa maneira, muito madura e matreiramente, antes de chegar ao seu apartamento enviou um e-mail para a orientadora a informando que estava muito mal – de fato a dor de cabeça continuava forte por conta do encontro com seu amigo pastor e daquelas vozes estranhas que não conseguiu distinguir – e que não teria condições físicas e mentais para comparecer a faculdade.

Logo que pisou em seu quarto, Bento deu seguimento a seu plano de indulgência. Utilizando dos ensinamentos do livro:

- Preciso de outra pessoa para fazê-lo por mim. Se eu falar pessoalmente com ela, posso ser traído por algum tipo de inépcia de ator principiante, provavelmente, ela como orientadora criada, já tenha ouvido várias vezes ou até mesmo espere tais escusas rasas quando os prazos se avizinham dessa forma.

Deste modo, inseriu um mediador suficientemente ingênuo para dar a credibilidade necessária à sua mentira: ligou para um colega do grupo de pesquisa com o qual tinha ótima e franca relação. Escolheu-o, exatamente pelo fato de que com esta pessoa Bento possuía grande crédito, estando superavitário de afetos. Ao atendê-lo, o amigo foi todo abraços e sorrisos pela surpresa da ligação, mas se adivinhava uma partícula de preocupação: todos sabem que ninguém liga se a coisa não for séria em nossos dias. Nosso querido mestrando, modulando sua voz em um monotom arrastado que poderia aparentar embotamento ou alguém cabisbaixo, explicou para o amigo que um parente muito querido havia hoje falecido. Assim, estando tão longe para o enterro, Bento se sentia triste e culpado. O estômago, inclusive, lhe havia atacado. Maldito estômago cristão. Enfim, não iria para a orientação do grupo de pesquisa, mas como não queria ter que explicar aos demais, ligara para ele, seu amigo mais próximo (neste momento, Bento investe ainda mais no seu superávit primário de afetos para o conto funcionar) como de ajuda. Pediu que

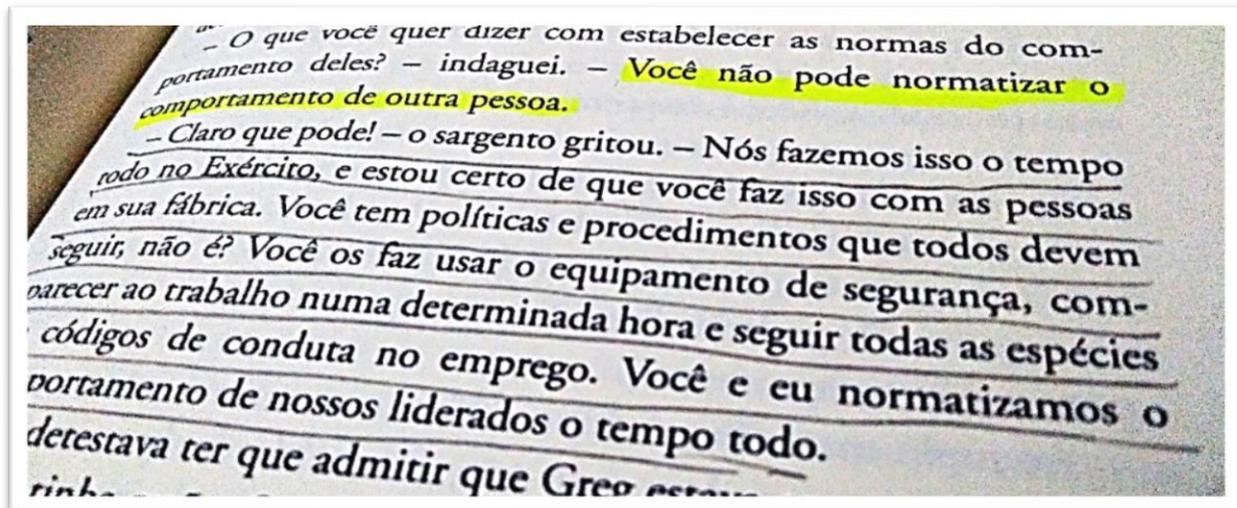


Figura 51 – (HUNTER, 2004, p. 111)

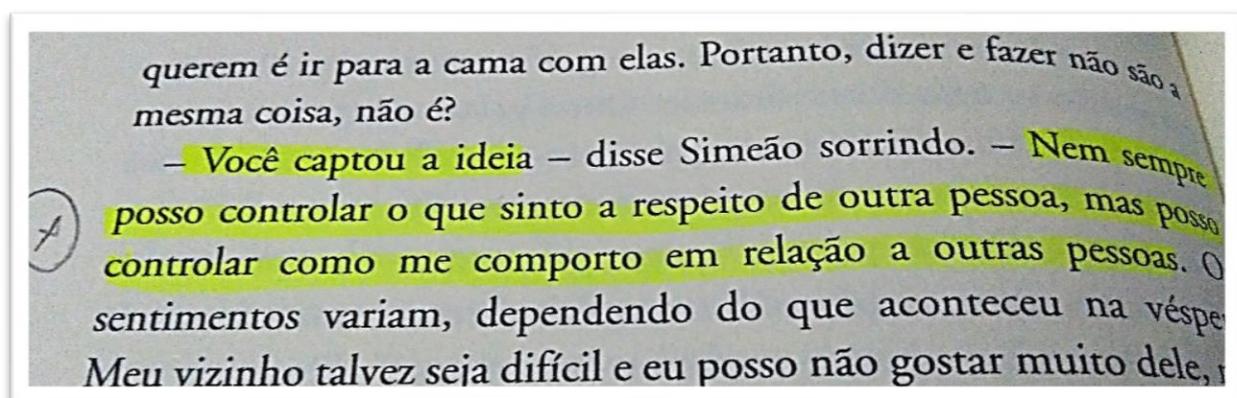


Figura 50 – (HUNTER, 2004, p. 80)

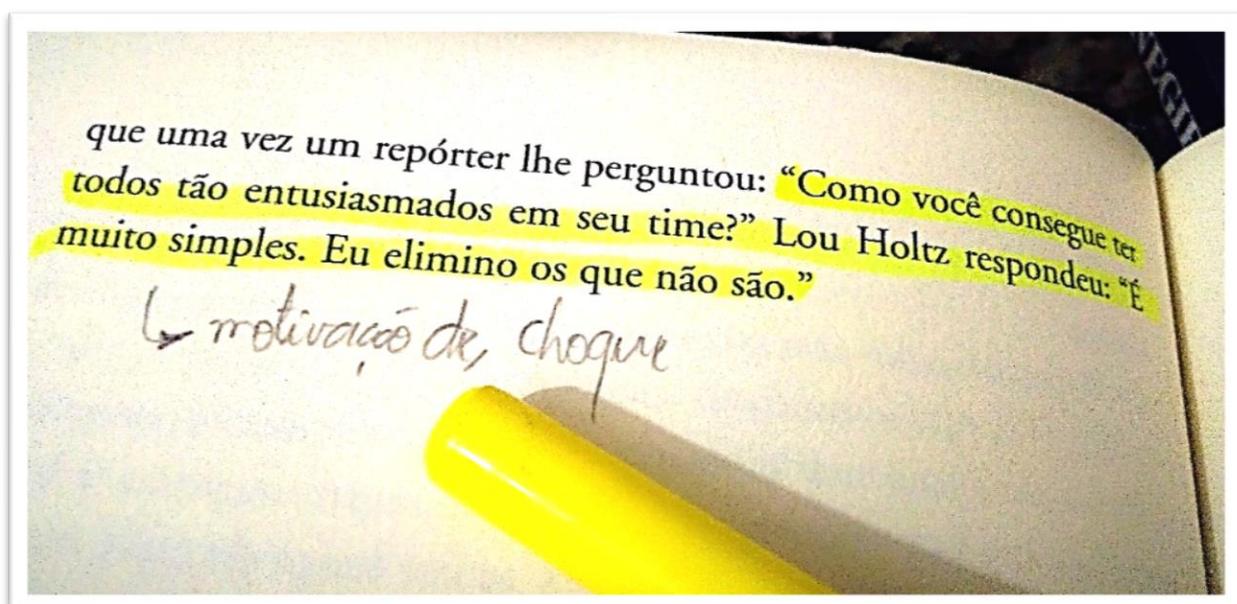


Figura 49 – (HUNTER, 2004, p. 114)

o amigo explicasse a situação para os colegas como melhor lhe parecesse. Após desligar o telefone, Bento tinha a melhor mentira de todas, visto que o emissário acredita piamente na verdade dela. Assim, tal como Deus ou o dólar, a fé faria com que realmente existisse o luto e a tal dor de barriga.

Quinta-Feira.

Passaram todos esses dias e nada da orientadora responder o e-mail, nem ao menos uma condolência, muito menos uma repreensão. Bento não conseguia precisar ao certo se obtivera sucesso com o silêncio desses dias. Salomão também não retornara até o momento – mesmo Bento não fazendo uso de medicação. O estranho sonho tampouco, muito embora as suas noites estivessem acompanhadas de longos períodos de insônia. Nesse meio tempo, suas dores de cabeça continuaram, porém, as sucessivas enxaquecas não o impediram de ler o livro da Débora. Na verdade, havia lido duas vezes o exemplar, desejava fortemente fixar na memória os seus mandamentos, bem como compreender a decisão de sua psicóloga pela profissão. Além das dores na base do encéfalo, seu estômago realmente passou a dar sinais de vida. O rapaz sempre abusou do café, ainda que ultimamente venha tentando evitar a sua companheira matinal.

No dia seguinte, continuando sem nenhum contato da orientadora – no e-mail perguntou se não haveria problema em faltar novamente – Bento resolveu ligar para a casa dela. O relógio marcava oito e meia da manhã, provavelmente a sensação de que correria uma maratona provocada pela taquicardia com que acordou essa manhã estivesse mesmo lhe atrapalhando o sono. Assim que o telefone começou a tocar, felizmente percebeu o quanto isso seria estranho. Desligou num piscar de olhos. Rezando para que ela não identificasse a chamada e o retornasse, mal percebeu o quanto essa tentativa frustrada só elevou a sua ansiedade. Sua perna direita começou a mexer involuntariamente contra o chão, quase não conseguia ficar sentado em frente à sua escrivaninha. Nessa longa manhã, esqueceu até mesmo de responder as mensagens de seu avô que chegara de volta da pesca.

Para tentar não pensar nessa tremenda gafe, no restante da manhã se dedicou às tarefas domésticas e a destrinchar o livro para organizar a sua palestra para a psicóloga. Com isso, colocou alguns tópicos no papel:

- ✓ *Prólogo (com epígrafe de Dale Carnegie);*
- ✓ *Cap.1 – As Definições (com epígrafe de Margareth Thatcher);*

SUMÁRIO

Prefácio · 7

Prólogo · 10 *CARNEGIE*

CAPÍTULO UM
As definições · 19

CAPÍTULO DOIS
O velho paradigma · 42

CAPÍTULO TRÊS
O modelo · 60 *JESUS*

CAPÍTULO QUATRO
O verbo · 75

CAPÍTULO CINCO
O ambiente · 100

CAPÍTULO SEIS
A escolha · 115

CAPÍTULO SETE
A recompensa · 130

Epílogo · 141

Figura 52 - Capítulos

- ✓ *Cap. 2 – O Velho Paradigma (com epígrafe de um provérbio chinês);*
- ✓ *Cap. 3 – O Modelo (com epígrafe de Jesus Cristo);*
- ✓ *Cap. 4 – O Verbo (com epígrafe de Vince Lombardi);*
- ✓ *Cap. 5 – O Ambiente (com epígrafe de Bill Hewlett);*
- ✓ *Cap. 6 – A Escolha (sem epígrafe);*
- ✓ *Cap. 7 – A Recompensa (com epígrafe de Jim Rohn);*
- ✓ *Epílogo (com epígrafe de outro provérbio chinês).*

De posse de suas anotações foi para a terapia.

Débora costuma sublocar a sala no período da manhã, já que mantém hábitos noturnos quando fora do consultório, de modo que se acostumou a atender no período da tarde. O fato de ser jovem terapeuta também a auxilia nessa seletividade de horários, vez que não são muitos pacientes e, além disso, as crianças, em sua maior fatia de renda, geralmente frequentam a escola nesse turno matutino. Excepcionalmente, hoje, pegou um horário antes do meio dia a pedido de Bento, para que este pudesse ir ao RU após o encontro, pois, segundo ele, iria otimizar o seu tempo. Assim, ao chegar ao terceiro andar do prédio, após uma longa caminhada debaixo de um sol forte, avistou Bento que já a esperava sentado na antessala lendo uma de suas revistas *Veja* – era uma matéria sobre como o Brasil havia voltado a crescer com as reformas propostas pelo novo governo.

Antes mesmo de se cumprimentarem, o jovem mestrando fechou a revista e ao se levantar, prontamente sacou o livro da mochila, dizendo:

- Esse livro ... esse aqui, tem certeza que foi ele quem mudou a sua vida? – apontando ao exemplar com ar de incredulidade, ainda com o ego ferido das chacotas da última sessão.

A psicóloga desconcertada e surpresa:

- Bento! Tu não tens outras coisas para fazer não? To começando a ficar preocupada – e realmente estava. Aquilo foi uma ironia, não percebeu que eu estava debochando de ti? Nós da psico, tu agora como um de nós, geralmente não lemos autoajuda, mesmo que seja bastante lido pela população em geral, é puro senso comum – exclamou rindo da feição espantada de seu paciente.

Bento não sabia onde enfiava a cara. Até mesmo guardou no bolso traseiro de sua bermuda a folha com as anotações, tentando esconder ao máximo tal gesto. Ambos, ali, meio desajeitados, começaram a se encaminhar para o interior da sala -

após Débora conseguir fazer a chave funcionar. A psicóloga com um pouco de suor no rosto, deixou a pasta de couro e sua bolsa em cima da mesa e foi ao banheiro pegar uma toalha. Enquanto isso, Bento excentricamente não havia conseguido ultrapassar a bela porta de madeira rústica da entrada do consultório.

Era ele: Salomão.

O cão estava sentado altivo na poltrona predileta de Bento, o fitando de volta. De maneira estranha, nesse finzinho de manhã, o belo pastor alemão, mesmo que estivesse fazendo bastante calor, encontrava-se vestido. O pobre animal estava todo coberto por um longo tecido de algodão, algo como uma camisola que já fora branca – na cabeça de Bento fazia sentido, visto que o clima e a poeira da lagoa poderiam perfeitamente tê-la transformado nesse suposto hábito envelhecido. E por incrível que pareça, agora, o animal tinha lindos cabelos longos e loiros, com olhos profundamente azuis. Algo como um inédito e irreal cruzamento entre Lhasa Apso, Huskie Siberiano e o seu fenótipo de *German Shepherd*. Apesar de todas essas mudanças exóticas, Bento sabia que era Salomão, quase que como arrumado para o famoso carnaval de rua da Cidade Baixa. Mas certamente era o seu antigo amigo, o reconheceu facilmente pelo faro! Esquecemos também de mencionar que no peito do animal ainda pendia um crucifixo ao estilo jesuíta.

Assim que a Débora saiu do banheiro, avistou Bento e pensou:

- Meu Deus ... esse caso é demais para mim!

O fato é que seu cliente estava de quatro cheirando uma de suas poltronas, aquela que fica ao lado da janela. Dessa maneira, orando para que fosse uma performance, ela o perguntou:

- Está tudo bem, Bento?

Nossa querida personagem, quase deixando escapar um latido, com a voz meia vacilante, a respondeu bastante constrangido ao se perceber naquela posição vexatória:

- Não. Nenhum, eu só tava ... só tava ... olhando de perto a costura dessa poltrona, parece couro chileno, não?

Débora não ficou convencida, mas preferiu passar para frente.

Salomão tinha voltado e Bento não sabia o que fazer. Como da vez anterior, sua cabeça estava doendo e no fundo sabia que ali não era lugar para conversarem, porém, mesmo que quisesse com todas as forças, não teria como sair da sala naquele momento. Seria muito estranho, pensava consigo. As coceiras voltaram e ele não

estava conseguindo se manter de boca fechada. O calor estava intenso, sentia algumas finas gotas de suor caminhar por suas costas, se entremeando aos seus pelos.

- Então Bento, como foi sua semana? Fez as tarefas de casa? Não gosto de ficar te cobrando demais... Conseguiu comentar do livro com o seu Joaquim? E a aula segunda, se saiu bem? – Débora, completamente perdida, emendava uma pergunta na outra, quase não parou para respirar. Um fluxo de pensamentos a tomou de assalto:

- Por que, Deus? Esse supostamente era para ser o meu caso fácil, não preciso nem sentar no chão, ou ficar brincando de casinha, ou carrinho, ou ter que ajeitar a vida dos casais mesmo sendo terapeuta apenas de seus filhos. Afinal, sou eu quem não para de levar serviço para casa, nunca pensei que precisaria revisitar os manuais de psicodiagnóstico e personalidade daquele professor careca filho da puta. Ainda bem que eu comprei os livros na época da faculdade e resolvi não vendê-los. Cara, ele estava cheirando a minha poltrona, nem terminei de pagar o carnê dela, e sim ela é chilena. Esse guri faz mestrado ali no Instituto, como que ninguém está dando suporte para ele lá dentro ... Claro Débora, é você sua idiota quem tem que exercer esse papel ... Tá bem, calma Débora, sábado é nossa supervisão e resolveremos lá esse caso, é só mais um, provavelmente iremos acertar a medicação e ficará tudo certo, ele não pode estar com o sistema serotoninérgico em estado normal ... vamos colocar as sinapses dele nos eixos, caso contrário como voltar com ele para a sociedade?

- Doutora, pode abrir a janela por favor, meu amigo está com calor – a pediu Bento olhando fixamente em direção a ampulheta de areia rosa, rapidamente rompendo com a linha hiperativa que tinha tomado a terapeuta.

- Pois não – prontamente Débora se dirigiu a janela, passando pelo outro lado da poltrona para não cortar o contato visual de Bento com alguém que supostamente estivesse ali.

Dessa forma, a sessão prosseguiu. Bento, no entanto, não respondeu nenhuma das questões anteriores, exceto a de que não era aula e sim grupo, confidenciando a pequena e hábil mentira que utilizou para escapular das obrigações daquela segunda-feira. A partir desse momento, o encontro dos dois seguiu a três. O rapaz tomou a liberdade de se sentar sobre tapete vermelho e se limitou a uma conversa com Salomão. Ali, Débora, incrédula, também optou por se sentar no chão e tal como uma

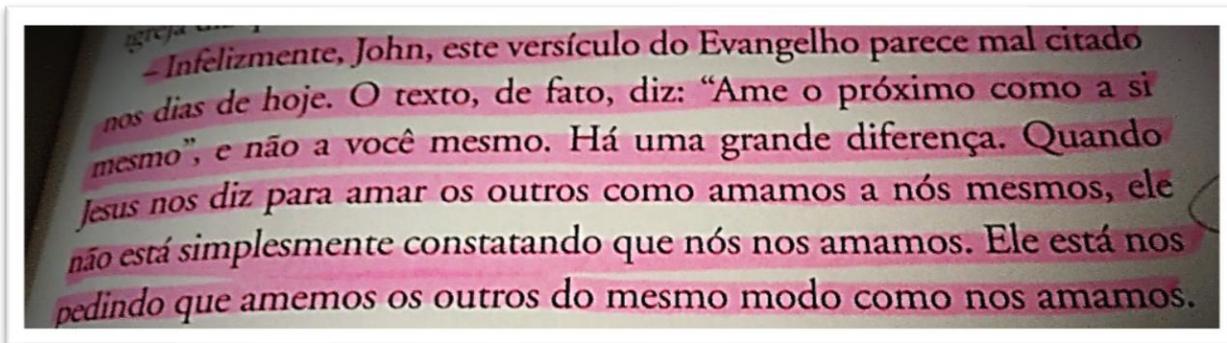


Figura 55 – (HUNTER, 2004, p. 101)

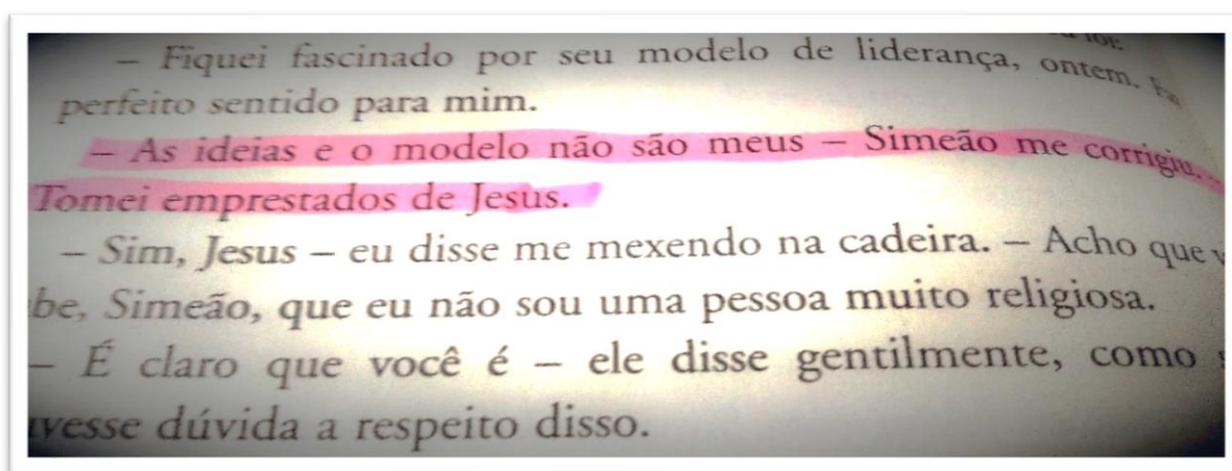


Figura 54 – (HUNTER, 2004, p. 76)

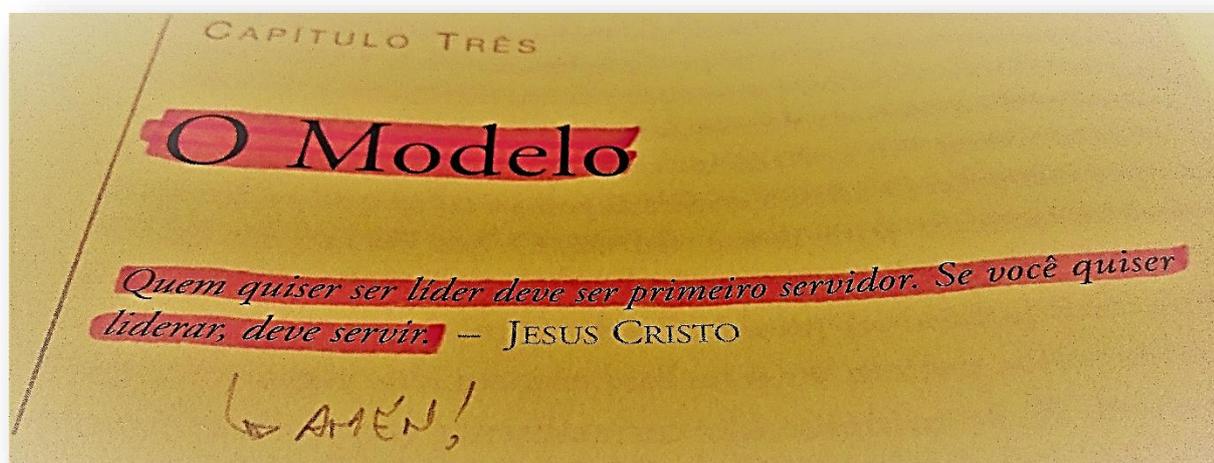


Figura 53 – (HUNTER, 2004, p. 60)

ludoterapia ficou apenas observando a conversa de Bento com seu “amigo imaginário”.

Dessa vez, Bento não usou o telefone tradutor para se comunicar e quase não latiu. Salomão sabia falar em várias línguas, era como se fosse a língua de fogo do espírito santo intercedendo no ambiente – na verdade, o que a Débora estava vislumbrando era uma espécie de monólogo de dois papéis, ambos feitos pelo mesmo ator.

- “Sobre o que falavam?” – Você deve estar se perguntando, Leitor.

- Ué, sobre amor, estimados Leitores!

Mesmo que inspirado por Carnegie, Hunter (2004) aposta que a maior de todas as influências se encontra exatamente na figura do pastor. O rebanho somente pode prosperar se o seu líder efetuar as suas ações de maneira dedicada, se a doação for completa, tal como um *Border Collie*. Não se recorda das tecnologias do poder pastoral de Foucault?

Voltemos a cena!

Bento, que em sua fantasia havia gentilmente cedido o lugar de sua poltrona para o seu melhor amigo, sentado no chão, olhando em direção àquela cadeira vazia disse:

- Então é tu, tu que é o Grande Lobo?

- Sim! Não, para dizer a verdade sou o filho encarnado Dele. Eu sou o princípio, o meio e o fim. Há milhares de anos, Eu era o chefe da matilha que se deparou com o primeiro dos vários acampamentos humanoides que encontramos ao longo de nossa história. Por meio de mim começaram as obras para o cultivo dos mesmos. E os fins justificam os meios, não é? O amor, essa palavra tão polissêmica e generosa, justifica tudo!

- Não vai me dizer que o James Hunter é mais um dos enviados para a continuação da lavoura de humanos?

- Esse é o seguimento mais atualizado dos perfis de liderança que queremos da humanidade, afinal através do amor e da doação se pode conseguir tudo! Veja a quantidade de templos e de fiéis que conquistamos através de todos esses séculos de pregação.

- Pois é, agora eu compreendo o porquê desse livro também ser um grande campeão de vendas. Vocês nos manipulam direitinho! – disse Bento com um sorriso irônico.

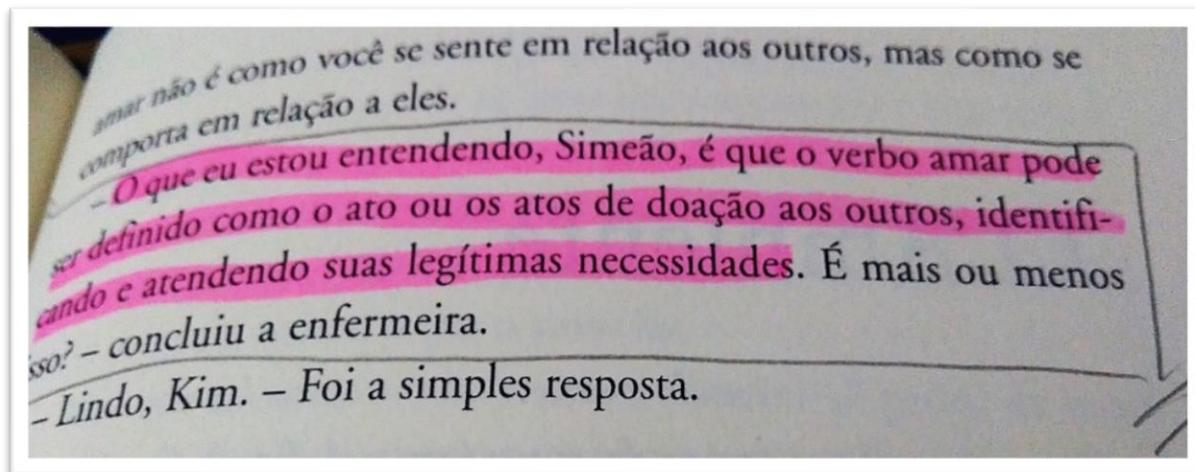


Figura 57 – (HUNTER, 2004, p. 99)

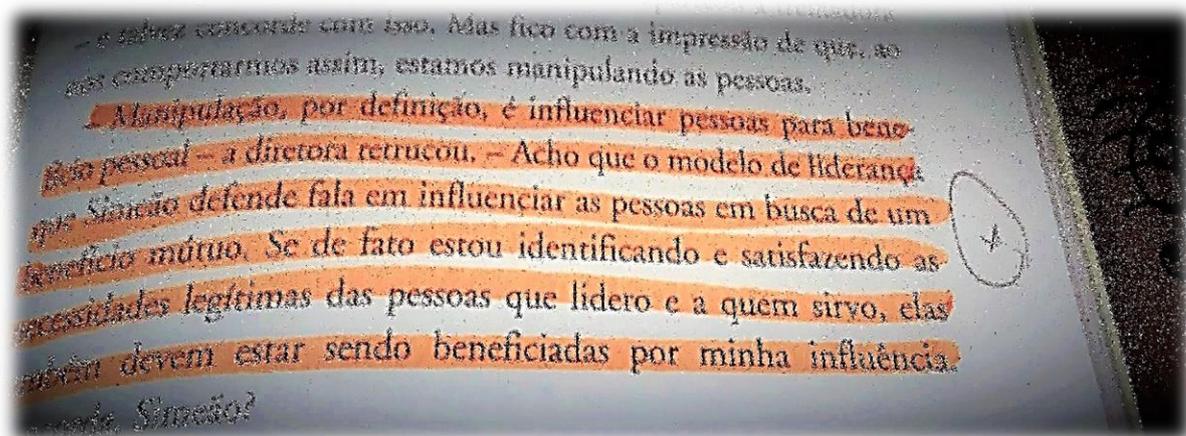


Figura 56 – (HUNTER, 2004, p. 97)

- Eu sei que tu queres entrar para o ramo do governo das pessoas, mas para tal, tu precisas ter mais cuidado com as palavras.

- Eu sei, eu sei. “Manipulação, por definição, é influenciar pessoas para benefício pessoal. Acho que o modelo de liderança que Simeão¹⁷ defende fala em influenciar as pessoas em busca de um benefício mútuo”. (HUNTER, 2004, p. 97). Eu li o livro duas vezes!

- Se tu realmente o fizeste, não te recordas daquela parte em que cita que um bom ouvinte não atravessa a fala dos demais? Típico *men interrupting*, já lançamos uma vasta coleção acerca desse tema, porém vocês nunca aprendem! – repreendendo a Bento.

- Mil perdões, eu sei que estou em uma entrevista de emprego, não irá se repetir.

- Tu não percebes, presta atenção: quando não se comete o ato pecaminoso da interrupção, por um lado não se produz oposição, atrito, antipatia, etc.; e, em segundo lugar, esse comportamento nos permite dar corda para o nosso tão querido próximo se enforcar. Conceder a permissão ao nosso interlocutor para que divague ao máximo, se expresse à vontade é um comportamento de suma importância ao cultivo. De forma que tanto nos ajuda a incrementar a produção de dados acerca de si que o próprio humano nos fornece, quanto para fazer fluir seu desejo, articulando-o, fruindo em sua fala junto à relação com esse bom ouvinte, investindo libidinalmente a partir de então. Essa escuta que se pretende atenta e calada é o cavalo de troia às avessas: sob o silêncio dos olhos atentos a cidade se enamora e abre seus portões e vem até nós, abraçando-nos com sua vida que agora nos pertence cada vez mais. Nós manipulamos, mas precisamos dizer que exercemos influência, tu é capaz de compreender a distância que se encontram essas duas pequenas palavras, meu jovem?

- Certo, não irá se repetir, lhe prometo. Pois bem, quer dizer então que amor não é um sentimento e sim aquilo que o amor faz? Não saquei essa parte – perguntou Bento.

- Justamente. Vocês, humanos piegas – não param de ouvir músicas melosas – não conseguem entender, “[...] o verbo amar pode ser definido como o ato ou os atos de doação aos outros, identificando e atendendo suas legítimas necessidades”.

¹⁷ Simeão é o nome do Monge no livro.

AMOR E LIDERANÇA

← aprender hiperútil para per copog de arranz obs / próximo!

Paciência	Mostrar autocontrole
Bondade	Dar atenção, apreciação e incentivo
Humildade	Ser autêntico, sem pretensão, orgulho ou arrogância
Respeito	Tratar os outros como pessoas importantes
Abnegação	Satisfazer as necessidades dos outros
Perdão	Não se ressentir quando for enganado
Honestidade	Ser livre de engano
Compromisso	Sustentar suas escolhas = <i>promissas</i>
Resultados: serviço e sacrifício	Pôr de lado suas vontades e necessidades; buscar o bem maior para os outros

← como não se ressentir?

Figura 58 – (HUNTER, 2004, p. 99)

(HUNTER, 2004, p. 99). Tu precisas dar uma olhadinha nas suas anotações do quarto capítulo!

- Mas como isso se manifesta na liderança para podermos manipu ... influenciá-los? Perguntou Bento, rapidamente corrigindo a pronuncia que sairia equivocada.

- Perceba, retire de sua calça as anotações que escreveste sobre os capítulos 2 (o velho paradigma) e 3 (o modelo)? O que precisa ser feito é uma grande mudança de visão e missão mediante auxílio de uma figura emblemática, tal como é a minha, na forma de uma grande imagem. Ou seja, o líder de verdade tem que se doar aos outros, pois aí é que está a grande transformação: passa-se de uma liderança através da coerção pelo poder à influência por meio da autoridade – disse Salomão transfigurado. Homem de pouca fé, não te recordas das agruras sofridas por Mim nas passagens que antecederam a minha imolação? Coroa de espinhos, pregos deliciosamente fincados nos punhos, açoitamento, suor e sangue no calvário? Ou até mesmo o primeiro milagre: apenas o fiz para ajudar os noivos com o casamento, como um bom filho atendendo às súplicas de minha mãe, Eu ainda nem estava de todo preparado. A doação, o amor incondicional, o serviço à humanidade fizeram com que até hoje grande parte do globo ainda me tenha como seu Senhor, até o presente instante, este em que converso contigo, eles Me adoram e continuam as obras de Minha igreja – que hoje, por sinal, se espalharam para os mais diversos tipos de construções.

- Mas como isso se aplica na prática? No mundo de hoje isso não funciona – Bento o inquiriu discordando, ainda que nesse instante encontrava-se de joelhos em claro sinal de respeito e humildade.

- Vamos lá então. Tu pensas muito com essa tua cabeça de humano. Se quiseres ser aceito para escrever para nós, tu precisas deixar de ser arrogante. Não te recorda das lições passadas? O que estou trazendo de novo é uma atualização, volto a repetir. Quando fazemos o *download* de um novo pacote, sempre vem um tutorial animado explicando como a nova versão funciona – com muita delicadeza, continuou a pregação.

- Que tal uma parábola? O nosso antigo modelo de gestão piramidal funcionou muito bem para superarmos as crises das épocas disciplinares. Quase um recurso exclusivamente tomado pelos seus humanos militares. Serviu de grande valia para ajudar a humanidade a se reequilibrar após as grandes guerras quando as empresas

O grande mandamento
 (= Mc 12,28-34 = Lc 10,25-28)

34 Sabendo os fariseus que Jesus reduzira ao silêncio os saduceus, reuniram-se **35** e um deles, doutor da lei, fez-lhe esta pergunta para pô-lo à prova: **36** “Mestre, qual é o maior mandamento da lei?” **37** Respondeu Jesus: *Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito* (Deut 6,5). **38** Este é o maior e o primeiro mandamento. **39** E o segundo, semelhante a este, é: *Amarás teu próximo como a ti mesmo* (Lev 19,18). **40** Nesses dois mandamentos se resumem toda a lei e os profetas.”

Figura 60 – Mt 22:36

... não aquele que está no céu.*
 o Filho do homem levantou a serpente
 no deserto, assim deve ser levantado
 o Filho do homem,* **15** para que todo
 homem que nele crer tenha a
 vida eterna.”

16 Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele. **18** Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado; porque não crê no nome do Filho único de Deus.* **19** Ora, este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os ho-

... porém, que
 regozija-se
 esposo. Ni
 gria, que a
 porta que
 nua.”

31 Aqu
 rior a to
 ra é terr
 Aquele
 todos.
 que viu
 o seu t
 cebe c
 Deus
 aquel
 gem
 Espí
 o Fi

Figura 59 – Jo 3:16

o adotaram. Mais uma vez, nós sempre a anos luz dos humanos! – ponderando com certo sarcasmo.

- Que modelo é esse? – outra vez Bento o interrompeu.

Respirando fundo para continuar, o cachorro respondeu:

- Como estava dizendo ... Esse modelo é o seguinte – Bento, ali no tapete, tirou do bolso o papel com as anotações para ilustrá-lo – Tá vendo essa pirâmide? Ela é dividida em 5 partes que vão da base até o topo. De baixo para cima – foi escrevendo o nome das funções organizacionais em cada uma das subdivisões – Empregados; Supervisores; Gerentes; Vice-Presidente; Presidente.

Admirada e ainda paralisada com o que estava acontecendo a sua frente, Débora imersa naquela tragédia grega que presenciava só conseguia pensar:

- Bento, tu claramente deverias ter levado esse tipo de dinâmica às aulas do estágio que tanto reclamastes aqui.

- Certo, mas qual é o ponto? – Bento seguia desacreditando.

- O ponto, meu jovem, sou eu quem lhe pergunto, onde está o cliente?

- Isso não é óbvio, é a pessoa que irá adquirir os serviços, não?

- Correto, mas lembre-se, querido, estamos falando de liderança, de doação aos empregados, por conseguinte, estamos tratando sobre a governança dos mesmos. Dessa forma, precisamos exercer nossa “influência” sobre eles, a fim de atingir da maneira mais profícua esse nosso nicho de mercado, os compradores! Reposiciono a questão: quem é que está mais perto do cliente nessa pirâmide tradicional do início do século passado?

- Os empregados! – Débora não se aguentou e praticamente gritou essa resposta, logo colocando as duas mãos sobre a boca, pois agiu sem pensar e temeu naquele momento romper com o encadeamento da cena e o que a tal intromissão pudesse vir a acarretar no surto psicótico de seu paciente. Para a sua sorte, naquele instante Bento não conseguia ser acessado.

- Exatamente. Os empregados. Dessa maneira, os clientes estão no topo ou na base? Na base. E tu bem sabes, nós cultivamos a humanidade sempre para olhar para o topo, para que sempre fixem os seus comportamentos mirando o céu. Isto é, na perspectiva antiga, os empregados estão trabalhando para agradar os seus superiores, ao invés de centrarem seus esforços para os clientes, eles trabalham meramente para continuar trabalhando! – afirmou categoricamente em tom de conclusão.

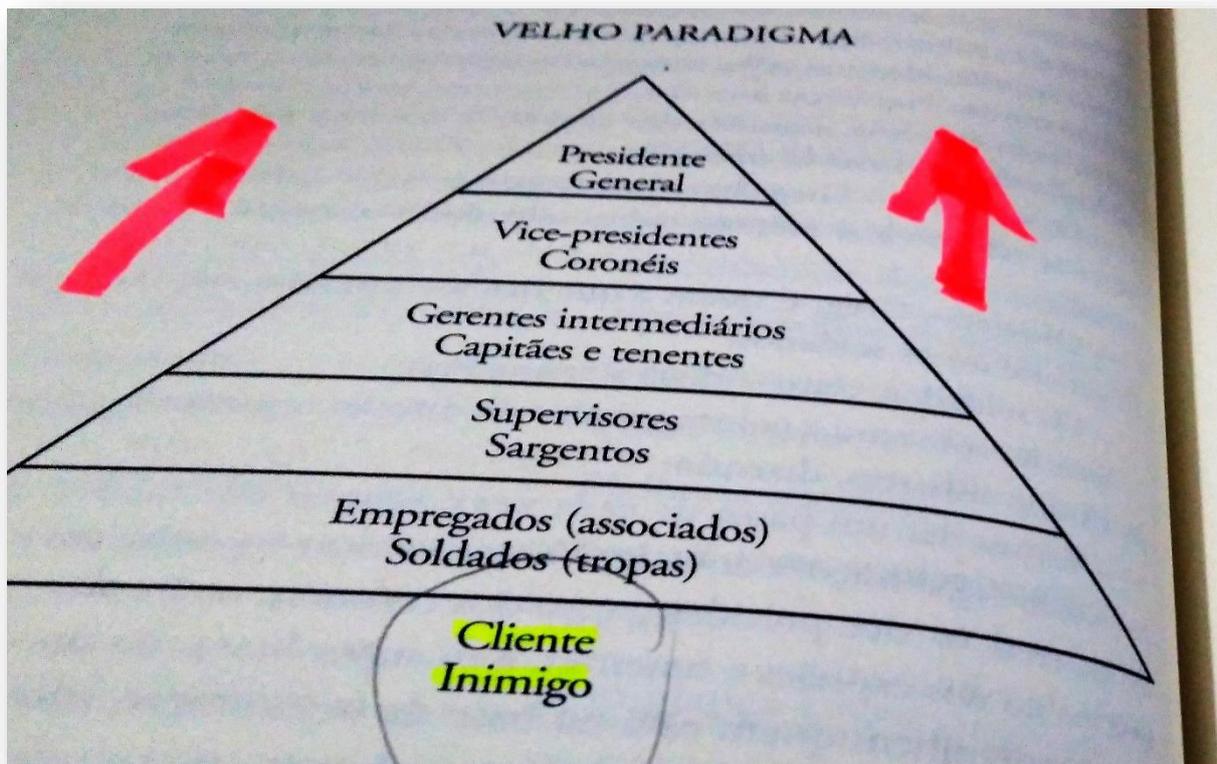


Figura 61 – (HUNTER, 2004, p. 50)

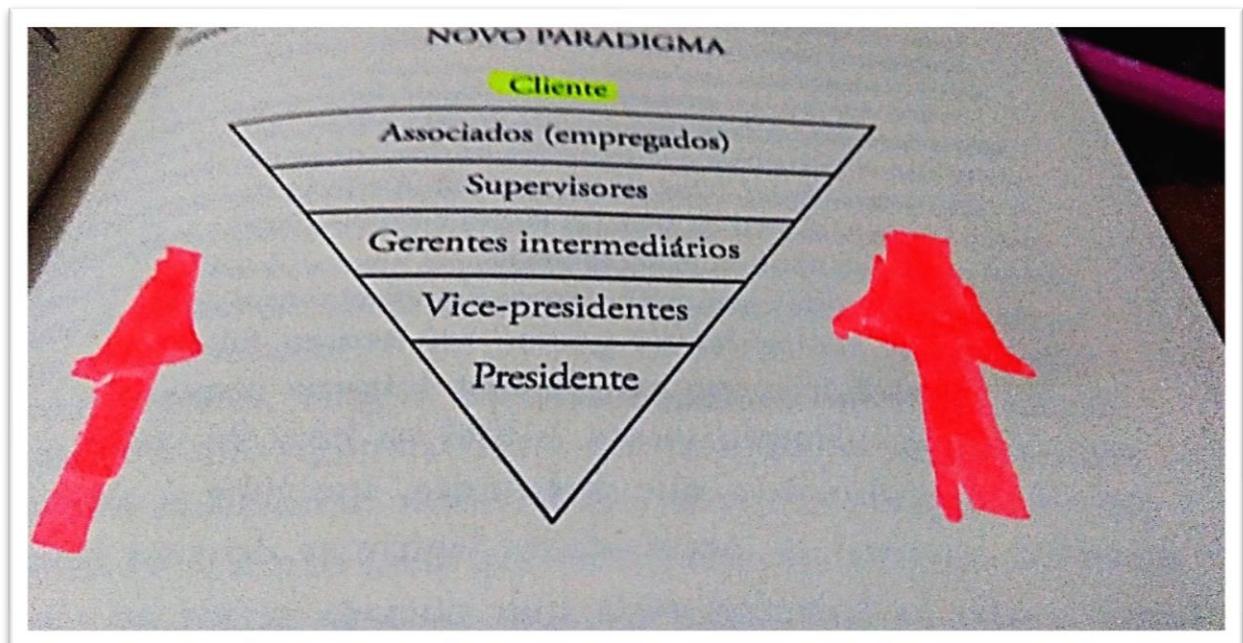


Figura 62 – (HUNTER, 2004, p. 53)

- Por isso a mudança de paradigma! Agora entendi, tu pediu para o Hunter inverter a pirâmide, que sacada! – Bento concluiu entusiasmado.

- Bom garoto! Com a inversão da pirâmide tanto os empregados como nossos clientes, agora, encontram-se felizes e contentes, juntinhos no topo. Compreendes porque é tão revolucionário esse pensamento?

- Sem deixar Bento responder, rapidamente engatou:

- Ou seja, manipular – cometendo um leve ato falho – os empregados para que eles possam fazer o melhor serviço possível para podermos agradar nossos compradores! Praticamente uma regra ouro para o empreendedorismo.

Débora, imersa naquela experiência, pouco conseguia intervir como terapeuta, era algo como uma espectadora privilegiada. No fundo sabia o que os manuais diziam: abraçar o seu cliente e acalmá-lo para o trazer de volta a si. No entanto, continuava sem ação, quase que seduzida pela dramatização de seu paciente. O ambiente era propício para tal. Sentados confortavelmente naquele delicioso e convidativo tapete, cautelosamente escolhido, sentiam a brisa entrando pela janela – para sua felicidade o vento soprava forte e Débora poderia adiar para o próximo mês a necessária aquisição de um aparelho de ar condicionado – trazendo consigo o canto ritmado de um solitário bem-te-vi que rivalizava com o ritmo frenético da urbe. E claro, a performance da personagem precisa ser destacada, praticamente um ator de teatro experiente a interpretar dois personagens.

Nesse momento, Bento deixou de apenas utilizar a fala e começou a utilizar os objetos da sala como cenário. De um segundo para o outro, a conversa desviou de foco e a poltrona se tornou o confessionário improvisado que Bento tinha acesso quando pequeno na singela paróquia da colônia.

- Perdoe-me padre, pois pequei – soltou o rapaz em tom resignado, levando a pata direita em direção ao braço do assento.

- Prossiga, filho!

- Essa semana tem sido muito difícil para mim – começou buscando se colocar numa posição de humildade visando acalentar o coração de quem lhe ouvia, na tentativa de uma possível suavização da penitência – não consegui manter as minhas promessas desde o nosso último encontro. Primeiro de tudo, eu novamente usei da encenação para conseguir o que eu quero. Fui bondoso, carinhoso, interessado com a minha namorada apenas para conseguir assistir meu futebol e fazer amor gostoso no fim do dia, sem grandes preocupações. Mas o fato é que nós não somos casados

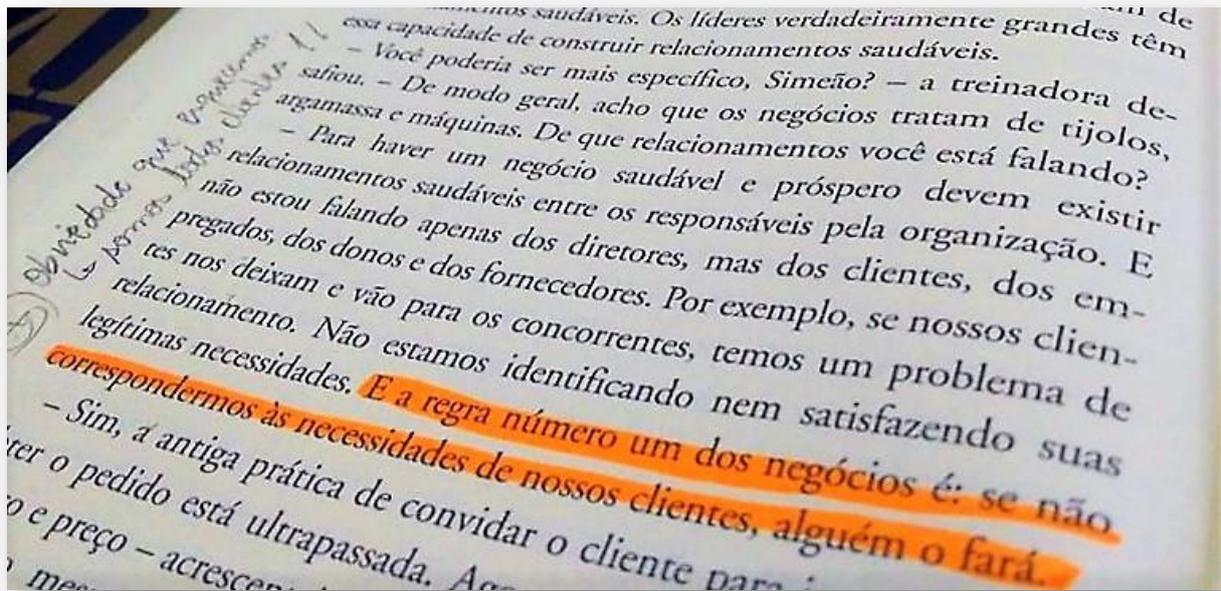


Figura 63 – (HUNTER, 2004, p. 38)

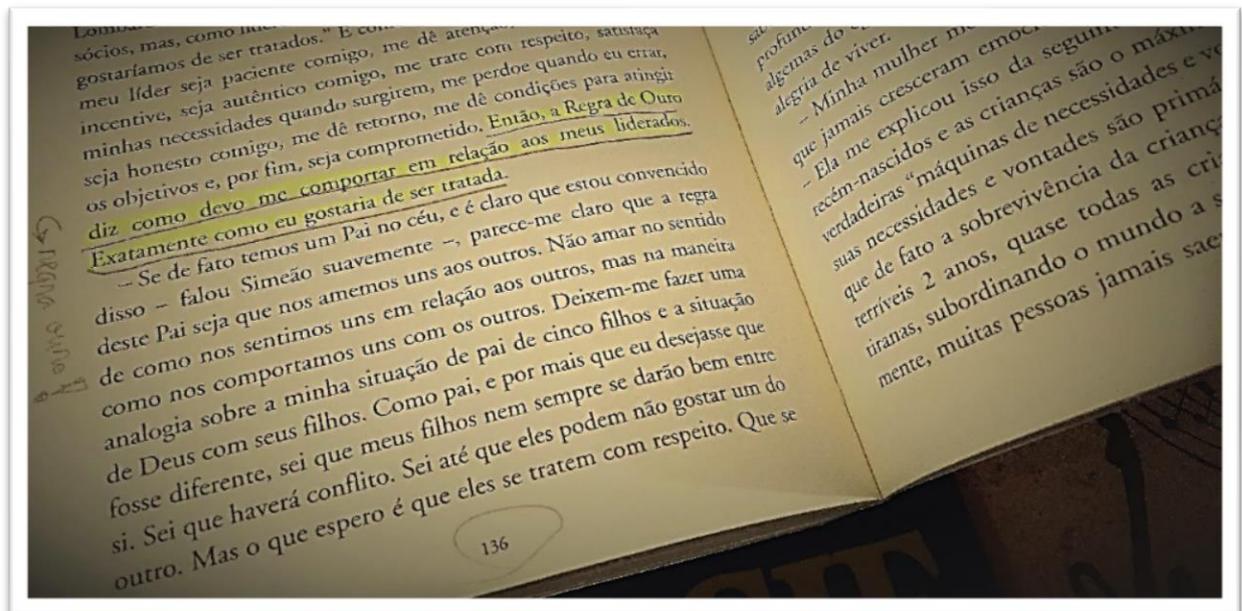


Figura 64 – (HUNTER, 2004, p. 136)

e eu não sinto que a amo mais, como eu acredito que ela ainda o faça – eles haviam acordado em dar um tempo fazia um mês aproximadamente. Para ser sincero, desde que me mudei para cá, instalei pelo menos dois daqueles aplicativos de relacionamento no meu celular e quando ela vinha me visitar, obviamente, eu tomava o cuidado de os deletar. O problema é que eu quero continuar com ela, mas quero ter experiências com outras mulheres ao mesmo tempo. E o pior é que finjo ter completo interesse naquilo que ela diz, mas eu nunca realmente ouço o que sai de sua boca, muito menos sei o nome dos amigos dela – apenas a gata da Marcelinha que sempre posta fotos de biquíni no *Instagram*.

- Entendo, mas já conversamos sobre isso, tu vens aqui quase toda a semana com os mesmos questionamentos. Não sou eu quem deve dizer o que tu tens a fazer, estou aqui mais como seu psicólogo, mas quero que tu consigas dizer abertamente essas questões à pobre Catarina, será que ela não teria essas mesmas vontades que para ti são tão presentes?

- A regra ouro dos negócios é servimos os nossos clientes para preenchermos as necessidades desses nossos compradores, Catarina necessita de mim. Ela me liga todo santo dia, de manhã, na hora do almoço e de antes de dormir, fora as chamadas de Skype – nesse momento, Bento se referia à quando ainda estavam com o relacionamento tradicional em andamento. Logo, eu cumpro religiosamente o meu papel, eu me sacrifico, sou paciente, me demonstro compromissado quando estou com ela. A partir de toda essa doação, não é digno que eu tenha um retorno consistente de meus investimentos? Afinal, somos todos animais, não é mesmo?

Débora engoliu a seco esses insultos machistas que nunca apareceram em sessão. Ela mesma não sabia no que acreditava, Bento sempre teve uma postura engajada nesses aspectos da militância, mas depois dessa fala o rótulo de “esquerdomacho” seria difícil de ser retirado – por sorte de nossa personagem ele conseguiu manter em segredo os seus desejos secretos por sua atraente terapeuta.

- Meu querido, nossa hora está acabando, algo a mais que queres expiar?

- Não padre, muito obrigado, mais uma vez!

- Sem julgamentos ou ressentimentos: São 10 aves maria, 5 pais nossos, 2 dias sem usar o seu *smartphone*, faltar a uma das suas duas sessões de terapia (não está ajudando em nada mesmo), assistir 2 palestras ministradas pelo Jair Bolsonaro, uma semana de BBB, 3 Domingão do Faustão (sem mudar de canal nos intervalos) e 1 mês sem assistir ao seu futebol. Sua penitência aumentará a cada vez que eu ver que

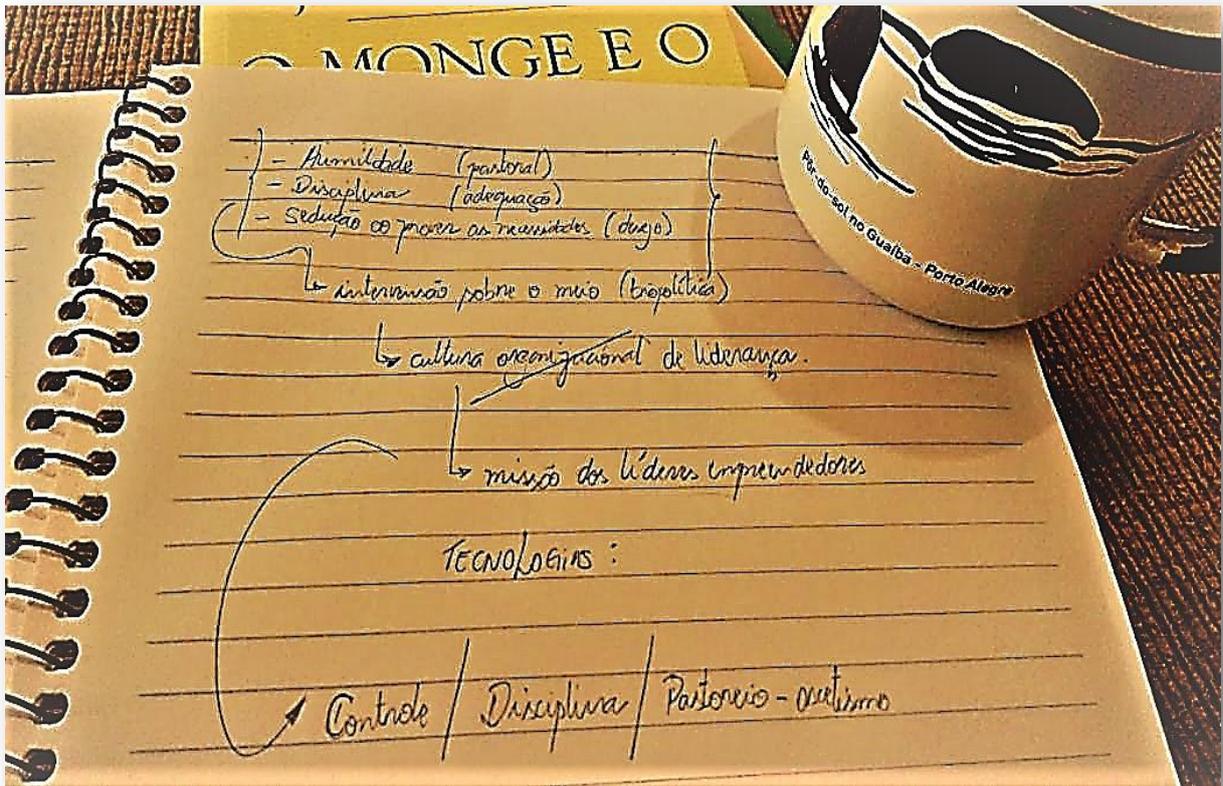


Figura 65 – Como opera?

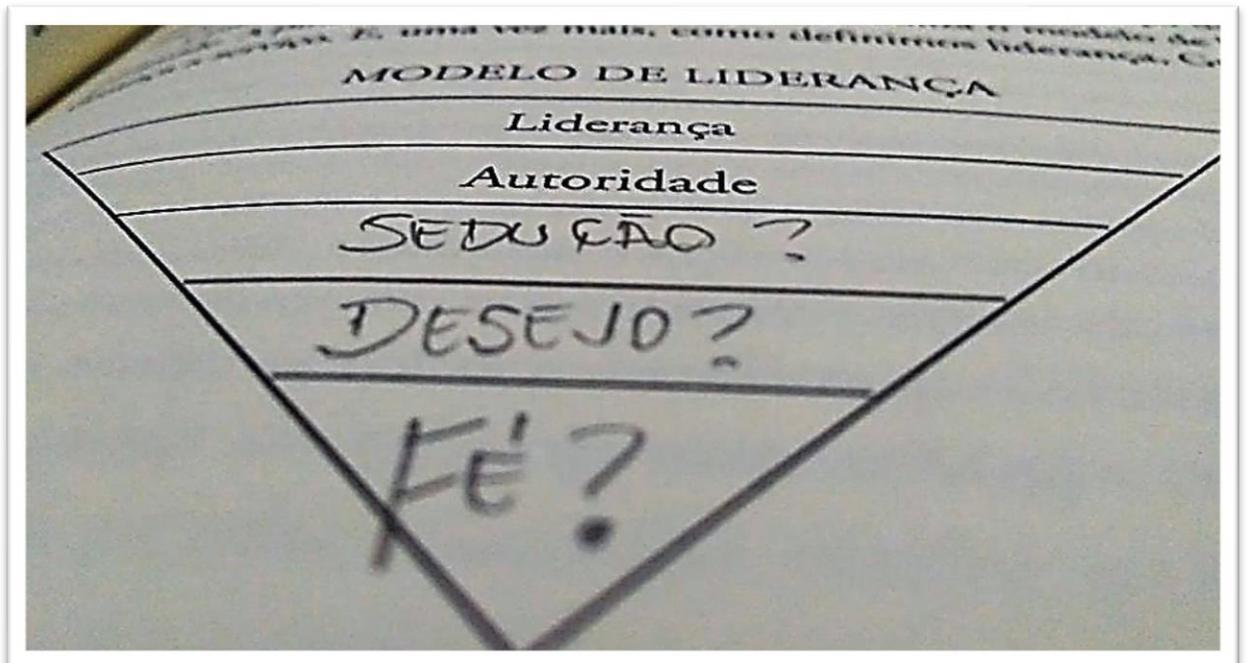


Figura 66 – (HUNTER, 2004, p. 65)

o seu comportamento não se modificou. Cuidado, pois a próxima pode ser que eu as dobre, já imaginou ter que cumprir 2 meses sem brasileiro e quatro horas-aula do excelentíssimo deputado? Paz de Cristo!

No exato segundo em que ouviu a sentença, Bento se percebeu balançando o rabo com aquela generosa sensação de completa leveza no corpo. Conseguiu declarar tudo o que lhe afligia e não tinha coragem de compartilhar com a Débora. A terapeuta inclusive estava boquiaberta com o que escutara, não poderia crer que após todas as vezes em que falaram sobre feminismo nas sessões, seu cliente teria a coragem de agir dessa forma com a companheira.

A partir do que escutara, ficou se perguntando se Bento era capaz de realmente só fazer o que quer e se sempre se utilizava da sedução para dar voltas nela. Assim, começou a se lembrar que cada vez mais as desculpas e racionalizações poderiam ser previamente elaboradas, dado que eram incrivelmente persuasivas. O problema com o avô parecia ser praticamente secundário na vida de seu paciente naquele momento, visto ao transtorno de conduta que apareceu em sua fala. Pensou inclusive em dar um toque para as suas amigas que moravam com a namorada dele, as informando que o mesmo não era esse homem maravilhoso que demonstrava ser – o sentimento de raiva tinha lhe tomado por breves momentos, o código de ética não permitiria que ela levasse a cabo tal vontade.

- Bento ... acorda, guri! Tu não podes partilhar essas coisas aqui, não é seguro – alardeou Salomão, fazendo uma rápida e escondida indicação com o focinho em direção a terapeuta.

Assim, Bento subitamente voltou a mencionar as aprendizagens do monastério do lago Michigan.

- No livro ainda fala das competências que esse líder serviçal tem que construir, não é mesmo? - perguntou Bento ao seu amigo cristão.

- Isso mesmo! Mas antes tu esqueceste de uma coisa importante, da outra pirâmide que eu mesmo supervisionei os corretores do livro em seu diagrama: a pirâmide da liderança afetiva.

Ali, o rapaz virou a folha e quando foi começar o desenho de uma nova pirâmide de cabeça para baixo se percebeu em mistério. Assim, abruptamente se colocou de pé atrás da mesa do consultório. Tomou seu caderno de anotações com ambas as patas e o elevou, consagrando-o. O gesto foi incrivelmente dramático, o partindo em dois. Depois disso, sussurrou as poucas palavras em latim que havia aprendido

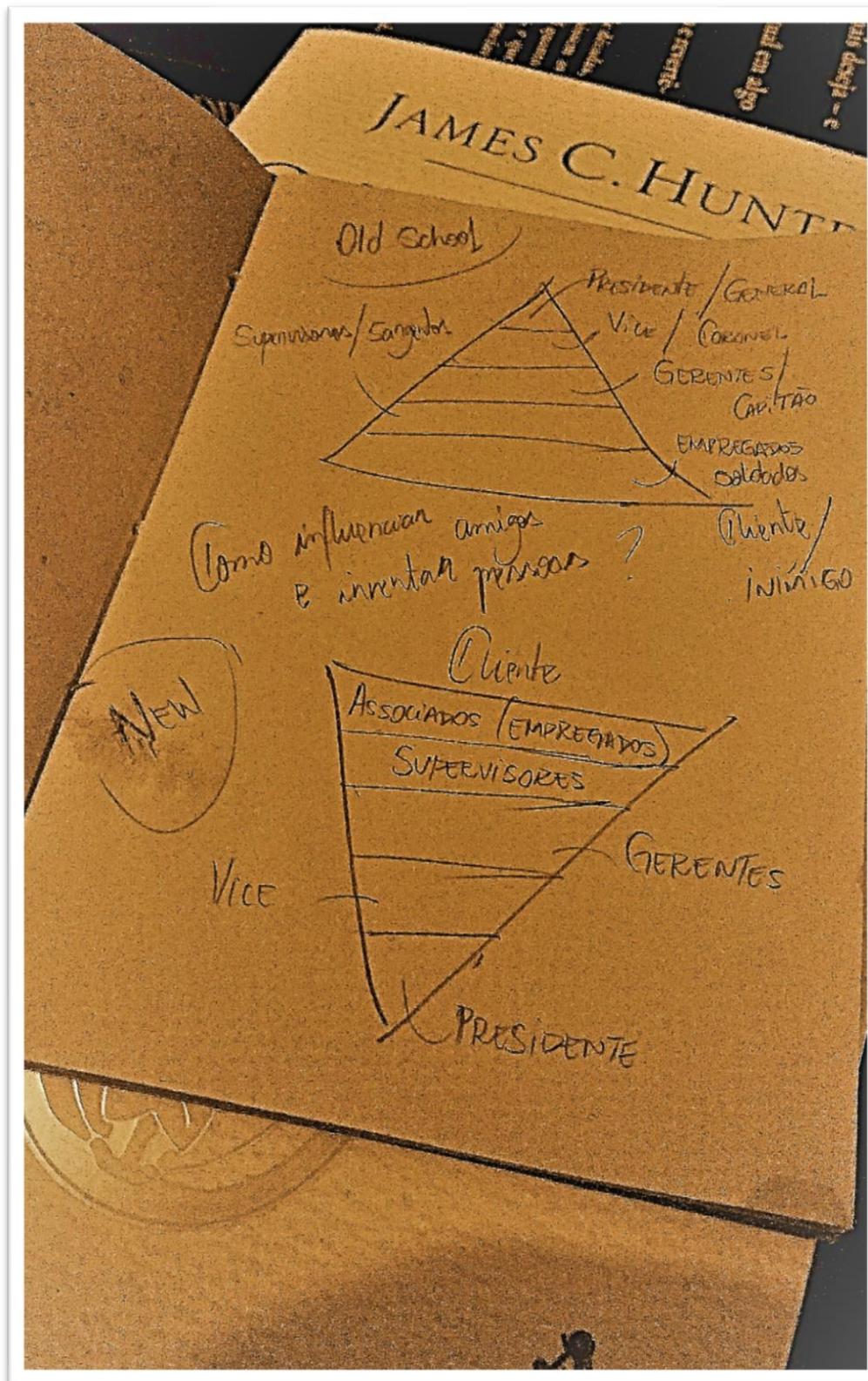


Figura 67 – Caderneta aos sonhos II

durante a sua graduação, elevou a ampulheta para os céus e posteriormente fez um gesto como se fosse beber daquele cálice.

Essa derradeira consagração foi o basta para Débora – inconscientemente julgou que esse rito não poderia ser profanado daquela forma em sua frente, sem que ela fizesse nada. Naquele instante, o tempo de sessão já estava adiantado. Débora, embora compreendendo que Bento tipicamente delirava com algum personagem bíblico, não se aguentou com tamanha audácia, muito menos com o fato de pensar que o monólogo poderia voltar para a porcária da autoajuda. Ela queria que ele continuasse descrevendo seus comportamentos para com a namorada, coisa sempre meramente tangenciada durante o tempo em que se encontravam. Desse modo, ainda sentada, abruptamente o interrompeu com uma decidida provocação:

- Até mesmo Jesus que pregava estritamente o amor, entrou feito um louco no templo e correu os comerciantes com chicote em punho!

A psicóloga, depois do episódio do confessionário, havia começado a se recuperar da súbita quebra de seu enamoramento pelo paciente e buscava voltar a se estabelecer no personagem Débora. Agora, mesmo em seu misto de frustração e profunda cólera relacionada aos últimos rumos com a que peça se desenrolou, optou por uma mudança em sua estratégia, decidindo ser continente, visando sustentar uma espécie de maternagem winicotiana ao entrar na onda das alucinações – esse reviravolta em sua postura terapêutica só foi possível quando ela se permitiu, por brevíssimos instantes, ponderar se aquelas ações que escutou eram realmente verdade ou apenas fruto da imaginação fértil gerada pela crise psicótica.

Bento, contudo, não foi capaz de escutá-la. Continuava em seu transe.

Nesse mudar de conduta, Débora, reassumindo o seu papel de terapeuta pode constatar efetivamente que o tempo de sessão estava se esvaindo por completo, o que fez com que as suas tentativas tivessem que ser mais enfáticas. Logo a ampulheta eletrônica anunciaria o limite dos 50 minutos, o que era feito por um extremamente chato e abrupto alarme - especialmente adquirido após os primeiros meses como terapeuta, a fim de outorgar o fim de sessão às suas crianças que vez por outra teimavam em não querer se despedir, tampouco ajudar a recolher a montanha de brinquedos que sempre ficavam espalhados pela sala.

- Bento ... Bento ... – usando do vocativo bruscamente, sem obter resposta – Já entendi, o livro diz que não é para sermos egocêntricos, mas as nossas escolhas são única e exclusivamente de responsabilidade individual, certo? – Débora, sem

sucesso e sem notar, perguntava sobre outra dupla captura, típica da sociedade de controle.

No instante que a ampulheta tocou Salomão/Jesus sumiu. Ouvindo o alarme, que se assemelhava muito com as badaladas do relógio da casa de seus avós, Bento subitamente voltou a si. Meio assustado, com forte dor na base do crânio e no interior de seus olhos, tentava entender o motivo deles não estarem ocupando as suas respectivas poltronas:

- Já acabou? Nossa tu é boa mesmo, não vi o tempo passar ... Nem consegui te falar de uns sonhos malucos que tive domingo passado!

Sua emoção tem seguro?

Naquele átimo de segundo que o despertador disfarçado de ampulheta disparou, Débora deu um pulo aturdido. Esse movimento abrupto a fez ficar de pé totalmente desajeitada. A tarefa de levantar do chão e se equilibrar fora bastante dificultosa, visto que havia escolhido seu *scarpin* vermelho salto oito ao invés de uma confortável sapatilha. Terminando de se aprumar, ela praticamente deu graças às deusas ao sinal indicar que o período de sessão ter sido consumido por completo. Isso lhe passou brevemente, pois ainda precisava decidir como iria conduzir o término do encontro, não poderia deixá-lo simplesmente partir após a crise que presenciou. Notando que o Bento estava visivelmente transtornado, pensou em acionar algum familiar. Tal manejo foi afastado tão logo o seu estúpido aparecimento em sua cabeça – além de que não era mais uma mera estagiária de Caps. Os pais do rapaz faleceram quando ele ainda era de colo e os poucos familiares que restavam viviam no interior, assim como a sua até então namorada. As colegas com quem divide apartamento também não poderiam o ajudar, estavam no trabalho e esse não era um bom momento para acioná-las, visto as recentes brigas, justamente por esse comportamento atrapalhado de Bento nos últimos tempos.

- Posso usar o seu banheiro? – ele a surpreendeu com a frase, a retirando desse seu devaneio silencioso, perguntando com voz e corpo bastante sonolentos.

- Claro ... Por que não? – respondendo meio atrapalhada, ainda matutando qual seria a sua estratégia.

O lavabo do consultório era muito aconchegante, poderíamos dizer que era até demasiado extravagante para uma jovem psicóloga. Todo envolto em azulejos brancos, com uma tira esverdeada que percorria o perímetro do ambiente dividindo as suas quatro faces à altura do olhar de uma pessoa média. O local provavelmente havia sido refeito há pouco, com leves toques de Débora. A cor do detalhe facilmente se compreendia, combinava perfeitamente com os olhos sempre exuberantes da terapeuta. A pia também aparentava ter recebido o banho de descontos da Tumelero, uma boca ovalada e transparente para a água, a destacar o belo tampo de mármore perolado. No entanto, o que mais chamava atenção, ali, era o maravilhoso espelho. Na verdade, o que saltava eram os detalhes, quase barroco, das redobras de sua

moldura. O contraste com a tira verde da parede ajudava a marcar a sutileza dos seus contornos.

Bento, ainda que fosse a primeira vez que utilizava o pequeno local, não conseguiu se atentar aos seus detalhes, precisava mesmo era de algum fármaco para lhe aliviar as toneladas que sentia sobre sua nuca. Assim, com os olhos sendo pressionados por quase todos os músculos de sua face, afim de tentar amenizar a luminosidade do ambiente, abriu a torneira para lavar o rosto e molhar um pouco a cabeça – sua avó sempre o aconselhava o movimento para curar as corriqueiras enxaquecas que possuía desde guri. Sem o sucesso imediato que gostaria, gritou para a terapeuta perguntando se ela teria alguma aspirina para o emprestar.

- Tenho sim, querido, está aí dentro, é só puxar a maçaneta do vidro a sua frente – ela respondeu prontamente, fazendo menção de se levantar, pois já havia se passado alguns minutos desde que o rapaz se trancou lá dentro.

Nesse meio tempo, de sua poltrona, Débora decidiu que esperaria o tempo que fosse necessário com Bento para ver se ele recobriria a consciência. Como não teria paciente nas próximas duas janelas, julgou que seria a melhor forma de se sentir mais segura com o caso. Dessa forma, um tanto quanto assustada com o que tinha se passado a pouco, após finalmente efetuar a sua decisão quanto ao manejo, levantou e se deslocou até a persiana entreaberta para agraciar sua ansiedade com um pouco de ar fresco. Além do sopro, quando percebeu estava abrindo o grupo das gurias no *WhatsApp*, se assustando com o número de mensagens que recebeu no decorrer desses 50 minutos de sessão.

Suas amigas estavam em grande debate acerca do comercial “Reposter¹⁸” de uma marca famosa de bebidas. Elas discutiam com veemência acerca da validade daquilo tudo. Algumas diziam que era um passo importante para o empoderamento do feminino, outros vociferavam contra aquele delírio do capitalismo, imagina se todas as lutas fossem simplesmente cooptadas para vender cerveja, cosméticos, carros e afins. Débora não conseguiu definir muito bem opinião a respeito, mas prontamente seguiu a sugestão das suas colegas de faculdade mais inflamadas e foi até o *Youtube*

¹⁸ Propaganda televisiva de uma grande cervejaria brasileira em que são convidadas seis artistas mulheres para recriar cartazes antigos da marca, conhecidos por estampar modelos fotografadas como simples objetos de desejo masculino ao exibir seus corpos seminus junto as garrafas. Destruição por parte do capital da singularidade do movimento feminista para gerar mais valor, desterritorialização e conseguinte reterritorialização em um local mais longínquo.

deixar o seu *dislike* no vídeo – os comentários estranhamente estavam desativados, outro motivo para a fúria das meninas, visto que não poderiam expor suas opiniões de modo público contra aquilo que consideravam disparate.

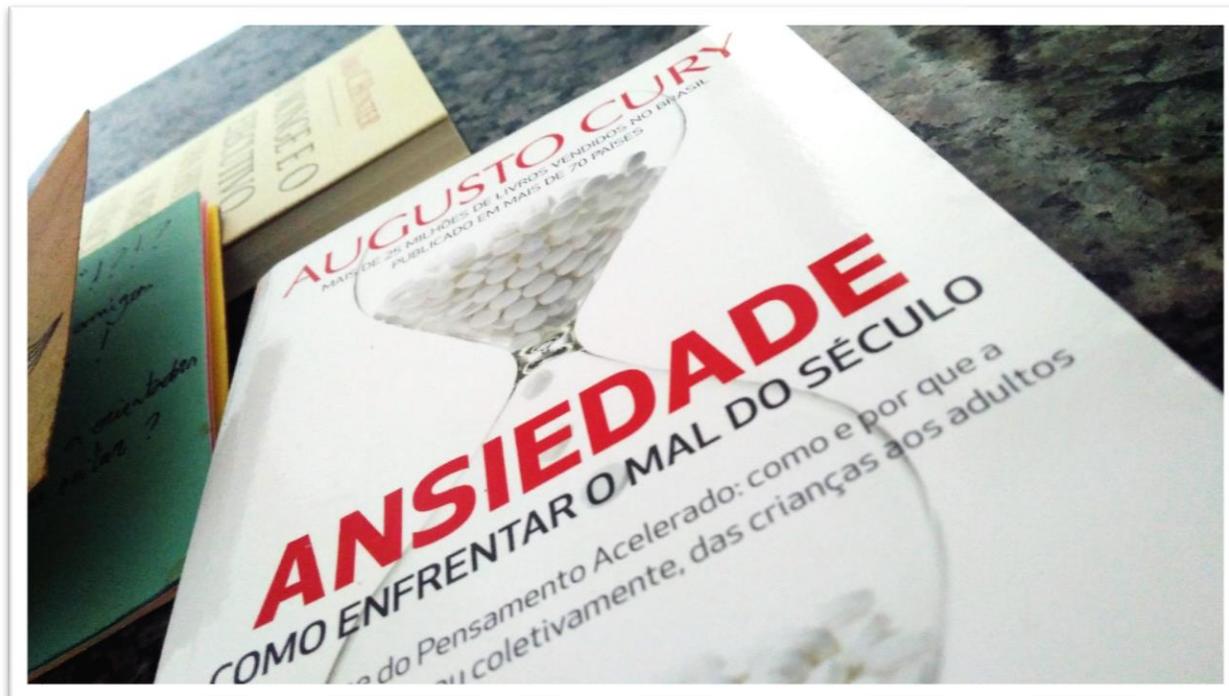
Dali da janela, olhando para o interior da sala, tomando uma gostosa brisa em seus ombros mais uma vez desnudos, observou que a mochila do seu paciente estava jogada no chão perto da poltrona com a agenda quase toda para fora. Ao observar a desordem, espontaneamente se ajoelhou para recolhe-la. Contudo, não conseguiu segurar a sua curiosidade que lhe tomou. Assim, já com a bela capa de couro nas mãos, deslocou o olhar por cima da mesma fitando a porta trancada, ao passo que se perguntava se seria correto folheá-la, ainda que inocentemente. Sob a desculpa inconsciente de que se trataria apenas por se atentar a procura por algum contato emergencial, a terapeuta começou a vasculhar os segredos que poderiam ser encontrados naquelas folhas – imaginem, leitores, se a nossa estimada personagem tivesse esquecido o celular por ali.

- Nada? Reuniões e mais reuniões marcadas nos primeiros meses. Será que vou mais além? Vou! – conversando com seu conselho de ética interno, em milésimos de segundos, o mesmo já a absolveu de sua indiscrição, apenas fazendo uma ressalva técnica quanto ao termo livre esclarecido: prometa ser rápida, não podemos ser pegos em flagrante.

- Que droga, Bento, tu não anotas nada de interessante ... Foucault (a vida dos homens infames), Marx (fórmula do trabalho), Nietzsche (Zaratustra), é não posso dizer que não tenham citações bem legais aqui hein! Bom, mas nada das escritoras, óbvio!

- Contatos ... contatos ... no final só? Que agenda engraçada! Emergência: Amor; Vovô; número da universidade; Débora s2. S2, como assim? – se questionou incrédula e o pior, a primeira imagem que lhe veio foi a de que não conseguiria dar voltas em nossa personagem para poder tocar no assunto.

Quando viu seu número seguido de um coração, foi como se a ficha tivesse caído – a sua supervisora inclusive tinha levantado essa hipótese, meses atrás, porém, como ela conhecia as amigas da namorada de Bento, isso nem passara por sua cabeça, rapidamente a refutando. Assim, compreendeu todo o transtorno que estava sendo a condução do par terapêutico: nunca conseguiam fechar nada, parecia que sempre iam abrindo mais e mais abas e a terapia se prolongava indefinidamente.



Por um lado, era interessante: o rapaz era religioso com suas contas; por outro, aquele estranho misto de desorientação e constante sensação de que “não é pra mim”, típica

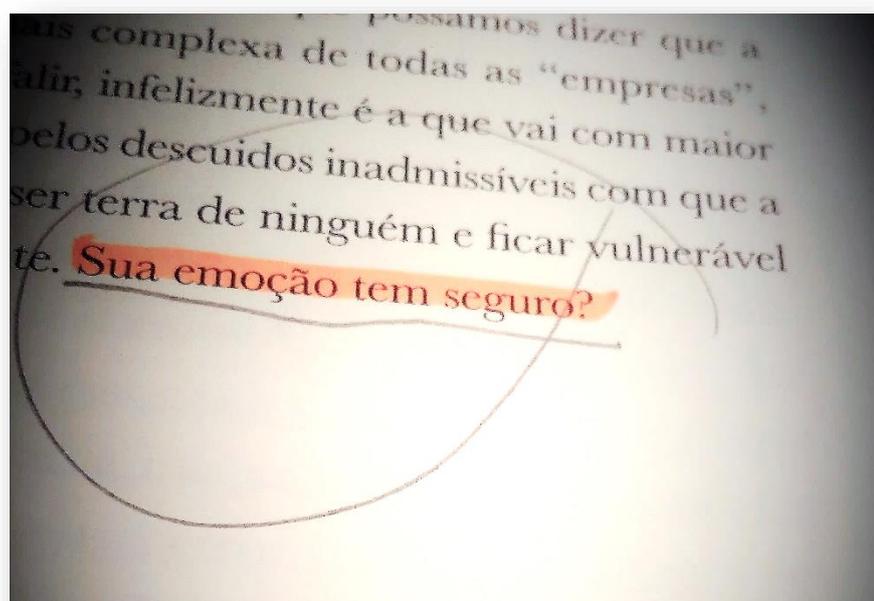


Figura 68 – Como enfrentar o mal do século?

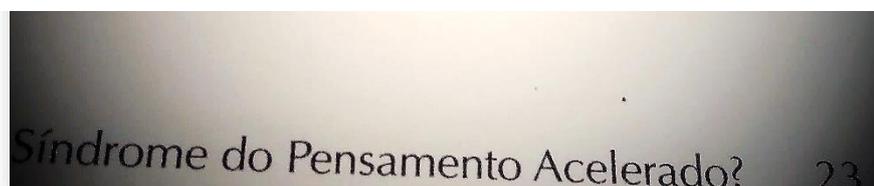


Figura 69 – (CURY, 2014, p. 23)

afetação com pacientes que flertam o tempo inteiro, aqueles com grau elevado de histrionismo.

Bento já estava a quase dez minutos no banheiro. Débora, em seu impulso bisbilhoteiro, não foi capaz de se dar conta desse *gap* temporal. Enquanto ela continuava remexendo na mochila de seu cliente em busca de novos “segredos de emergência”, o jovem mestrando havia tomado a suposta aspirina. Com o cotovelo esquerdo sob o abdômen ajudando a segurar a cabeça, se sentou em cima da tampa do vaso sanitário, apoiando suas costas no suporte da descarga acoplado à peça, ficando confortavelmente estirado por algum período, na esperança de que a medicação pudesse surtir algum efeito.

Após muito vasculhar, Débora decidiu abrir o único zíper fechado daquela bolsa, o fazendo tentando amenizar ao máximo o barulho colocando uma das mãos para abafar. Ao abrir esse compartimento, encontrou o livro do Monge todo cheio de *post-its* coloridos – essa era uma marca registrada do rapaz, ele adorava colorir seus materiais de estudo, seus professores invariavelmente o repreendiam por tal, o dizendo que ele perdia muito tempo fazendo essas frescuras, no entanto, tal exercício ainda lhe garantia a grande vantagem de poder conservá-los por mais tempo. Além do exemplar (3,5 milhões de cópias comercializadas), também encontrou outro livro, o *Ansiedade*, um dos mais novos livros do dr. Augusto Cury – esse novamente todo remendado com as tiras de múltiplas cores.

Com o livro em mãos:

- SPA?!

- Hmm ... Síndrome do Pensamento Acelerado!

Seduzida pela capa “Como enfrentar o mal do século”, passou a vasculhar rapidamente os *post-its*, lendo para si mesma:

- “Acelere o seu pensamento para desacelerá-lo”;

- “Tu tem no máximo 5 segundos”;

Bento, realmente tu não sabes conjugar na segunda pessoa, tomara que não escrevas assim – destilando um pouco de veneno, ainda irritada com a agenda, pensava consigo em meio a esse estranho misto de sensações que havia lhe acometido, espanto, estranhamento, desprezo e ira.

- “Evite as memórias *killer* com o DCD”;

- “Antecipe o sofrimento para não sofrer por antecipação”;

- “Se fiel à consciência para não ser escravo de tuas respostas”;

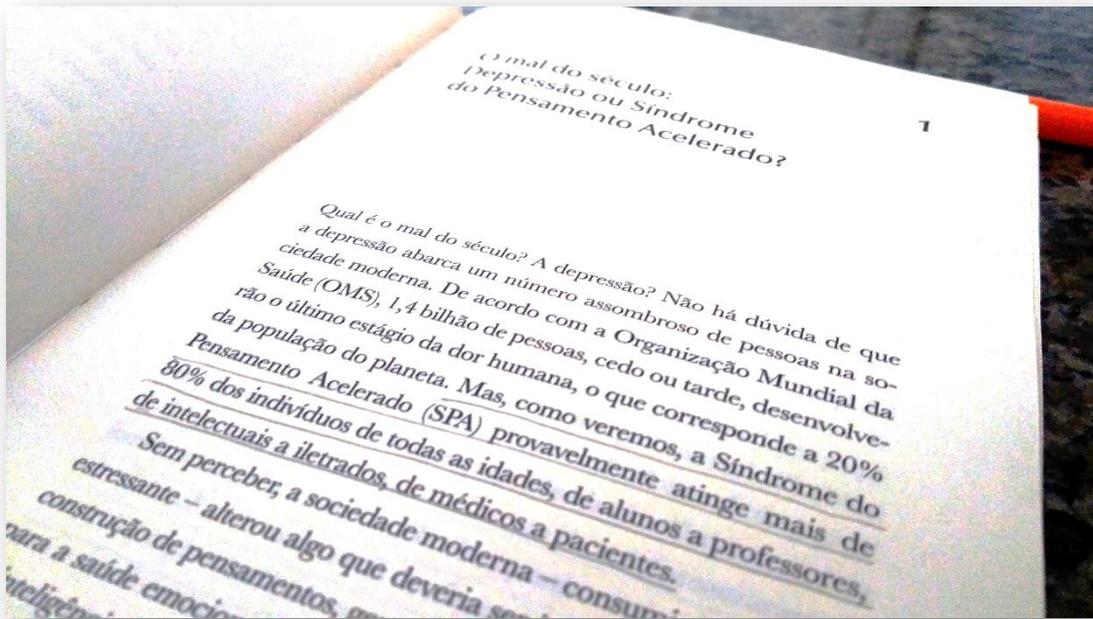


Figura 71 – (CURY, 2014, p. 17)

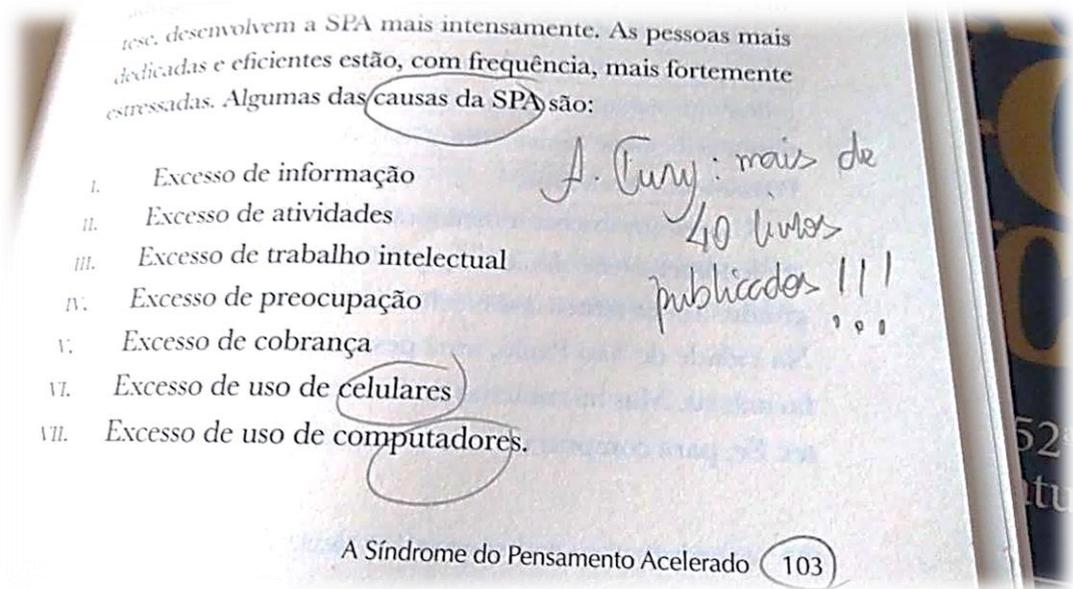


Figura 70 – (CURY, 2014, p. 103)

- “Choque de gestão nas emoções, mas sempre as deixando completamente libertas”;

- “Sintomas (p. 100), Causas (p. 103)”;

Esse foi o único bilhete com as páginas indicadas. Dessa forma, quando percebeu, Débora se pegou analisando os caracteres: gente, basicamente todos nós temos essa síndrome – pensando alto ao se deparar com o absurdo diagnóstico escrito naquelas páginas – para que DSM? É só jogar critérios grotescos, altamente senso comum e nada especificados que também ficarei rica!

- “‘Duvidar, Criticar, Decidir’, caso contrário será mera autoajuda e não ciência de fato”;

- “Torne-se autor da sua própria história”

- “Neurotize-se para evitar a neurose”;

- “Não seja um manual de regras”;

- Essa é a melhor até agora! - falou em voz alta, rindo incredulamente – Gente, que série de duplos vínculos bizarros, será que isso está escrito de verdade?

Quando chegou no fim das páginas, leu em um dos post-its azuis colado na orelha que descrevia brevemente a biografia de seu autor (Bento tinha o hábito de colecionar citações e colá-las nas últimas partes dos livros, isso o facilitava a tarefa de escrever sobre o que tinha absorvido):

- “Provavelmente 80% das pessoas no mundo!” – *What the fuck?* Essa é a melhor estatística que já vi!

E você, Leitor? Já deu o choque de gestão em suas emoções e optou sabiamente por fazer aquela bela xícara de camomila para acompanhar a nossa escrita? Se não o fez, certamente deva estar entrando para os números neste exato instante!

Essa última ela não conseguiu se segurar, abriu o livro para procurar a citação, queria fotografar para mandar para o grupo de amigas do laboratório de experimental da PUC. Contudo, não conseguiu se sair exitosa, tinha pouco tempo.

Logo após soltar esse palavrão gringo e folhear rapidamente o exemplar, se deparou com seu relógio de pulso:

- Meu Deus, Bento!

Assim, guardou rapidamente os livros, fechou a mochila e a colocou exatamente onde estava antes de começar a brincar de detetive. Logo ao terminar de esconder as evidências de sua bisbilhotice, se dirigiu a porta do banheiro:

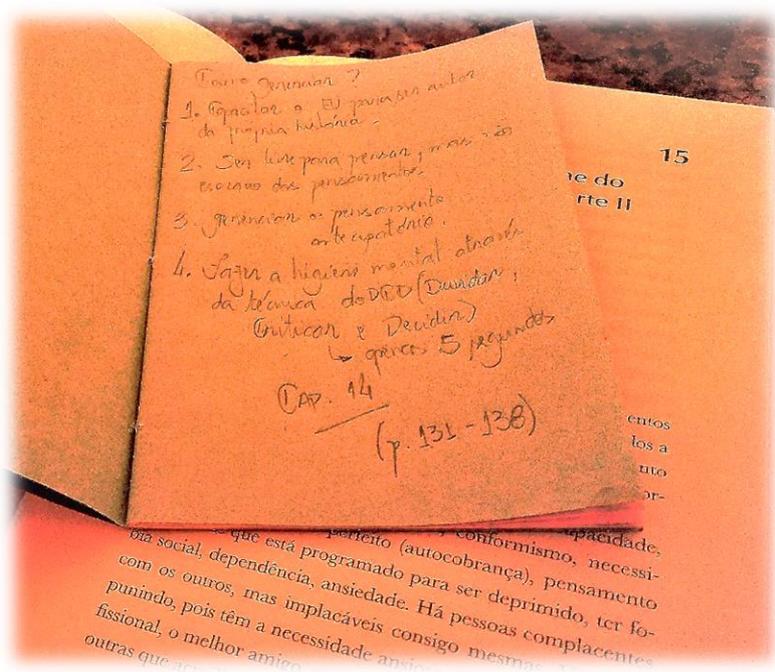


Figura 72 – Caderneta aos sonhos III

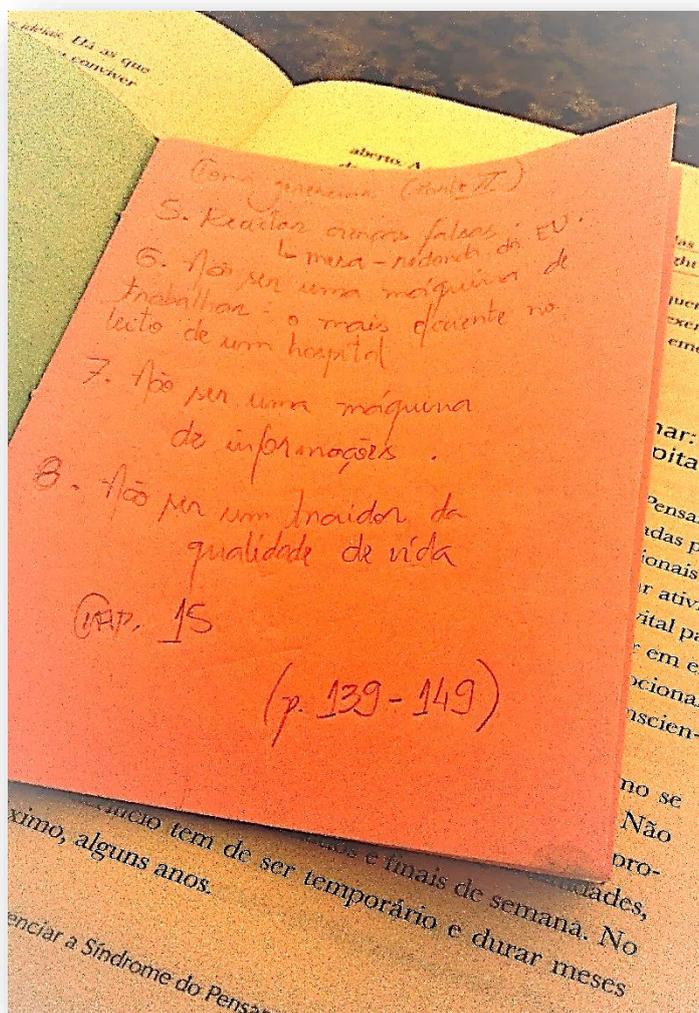


Figura 73 - Caderneta aos sonhos IV

- Bento ... Bento ...

Não obteve resposta. Passando a mão direita sobre o rosto e logo segurando com força seus cachos castanhos:

- Caralho, tem fluoxetina e ritalina aí dentro ... – proferiu aflita, com os olhos saltados.

A terapeuta faz uso recreativo dos psicofármacos, especialmente o segundo, pois a ajuda a se manter vidrada nos livros. Ela tem virado os finais de semana ultimamente, se preparando com disciplina militar para o concurso do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais – terra de seu namorado. De fato, é seu sonho, sempre gostou de psicologia forense, independente do Estado. Agora, o surto pelas apostilas se intensificou, seu companheiro foi chamado para assumir um bom posto de emprego na capital mineira, de modo que precisou apressar repentinamente a sua volta para o Estado natal.

Inferindo o tamanho da catástrofe que poderia acontecer, correu para a porta e passou a bater contra a madeira na esperança de alguma resposta. Em sua lembrança, ambos os medicamentos estavam escondidos, apenas a neosaldina estava à mostra. Praticamente esmurrando a porta, recordou que no armário também tinham camisinhas – que embaraçoso pensou consigo. Assim que esse pensamento lhe assombrou, por alguns instantes, os preservativos se tornaram um problema maior do que a possível ingestão do inibidor seletivo de receptação de serotonina ou da receptação de dopamina, o famoso remédio para o TDAH.

- Já sei, vou ligar pra ele!

Tentando abrir a porta a qualquer custo, rapidamente sacou o celular. Apoiando as costas contra ela, escutou sua chamada tocar por quase um minuto e deu caixa de mensagens. Tentou mais uma vez: caixa postal direta, dessa feita. Decidiu, então, bater com mais força. Ao fazer menção, com o braço já levantado e o punho cerrado, percebeu uma espécie de balbúcio vindo lá de dentro, porém não era em resposta às pancadas desesperadas. Parando por um momento com os gestos, silenciou e começou a ouvir o rapaz falando sozinho novamente – para o retorno de sua angústia a toda força. De lá do ponto onde ela estava fuçando as coisas de seu paciente mais cedo, perto da janela, somada a tamanha curiosidade que lhe seduzira, nesse momento, com o ouvido colado a porta do lavabo, não era capaz de precisar a quantos minutos o monólogo poderia ter recomeçado sem ela ter se dado conta.

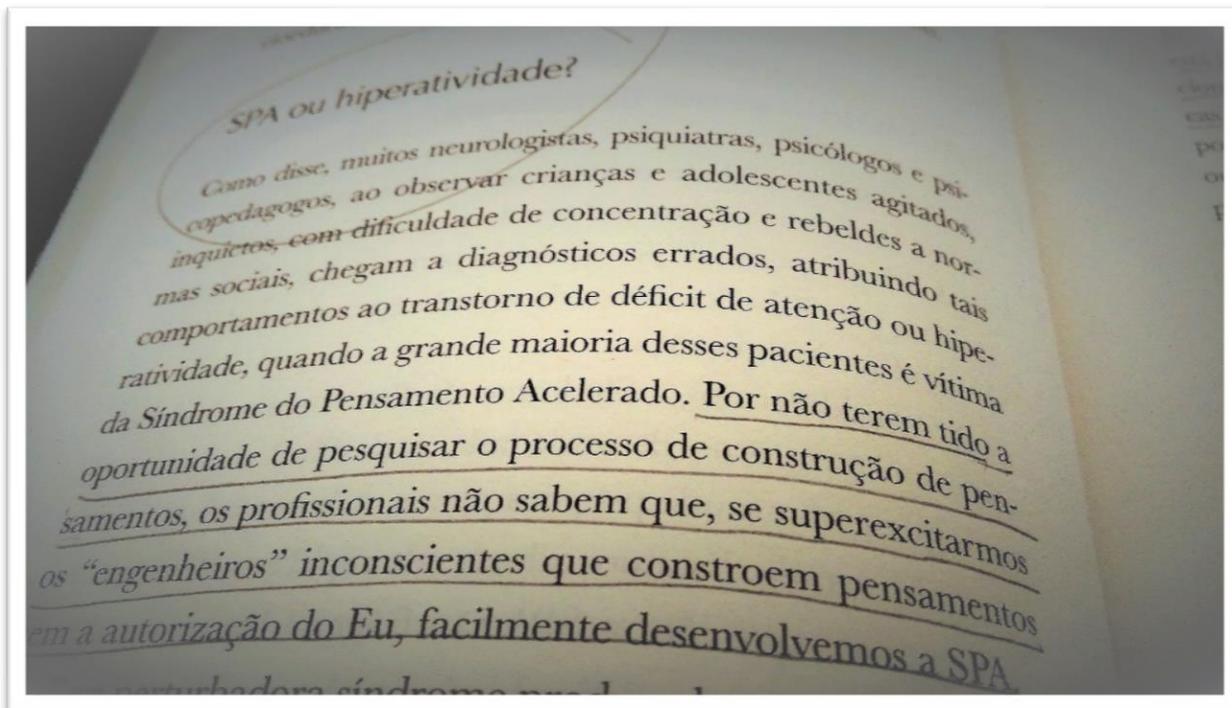


Figura 74 – (CURY, 2014, p. 46)

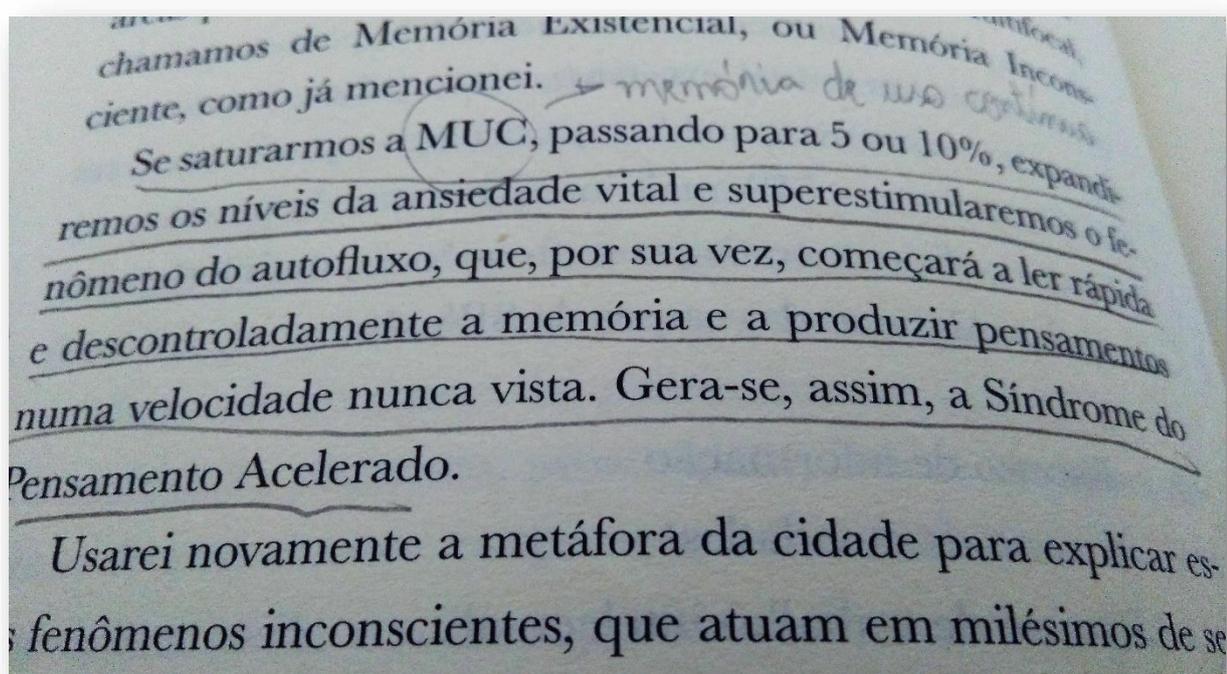


Figura 75 – (CURY, 2014, p. 104)

- Tu largaste teu avô aqui sozinho, pra isso, Bento? Bento, tu largaste teu avô aqui sozinho, pra isso? Vamos, guri, me diga, tu largaste teu avô aqui sozinho, pra essa vida totalmente arrogante e descompromissada?

- Não ... não foi só pra isso, vocês não entendem? Também não larguei ninguém, to só fazendo a minha vida, por Deus ... Eu sei que estou em débito infinito com vocês ... Me perdoe ...

As falas desestabilizaram a terapeuta por completo:

- Com quem ele está falando? Ao menos não são latidos, dessa vez. E se ele tiver tomado uma dose errada? Ele nem tem prescrição, como dose errada, Débora? Se for só um comprimido, vai dar efeito imediato? Como vou falar isso para a minha supervisora? E se ele tomou os dois? Mais de um dos dois, misturado com a neosaldina? Jesus, ele seria capaz? Em sã consciência não, será que ele já tinha melhorado? A Virgem Margarete – famoso caso F20.0 do Caps em que fez o estágio final do seu curso, em que a senhora em questão várias vezes teve que ser conduzida à emergência para fazer lavagem por conta das seguidas overdoses, de forma que sempre quando voltava afirmava ter sido a própria Virgem Maria quem havia lhe dado a ordem para tomar a medicação de uma só vez – sobreviveu não é mesmo? O CRP não pode caçar minha licença logo agora que a prova está chegando, será que ele tomaria a minha carteira? Só pode ter sido a ritalina ... ele vai ficar muito elétrico com o sistema adrenérgico funcionando a mil ... Pode ter sido a fluoxetina apenas, menos mal, só vai dopá-lo um pouco. Será que ligo para o SAMU? Isso só irá agravar as estatísticas do Cury, 80,1% “baseado em vivências clínicas”, vou escrever para ele quando isso tudo acabar – os números do livro são todos baseados em relatos clínicos do próprio autor, segundo a última marcação colada na orelha da contracapa. Se bem que se tivesse clorpromazina não seria de todo ruim, haloperidol acho que não é o caso, ainda ...

Sentado no interior de suas sinapses dissociativas, Bento, ali no sanitário, acabou cochilando por cerca de 10 minutos. Ele não tinha dormido bem durante a noite anterior, a insônia tem sido companheira constante em suas madrugadas porto alegrenses. Nessa, em particular, havia aproveitado para escrever algumas linhas a mais em seu projeto de dissertação. De fato, foram bem poucas, apenas três parágrafos destinados ao capítulo de revisão de literatura – o que embora parecesse pequeno foi digno de grande festa por parte de seu estômago cristão. Ele escrevia vagorosamente, bem verdade, porém o que mais lhe atrapalhava, sem dúvidas, eram

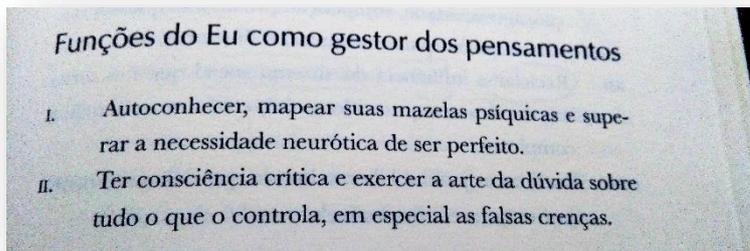


Figura 77 – (CURY, 2014, p. 77)

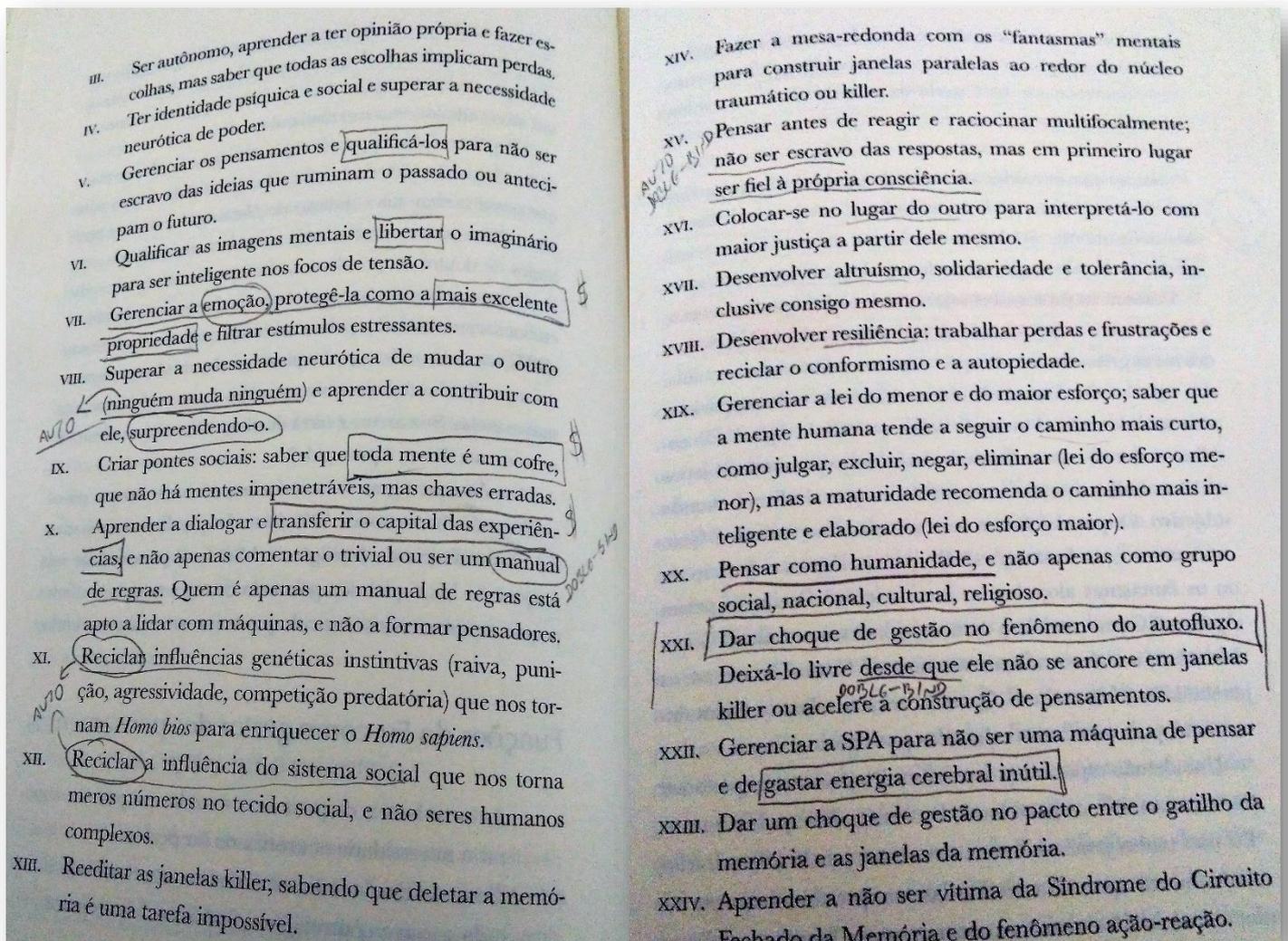


Figura 76 – (CURY, 2014, p. 78-79)

os livros da volumosa pilha em sua escrivaninha. Eles adoravam ficar observando cada centímetro de seus movimentos para ver se o convenciam a esquecer dos atrasados exercícios acadêmicos.

Assim, naquele jogo de olhares, Bento não conseguiu sublimar a atração, se vendo obrigado a abrir o livro que adquiriu com a moça do vale-tempo – como era uma de suas últimas aquisições estava com lugar de destaque no montante não lido de seu quarto. Além do fetiche pela posse, o que mais deixava aquele exemplar irresistível era o delicioso aroma de sua recente impressão. Dessa maneira, entrando no jogo do flerte, em um primeiro momento, apenas o folheou. Porém, a promessa do alívio da ansiedade, com essa palavra grafada em vermelho praticamente pisando nas inúmeras pílulas que lhe faziam fundo naquela bela capa, o sugeriram uma leitura com mais carinho. No entanto, o impasse continuava imperando no local: não sabia se lia, voltava a escrever ou largava tudo e tentava voltar para a cama. Como era tarde da noite, optou pelo óbvio dos amantes de cafeína: ler o livro.

A leitura não era nada complicada, desse modo, quando se deu conta se encontrava nas páginas finais do livro. Após a última frase, se deparou com um convite seguido de um endereço de e-mail. Abriu rapidamente a tela do seu notebook e navegou pelas maravilhas propostas por aquela indicação. Em seu navegador, todas as soluções de que mais necessitava pulavam a sua vista. Estava lá, o gran hotel de “como gerir a emoção”, pela singela bagatela/investimento de seis mil reais, ou 12x de R\$ 600,00 – inscreva-se já!

- Vou ficar só no livro, por enquanto – ponderou, refletindo acerca do dia em que finalmente poderia dispor de toda essa grana para fazer o tal investimento em sua carreira profissional, até o jogador Kaká da seleção brasileira havia cursado. Nossa, mas já imaginou se eu encontro com o Neymar numa dessas, daria para jogar ping pong ou até mesmo uma partida de sinuca com ele! Olha só essa cama, nem os meus piores pesadelos conseguiriam me assombrar nela!

Seu intelecto estava sem condições de fazer grandes debates teóricos naquele ponto da escuridão da noite. Em seus devaneios da madrugada, não foi capaz de perceber a tamanha contradição em que foi jogado, visto que ainda era um dos líderes da militância estudantil do PPG. Dando um grande bocejo, quatro e quinze da manhã, se levantou, espichou os braços, jogou as roupas que estavam em cima da cama de volta a seu habitat, a cadeira de escritório do seu quarto, e se atirou em sua tão especial cama de solteiro sem molas ensacadas, com lençol de poliéster.

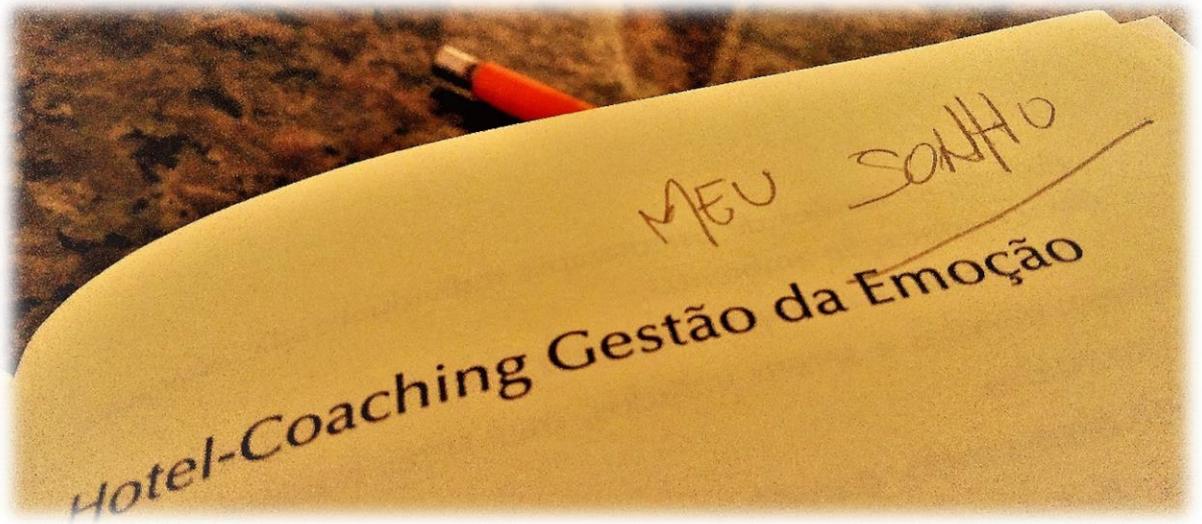


Figura 79 – (CURY, 2014, p. 154)

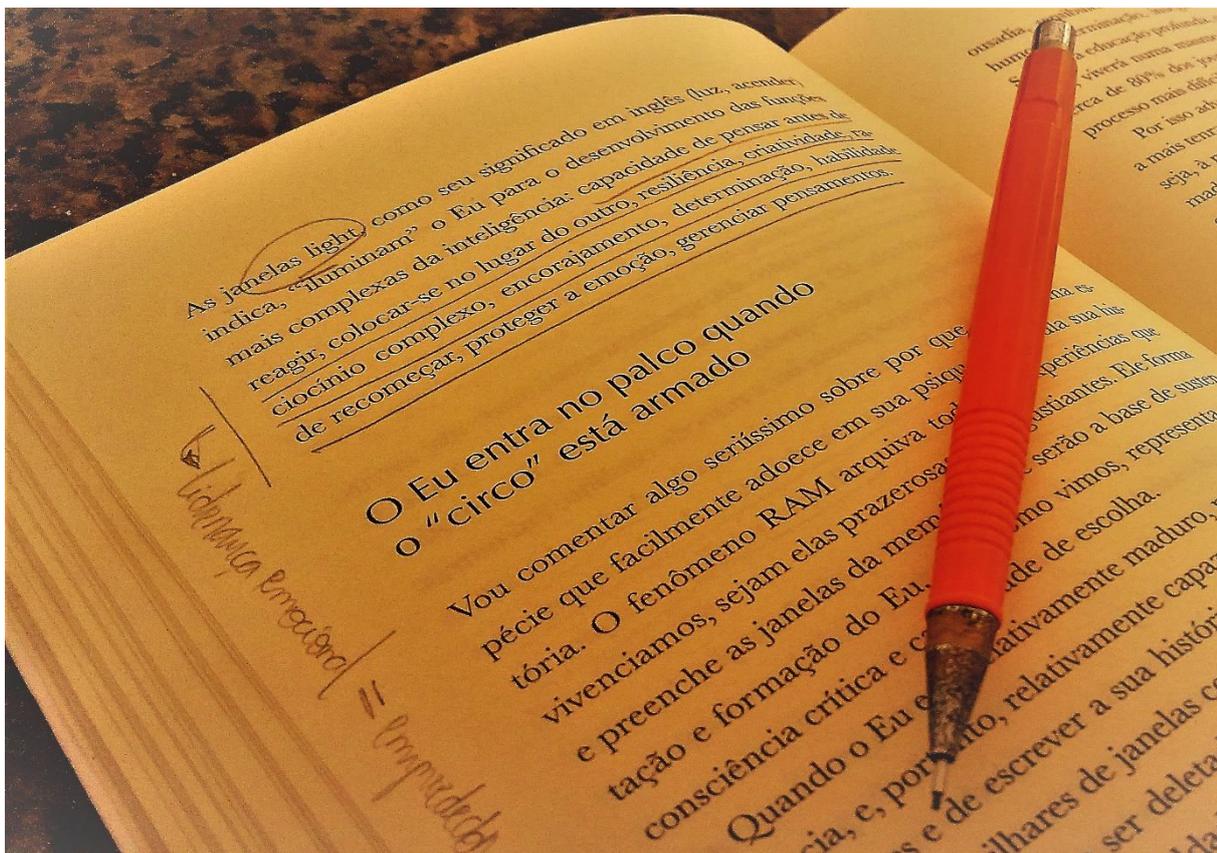


Figura 78 – (CURY, 2014, p. 68)

- Nada da professora me responder ... – Fechou os olhos, virou para o lado e enfim, conseguiu adormecer.

Dessa forma, não é de se estranhar a tão gostosa soneca no banheiro da terapia, não é mesmo Leitor?

Bento, na verdade, nem viu seu corpo desligar, demorando ainda mais para perceber que a sucessão de sonhos havia sido subitamente interrompida pela sua abrupta retomada de consciência. O alarido dos socos que a Débora desferiu contra a porta era muito similar ao das marteladas que seu Joaquim estava utilizando para pregar o assoalho do barco da família. Não podemos saber quem influenciou quem primeiro, o fato é que Bento levantou meio cambaleante do assento dizendo com os olhos entreabertos:

- Tu largaste teu avô ...

Aqueles indefinidos dez a quinze minutos que adormecera no lavabo do consultório foram quase que uma noite inteira de sono. No começo estava claramente em algum lugar desconhecido, algo indeterminado, com aspectos de um corredor de UTI de um grande hospital com pouquíssima receita junto ao município. Tentando saber onde se encontrava, avistou algumas pessoas deitadas no chão, em uma espécie de colchonete que ficava encostado contra a parede, mas não eram macas propriamente. No fim desse saguão escuro, havia uma fila de mulheres que pareciam estar segurando bebês, próximas a porta de saída. Maternidade talvez? Chegando mais próximo, Bento pode observar, contudo, que não eram crianças naqueles colos, mas idosos. Estranhamente o rapaz passou por ali flutuando, não estava sentindo o território. Tal como a cena, o cheiro, ali, também era muito incômodo. Uma exótica mistura entre erva mate apodrecida com leite de cabra e peixe recém pescado. Por certos instantes lhe causou sérias náuseas – assim que acordou, ainda conversando com o último cenário, abriu bem os olhos e vasculhou ao redor da latrina para saber se não teria vomitado, a lembrança daquele odor se fazia intensa em sua memória. De forma alguma poderia tê-lo feito no consultório, Débora nunca mais iria querer lhe atender.

Quando percebeu que estava voando, Bento caiu. Bateu forte as quatro patas e o peito contra o chão de terra batida, afinal não sabia controlar seus movimentos. Por sua sorte, se esbarrachou contra o solo nu, logo ao lado se encontrava um grande pedaço de paralelepípedo, o que seria uma queda fatal. Demorou um pouco para se reconstituir e viu que estava em frente a um posto de saúde em pedaços, com a

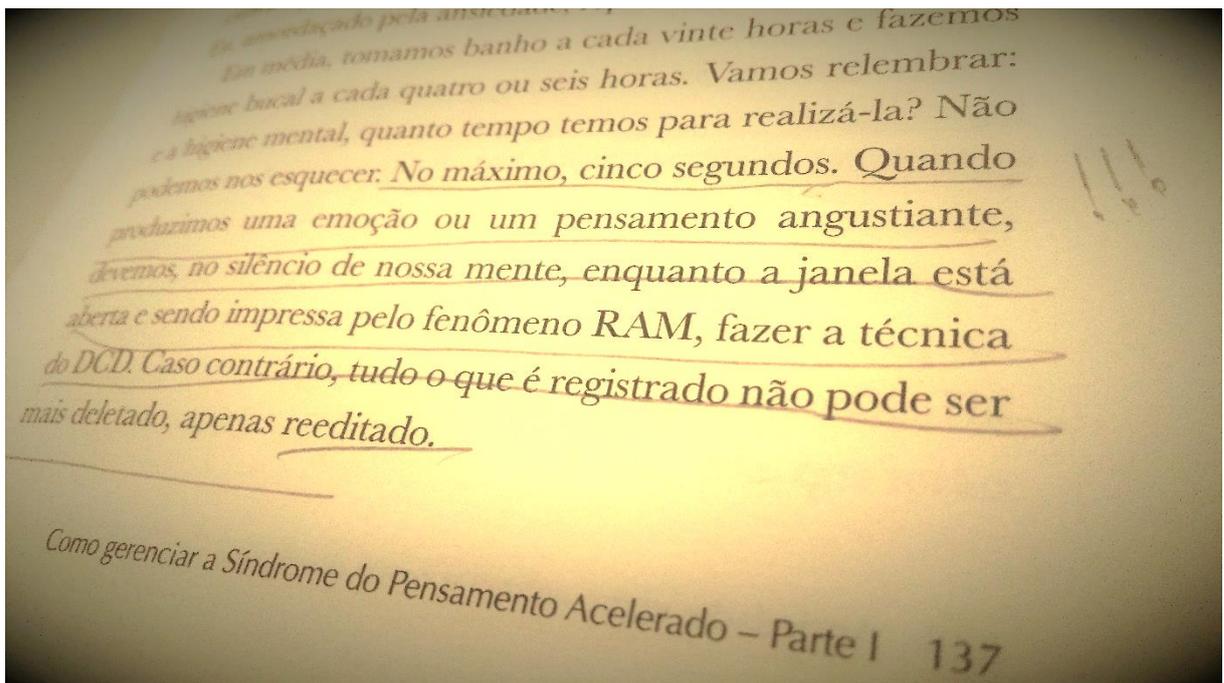


Figura 81 – (CURY, 2014, p. 137)

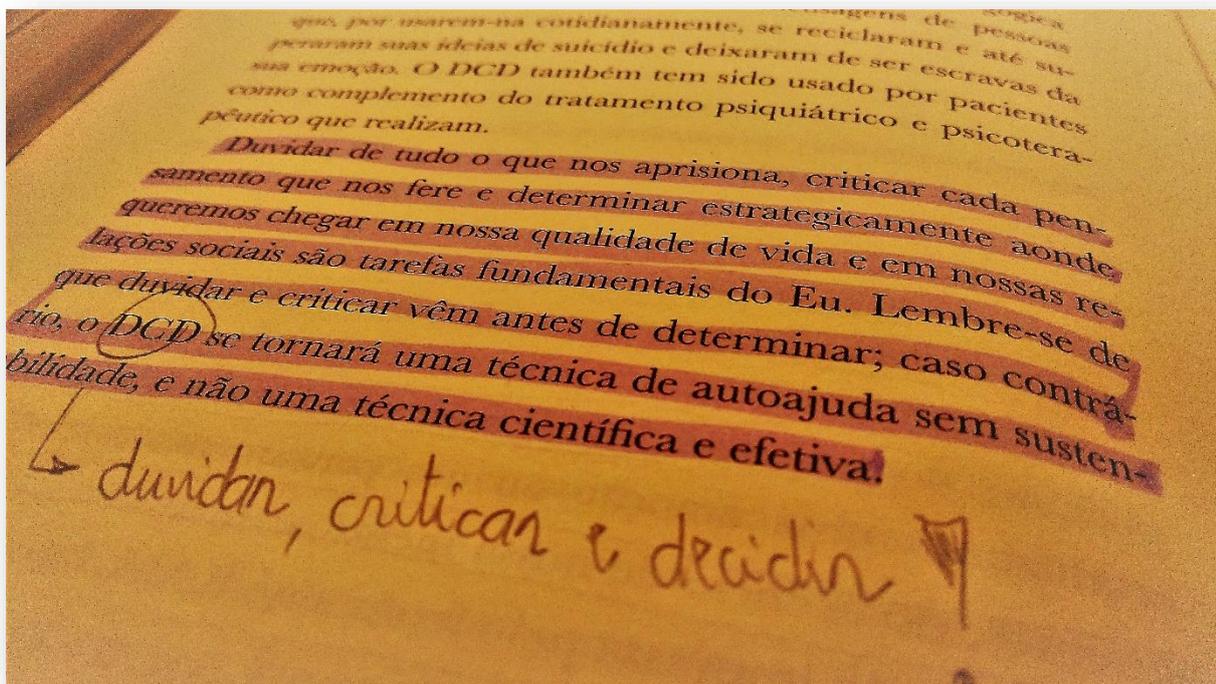


Figura 80 – (CURY, 2014, p. 138)

pintura toda desgastada. Fitando o lugar, meio incrédulo, percebeu que o bar do Alemão havia sido transfigurado em posto de atendimento. Graças ao bom senhor Deus, ao menos se encontrou. Era a lagoa.

A única rua que continuava sem pavimentação era justamente a da casa de seus avós. Ela permanecia intacta, quase um museu a guardar a passagem dos anos. De sua planície, Bento se acostumou a ver o nascer do sol sobre as mansas águas estuarinas. No entanto, curiosamente, hoje, as águas estavam agitadas e dois barcos vikings se aproximavam do trapiche do local. Eles vinham pela estrada principal, que liga a colônia à Pelotas. Provavelmente iriam montar um parque de diversões para aquelas crianças idosas, pensou consigo. Bento avistou tudo isso de cima da palmeira imperial que seu bisavô havia plantado – só não sabia como foi parar lá, muito menos como iria descer.

Mal podia esperar pela novidade. Durante as suas férias quando guri, sempre foi obrigado a se deslocar por horas até a cidade a fim de poder desfrutar das aventuras proporcionadas por esses parques. Eram verdadeiras aventuras justamente pela qualidade duvidosa de seus sistemas de segurança. Talvez os senhores que estavam no colo daquelas mulheres não se importassem com os padrões aceitáveis para uma aposentadoria segura. Afinal, quem precisa se aposentar, “só se retira quem não gosta de trabalhar”, dizia um dos outdoors colocados na entrada da Z-3 (com a mesma fonte e o igual logo da ordem e progresso em azul, praticamente um repaginado: “não pense em crise, trabalhe”). Essa prescrição no imperativo parecia ter sido completamente aceita pelo local, visto que quase nenhuma alma era encontrada no distrito naquele momento. Pouquíssimos barcos no ancoradouro, os bares surpreendentemente fechados, apenas os homens da instalação do parquinho poderiam ser contados por ali.

Desceu da frondosa árvore com um único pulo e foi ao encontro dos montadores, queria ser útil em alguma coisa – ele, de fato, simplesmente se moveu para frente, deveria ter se esquecido da altura em que se encontrava. Dobrando a esquina da casa da dona Ofélia, bem em frente à escola estadual jogada aos cupins, sentiu algo como um fino vento passar bem ao lado de seu ouvido esquerdo e na sequência fazer um forte barulho ao desacelerar contra o portão do colégio consumido pela maresia. Para seu choque, alguém daquela pacífica rua tinha lhe atirado, e por pouco não acertado, uma boa pedrada:

controlá-las, filtrá-las, rejeitá-las. Claro que hoje, como adultos, fazemos escolhas, tomamos atitudes, mas nossas escolhas são pautadas pela base de dados que já temos, e, portanto, nossa liberdade não é plena como Sartre pensava.

Um homem, que talvez seja o maior educador da história, enxergava essa limitação de maneira clara e assombrosa. Quando estava morrendo sobre o madeiro, há mais de 2 mil anos, disse algo surpreendente: “Pai, perdoa-os, pois eles não sabem o que fazem!”. Uma análise não religiosa, mas

Somos livres em nossa mente? 27

Figura 82 – (CURY, 2014, p. 27)

cérebro intacto.
Mesmo uma mente brilhante como a do mestre dos mestres sofreu há dois milênios um desgaste emocional sem precedentes na sua última noite. Uma análise psicológica e não teológica dos seus comportamentos demonstra que ele antecipou o drama que teria no dia seguinte, preparou-se para suportar o insuportável e, por fim, hiperacelerou seus pensamentos e teve hematomose (suor sanguinolento), um sintoma raro produzido por um estresse violentíssimo. Quase enfartou antes de morrer sobre o madeiro, ante a sentença romana. Mas não se curvou à ansiedade, protegeu sua emoção, gerenciou seus pensamentos e fez poesia no caos. Centenas de milhões de pessoas que o valorizam nas mais diversas religiões muito provavelmente não estudaram os mecanismos mentais que ele utilizou nos focos de tensão. Não poucas vivem na lama da ansiedade.

Figura 83 – (CURY, 2014, p. 142)

- Passa daqui seu animal desprezível. Não quero comunista feito tu rondando minha casa – vociferou uma vizinha desconhecida.

Bento nem conseguiu rebater, apressou o passo para não ser surpreendido com uma nova investida, apenas dizia incrédulo para si mesmo:

- Eu tomo banho regularmente, por que ela me tratou feito um cachorro?

O hábito que vestia estava atrapalhando a sua locomoção. Por mais que tentasse se esfregar contra a grama não conseguia se desvencilhar da peça. Suas mãos estavam atadas, parecia que não iria mais ter condições de fazer uso de sua motricidade fina. Ainda assustado com a tentativa de golpe, se aproximou resabiado dos trabalhadores braçais para tentar puxar uma “prosa comunista” acerca dos direitos trabalhistas. Farejando sorratamente qual a melhor forma de começar o assunto, optou pela famosa estratégia:

- Quando será o próximo jogo do Brasil-Pel no brasileiro?

Sem resposta, apenas um osso foi jogado em sua direção. Embora não tivesse carne, o alimento lhe pareceu estranhamente apetitoso.

- Devem ser terceirizados para quererem ser solidários nesse nível, nem ofereceram um pouco daquela marmita! – lamentou sarcasticamente – Nem estou com fome mesmo. Deus os abençoe, viu!

Como em um piscar de olhos, estava agora no quintal avarandado da casa em que cresceu. A amoreira, no entanto, não estava com frutos, tampouco florida, deveria ser começo de outono – não poderia afirmar com certeza, pois nunca teve paciência para escutar as lições sobre jardinagem de sua avó. O sol já havia cedido lugar a uma noite enluarada que permitia a iluminação necessária à reunião do seu Coletivo. Perfeito cenário para os “Vagalumes”, como são conhecidos os integrantes do movimento. Ali, após alguns minutos, para sua grata surpresa, Bento se deu conta de que se encontrava na primeira reunião do movimento de estudantes dentro da colônia de pescadores desde a sua fundação. A maioria dos participantes do movimento são trabalhadores e moram na cidade, de modo que facilmente utilizavam dessa desculpa para não terem que tomar uma hora de ônibus para ir e mais uma hora e meia para voltar a Pelotas.

Dessa vez, assemelhando seus primeiros finais de semana do mestrado, Bento inferiu que havia se deslocado de Porto Alegre para facilitar uma discussão. Por isso é que finalmente os membros do grupo foram convencidos, na prática se viram obrigados, a realizar a reunião na comunidade – olhando para aqueles rostos

... autoper...
ele é amordaçado por...
e fecham o circuito das janelas.
O Eu, por não ter aprendido a conhecer o funcionamento da mente e a ter autocontrole, acaba sendo asfixiado por engenheiros inconscientes que constroem pensamentos perturbadores e punições sem sua permissão. Se não formos equipados educacionalmente para atuar como gerenciadores da psique, seremos como meninos assombrados numa terra de "monstros".
Claro que isso não exime a responsabilidade de quem comete violências contra o outro. Se o Eu é consciente, se não perdeu os parâmetros da realidade, ele é responsável pelos seus comportamentos e suas consequências, inclusive quando ele mesmo se torna um espectador passivo das mazelas psicológicas. Quem não souber dar um choque de lucidez em sua emoção e em seus pensamentos jamais poderá dizer que é autor da própria história. Podemos nunca ser completamente

Figura 84 – (CURY, 2014, p. 36)

... ser meros atores coadjuvantes e assumir o papel de ator principal do teatro mental.
Se nosso Eu for equipado para conhecer a última fronteira da ciência, o processo de construção de pensamentos e educado para gerir nosso intelecto, as prisões, pelo menos a maioria, tornar-se-ão museus, muitos policiais tornar-se-ão poetas, muitos psiquiatras e psicólogos terão tempo para cultivar flores. E as guerras? As guerras mudarão de estilo, não serão mais usadas armas para extrair o sangue, e sim ideias para injetar o amor, o altruísmo e a tolerância no mundo. Pensaremos não mais como feudos, mas como uma família humana.

Como gerenciar a Síndrome do Pensamento Acelerado – Parte I

Figura 85 – (CURY, 2014, p. 133)

amigavelmente familiares, o jovem ansiava que essa pudesse ser a primeira de muitas reuniões para fora dos muros da academia. Em tom hospitaleiro, agora de posse da bolsa do mestrado (ainda que defasada, bem verdade), olhou para a geladeira do seu avô e se espantou com a lembrança de que havia adquirido alguns galões de vinho para melhor receber os seus companheiros.

A reunião começou depois do pôr do sol, não haveria ônibus para voltarem e ainda assim todos, sem exceção, se fizeram presentes – só em sonho isso poderia acontecer. Entre inscrições, tragadas nos cigarros e goles e mais goles daquele “vinhozinho barato”, o encontro foi consumindo a madrugada. A reunião foi organizada em dois momentos. O primeiro foi mais burocrático, utilizado para a organizar as ações do grupo no próximo semestre, já que as eleições tanto para o DCE como para a Reitoria se aproximavam. Na segunda etapa, Bento se pegou fazendo uma fala sobre o que ele estava aprendendo no PPG.

Ali, esparramados pelo gramado, envoltos pelo vinho e o doce aroma do orvalho, passaram a escutar o que o mestrando tinha para acrescentar aos Vagalumes – compostos em sua maioria por graduandos em Ciências Sociais. Nesse cenário, sob a meia luz natural e apenas a lâmpada do telhado da casa acesa, iniciou-se mais um dos monólogos do mestrando. Em sua explanação, com um tom bem professoral, o rapaz falou sem ser interrompido, por quase meia hora, sobre um pequeno texto de Nietzsche. Nele, o autor critica o imperialismo da primeira pessoa do singular, da famosa conclusão de Descartes “penso, logo existo”, qual utilizada como axioma para o estabelecimento do seu método e, posteriormente, do paradigma da modernidade racional e científica.

- Segundo o bigodudo alemão, nós criamos essa fábula da inteligência pois somos frágeis, não temos garras ou grandes dentes para nos defendermos como os outros bichos. Se pudéssemos nos entender com os animais ou com as pedras, facilmente compreenderíamos o quão minúsculo nós somos face a história do universo. Um desses momentos mais soberbos da história é quando Descartes se seduz pela linguagem. A linguagem, nos lembra, é apenas uma figura de linguagem, uma máscara, uma alegoria das coisas, uma metáfora que ao se afirmar produz mundos. A verdade é a boa mentira. Não há rosto por trás. A mentira é tudo que temos. Percebem, não é só apenas, é tudo o que temos.

As pessoas estavam visivelmente incomodadas, mas isso não os impediu de continuar a ouvir aquela soberba explanação – Bento continuou apenas os

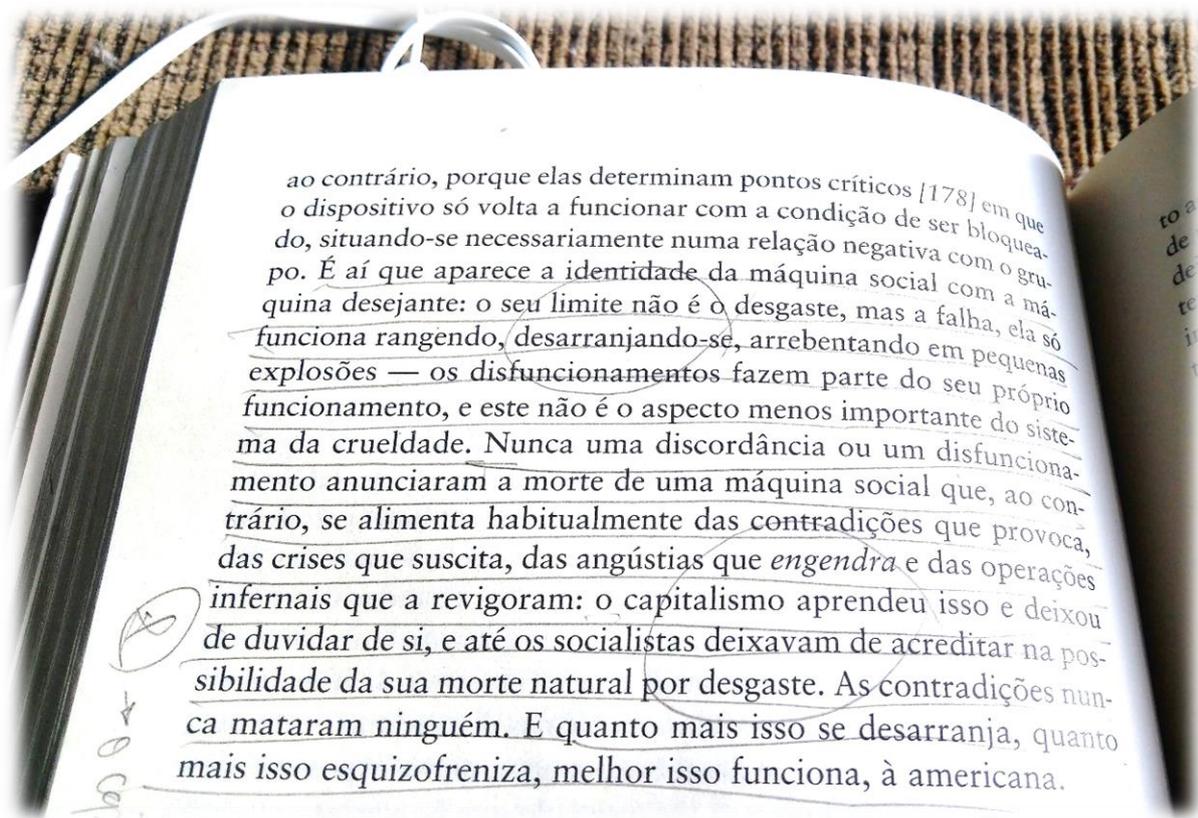


Figura 87 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 185)

VERDADE E MENTIRA NO SENTIDO EXTRAMORAL

1

No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer⁵.

Figura 86 – (NIETZSCHE, 2001, p. 7)

apresentando aqueles poucos parágrafos que havia escrito durante a noite anterior em que brigara com a insônia.

- Para Nietzsche, o mundo é formado na ação sobre ação das forças. Os objetos parados na realidade não estão estáticos, mas sim em constante movimento. A sua estabilização ocorre por conta dessa crença gramatical. Só se acredita que a verdade é melhor do que a mentira por uma pura e simples preguiça moral. O homem do rebanho é um ser preguiçoso, pois para se contar uma mentira é preciso sustentá-la, se faz necessário ser inventivo, já que se pego ao faltar com a verdade, o sujeito mentiroso deve se entender com a fúria das demais ovelhas. Na verdade, tudo é mentira, ou invenção, inclusive a própria moral do rebanho. A preguiça, dessa forma, não está em não mentir, mas em nos aventurarmos a inventar outras mentiras que não as instituídas. Mas a maior das ilusões/mentiras é a de confiar na distinção de nossos seres: imagem e semelhança de um Deus onipotente.

Para finalizar essa sua extensa fala, pensou que um tom mais provocativo poderia ser interessante:

- A partir dessa crítica precisamos nos perguntar, qual é a imagem de humano que é a semelhança de Deus? Ainda em relação a essa sedução, podemos perguntar: quem disse que sou Eu que penso? Vamos pessoal, me ajudem, ele não poderia ter chegado em uma proposição no plural, algo como: pensamos, logo existimos? Ou na ordem do impessoal: pensa-se logo existe-se? Talvez, quem sabe, no infinitivo: pensar logo existir?

Quando terminou de falar, todos estavam sentados inquietos o encarando de volta. Nenhuma risada, tampouco algum comentário, até o som das pessoas tomando chimarrão cessou. Zero movimento. Bento achou estranho, ele era como que um líder do movimento, mas desde que saiu para o mestrado eles estavam meio afastados. Intrigado com o silêncio ensurdecador, na sua cabeça parecia que o ponteiro de seu relógio havia dado várias voltas. Assim, meio sem saber o que fazer, rispidamente pediu para o grupo se manifestar.

Uma das meninas, que estava deitada no colo de outra, tirou o *smartphone* do rosto e calmamente rompeu a tensão:

- É isso que vocês aprendem por lá? Aposto que daqui a pouco vai falar sobre devir, Deleuze e esses desconstruídos mente aberta, não? Bah, tava esperando algo mais de ti, hein!

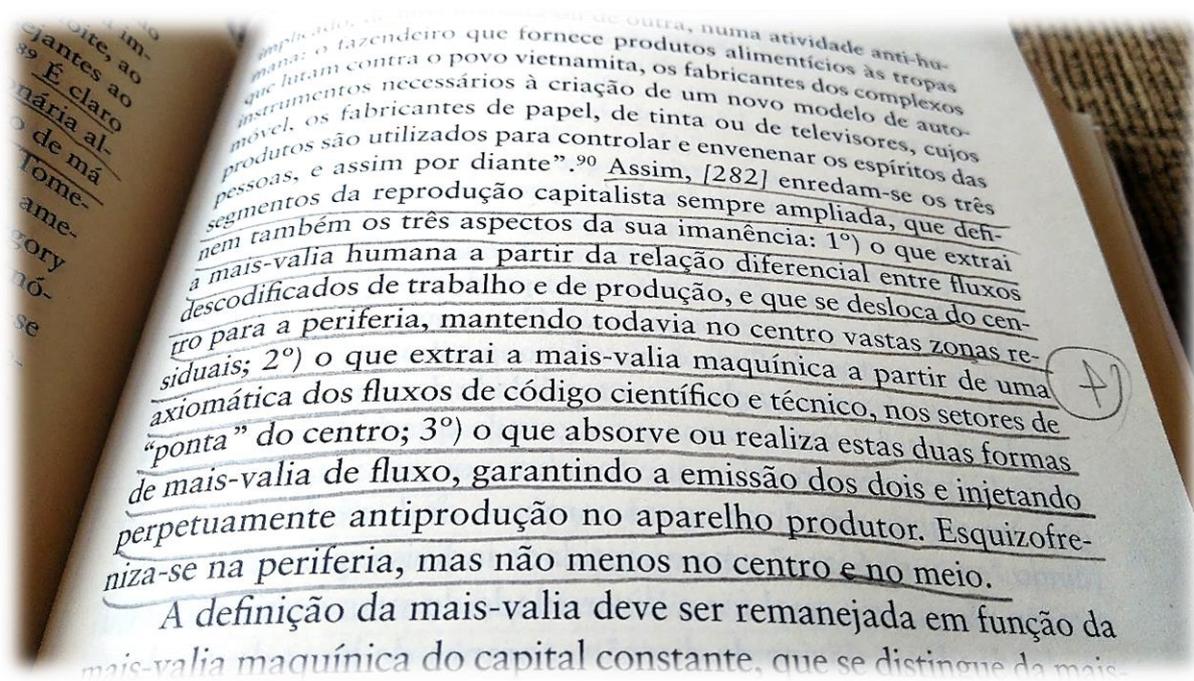


Figura 88 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 315)

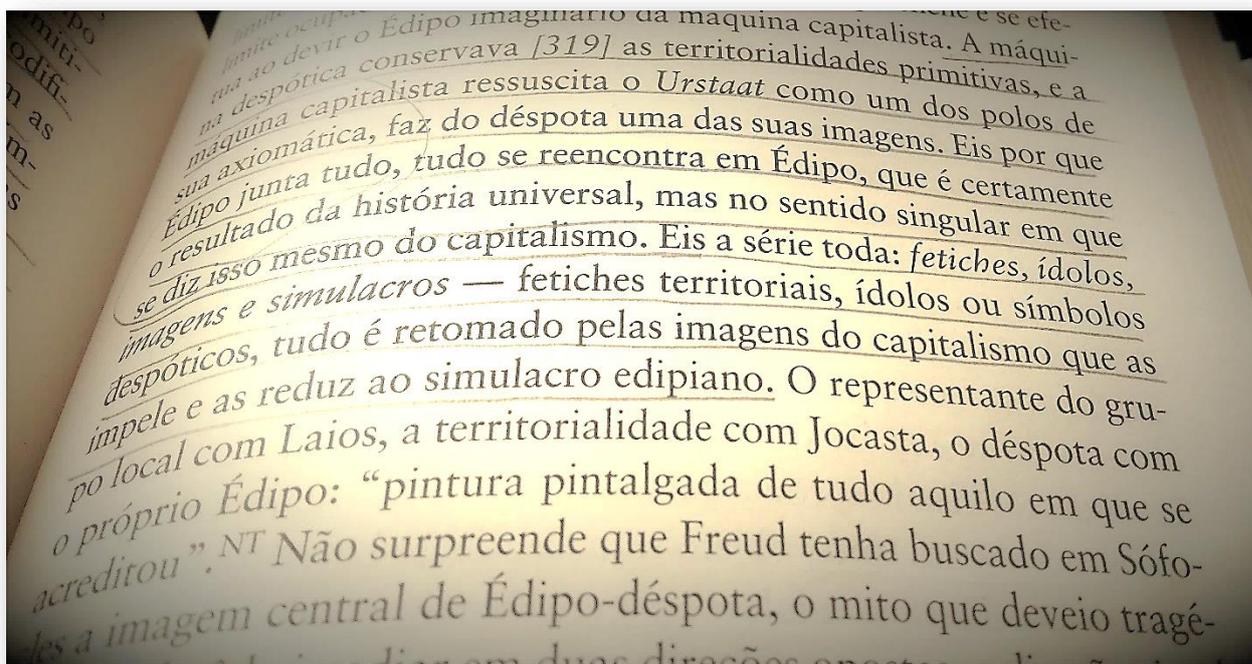


Figura 89 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 355)

- Vocês não sacaram? Essa é a base da individualização que tanto faz operar o sistema que nós estamos imersos. Nossas entranhas cristãs são utilizadas para ir mais além na captura de nós mesmos, a autoajuda idem, são tecnologias de governança sutis – insistiu o palestrante.

- Gênio, para com essa baboseira e com essa tua retórica de Porto Alegre, a revolução se fez e irá ser feita com armas! – retrucou ferozmente a jovem, ainda atacando o sotaque adquirido na capital.

Bento não teve tempo de responder, apenas se limitando a reflexão para si: precisamos utilizar da maquinaria deles para a revolução, nos atentar para a produção da subjetividade. As coerções são estabelecidas pelo sequestro do desejo e introdução da dívida infinita em nós mesmos, a moeda gera moeda justamente por ter se tornado um comutador cínico e universal que destrói as singularidades a partir dessa imposição do querer possuir individualmente as coisas do mundo ... como vou fazer para dialogar com eles? Como não amar tudo isso: *just do it, think different, open your world, open happiness, it's everywhere you want to be, make.believe, impossible is nothing, find your beach?* O sobre valor que essas máquinas geram são da ordem esquizofrênica, trabalhadores recebem em y, mas os ganhos reais da produção imaterial, porém são em outra potência, z².

Mirela, ali, foi quase como uma porta voz do coletivo, rompendo o breve e incrivelmente desconfortável mutismo seletivo que o local havia adquirido, sentenciando:

- Achei que tu tivesses ido para a psicologia para nos ajudar a mudar a cabeça das pessoas e não para perder a sua identidade dessa maneira. Daqui a pouco te vejo colocando a camisa do Grêmio ... Toma aqui.

Ao clicar em enviar, mandou um pdf de um livro de psicologia para o *whats* do palestrante, afirmando que era isso que eles estavam lendo, que até tinha ocorrido uma palestra sobre o tema na semana acadêmica do curso no mês anterior. Bento nunca descobriu qual era a indicação, o sonho não havia permitido, provavelmente era algum livro de autoria de ... Incompreensivelmente, ele começou a sentir uma prolongada vibração no bolso de sua calça e isso lhe fez acordar – alguém tentava efetuar uma ligação.

Com algum pesar Bento conseguiu abrir os olhos. Ao focalizar o cristalino, foi surpreendido pela quantidade de estrelas que podia avistar. Ele parecia estar vivendo em seu relento, deitado ali no gramado. O céu estava extraordinário naquela noite.

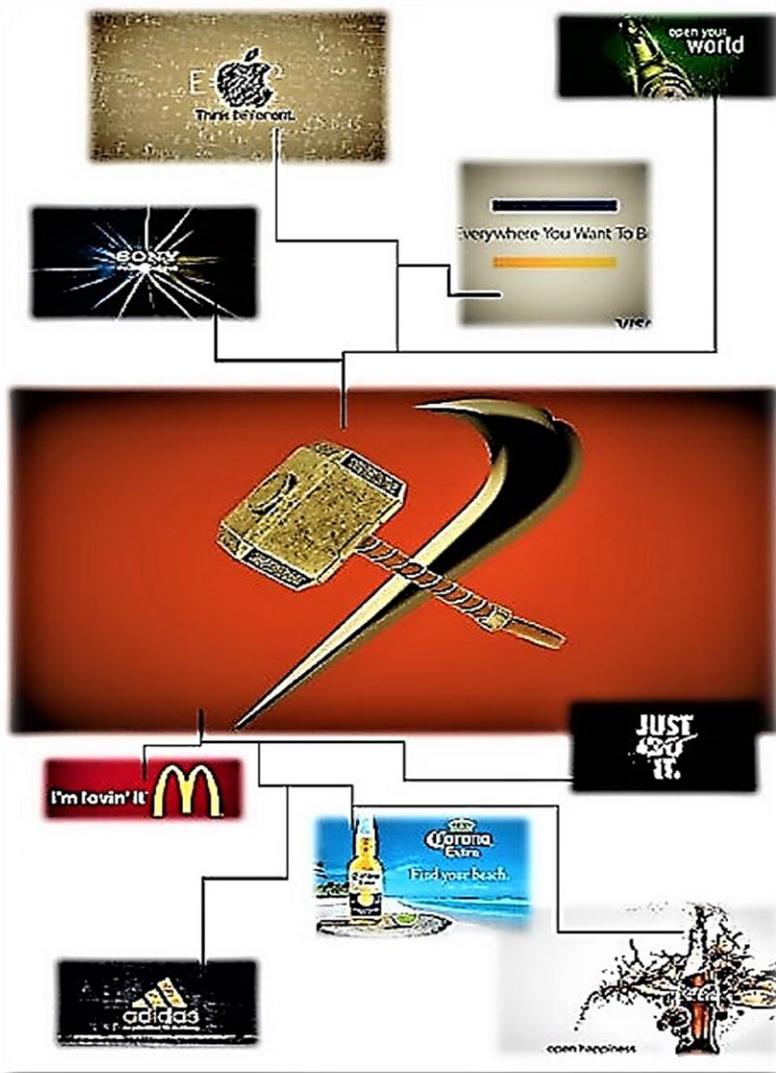


Figura 91 – Como não amar tudo isso?

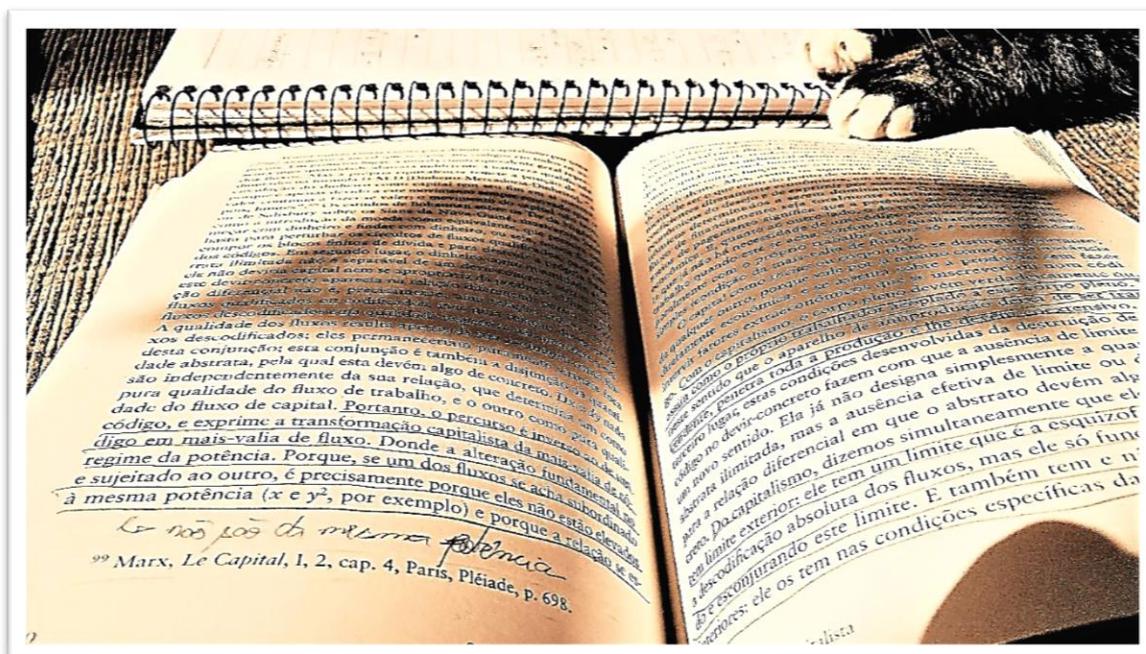


Figura 90 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 330)

Para sua grata sorte, a frustrante palestra nunca tinha acontecido, fora apenas um patético sonho. Porém, novamente algo esquisito aconteceu, com seu faro aguçado, algo passou a lhe provocar fortes náuseas e não era o peixe com mate embolorado. Parando para refletir sobre o que estava provocando tal sensação, percebeu incrédulo que na verdade era a caixa de areia do Garfield que se encontrava a vários metros de distância de seu nariz.

Ao invés de se dirigir ao local para efetuar a limpeza, o rapaz optou por tentar sublimar o odor sacando o seu celular. Desbloqueando a tela, não se tratava de uma ligação, era apenas uma mensagem que havia recebido. Na verdade, a vibração se devia ao aplicativo de seu *outlook*, informando a chegada de um *no-reply* do coaching das emoções, cujo cadastro havia efetuado o cadastro anteriormente. Assim que abriu, até se assustou com as fortes luzes de cores quentes piscando no display que contrastavam com a noite densa: super descontos, 25% nas aquisições à vista, 10% no boleto bancário e 5% exclusivo nos cartões *mastercard*, praticamente a semana *blackfriday*– o local destinado ao assunto do e-mail ainda convidava ao clique: “já adquiriu a sua apólice emocional?”.

No momento em que o enviou para a lixeira, sentiu uma leve passada de focinho em seu maxilar, seguido de um beijo molhado em sua bochecha. Deitado embaixo das mais variadas constelações, pode ver a marca branca em destaque naquele pontudo nariz: Salomão tinha voltado.

- Que bom te ver, amigo! – dizendo com a certa fraqueza de quem acabou de acordar.

O pastor era só pastor dessa vez e apenas ficou deitado ao seu lado sem entoar nenhum som. Bento insistiu:

- Estamos em um ambiente seguro, vamos garoto, precisamos terminar o papo dos projetos à humanidade!

A telepatia, no entanto, não estava funcionando naquela noite, ou o velho cão estava novamente com problemas estomacais – até o momento não havia dado sinais de procura pelos chás naturais do pátio.

- Já que tu está por demais calado, deixe-me contar por mim mesmo os projetos. Antes disso, andei lendo umas fábulas antigas. Acho que tu iria gostar de compartilhar dessa maravilhosa e tranquila brisa do extremo sul com minha doce voz as narrando para ti, igualzinho a maneira como a dona Maria José fazia para nós quando éramos meros filhotes.



Figura 94 – Hotel Coaching I

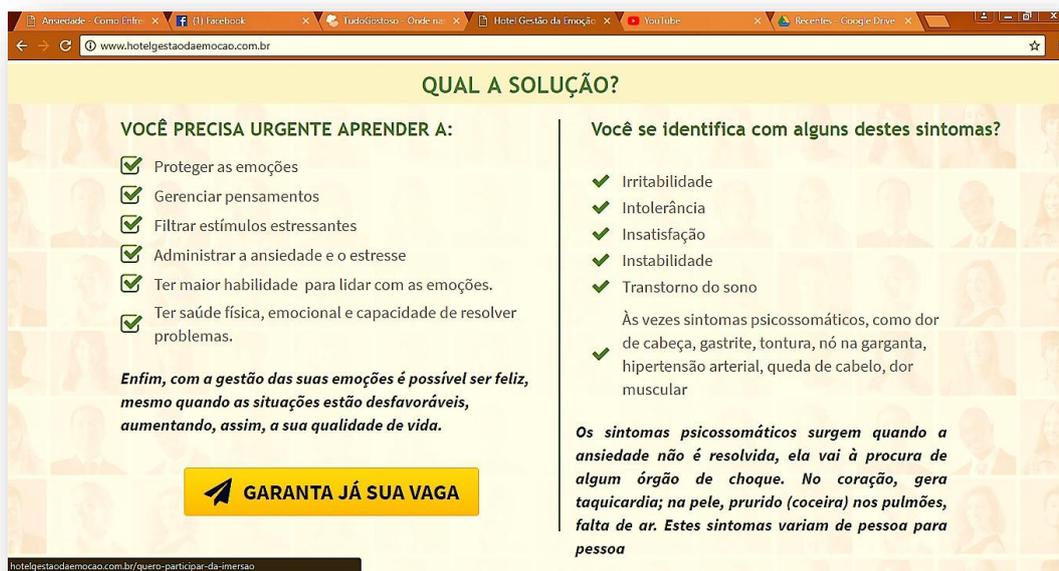


Figura 92 – Hotel Coaching II

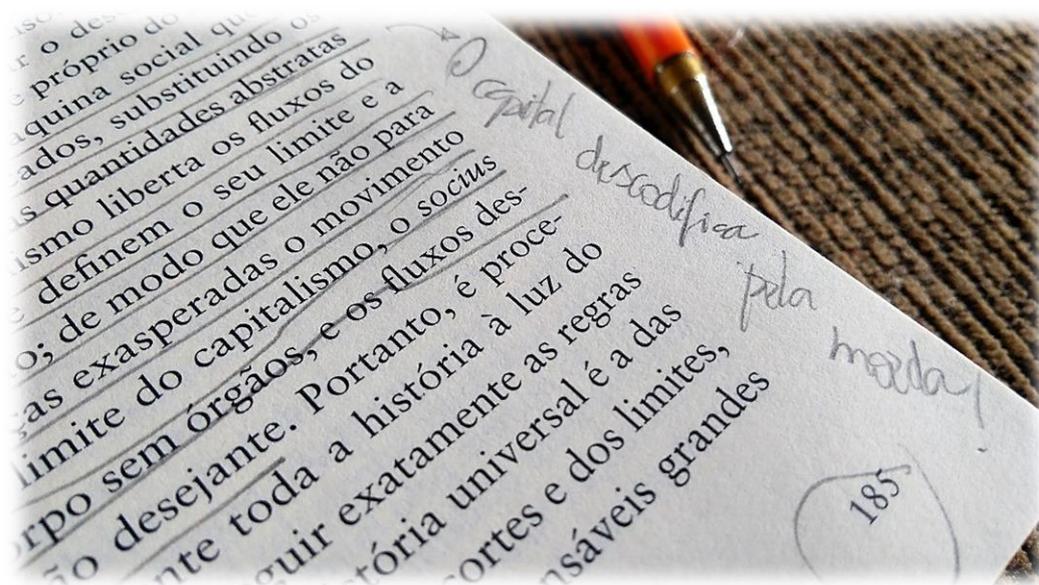


Figura 93 – (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 185)

Aquecendo a sua rouquidão, começou:

- O vento sul e o sol estavam envolvidos em um entrevero dos brabos, peleando a honraria de ser o mais forte entre os ditos elementos naturais. O minuano assoprava firme os seus muitos feitos: arrancara do solo umbus espessos como titãs, deixando apenas uma cratera onde antes habitava o rico horizonte campeiro. O sol resplandecia suas conquistas: elevava aos céus toneladas de água feita vapor dando corpo às imensas nuvens, mais pesadas que o umbu e mais leves que uma pluma. De repente, ambos cessaram a desvaria, avistaram na larga planície do pampa um peão envolto em um pesado poncho de pura lã negra a trotar seu arisco crioulo. Sei como decidir nossa contenda, disse o sol com ares altivos de descoberta, mal escondendo sua desfaçatez. Aquele que conseguir fazer o viajante tirar o casaco, ficará com os louros da vitória. Você começa! Propôs o sol, retirando-se para trás de uma larga nuvem. O vento sul, certo da pequenez do desafio perante suas assombrosas forças, deu um sopro que levantou o pala até o rosto do vivente. Mas este, tiritando de frio pelo minuano cortante, logo agarrou o poncho e cinchou-o junto ao corpo. Quanto mais forte assoprava o minuano, mas cinchava o pala junto a si o forte ginete. O vento chegou ao estertor de derrubá-lo do animal, lançando-o a metros deste. Mas de nada adiantou. Ainda que derrubasse cavalo e cavaleiro, lá estava o poncho envolto ao corpo. O peão permanecia agarrado com todas suas forças na lã que lhe abrasava. Ficava assim, acabrunhado e firme junto da relva rasteira da planície a esperar o fim do sopro medonho. Já sem forças e resignado, o minuano se pôs de lado, dando a deixa ao sol que despontou por detrás da nuvem. Lançou seus braços em raios que envolviam e enterneciam o corpo até então resfriado. Já no lombo do alazão o vivente chegava a baixar a aba do chapéu, tamanho o brilho do resplendor solar a assolar suas retinas. Um cheiro de grama verde e bosta fresca rescendia fertilidade e vida na atmosfera fervilhada pelo calor. O astro rei fazia do cinza invernal um azul reluzente. Nas primeiras gotas de suor a lavrarem sua testa e misturarem-se com a poeira da lida do campo, o peão começou a corcovear sutilmente por debaixo do poncho. Pouco tempo se passou quando, subitamente, em um gesto decidido, segurou firme às rédeas e o chapéu com a mão esquerda apoiando-as junto ao colo, enquanto agarrava o poncho com a outra e lhe arrancava o tecido pela cabeça, repousando-o sereno na garupa do cavalo. O sol mirou de soslaio o minuano contrariado a bufar redemoinhos, sorrindo e lhe dizendo que mais valia adentrar no desejo do que forcejar ao dorso, pois quanto mais se apanha, mas se endurece,

enquanto à sede do querer, toda vontade facilmente cede. Mais vale persuadir do que disciplinar, largou o sol fragueiro no ar enquanto seguia na sua nuvem em espelho ao cavaleiro e seu tordilho naquela tarde quente.

Salomão ouviu atento, estático como um belo cão de guarda. Mais uma vez, porém, nenhum comentário. Bento, impaciente e desconfortável, se pôs sentado. Mirando dentro dos olhos de seu amigo, prosseguiu com uma entonação ainda mais eloquente:

- A Lima e a Doninha.

- Uma Doninha entrara sorrateira em busca de comida na oficina de um ferreiro. Vasculhou cantos e recantos, armários e balcões, sem nada apetitoso encontrar. Mas de repente viu o reluzir tremeluzente de uma lima escorada em um banco. O sol refletia em seu frio metal dispersando belos feixes luminosos que encantaram a Doninha. Seduzida pela beleza brilhante do aparato similar à prata, a Doninha se pôs a lambê-lo para saber seu sabor. Em um primeiro momento, ferrugem e fuligem lhe fizeram engasgar e quase desistir. Mas o aguerrido animal insistiu, pois muitos são os frutos de casca intragável e polpa deliciosa: seu trabalho árduo haveria de ser recompensado. Refastelou-se em festa ao perceber que lambia agora um líquido espesso, de sabor similar ao ferro, mas agradável ao paladar. Pôs-se assim a lambar ainda mais ardentemente a lima e sugar seu succulento fruto. Mal percebia que o suco ao qual sorvia nada mais era do que o sangue que brotava de sua língua em ferida ardente. Julgando comer à lima, persistiu até ter sua língua por completo destruída e nunca mais poder comer.

Com os pelos todos arrepiados, Salomão, simplesmente soltou:

- Vidas e mortes, capital e trabalho.

Bento o fitou de volta, como de sobressalto, e disparou:

- Agora tu fala, cão sarnento! – acariciando a cabeça e apertando as orelhas de seu fiel companheiro em sinal de respeito e admiração.

Essa foi a única frase ouvida da boca de Salomão durante os sonhos. Os dois compartilhavam a grama molhada pelo sereno noturno com o animal em silêncio. Isso foi aborrecendo pouco a pouco nossa personagem, que, por mais que tentasse, não conseguia provocar o diálogo. Mesmo com a irritação instalada em seu corpo, Bento percebeu que não conseguia prescindir de sua companhia. O pastor aparentava ser o único capaz de suportar as suas peculiaridades temperamentais. De fato, sentia que com o animal ali, Salomão lhe concedia um certo chão para que pudesse pisar. Por

alguns instantes concluiu inconscientemente que não estava mais flutuando de lugar em lugar como antes.

- Se tu não quiser me contar sobre o último projeto de vocês eu mesmo te digo: *BYE Project*. Bom nome inclusive!

- No meio do caminho vocês perceberam que se cada um se tornasse uma empresa, isso seria um grande problema para as células das culturas. Imaginem cada um dos humanos lutando na bolsa de valores sem direitos trabalhistas, sem escola nem saúde públicas, seria um caos total – devaneou um pouco, logo voltando ao prumo do projeto.

- Então, habilmente vocês retornaram ao mito. Só que dessa vez mais azeitado, afinal, como todos os humanos homens adquiriram direitos (as mulheres ainda permanecem lutando), não daria mais para marca-los junto ao corpo do soberano. Desse modo, os ultra computadores da inteligência canina reformularam o algoritmo Édipo, o transfigurando na grande dupla captura: identificação neurótica (família) e interiorização normativa (estado). Trindade santa repaginada, mamãe (signo do território), papai (despótico) e o Eu cindido completando o triângulo.

- O paradoxo está aí colocado, Estado e capital se fusionaram, brincando de se desarranjar distribuindo a crise em todas as camadas, para rapidamente se reestabelecer em zonas mais longínquas. Nesse limiar de indeterminação que se encontram ambos, resquícios do despotismo de Estado são convocados aos fluxos do capital, ao passo que estes lhe concedem emprego e morada. Mínimo estado, os humanos dizem!

Para falar a verdade, Leitora, não dava para compreender muito bem o que o Bento estava querendo dizer. Salomão, por exemplo, simplesmente se limitava a olhar para o horizonte. O rapaz, no entanto, prosseguia:

- Nós humanos somos simples simulacros, Édipo, o mero limite, chegou. O investimento desejante se encontra transferido à essas imagens de imagens, cópias ícones deslocadas do familismo extenso. Nos tornamos resíduos dessa sua intromissão.

Como em um rompante, foram surpreendidos por um sussurro e cada um recebeu o afago costumeiro a lhes embaralhar os cabelos. As mãos que os acariciavam facilmente foram reconhecidas. Sem nenhum esmalte nas unhas e com as marcas do tempo e do vitiligo que cresciam por entre os dedos enrugados: dona

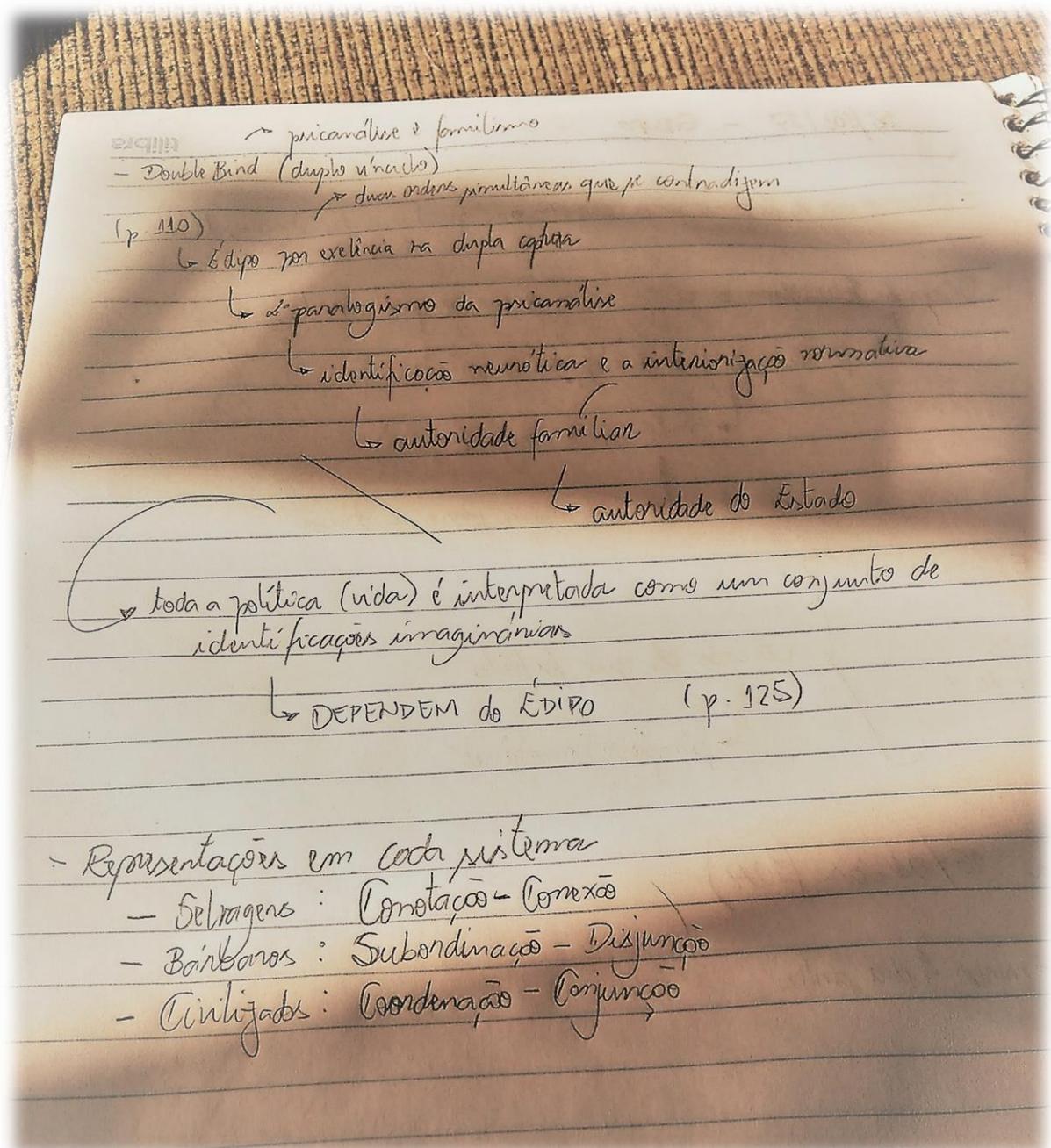


Figura 95 – Double-Bind

Maria José. A doce avó chegou para os tirar das agruras do relento. Ela trazia uma xícara de chá de alecrim recém colhido da horta caseira:

- É melhor tu tomar gurizinho, isso vai te acalmar. Tu te sentirá melhor, o calor dela irá te fazer dormir – indicando com uma das mãos a folha com os sintomas da Síndrome do Pensamento Acelerado que ele havia assinalado na noite anterior. Com apenas três desses tu já pode ser diagnosticado, hein!

- Venham, se quiserem ficar aqui fora mais um pouco tudo bem, mas debaixo do telhado. Acabei de encher o teu pote Salomão, vá já comer! – com essa última ordem, a decidida avó foi se afastando lentamente e desapareceu.

Chorando copiosamente:

- Vó, não ...

Quando se deu conta, Bento tentava enxugar suas lágrimas já no caminho para o ancoradouro da Lagoa. Nesse momento, contudo, constatou curiosamente que quem o acompanhava nesse trajeto era a sua orientadora – ela estava novamente monocromática, mas dessa vez de vestido longo, combinando com o seu característico e charmoso terninho preto. Em verdade, não era bem um diálogo, mas sim uma tremenda tentativa de correção do comportamento do seu bolsista:

- Bento, tu precisas deixar de ser guri e passar a ser mais responsável. Não é a primeira vez que tu faltas ao grupo com uma de suas justificativas absurdas para lhe absolver. Tu realmente queres concluir o teu projeto a tempo? Tu queres, de verdade, numa boa, ajudar o teu povo? – encarando seu orientando que apenas concordava afirmativamente com a cabeça – Pois então, tu tens que começar parando de viajar com tanta frequência. Veja, novamente tu estás assim, a procura de abrigo na casa de seus avós? – fazendo um sinal com o braço indicando as casas vazias do lugar.

- Sim ... eu quero e o finalizarei. Me perdoa, não irá se repetir, eu prometo ... – Naquele ponto do sonho, estranhamente não sabia ao certo com quem estava falando. Entre as passadas largas, tinha a nítida impressão de que a orientadora estava utilizando a voz de sua avó para as reprimendas. A familiaridade era tão grande que ele até mesmo a encarou novamente, coçando os olhos, meio de relance, para averiguar se não estava delirando.

Se aproximando dos poucos barcos estacionados, a mulher – Bento, continuava não sabendo determinar com precisão com quem caminhava – apontou para um deles e continuou:

Abaixo, relaciono alguns dos sintomas:

- I. Ansiedade ✓✓
 - II. Mente inquieta ou agitada ✓
 - III. Insatisfação ✓✓
 - IV. Cansaço físico exagerado; acordar cansado ✓
 - V. Sofrimento por antecipação ✓✓✓
 - VI. Irritabilidade e flutuação emocional ✓
 - VII. Impaciência; tudo tem que ser rápido ✓✓
 - VIII. Dificuldade de desfrutar a rotina (tédio) ✓
 - IX. Dificuldade de lidar com pessoas lentas ✓✓✓✓✓
 - X. Baixo limiar para suportar frustrações (pequenos problemas causam grandes impactos) ✓
 - XI. Dor de cabeça ✓✓✓✓
 - XII. Dor muscular ✓
 - XIII. Outros sintomas psicossomáticos (~~queda de cabelo~~, taquicardia, aumento da pressão arterial etc.) ✓
 - XIV. Déficit de concentração ✓✓✓
 - XV. Déficit de memória ✓
 - XVI. Transtorno do sono ou insônia. ✓
- por rumático!*

Embora não haja uma classificação rígida, empiricamente podemos dizer que quem tem pelo menos três a quatro sintomas deve mudar rapidamente seu estilo de vida. Faça um teste gratuito para avaliar sua qualidade de vida no site do Instituto: www.augustocurycursos.com.br

Uma das características mais marcantes da Síndrome do Pensamento Acelerado é o sofrimento por antecipação.

↳ me define

100 Ansiedade: como enfrentar o mal do século

Figura 96 – (CURY, 2014, p. 100)

- Não me venha com mais dessas suas desculpas esfarrapadas – naquele instante, ela se aproveitou da circunstância de que a qualquer momento poderiam continuar essa conversa a três, posto que o seu Joaquim estava consertando o piso do interior do Paciência, julgando que um pouco de fraternidade terror pudesse ser útil para ver se o seu mestrando entrava nos eixos.

Perseguindo o estalar de cada uma das marteladas provenientes de lá de dentro, já a beira da escada que ligava terra firme e embarcação, disse apontando para a porta que os separava do velho Joaquim:

- Tu largaste teu avô aqui sozinho, pra isso, Bento? Bento, tu largaste teu avô aqui sozinho, pra isso? Vamos, guri, me diga, tu largaste teu avô aqui sozinho, pra essa vida totalmente arrogante e descompromissada?

- Não ... não foi só pra isso, vocês não entendem? Também não larguei ninguém, to só fazendo a minha vida, por Deus ... Eu sei que estou em débito infinito com vocês ... Me perdoe ...

Você deve estar se perguntando, Leitora, “e a Débora?”

No segundo em que todas aquelas paranoias passaram por todos os órgãos da terapeuta, ouviu-se o suave deslizar da chave destravando a porta. Foi o mais belo de todos os sons que a jovem terapeuta ouvira há tempos.

- Bento, vou ter outro paciente daqui a pouco, tudo bem? Estás melhor? Tu queres que eu chame alguém para te acompanhar até em casa? Bento? – segurando o celular com a busca do navegador aberta: “efeitos colaterais da combinação de antidepressivo com metilfenidato”.

A terapeuta se utilizou dessa pequena mentira para ver se o rapaz a respondia – o próximo atendimento seria apenas às 15 horas. Ela precisava puxar algum assunto para ver se Bento ao menos sabia onde estava. O jovem, no entanto, não a deu ouvidos, passou feito um zumbi por Débora e ocupou pela primeira vez a poltrona de sua terapeuta, se limitando a apenas três sôfregas palavras:

- Não deixei ninguém ...

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **Bartleby, ou da Contingência**. Trad. Vinicius Honesko. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRASIL. Poder Executivo. **DECRETO-LEI Nº 794, DE 19 DE OUTUBRO DE 1938**.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 6ª reimpressão, 2014.

CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. Trad. Fernando Tude de Souza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 52ª ed., 2012.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, Oct. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19/04/2018.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Revista Fractal**, Niterói, v. 26, p. 551-576, 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1317/1013>. Acesso dia: 11/04/2017.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tania Mara Galli. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre, v. 42, p. 513-519, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13/11/2016.

CURY, Augusto. **Ansiedade: como enfrentar o mal do século: A Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos**. São Paulo: Saraiva, 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 14ª reimpressão, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 9ª reimpressão, 2010.

_____. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 6ª ed., 2012.

_____. "Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle". In: **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 3ª ed., p. 223-230, 2013.

_____. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed., 2015.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. "Introdução: Rizoma". In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, V.1, 2ª ed., p. 17-67, 2011.

_____. "Acerca do Ritornelo". In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, V.4, 2ª ed., p. 121-179, 2012.

_____. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 3ª ed., 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 6ª ed., 1ª reimpressão, 2012.

FONSECA, Tania Mara Galli (et all). O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 10, p. 169-189, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a12.pdf>. Acesso dia: 13/03/2018.

FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. *In: Cadernos de Subjetividade*. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: PUC-SP, 1993.

_____. Tecnologias de Si. **Verve**, São Paulo, v.6, 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>. Acesso em: 20/02/2018.

_____. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **O Nascimento da Biopolítica, Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. *In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed., p. 258-280, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Bocas del tiempo**. Buenos Aires: Catálogos, 2004.

_____. **El libro de los abrazos**. Ciudad del México: Século XXI ediciones, 13ª ed., 2016.

GRASSEGGER, Hannes e KROGERUS, Mikael. **BIG DATA: o segredo por trás da eleição de Trump**. 2017. Disponível em: <http://www.showmetech.com.br/big-data-trump/>. Acesso dia: 07/06/2017.

GUO-DONG WANG et al. *Out of southern East Asia: the history of domestic dogs*. **Cell Research**. Vol 26, n. 1, p. 21-33, january 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/cr2015147>. Acesso dia: 23/10/2017.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados. Trad. Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso dia: 12/05/2017.

HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, p. 357-372, 2000.

HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Trad. Maria da Conceição Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

JOLER, Vladan e PETROVSKI, Andrej. **Immaterial Labour and Data Harvesting**. *Share Lab*, 2016a. Disponível em: <https://labs.rs/en/facebook-algorithmic-factory-immaterial-labour-and-data-harvesting/>. Acesso dia 12/06/2017.

_____. **Human Data Banks and Algorithmic Labour**. *Share Lab*, 2016b. Disponível em: <https://labs.rs/en/facebook-algorithmic-factory-human-data-banks-and-algorithmic-labour/>. Acesso dia 13/06/2017.

_____. **Quantified lives on discount**. *Share Lab*, 2016c. Disponível em: <https://labs.rs/en/quantified-lives/>. Acesso dia 14/06/2017.

KAFKA, Franz. “Metamorfose” e “Na Colônia Penal”. In: **Franz Kafka: obras escolhidas**. Trad. Marcelo Backes e Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2013.

LATOURETTE, Bruno. “Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência”. In: NUNES, João Arriscado e ROQUE, Ricardo (orgs.). **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, p. 39-61, 2008.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o Escrivão: Uma história de Wall Street**. Trad. Irene Hirsch São Paulo: Cosac Naify. 2005.

MILLER, Henry. **Trópico de Câncer**. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: José Olympio, 3ª ed., 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extramoral. Tradução e Apresentação Noéli Correia de Melo Sobrinho. **Comum**, v.6, nº 17, p. 5-23, 2001.

_____. **Genealogia da Moral: uma polêmica.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **A Gaia Ciência.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos: um conto de fadas.** Trad. Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEREC, Georges. **A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento.** Trad. Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental.** Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2ª ed., 2014.

ROSE, Nikolas. **Inventando Nossos Selves: Psicologia, poder e subjetividade.** Trad. Arthur Arruda Leal Ferreira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. Trad. Luís Eduardo Wexell Machado. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 8, p. 1-6, julho de 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12610/9185>. Acesso dia: 30/04/2018.

The Shock Doctrine: Disaster Capitalism in Action. Direção: Michael Winterbottom e Mat Whitecross. Roteiro: Naomi Klein. New York: KimStim, 2009. (78 min).